JULES OHMAN

A GRAMÁTICA DO CORPO



BUZZ

BÜZZ

JULES OHMAN

A GRAMÁTICA DO CORPO

Tradução Erika Nogueira Vieira

Em memória de Susan Watt Dunham

Sumário

Parte um

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Parte dois

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Parte três

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5
Capítulo 6

Parte quatro

Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5

Parte cinco

Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6

Parte seis

Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4

Agradecimentos

Sobre o autor

Créditos

PARTE UM

1

As mulheres começaram a aparecer do nada no ano em que Lou fez catorze anos. *Scouts*. *Scouts* de agências de modelos. Lou tinha crescido vinte centímetros naquele ano, passado da garota mais mirrada do seu ano para uma desajeitada de um metro e oitenta: com pernas mais espichadas do que a de uma garota humana, ela arqueava as costas para que não fosse mais alta do que quase todas as outras pessoas na aula de educação física. As mulheres, que se materializavam como se tivessem saído de algum turbilhão nas calçadas, lhe entregavam cartões com nomes de agências de modelos em relevo — todas baseadas em superlativos (*Lavish Modeling*) ou na iconografia de Portland (*Bridgetown Models*, *Rose City Agency*) — e lhe pediam que desse uma ligada, que fosse a uma reunião, que conversasse um pouco mais. Lou nunca fazia nada disso.

Mesmo depois de ela ter feito dezoito anos, não desistiram. Elas a abordaram na Target com sua mãe, na última semana do ensino médio, escolhendo lençóis para a cama de viúva que teria em seu primeiro ano na Universidade do Oregon. Elas se aproximavam do canto escuro do café onde ela se escondia todos os dias até aquele verão, e ficava lendo, desenhando ou só observando sua amiga Ivy, funcionária do café, se sujar de leite vaporizado e ouvir gracinhas de homens usando gorro. Em um dos shows da banda de Ivy, que se apresentava no centro da cidade, uma mulher se aproximou usando blazer preto, calça preta e óculos de sol pretos, segurando firme um cartão na palma da mão, e Lou, um pouco bêbada, pensou por um bom segundo que a mulher era uma agente do FBI. Depois da primeira abordagem, na praça de alimentação de um shopping quando ela estava no ensino médio, a mãe de Lou lhe disse que, se ela quisesse tentar, teria que esperar até os dezesseis anos, o que sua mãe claramente considerava uma idade razoável para trabalhar, como se ser modelo fosse algo parecido com o trabalho de paisagismo que Lou fazia no verão.

Lou sabia que muitas de suas colegas adorariam a oportunidade de ser modelo: era como um portal para ser rica, conhecida, *vista*; ou até, no

abismo da puberdade, apenas para que dissessem que elas eram lindas, ainda que nenhuma daquelas mulheres jamais tivesse dito isso a Lou. Todas diziam que ela tinha um rosto interessante, o que não era a mesma coisa. De fato, ela era alta — era o tempo todo confundida com um garoto muito mais novo, apesar do cabelo castanho bagunçado e encaracolado que passava dos ombros, com o que ela não necessariamente se importava. E, de fato, ela tinha o biotipo certo — comia o que queria e continuava magrela e sem peito, com o que ela também não se importava. Mas a incomodava pensar que aquelas mulheres iam de propósito a lugares onde sabiam que encontrariam adolescentes. Shoppings. Shows. Cafés. Atrás de garotas altas. Por algum motivo, ninguém mais achava bizarro, nem os pais dela, que só achavam graça, mas para Lou era como se estivesse sendo perseguida pela indústria da moda, entidade que ela não amava, pela qual não se sentia contemplada, a qual nem sequer entendia ser uma questão até que ela se impôs em sua vida, insistindo para que participasse dela. Ela sentia como se estivesse sendo recrutada para um culto pelo qual não se deixava iludir nem um pouco, em cujos princípios básicos ela não acreditava e nunca acreditaria.

Uma mulher se aproximou enquanto ela cortava o gramado de um cliente em uma sexta-feira no início de junho, apenas uma semana depois de sua formatura no ensino médio. Seu chefe capinava nos fundos. Era um bairro bem agradável e íngreme, a poucos quilômetros da casa onde Lou havia crescido, na extremidade das colinas que cercavam o Skyline Boulevard. A nivelação tornava o paisagismo particularmente difícil; Lou estava sempre com medo de rolar ladeira abaixo com as ferramentas afiadas na mão, ou que os freios do carrinho falhassem enquanto ela estava nele.

Mesmo assim, Lou tinha passado a tarde toda distraída. Ivy chegaria para buscá-la a qualquer momento, e Lou estava quase o tempo todo de olho na chegada da minivan dourada suja, fazendo um trabalho medíocre no gramado oval junto dos rododendros. Ela e Ivy passariam as próximas três noites juntas, o que parecia uma bela quantidade de tempo. Elas eram amigas desde o nono ano, mas foi só nesse verão que Lou se permitiu passar tempo irrestrito com ela, como se estivesse de alguma forma economizando antes. Ela sabia que era absurdo pensar que tempo, ou companhia, era algo que pudesse economizar. Mas na verdade não

importava se havia lógica metafísica ou até física nisso porque, nos últimos tempos, sempre que Lou tentou manter Ivy na mesma distância cautelosa que mantinha quase todo mundo, Ivy rejeitou isso descaradamente.

A mulher acenou na frente do rosto de Lou para chamar sua atenção. Ela passeava com um husky miniatura. Parecia um brinquedo que Lou teve na infância, que latia três vezes e depois virava uma cambalhota para trás. Lou tirou o protetor auricular e desligou o cortador de grama para não cortar o focinho do husky fora.

"Posso ajudar?", Lu disse.

A mulher estava vestida com uma roupa à la Lululemon. Lou imaginou que ela queria saber da empresa de paisagismo, mesmo que o nome estivesse estampado na lateral da caminhonete do seu chefe.

"Você tem um look ótimo", disse a mulher, como se Lou fosse alguma coisa que ela mesma tivesse montado. "Muito chamativa." Ela entregou o cartão a Lou assim que Ivy estacionou a minivan junto do meio-fio.

O cachorro farejou os pés de Lou, então olhou para ela com olhos azul-gelo. O husky estava tão limpo que, quando a lama das botas de Lou foram parar no focinho dele, Lou quis limpá-lo, deixá-lo mais uma vez como novo.

"Obrigada", disse Lou, e colocou logo o cartão no bolso. Ela guardava uma pilha deles no seu quarto, porque achava engraçado e a maioria de suas amigas achava engraçado. Mas ela não queria que Ivy soubesse.

"Quem era?", perguntou Ivy quando Lou entrou. A van cheirava a fermento e café, por causa dos pães e pacotes de café expresso gratuitos que Ivy levava para casa do trabalho, e havia um tetris de amplificadores e outros equipamentos na parte de trás. Elas iam sair de manhã para o último show da banda de Ivy, Fortunato, perto do campus da Universidade do Oregon.

Ivy encontrou seu olhar e, por um segundo, Lou quis dizer a ela, quis que elas pudessem rir disso como ela faria com qualquer uma de suas outras amigas, mas ela não queria que Ivy a olhasse como aquelas mulheres a olhavam. Ela queria que Ivy a olhasse por outras coisas. Coisas que aquelas mulheres não podiam ver e não entendiam sobre ela. Isso ninguém além de Ivy fazia.

"Não sei", disse Lou.

"Bem, o que ela queria?"

"Nada."

Ivy não insistiu porque Ivy nunca insistia, contente em deixar todo mundo manter seus segredos. Lou se sentiu mais do que grata por isso naquela hora, o sol forte nos olhos delas através do para-brisa, a mulher e seu cachorro imaculado já idos no vórtice da calçada: o que os olhos não veem, o coração não sente.

A grama ainda estava morna com o calor do dia quando elas se acomodaram no Aldenlight Park. Elas tomaram milk-shakes em vez de jantar e saíram dirigindo aproveitando o ar do verão até que Ivy pediu que parassem em algum lugar para tentar tirar algumas fotos para a capa do novo álbum da banda. Lou sacou sua Nikon da bolsa e começou a ajustar a abertura e a velocidade do obturador, dando um zoom no sorrisinho levado de Ivy. Nas sombras, seu rosto ficava angular e acentuado, como se tivesse sido cortado de algo sólido. Ela tinha cabelos ondulados e escuros que batiam logo abaixo dos ombros e olhos escuros que sempre se demoravam nos lugares, bem depois que todos, a não ser Lou, já tinham desviado o olhar. Uma cicatriz rosada e reta descia por seu lábio superior e queixo, prensada como se ela tivesse dormido sobre um tecido. Quando ela era criança, abrira o rosto andando de bicicleta, e Lou nunca se esqueceu de sua descrição do acidente — o jeito como ela se apegava à maior parte das coisas que Ivy lhe dizia; Ivy, que parecia pensar e falar em imagens completas. Quando ela se levantou da rua para encarar a mãe que vinha correndo, Ivy disse, as duas metades de seus dentes e de sua mandíbula estavam erguidas como bandeiras voando em direções opostas.

Ivy levou os dedos à frente da lente e Lou tirou algumas fotografias assim. As mãos dela eram compridas e fortes, e era fácil imaginá-las se abrindo para alcançar acordes difíceis no braço de um violão. Os nós dos dedos dela eram mais grossos do que os de Lou, cujas mãos eram magras e pequenas, marcadas pelo trabalho com jardinagem e pelo hábito nervoso de mordiscar as cutículas até sangrar.

Lou estendeu a mão e segurou as de Ivy para focalizar, então recuou a mão quando percebeu que talvez fosse uma coisa estranha de se fazer, deixando os dedos de Ivy no ar, tentando alcançar o vazio.

“Seus calos parecem de plástico”, disse Lou. “Como quando a gente esmaga aquelas bolas de plástico naquelas piscinas de bolinhas.”

“Eu nunca entrei em uma piscina de bolinhas”, disse Ivy.

Lou baixou a câmera para olhar. “Oi?”

“Minha mãe nunca me deixava entrar. Não sei. Por que você está tão horrorizada?”

“Só não entendo como é possível.”

“Elas são meio nojentas, certo? Tipo, como você acha que eles limpam?”

“Essa não é a questão. É como dizer que você nunca brincou em uma cama elástica.”

Ivy riu. “Eu não sou uma sociopata, já brinquei numa cama elástica. Na verdade, pulei numa cama elástica com você. Na casa da Catherine.”

“Meu pai perdeu a aliança de casamento numa piscina de bolinhas na minha festa de aniversário de seis anos. E tiveram que esvaziar inteira.”

“E ele achou?”

“Não. E o fundo daquilo era nojento. Tipo, cabelo de gente e uma década de balinhas de gelatina.”

“Que outro tipo de cabelo era opção?”, perguntou Ivy sorrindo.

“Cabelo de bicho de pelúcia. Não sei!”

“Eu acho que você quer dizer *pelo*. Qual era o seu bicho de pelúcia favorito? E não me venha mentir e dizer que você não tinha uma horda deles, porque eu vi o zoológico da Container Store no seu armário. Seja honesta comigo, você era uma garota golfinho?”

“Mas como você ousa.”

Ivy deu um gritinho. “Ah, então era.”

“Se você está mesmo perguntando”, disse Lou, limpando as lentes da câmera com a barra da camiseta, o que só serviu para sujá-las mais ainda, “meu bicho de pelúcia favorito era uma orca chamada Susanna.”

“Eu sabia.”

“Não é a mesma coisa!”

“Você é a pessoa mais fofa que já conheci”, disse Ivy melancólica. “Susanna.”

“Uma baleia-assassina, juro.”

“Fofa, fofa, fofa.”

Lou corou, o calor descendo por seu pescoço e peito. Ninguém a tinha visto daquele jeito. Costumavam chamá-la de esquiva, ou de distante, mas não de fofa. Nunca de fofa. Isso lhe revelava algo que ela não sabia como manter junto com outras partes dela mesma, as partes que não eram leves, fáceis ou frágeis, que não eram suficientes. Na companhia de Ivy, ela se sentia o tipo de pessoa que podia admitir que quem sabe podia ser fofa e também não sentir que ser fofa a tornava suscetível, desprotegida, aberta a qualquer coisa ruim que viesse na direção dela.

Lou tirou algumas fotos de Ivy. Ela tomou todo o cuidado do mundo para não dar zoom no rosto dela, de manter a foto bem aberta. Ela não se demorou em lugar algum.

"Você está nervosa com o show de amanhã?"

"Nós não terminamos com a Susanna", disse Ivy. "Não estamos nem perto de terminar."

"Se este disco virar de platina, posso ficar com uma parte dos lucros para poder me aposentar?"

"Se aposentar de quê? E acho que faz muito tempo que ninguém se aposenta vendendo discos, cara. Por que você não vai para a faculdade de direito, processa todos os aplicativos de streaming e depois a gente conversa?"

"Eu seria sem dúvida a pior advogada do mundo", disse Lou.

"Você ia ser toda: 'Não acho que haja de fato um problema aqui, meritíssimo, então por que não saímos para comer uma pizza juntos, e depois todos podem fazer uma longa caminhada ao ar livre e todo mundo vai se sentir melhor'."

"Desculpa, eu ia estar errada?"

Ivy tomou a câmera de Lou e a apontou para ela.

"Não", pediu Lou, corando.

"E se eu quiser você na capa?"

"A banda não é minha."

"Bem, uma parte do álbum é sobre você."

Lou não tinha ouvido nenhuma das novas músicas. Ela tentou recuperar a câmera, mas Ivy recuou, rindo.

"Só algumas", disse Ivy. Ela tinha uma postura curvada perpétua, a não ser no palco, quando sua postura melhorava com o violão. Ela clicou. Uma. Duas vezes. "Para o caso de você mudar de ideia."

"*Não*." Saiu mais cortante do que Lou pretendia. Mas ela sempre odiou ser fotografada, mesmo antes de as mulheres das agências começarem a persegui-la. Isso era definitivamente hipócrita, sendo alguém que adorava fotografar outras pessoas, mas ela não gostava de como saía nas fotos. Desprevenida. Ela não gostava de ser flagrada numa imagem.

"Nossa, desculpa, tá?", disse Ivy, e devolveu a câmera. "Toma."

"Esta luz está péssima. Vamos para outro lugar." Sua voz foi ficando mais alta até ela quase precisar gritar, e ela não sabia por quê.

Lou ficou com o banco do motorista. Ela preferia dirigir, sempre, e Ivy parecia também preferir que Lou dirigisse, ainda que a van fosse dela. Elas tinham ficado amigas depois de terem passado horas estudando biologia no nono ano, tentando fazer os encorpados cronômetros amarelos pararem em números exatos, matando o tempo no menor dos acréscimos. Mas tudo acontecia rápido quando elas estavam juntas. Até o modo como Lou dirigia, que era famigeradamente hesitante. Só nas colinas onde moravam Lou tinha certeza de em quais curvas fechar, e quais curvas fazer abertas. Seu controle era imperturbável, o único lugar na Terra onde ela conseguia passar por curvas fechadas com segurança. Havia um perigo no verão do qual ela nunca gostou ou ao qual nunca se adaptou, a maneira como tudo parecia aberto demais, rápido demais, imprudente demais — talvez fosse o resultado de uma infância cinzenta e estática, aquela ilusão de segurança. Ela preferia os dias nublados pelos quais Portland era famosa, a maneira como o céu virava um limite físico, contendo-a.

Elas pararam junto de uma cerca de arame, com uma porção de grama atrás, e saíram diante das torres de rádio vermelhas, que tinham vários andares de altura. Lou nunca tinha de fato estado ali antes. As torres sempre pareceram um ponto de referência de casa, e não um destino por si só. Mas ali havia luz.

"O que você quis dizer com o álbum ser sobre mim?", perguntou Lou.

Ivy olhou para ela, e a expressão em seu rosto sugeria que Lou deveria saber a resposta para aquela pergunta, que Lou estava sendo absurda, para começo de conversa, ao sequer perguntar.

Mas Lou não sabia. Não tinha ficado claro. Ou, se tivesse ficado, somente o limiar da resposta. O interior era confuso, amorfo e frágil demais para ver no mundo. Ela não queria que a coisa furasse e se espalhasse em tudo.

"Então, você está dizendo que escreveu 'Ballad of a Dolphin Girl'", disse Lou, tentando voltar a transformar tudo em uma piada. "Você não precisaria da minha permissão para roubar a história da minha vida?"

Ivy abriu um breve sorriso para ela. "'Ballad of Susanna', baleia-assassina."

Lou acertou as configurações da câmera enquanto Ivy ia até a cerca alta. A princípio ela apenas a segurou, olhando para cima. Arame farpado em espiral no alto. Depois ela começou a subir. Lou a observou, caminhando para trás, segurando a Nikon voltada para o alto. Ela tinha visto em algum lugar que aquele era o ponto mais alto de Portland. Suas pernas e seus braços expostos estavam ficando frios com a brisa aumentando. Ela se sentiu nervosa, de repente, sem saber por quê.

Quando Ivy desceu e voltou, com os olhos tresloucados, correndo bem na direção de Lou, havia um brilho de brasa em suas bochechas à medida que diminuía a distância entre elas.

Lou tirou uma foto dela, que saiu borrada, perfeita e estranha. Como uma garota que tinha virado uma onda de rádio.

2

Na manhã seguinte, elas pegaram Catherine Ellis, que se sentou no banco de trás da van com uma mochila cheia de garrafas tilintando e não afivelou o cinto de segurança. Só quando Lou a lembrou, Catherine o desenterrou da emenda do meio do banco e o prendeu, brincando que Lou não poderia ficar cuidando dela a viagem toda porque ela pretendia se divertir, e Lou não estava autorizada a interromper *o fim de semana*. Dizendo isso como se o verão não fosse um longo fim de semana livre. Elas iam passar *o fim de semana* com o baterista da Fortunato, Tuck, e a irmã de Catherine, Morgan, que estavam quase terminando o segundo ano da faculdade. Morgan e Tuck eram amigos desde o ensino médio e moravam na mesma república fora do campus. Ainda que fossem melhores amigas desde o nono ano, Catherine raramente recebia Lou em casa, sempre querendo se encontrar em qualquer lugar menos ali, então Lou sabia muito pouco sobre sua irmã.

Catherine era irônica e talentosa, e parecia gostar de criticar Lou. Elas tinham sido cocapitãs da equipe de atletismo no ensino médio. Catherine era a favorita do treinador, sobretudo por sua postura de corrida perfeita, sua magreza, o ritmo que nunca perdia, e ela era campeã estadual, empenhada em correr pelo Oregon no outono. Quando a equipe feminina de longa distância ganhava competições, era por causa de Catherine. Ela idolatrava Steve Prefontaine, tinha um santuário dele no quarto e sempre o citava quando se juntavam antes das corridas. Mas ela fumava muita maconha e bebia demais na noite anterior às competições. O treinador delas não parava de dizer: *Você está se perdendo, Ellis*. Lou não era nem de longe uma corredora de longa distância naturalmente talentosa, mas ela e Catherine foram escolhidas como capitãs porque ela dava duro e Catherine era campeã. Lou, que não tinha nada daquela competitividade, uma vez foi convocada em um boletim do ensino fundamental a ser um pouco menos cuidadosa e um pouco mais agressiva, e seus pais fizeram piada disso pelo resto de sua infância. (*Pode ser um pouco mais agressiva com esse garfo naquelas couves-de-bruxelas, garota? Pode ser um pouco menos cuidadosa para trocar de faixa, querida, para a gente não perder a saída.*)

Catherine tinha uma agudeza em si que nunca dirigia a Lou, mesmo quando provocava — mas ela estava mirando ativamente em Ivy no caminho para o sul.

"Você e Tuck estão ficando?", Catherine perguntou para Ivy, segundos depois de entrar no carro.

Lou na verdade queria muito saber a resposta para essa pergunta, mas Ivy nunca tinha falado sobre isso e Lou nunca tinha perguntado tão diretamente. Até onde Lou sabia, Ivy não ficava com ninguém. Ela estava em um relacionamento sério com suas guitarras, com o tipo de som que ela queria. Naquela primavera, Ivy tinha feito alguns comentários improvisados sobre diferentes músicos que admirava, de gêneros diferentes, e Lou ficou analisando por semanas, tentando determinar um fio condutor, mas nunca era a aparência física. Era sempre a tonalidade ou o grau de tristeza que Lou sentia ao ouvir as músicas.

Quando Ivy não disse nada de imediato, Catherine acrescentou: "Ele é tão nerd".

Antes de Tuck se formar, ele e Ivy sempre se sentavam juntos no almoço, e Lou os observava da mesa onde ela estava com suas amigas da equipe de atletismo, tentando determinar se a linguagem corporal deles era romântica ou só informal. Tuck era baterista de jazz. Eles tinham começado a Fortunato antes de ele ir para a faculdade, e este seria o último show deles antes de Ivy ir para Nova York estudar. Ela e Tuck passavam quase todos os fins de semana ensaiando, e Lou não sabia se alguma coisa tinha mudado agora que Ivy estava de mudança. Ela parecia falar sobre ele de um jeito diferente, como se sempre houvesse alguma coisa que não estava contando.

"Tuck é um gênio", disse Ivy séria. "E o que você tem a ver com isso?"

Catherine riu. "Minha irmã estava transando com ele durante o ensino médio, mas ela estava com muita vergonha de contar. Eu peguei ele comendo ela na nossa casa na árvore."

"Por favor, pare", disse Lou.

Ivy não disse nada, só mudou a música. Talvez ela e Tuck *estivessem* ficando. Senão, por que ela não responderia?

Uma música da Fortunato encheu a van, a bateria de Tuck batendo até a voz de Ivy aparecer no primeiro verso. Toda vez que ela cantava, Lou via uma comprida fileira de postes de luz virando uma esquina.

“A gente tem mesmo que ouvir você cantar agora, já que vamos te ouvir a noite inteira?”, disse Catherine.

Lou estava agora bem arrependida de ter convidado Catherine. Ela a tinha convidado porque parecia estranho demais passar a noite na casa da irmã dela sem lhe dizer, por mais que Lou quisesse um tempo a sós com Ivy. As coisas sempre eram diferentes entre elas quando havia outras pessoas, como se estivessem sintonizadas em frequências diferentes, ou como se apenas Lou estivesse, e o que quer que tivesse acontecido lá antes se perdia em outros ruídos.

A bateria ficou mais alta e Ivy se juntou a ela, batendo a mão no painel, se concentrando. Ivy tinha conseguido uma bolsa integral em uma escola de música em Nova York, mas ultimamente vinha falando sobre adiar a ida só para colaborar com Tuck. Lou não queria que ela fosse para Nova York, mas também não queria que ela ficasse por causa de Tuck.

“Ele é *tão* bom, cara”, disse Ivy.

“Sem dúvida é uma bateria”, disse Catherine, por sobre a batida. “Você pode abaixar o volume, Lou?”

“Você não tem ouvido para isso”, disse Ivy.

“Na verdade, eu tenho dois”, rebateu Catherine, esticando a mão entre elas para alcançar o botão de volume. Ivy a interceptou bem quando uma caminhonete dourada cortou na frente de Lou sem dar sinal e ela teve que dar uma virada brusca demais; Catherine e Ivy gritaram e Lou agarrou o volante com toda a força. Ela berrou para elas pararem de distraí-la, soando exatamente como sua mãe.

Outra música da Fortunato começou a tocar, mais tranquila, acústica. Somente a voz de Ivy acompanhada de uma guitarra. Lou fechou a janela para poder ouvir melhor.

“Qual é mesmo a saída?”, disse Lou.

“Prometo que digo quando chegar”, disse Ivy. “Mas é pelo menos daqui a uma hora.”

Pela janela, um falcão-de-cauda-vermelha voou de um fio elétrico e pousou fora de vista no campo de trigo ao lado delas.

As proporções dos rostos das irmãs Ellis eram só um pouco diferentes — Catherine e Morgan tinham o mesmo par de olhos grandes, sobrancelhas claras e o tipo de cabelo louro platinado que a maioria das pessoas só tinha naturalmente quando criança. Pelas fotos nas paredes da casa de Catherine, ela e Morgan tinham sido criadas com roupas iguais, como se fossem gêmeas ou como se alguém quisesse muito que fossem. A única distinção física que Lou poderia citar, ainda que jamais em voz alta, era que Morgan era feminina de um jeito que Catherine, com seus gorros, camisetas de time e cabelo reto, não era e nunca tinha tentado ser. O cabelo de Morgan era alisado e batia no meio das costas. Ela pintava as unhas de azul-turquesa e usava rímel e delineador pretos. Despojadas de qualquer adorno, Catherine e Morgan seriam quase idênticas se estivessem paradas, mas no momento que se movessem, falassem ou gesticulassem, a diferença ficava clara. Não que elas não se pareceriam mais ou não agiriam de modo parecido, simplesmente ficava claro que elas não queriam ser assim tão idênticas.

Morgan, Tuck e o que parecia uma dúzia de outras pessoas viviam juntos em uma casa de madeira com uma varanda raquítica nos fundos e um porão que estava inacabado, mas que era aberto o bastante para um show. Tuck mostrou o lugar para Lou quando elas chegaram, já que Catherine e Ivy já tinham ficado lá antes, indicando onde ficavam os banheiros e o armário com canecas. Ele era esguio e tinha mais de um metro e oitenta, mas havia algo pueril em como ele se movia, como se estivesse sempre prestes a tropeçar em alguma coisa cuidadosamente organizada. Ele usava óculos, que colocava no alto da cabeça, para os cachos castanho-escuros não caírem no rosto, tinha nariz levemente aquilino e olhos sérios. Lou gostava dele, mesmo sem querer. Ele era muito tímido, e isso parecia cair diferente em um rapaz do que caía nela. Ninguém nunca o chamava de distante, ou de indiferente, ou — como algumas das garotas mais novas da equipe de atletismo de Lou, que confundiam sua timidez com pretensão — de vadia.

A Fortunato planejava ensaiar no porão o resto da tarde, então Catherine, Morgan e Lou vagaram pelo amplo campus da Universidade do Oregon sob a sombra fresca de velhos bordos. Lou já tinha estado ali algumas vezes, para competições estaduais de atletismo em Hayward Field, mas nunca durante a semana anterior às finais. Lou, Catherine e Ivy

tinham acabado de participar da cerimônia de formatura no sábado anterior, mas já parecia que o ensino médio tinha acabado havia meses. Era surreal ver tantos estudantes apressados pelos caminhos do campus, agoniados com as próximas provas e apresentações. Fazia o verão parecer curto e urgente. Lou estaria ali com eles antes que se desse conta e tudo seria diferente.

Quando as irmãs Ellis andavam lado a lado, ficavam a um metro de distância uma da outra, apesar do caminho estreito. Elas eram da mesma altura, mas Morgan caminhava com postura de dançarina e Catherine, como se estivesse procurando alguma coisa na calçada. Lou ia atrás delas enquanto Morgan as guiava em direção ao prédio que abrigava o departamento de design, onde ela estudava.

Em uma sala de aula com ar-condicionado cheia de manequins e rolos de tecido, Morgan mostrou a elas seu projeto final de design, um vestido longo de noite azul com florezinhas brancas bordadas. O vestido era elegante, mas ainda não estava pronto. Havia alfinetes mantendo algumas das partes juntas. Morgan perguntou a Catherine se ela tinha gostado, e Catherine olhou para ela como se tivesse sido chamada na sala de aula.

"Não sei", disse Catherine. "Acho que é... bonito?"

De todas as garotas do ensino médio, Lou tinha certeza de que ela e Catherine eram as que tinham a menor probabilidade de saber o jeito certo de se comentar sobre um vestido, imagine sobre um vestido inacabado. Uma das razões pelas quais ela ficou amiga de Catherine, para começo de conversa, em meio ao bando de companheiras de equipe do primeiro ano, foi porque ela foi a única garota que Lou já tinha visto usando um terno em um baile da escola.

"Bom, você não saberia dizer", disse Morgan. "Você não usa vestido desde a pré-escola. Então nem sei por que estou perguntando."

"Você não precisa ser uma vaca o tempo todo. Eu disse que era bonito."

Lou se enfiou entre elas e passou a mão pela gola da camiseta. Aparentemente, seu principal papel naquele fim de semana seria o de mediadora.

"Eu achei muito legal", disse Lou. "É como algo que Michelle Obama usaria. Ou um vestido do Oscar."

"Você é tão legal, Lou", disse Morgan.

Ela fez uma pausa e depois olhou para Lou com uma seriedade que sem dúvida lhe rendeu muitas das coisas que ela desejou no mundo. Às vezes, perto de garotas como Morgan, Lou sentia como se tivessem lhe dado a tradução errada de alguma coisa, e ela nem sabia como pedir a versão que faria algum sentido.

"Você experimenta para mim?"

"Ah", disse Lou. "Não sei."

"Só para eu saber como fica no corpo", disse Morgan.

Lou queria dizer *De jeito nenhum*, mas Catherine a encarava e Morgan estava sorrindo tão sinceramente que ela se escondeu atrás de um quadro branco, tirou os sapatos e baixou a calça jeans. Lou evitou se olhar nos espelhos de corpo inteiro que a cercavam enquanto colocava o vestido. Ela sabia que tinha uma aparência estranha, tão desengonçada que todas as suas roupas ficavam um pouco largas — ainda que muitas vezes ela as usasse grandes demais de propósito, escolhendo-as na seção masculina dos brechós.

O vestido serviu, mas foi difícil de fechar o zíper lateral. Ela saiu para mostrar o resultado às irmãs Ellis, sentindo como se estivesse usando a roupa do avesso, ou como se *ela* tivesse sido virada do avesso.

"Ah, meu Deus, Lou", disse Morgan, indo até ela, ajustando a frente do vestido, que estava um pouco grande. "Você está incrível, sem brincadeira. Você tem que ser a modelo do próximo desfile. Eu te pago e tudo."

Lou não tinha interesse em ser vista tão publicamente em qualquer vestido. Para não mencionar que tropeçar na passarela na frente de centenas de pessoas parecia inevitável, considerando a frequência com que ela escorregava simplesmente subindo as escadas de madeira até seu quarto. E, no entanto, lá estava ela, sendo abordada para ser modelo até por pessoas que ela conhecia.

Dobrando a bainha mais alto, mudando alguns alfinetes de lugar, Morgan explicou a Lou como ela estava montando o vestido, quais costuras ela ainda precisava fazer. Ela disse que queria criar uma coleção completa até o último ano.

"Mas o que você vai fazer com um diploma nisso?", Catherine perguntou a Morgan.

"Morar em Nova York", disse Morgan. "Trabalhar com moda. Estou tão cansada dessa pergunta. É isso que eu amo, então é isso que estou fazendo

e vou fazer dar certo." Ela disse como um mantra.

Catherine passou rapidamente pelos outros projetos. Ela prendeu o calcanhar em um rolo de tecido, quase caindo no chão de concreto e levando tudo consigo.

"Mamãe e papai vão esperar que eu seja corretora da bolsa para compensar isso", ela disse, se firmando.

"Isso é com eles", falou Morgan. "Não é problema seu."

Catherine pegou um estilete de uma mesa próxima e o enfiou com força no peito reto e bege de um manequim próximo. Lou olhou no espelho uma última vez, depois fechou os olhos ignorando a própria imagem.

Mais tarde, depois que Morgan voltou para casa para se arrumar para o show, Catherine e Lou foram andando para o Hayward Field, o estádio da universidade, juntas.

"Eles nunca vão conseguir deixar tudo limpo", disse Catherine. "Debaixo da sujeira, tem um ecossistema inteiro de imundície. É nojento."

Lou gostou do jeito da casa, mesmo com toda a poeira. Parecia uma comunidade, toda aquela gente indo e vindo, café sempre sendo passado, refeições sendo preparadas e divididas, todas as obras de arte diferentes penduradas ou coladas nas paredes, a casa toda era uma colagem. Sua própria casa andava tão vazia ultimamente, e seus pais pareciam passar cada vez mais tempo separados. Ela sentia falta da sensação de estar rodeada, de sempre lhe oferecerem alguma coisa, mesmo que não precisasse aceitar.

O portão estava aberto e havia corredores se aquecendo na outra ponta do campo.

"Um, dois, três e já", disse Catherine, já correndo. Lou riu, mas continuou onde estava. O sol estava forte. Catherine correu no meio do gramado até estar a uns cinquenta metros de distância.

"Está quente demais!", Lou gritou para ela.

"Fracote!", Catherine devolveu.

Nas arquibancadas, elas observaram os corredores por um tempo. O corpo todo de Catherine parecia mais relaxado agora que não estavam

perto de Ivy ou de sua irmã. A energia delas ficou preguiçosa e boba. Catherine fez uma imitação do treinador delas, repreendendo-a. "*Você está se perdendo, Ellis!* Você está bêbada, Ellis! Eu quero ficar bêbada, Lou."

Lou nunca queria ficar bêbada. Ela só queria chegar ao ponto de ficar relaxada em um grupo e depois fazer a coisa desaparecer como algo secando ao sol. Nesse ponto, ela ia para a cama.

"Queria que você participasse da equipe aqui", falou Catherine.

"De jeito nenhum", disse Lou. "Fui uma escolha lamentável para o time do colégio e você sabe disso. Além do mais, vou estar muito ocupada, tipo, estudando para todas as minhas provas de bioquímica."

Catherine riu. "Você vai durar dez minutos como estudante de ciências. Você vai se especializar em arte hippie, e eu vou ter que ir te resgatar dos seus protestos em árvores e essas merdas."

Quando Lou for estudar na Universidade do Oregon, ela planejava mesmo passar o tempo todo na floresta. A principal atração de Eugene era sua floresta tropical densa e uma rápida viagem de carro até a costa. Ecologia era uma especialização mais prática do que fotografia, que tinha sido sua primeira opção antes de muitos adultos em sua vida lhe dizerem que não era uma boa ideia. Foi Ivy quem mostrou que elas tinham um ponto fundamental em comum: preservação. Uma de sistemas e a outra de momentos. Mas Ivy também tinha lhe dito uma vez, em um contexto totalmente diferente, que a coisa que ela mais odiava e amava em Lou era que ela era a favor de preservação até não poder mais. Ivy se referia à maneira como ela fugia de mudanças — fazer faculdade no Oregon mesmo, por exemplo —, mas Lou não entendia o que havia de tão errado em querer um pouco de consistência, um pouco de sustentabilidade.

"Estou feliz por estarmos aqui", disse Catherine, como se soubesse o que Lou estava pensando. "Sinto que não te vejo de verdade desde as corridas distritais."

Era verdade. Quando o atletismo acabou, Lou começou a passar todo o tempo com Ivy. Catherine não tinha dito nada sobre isso.

"Você estava na Califórnia."

"Fiquei lá, tipo, três dias."

"Bem, a gente está aqui agora", disse Lou.

Catherine mordiscou a pele entre o polegar e o indicador. Ela indicou com a cabeça as mulheres que corriam, as duas mais definidas e mais

rápidas do que quase qualquer ser humano que Lou já tinha visto pessoalmente, exceto talvez Catherine, embora geralmente ela estivesse tão para trás de Catherine nas corridas que nunca a via correr. “Eu consigo ganhar delas, não consigo?”

“Consegue”, disse Lou. “Você quer voltar para casa agora?”

“Na verdade, não. Você?”

“Eu devia ir ver como Ivy está. Eles provavelmente já terminaram de ensaiar. Eu disse para ela que a gente ia fazer alguma coisa antes de eles continuarem.”

Mais dois corredores dispararam, e Catherine parecia estar observando bem atenta, como se pudesse rastrear sua forma com o cérebro e saber quão rápido estavam indo, e se estavam correndo no caminho certo. Correr ainda era apenas correr para Lou. Ela nunca prestava muita atenção quando seu treinador a corrigia, e não sabia como implementar quando ele fazia isso. Ela não sabia diferenciar movimentos, postura ou qualquer outra coisa. Seu corpo era tão vago para ela às vezes. Ela costumava se esquecer de que estava ali. Ela só sabia quando ele estava reagindo a algo tarde demais. Seus sentimentos funcionavam do mesmo jeito.

Lou olhou para o telefone, Ivy tinha mandado uma mensagem para ela, perguntando onde ela estava e se queria fazer alguma coisa. Catherine olhou para a tela, viu a mensagem e se levantou bruscamente.

“Tudo bem”, disse ela. “Podemos ir.”

O show começou depois da meia-noite. Todo mundo, menos Lou, estava bebendo havia horas, e Catherine estava tão bêbada que Lou e Morgan tiveram que colocá-la na cama de Morgan com uma lata de lixo do lado. A última metade de todas as frases que Catherine dizia parecia estar sendo recitada ao contrário. Lou queria ficar cuidando dela, para ter certeza de que ela não se engasgaria com o vômito — uma paranoia enraizada por todos os filmes de rock ‘n’ roll e palestras antidrogas que havia assistido —, mas Morgan não parou de dizer que ela estava bem, e Catherine não parou de mandá-las embora, e então Lou foi minoria e seguiu Morgan até o porão.

A Fortunato estava afinando, Tuck ajustava sua caixa, a multidão de jovens bêbados ia aumentando. Dois colegas de quarto de Morgan cuidavam de uma mesa de jogos no canto. Eles serviram sprite com vodca para ela e Morgan em copos descartáveis vermelhos.

"Tem certeza de que ela está bem?", Lou perguntou de novo. "Ela parecia bem fora de si."

"A Catherine? Ela bebe assim desde o nono ano. Já cansei de me preocupar com isso. Se ela ainda não morreu, não é agora que vai morrer."

O que não tinha nenhuma lógica. Isso poderia ser dito sobre qualquer coisa, sobre qualquer pessoa. A bebida era tão doce que Lou terminou em poucos goles, só para não precisar sentir mais o gosto, então perguntou a Morgan se ela já tinha ido a Nova York.

Lou indicou o palco com a cabeça. "Ivy vai fazer faculdade lá."

"A gente foi ano passado com os meus pais", disse Morgan. "Minha irmã na verdade adorou também, por isso é tão irritante que ela, tipo, fique eternamente me cutucando para saber por que eu quero me mudar para lá. Não adianta nem *pagar* Catherine para que ela diga que gosta de qualquer coisa que eu gosto, é coisa dela. Mas ela é nova. Nova e perdida. É isso que eu sempre digo aos meus pais quando eles me ligam para reclamar dela. Tipo, ela com certeza está chata agora, mas sempre foi muito sensível. E eu não acho que eles entendem isso sobre ela. Ou não entendem como isso é uma coisa boa."

"Então você acha que é uma coisa boa?"

"Acho", disse Morgan, terminando a bebida. "Acho mesmo. Ela só precisa continuar correndo e vai aprender a lidar melhor com isso. É bom para ela ter uma coisa assim. Algo que ela ama. Mesmo que não admita que ama."

A Fortunato começou a tocar. A primeira música era onírica e lenta; a guitarra e a voz de Ivy eram o centro, mas ela estava certa, Tuck era muito bom, tão ligado no que Ivy estava fazendo que foi a primeira vez que Lou notou de fato um baterista se ajustar tão bem com o que o grupo fazia. As mudanças dele eram sutis conforme as progressões de acordes de Ivy.

Depois de algumas músicas, Morgan se enroscou com um rapaz da fraternidade de braços grossos num canto perto do bar e Lou ficou parada sozinha, com o copo vazio. Ela sacou sua Nikon da bolsa da câmera,

aliviada por ter um propósito naquela multidão além de olhar para Ivy sem uma desculpa real.

Ultimamente vinham ocorrendo momentos de estranheza entre ela e Ivy que pareciam estar ficando cada vez mais longos. Lou não tinha tocado no assunto e não sabia como fazer isso. No começo, era como se elas estivessem se aproximando de algo, como se diminuíssem a distância, mas depois passou a ser como uma atualização infinita no Tumblr, como se pudesse durar para sempre, deixando-as com impressões infinitesimais de alguma coisa próxima a algo que elas queriam, mas que nunca se tornava real.

Lou tirou algumas fotos através da névoa de fumaça de maconha e dos canos expostos no teto. Ivy olhava para além dela, na direção de um grupo de garotas perto do tanque na lavanderia que começavam uma partida de flip cup. Ninguém parecia estar prestando muita atenção na banda, mesmo sendo boa. Tão boa que Lou se sentiu sobrepujada por Ivy tocando lá em cima, por sua mão esquerda deslizando para cima e para baixo no braço da guitarra, mesmo através da lente da câmera. Talvez *especialmente* pelas lentes da câmera: o jeito como isso implicava que Lou estaria olhando para tudo isso depois, quando tudo tivesse acabado, e a zona vulnerável de todos os seus desejos se mostrasse de novo.

A cabeça de Lou rodava, a vodca batendo de uma só vez, então ela largou mão, subiu as escadas até a cozinha com os ouvidos abafados, agarrando-se ao corrimão. Ela encheu o copo de água, bebeu tudo e o encheu de novo. No quarto de Morgan, ela encontrou Catherine acordada, mas com a cara inchada na cama, encolhida longe da parede. Ela lhe ofereceu água, mas Catherine não quis. O show zumbia através das tábuas do assoalho, só a bateria, nada de Ivy. Lou tirou a bolsa da câmera e se deitou de lado, de costas para Catherine. Folhas de bordo escuras balançavam do lado de fora da janela aberta. Catherine não pediu a ela que saísse e Lou relaxou pela primeira vez a noite toda.

"Eu odeio ela", falou Catherine, sua respiração acertando na nuca de Lou.

"Ela não é tão ruim", disse Lou.

Ela tinha ficado surpresa com Morgan dizendo que Catherine sentia as coisas muito profundamente. Ela sempre achava que Catherine não sentia

nada, via o jeito como ela superava bem a dor no fim de uma corrida, mas talvez fosse o contrário.

Catherine foi descendo a mão pela barriga de Lou, para a cintura da calça jeans, movendo o polegar para lá e para cá. O corpo de Lou respondeu, ou a vodca respondeu, ou o jeito como ela se sentiu olhando para Ivy no palco respondeu, e ela projetou o quadril para trás, junto de Catherine, deixando-a deslizar uma mão por baixo do elástico da sua calcinha e a outra por baixo do elástico do sutiã.

"Está tudo bem", sussurrou Catherine. "Ela também me odeia."

"Não, não odeia."

Catherine disse alguma outra coisa, mas sua voz estava tão rouca que Lou virou o rosto para ouvir melhor, sentindo que seu corpo estava girando, e Catherine a beijou, intensamente. Lou não a cortou, e por um minuto ela desapareceu na sensação luminosa e quente daquilo, imaginando Ivy no palco, os dedos no braço da guitarra, a boca junto do microfone.

"Eu não ligo que você goste dela", Catherine sussurrou. "A gente ainda pode fazer isso."

Lou congelou. "O que você quer dizer?"

A voz de Ivy vazou pela saída do aquecimento, e Catherine olhou para ela, e de repente Lou entendeu. Catherine não estava falando de Morgan. Lou se afastou e rolou para fora da cama, sentindo que ia cair no chão. No andar de baixo, a banda parou de tocar e, por alguns segundos, tudo ficou quieto.

Quando Lou desceu, a Fortunato terminava uma música. Ivy olhava para baixo, afinando a guitarra, o cabelo caindo para a frente, os olhos suaves, toda a nostalgia de alguma coisa que Lou não tinha vivido. Ivy começou a cantar, mas então parou e Tuck parou com ela. Ela ergueu os olhos e fez contato visual com Lou.

"Hum", Ivy disse no microfone. "Na verdade, eu quero tocar outra." Ela dedilhou alguns acordes e se abaixou para falar no ouvido de Tuck.

"Desculpa, é a primeira vez que a gente toca essa", disse Ivy para a multidão. De repente ela parecia nervosa, olhando para Tuck, perguntando

se ele podia fazer a contagem de novo.

A banda recomeçou com um sussurro, depois um grunhido, a voz de Ivy agarrando na garganta repetidas vezes. Lou viu os postes de luz, como sempre acontecia, mas agora eles estavam piscando, parecia que iam apagar de vez. Lou reconheceu a melodia na mesma hora, e parecia que seu corpo ia se dispersar, como uma multidão saindo de um estádio. Era uma música que Ivy vinha dedilhando a primavera toda, mas que sempre se recusava a cantar para Lou.

Vejo em seus olhos
Quando ajusta a câmera em uma vista
Você me diz "por favor, pare quieta,
Estou tentando tirar uma foto sua"

E então você corre pelo mato baixo
com medo como um caribu

Devo seguir nessa trilha
Ou isso está nos separando?
Lou Lou Lou

Tem mais coisa para saber
Ou fui largada no desconhecido
Com medo de seguir em frente
Com medo do que posso estar mostrando

Com a montanha nas suas costas
Eu sei que você também vê

É maior do que a gente imaginava
Por favor, vem, vem
Lou Lou Lou

Ivy finalmente olhou para ela quando cantou o último verso, repetindo-o.

Quando acabou, o lugar ficou silencioso e Lou não conseguia ouvir nada do que as pessoas ao seu redor estavam dizendo. Quando as luzes se acenderam, seus ouvidos estavam cheios demais, abafados demais pelo

que ela já tinha ouvido, pelo que tinha feito no andar de cima, pelo que aquilo significava, e só sentiu pesar: pesar por ela não ter uma música, ou por ser firme em qualquer coisa que sentia, que era tão enorme, tão físico, que às vezes era como se estivesse perdida nos galhos espessos de uma árvore tão alta que ela não conseguia nem vislumbrar chegar ao alto, muito menos olhar para baixo. Pesar que Ivy fosse tanto, mais do que qualquer pessoa, já lá no alto, e Lou fosse só ela mesma, tentando alcançá-la.

3

Na manhã seguinte ao show, todos estavam sentados nos degraus da varanda tomando café em canecas pesadas, a luz forte nas tábuas lascadas e nas coxas expostas, todo mundo de ressaca, menos Tuck e Ivy, que não paravam de falar do show e de como tudo foi tomando corpo uma vez que a multidão começou a prestar atenção. Catherine não parava de ir ao banheiro para vomitar, e Lou sentia como se seu próprio corpo zunisse na mesma direção. Ela queria dizer a Catherine que sentia muito pelo que tinha acontecido, mas Catherine não olhava para Lou o bastante nem para um sorriso reconciliatório. Lou estava com muito medo de que Catherine a confrontasse se ela dissesse qualquer coisa e que Ivy ouvisse. Ela não tinha ideia do que dizer a Ivy.

À medida que o calor empurrava todo mundo cada vez mais para trás nos degraus da varanda, Lou se lembrou de uma piscina natural aonde sua equipe tinha ido depois de uma competição estadual de atletismo. Era no pé de uma cachoeira. O dia estava úmido, esmeralda, fresco. A sombra parecia ser tridimensional. Ela assistiu às colegas de equipe nadando por horas, tomando cerveja e afundando umas às outras na água gelada. Lou não tinha entrado, mas aquele dia tinha a aura de um dia perfeito, e era o que ela imaginava sempre que pensava em vir estudar na Universidade do Oregon no outono. A promessa de um futuro fácil, bonito e conhecido. Por um segundo, era como se eles ainda pudessem capturar como seria em setembro, com um grupo de amigos e um dia livre pela frente.

Quando ela falou da piscina natural para todo mundo na varanda, perguntando se queriam ir, Morgan se animou, ela também conhecia a cachoeira. Até Catherine topou, então todos se apertaram na van de Ivy e foram até o começo da trilha, a alguns quilômetros da cidade.

Quando a sombra da floresta na trilha se abriu em uma clareira de sol, cintilando em uma piscina verde-clara, Lou já tinha se livrado de quase todas as camadas pegajosas. Não tinha mais ninguém lá, apenas algumas rochas baixas, e Lou subiu em uma delas para dar uma olhada na paisagem, com a câmera pendurada no pescoço. Lá embaixo, os outros estenderam

as toalhas na costa de pedra. Tuck e Catherine abriram cervejas. Ivy semicerrou os olhos para Lou, no alto, com a mão na testa para fazer sombra sobre os olhos, e Lou tirou uma fotografia do desfiladeiro cheio de musgo logo atrás dela. Ela sabia que Ivy queria conversar, mas ela não sabia o que dizer.

Depois de um tempo, Morgan e Ivy entraram na água, se empurrando e jogando água uma na outra, ainda de sandálias. Era possível ver o fundo até uns três metros de distância, onde as pedras achatadas, verdes através da água, davam lugar a uma piscina mais funda.

Lou desceu a rocha para dar uma volta na parte rasa com Catherine, que não estava muito receptiva, mas também não a estava ignorando de todo. Tuck estava deitado na toalha com um livro, estudando para uma prova final. Lou tentou ignorar Ivy e Morgan e toda a grande diversão das duas junto da cachoeira, que descia de uma saliência a dez metros de altura. A pele de seus pés ficou tensa na água gelada. Estava tão deslumbrante quanto no dia em que sua equipe tinha ido, vicejante e verde mesmo através de seus óculos de sol, mas ela sentiu um nó no estômago por causa de alguma coisa, o aperto de sua ressaca batendo de uma vez.

A cachoeira explodia, descendo das paredes de granito com musgo verde-limão e trepadeiras espessas sinuosas, formando uma tigela de ponche escura e fervente. A água se projetava violenta e rápida pelas paredes. A água batia na cintura de Ivy e Morgan quando passaram da parte verde da água para a preta. Elas eram boas nadadoras, e seguiam em direção à margem onde havia pedras menores para subirem.

Através das lentes, Lou as viu se içarem e deu um zoom em Ivy, de top preto e shorts de corrida; Morgan estava de biquíni. Ela diminuiu a velocidade do obturador e tirou algumas fotos, a cachoeira anuviando a cena. Ela não conseguia mais ouvir as duas rindo.

“Como está aí?”, gritou ela.

“Congelante!”, Morgan deu um grito agudo, soando mais distante do que parecia.

Algumas pessoas mais velhas chegaram à clareira e se instalaram diante de uma rocha em formato de cabeça na outra extremidade da borda. Lou tentou mandar uma mensagem de texto para os pais, dizendo que estaria em casa mais tarde, para o jantar, mas não havia rede. Ela se deitou ao lado de Tuck, encostando a cabeça na bolsa da câmera, olhando as fotos do

show. Ela estava muito cansada. Quando voltou a olhar para cima, sentindo o cheiro da maconha bafejando do outro grupo, Ivy e Morgan estavam equilibradas no alto da cachoeira, em uma rocha que se sobressaía como uma plataforma. As risadas delas ecoaram sobre a água. Ela não via Catherine, talvez tivesse ido fazer xixi, e Tuck estava mergulhado em um capítulo sobre sociolinguistas famosos. Lou não fazia ideia do que se tratava.

Quem começou a se exibir foi Ivy, andando pomposa como se estivesse em uma passarela, com as mãos na cintura. Morgan a imitava. Estava tudo muito bonito, de repente, o sol brilhando, seus corpos expostos. Lou focou o visor nelas, dando zoom. Ela não conseguia ouvir a conversa por causa do ruído da queda d'água.

Ela podia vê-las viradas uma de frente para a outra. Desse ângulo parecia que elas estavam quase se tocando, e ela pensou, por um segundo alarmante, que elas iam se beijar. Mas então Ivy deu um passo para trás, deu uma corridinha e pulou. Ela agarrou os joelhos como uma bala de canhão e caiu ao lado da queda d'água. Lou parou de respirar quando ela não apareceu por alguns segundos, mas depois ela brotou gloriosa, a boca aberta, a franja preta molhada sobre os olhos. Ela nadou até a borda e fez um gesto para cima.

Morgan estava bem na beirada da pedra, seu cabelo tão claro que sumia contra o sol, e Lou tirou uma foto dela. Mas quando Lou voltou a olhar para Ivy, ela ainda acenava para Morgan, e não parecia um incentivo. Parecia um aviso. De repente, o coração de Lou batia tão rápido que ela teve a impressão de que não conseguiria recuperar o fôlego para fazer alguma palavra sair — e de qualquer modo era sempre ela que pedia cuidado quando ninguém ouvia.

O mergulho em si foi perfeito. Lou nunca tinha aprendido a mergulhar direito, mesmo depois de anos de aulas de natação, mas quando assistiu aos mergulhos lânguidos de suas colegas de equipe naquela exata cachoeira, sabia que os delas eram desajeitados, meio curvados, ineficientes. Mas os braços de Morgan formaram uma flecha exata quando seu corpo se lançou em direção à água. Houve apenas um respingo de nada. Lou tomou fôlego naqueles segundos necessários para o corpo de uma pessoa vir à tona. Ela imaginou Morgan emergindo tão triunfante quanto Ivy. O cabelo loiro molhado, o sorriso. Tomando ar. Quem dera.

Mas a piscina revolvia no mesmo padrão de antes, cada jato de água voltando ao seu lugar, como se Morgan nunca tivesse afundado. Cinco segundos, depois dez. Trinta.

Foi Tuck quem quebrou o silêncio de Lou. "Onde ela foi parar?", disse ele. Então ele também estava assistindo. Por que nenhum deles disse nada antes de ela mergulhar? Em voz baixa, ele disse: "Morgan?".

Lou se levantou. Ivy já estava nadando debaixo da cachoeira.

"Volte!", Lou gritou para Ivy.

"Pra onde ela foi, porra?", disse Tuck.

Catherine reapareceu detrás de uma das pedras. "Gente?", disse, com uma vozinha.

Todo mundo e suas perguntas sem resposta. Ivy afundando e emergindo, afundando, emergindo, subindo sozinha.

Tuck olhou para Lou. "Ligue para a emergência", disse ele. Ele disparou ao redor das rochas até chegar à parte mais profunda da piscina e foi nadando até onde Morgan tinha mergulhado, gritando para Ivy sair da água, que ela estava ficando azul. Dois homens do outro grupo fizeram o mesmo que ele e começaram a mergulhar sob as águas turbulentas.

Foi Catherine que saiu primeiro, correndo pela trilha descalça e de mãos vazias. Lou procurou o telefone dela e depois o de Tuck, os dois ainda sem sinal. Lou ia atrás dela, mas Catherine era mais rápida; aquele talento atlético desperdiçado a alavancou na curva seguinte, e Lou foi incapaz de acompanhá-la na trilha rochosa. Mas o que ela podia fazer senão correr, o verde mudando e brilhando como um caleidoscópio, até que ela por fim alcançou Catherine e desabou na beira da estrada sem sapatos, enquanto os carros começaram a parar para elas. Todo mundo, a não ser ela, estava pedindo ajuda, e Lou estava calada, muito calada, abraçando Catherine e contando uma mentira atrás da outra. *Ela está bem, ela está bem. Você está bem. Eu estou bem. Ela está bem.*

Os médicos na ambulância cuidaram de seus pés ensanguentados e do corte no joelho de Catherine. Já quanto aos gritos histéricos de Catherine chamando a irmã sem parar não havia muito que eles pudessem fazer. Lou

se concentrou no paramédico que fazia perguntas enquanto extraía cascalho da sola de seu pé esquerdo. A barba dele parecia com a do seu pai.

Ela não parava de perguntar se ele tinha conversado com Tuck ou Ivy, se Morgan estava fazendo uma brincadeira, talvez prendendo a respiração por muito tempo lá embaixo, ou talvez ela tivesse desmaiado, mas quem sabe Tuck ou Ivy ou algum dos outros homens tivessem chegado até ela, a tivessem tirado da água. Ela sabia que mal sussurrava, mas o médico não pediu que ela falasse mais alto.

Ele perguntou quantos anos ela tinha, qual era o nome dela.

"Isso é possível?", ela perguntou ao paramédico. "Eles poderiam tê-la tirado da água. Isso é possível, não é?"

Quando ele não respondeu, ela sentiu tudo o que tinha consumido nas últimas vinte e quatro horas revirando em seu estômago. Na mesma hora em que disse ao médico que ia vomitar, Catherine finalmente se acalmou e a ambulância parou. O motor foi desligado e as portas se abriram, e luzes intermitentes vermelhas invadiram sua visão, mesmo quando Lou fechou os olhos.

4

Nas semanas seguintes, Lou não pesquisou no google *afogamento* porque não havia possibilidade de os resultados de imagem serem piores de como ela tinha revivido a imagem de Morgan milhares de vezes. A todo momento, cortando grama, ou no trem MAX, ou ao acordar de manhã, olhando os planetas brilhantes colados no teto, que agora assumiam as formas desconcertantes de rochas, Lou tentava não imaginar aquele exato momento em que Morgan entrou com as mãos em flecha na água, tentava não a imaginar lutando para emergir debaixo da cachoeira furiosa ou como seu corpo tinha ficado quando a equipe de resgate por fim o encontrou e o levou para terra firme.

Essa colagem fazia sua língua recuar e inchar na garganta e, para fazê-la voltar a encolher o bastante para que pudesse respirar normalmente pelo menos duas vezes seguidas, ela tinha que ligar a música e abrir a janela, e às vezes (ainda que cada vez menos) ir de bicicleta à casa de Ivy e se deitar no chão, e ficar chapada, e falar de coisas normais, como qual pedal de guitarra Ivy queria comprar no eBay, e como um dia Lou queria pedalar pela rodovia 101 — se um dia ela superasse o medo de ser varrida por um semirreboque —, e onde Ivy queria fazer turnê, e como Lou poderia até quem sabe ir encontrá-los de bicicleta se eles estivessem tocando em alguma cidadezinha costeira no Oregon. Não seria mesmo um momento delicioso? Como se elas se lembrassem de como era um momento delicioso e pudessem esperar passar por um momento delicioso de novo. Depois disso, Ivy sempre perguntava como ela estava e Lou a ignorava, e retomava seu lado deliberadamente animado da conversa unilateral como se soasse normal para qualquer uma delas. Ivy ter cantado para ela, o que havia ou não entre as duas, pertencia a outra vida. Se Lou se abrisse para essa questão, teria que se abrir para mais do que aguentaria suportar.

Quando ela estava sozinha, era quase como se conseguisse pular o que tinha acontecido, como uma música que ela detestava, retomando sua vida antiga.

Lou não tinha falado com Catherine desde aquele dia. Nenhuma vez. É claro que seus pais perguntaram, e ela mentiu. Eles queriam que ela levasse flores. Ela as jogou na composteira de um vizinho.

Quando Lou era criança, seus pais a alertavam constantemente sobre as ressacas do mar. Ela aprendeu a nunca dar as costas para o oceano, porque uma onda traiçoeira poderia continuar vindo, vindo e vindo, e simplesmente derrubá-la e arrastá-la para a maré pesada. Quando ela tinha sete ou oito anos, não estava prestando atenção no caminho de volta para a casa dos avós, olhando as nuvens em vez do mar, e aconteceu: uma ressaca a puxou pelos tornozelos. A mãe foi atrás dela, arrastando a si mesma e ela de volta para a praia, cheias de areia, molhadas e congelando. Foi o mais perto que ela já tinha chegado de se afogar. *Por que você não estava prestando atenção?*, a mãe dela não parava de dizer. *Você tem que prestar atenção*.

Mas era isso: Lou sempre prestava atenção. Ela estava acostumada a se defender de acusações de prestar atenção demais, de amolar as pessoas com mensagens perguntando se tinham chegado bem, de questionar uma previsão de tempo antes de uma viagem longa, de verificar três vezes se tinha fechado uma porta. Agora ela passava o tempo todo tentando se defender mentalmente da ideia de que poderia ter feito *mais*. Tinha sido dela a ideia de ir à cachoeira. Se não fosse por ela, eles teriam ficado sentados na sacada o dia todo, de ressaca, estagnados, bravos uns com os outros, talvez, mas seguros.

Certa noite, no fim de junho, Lou e Ivy ficaram de conchinha no chão do quarto de Ivy em uma pilha de cobertores, com a cabeça apoiada na lateral do banco junto da janela, assistindo a vídeos do YouTube no telefone de Lou. Ivy, o pai e a madrasta moravam no quarto andar de um prédio que Ivy disse que suspeitava ser feito de papelão e pintado para parecer um diorama de estilo Tudor. O pai de Ivy tinha sido criado na Warm Springs Reservation, no centro do Oregon, e sua mãe em Montana, para onde Ivy certa vez disse que queria levar Lou, sem dizer mais nada, e Lou ficara pensando nisso por várias semanas, espiando tags de localização no Instagram, imaginando as duas lá. Foi a primeira coisa que Ivy disse sobre

sua mãe. Foi Tuck quem contou a Lou, certa noite num show logo antes do Ano-Novo no inverno anterior, quando Ivy esqueceu um verso no meio da música e se trancou no banheiro do andar de cima, e Lou perguntou se ele sabia o que estava acontecendo. Ela ainda se lembrava de como ele tinha respondido bem baixo, de como ela teve de se inclinar para ouvir por causa de um garoto uivando em um microfone na sala. Era o aniversário da mãe dela, que já tinha morrido, ele disse. Os pais de Ivy se divorciaram quando ela era pequena e compartilharam a custódia até a mãe morrer, que foi quando Ivy se mudou para Portland. Ela nunca contou a Lou como a mãe morreu, ou exatamente quando, mas Lou também nunca tinha perguntado. Perguntar parecia passar dos limites. Invasivo.

O quarto de Ivy era pequeno e aconchegante, cada parede e cada pedaço da cama elevada estava coberto com fotos de músicos que ela amava. Ivy tinha tornado seu objetivo de vida instruir Lou sobre música, o que significava que, para alguém que não tocava e não tinha vontade de tocar, Lou sabia bizarramente um monte sobre Stratocasters e Mustangs vintage. Ela ainda preferia muito mais a música de Ivy do que qualquer coisa que Ivy já tivesse colocado em uma playlist para ela.

Lou virou de lado, encostando a testa no braço macio e exposto de Ivy. O chão do quarto tremeu, ou Lou tremeu, ou o chão sobre o qual o prédio estava tremeu. Talvez o terremoto Big One chegaria justamente quando ela por fim temia outra coisa. Um cachorro ganiu em um apartamento abaixo delas.

"Você pensa naquilo o tempo todo?", perguntou Lou, tão baixinho que nem tinha certeza se Ivy conseguia ouvir. Sua voz não saía direito desde que Morgan desaparecera debaixo d'água. Como se seu grito de aviso estivesse preso na garganta.

Os olhos de Ivy ainda estavam fixos na tela. Ela entregou a Nikon de Lou dias depois da cachoeira, e Lou a enfiou debaixo de uma pilha de roupas no armário, incapaz de ligá-la, nem para apagar a memória.

"Ainda não consigo parar de ver ela mergulhar", sussurrou Lou. "Quero dizer, não consigo parar de ver o corpo dela também, na verdade. Entende o que eu quero dizer? É tão *terrível*. Tipo, grotesco. Mas não consigo desligar."

Ivy deu uma pausa no vídeo. "Você devia conversar com alguém sobre isso. Ajuda."

“Você acha que todo mundo ficaria mais seguro em outro lugar?”

“Mais seguro do quê?”

“Do terremoto.”

No dia anterior, Lou tinha lido na internet um artigo sobre o terremoto. Como ele acabaria com todo mundo. Todo o noroeste do Pacífico, mas Portland em particular. Ela costumava fazer brincadeiras sobre isso, como qualquer pessoa faria piada sobre o apocalipse sem acreditar que fosse de verdade, mas agora esse temor parecia legítimo. Parecia absurdo que ninguém mais estivesse se preocupando de fato — a única proteção que tinham oferecido a Lou eram os treinamentos anuais para o caso de terremotos na escola, enfiando-se debaixo das carteiras frágeis e cobrindo as partes mais macias do pescoço com os braços, como se seus próprios corpos pudessem se proteger da queda do concreto. E ainda assim elas moravam nas colinas, o lugar mais vulnerável em que poderiam estar.

“Lou”, disse Ivy, devagar. “Você falou com a Catherine?”

Lou balançou a cabeça.

“Você iria se sentir melhor se falasse.”

Mas ela não conseguia. E ela não queria se sentir melhor. Talvez Catherine nem ligasse mais para o beijo, para qualquer coisa que tivesse acontecido naquela noite, mas Lou sabia que, mesmo que fosse *esse* o caso, seu sofrimento não se igualaria ao de Catherine, não podia nem ser levado em conta ao lado do dela. Era para dizer isso que ela não conseguia encontrar palavras. Que ela não merecia se sentir soterrada por isso, nem sequer falar sobre Morgan. Porque ela não conhecia Morgan. Ela tinha visto o cabelo dela se fundir com o sol. Ela tinha assistido a um lindo mergulho. Ela nem a tinha visto morrer.

Lou encarou uma foto pregada na parede do quarto de Ivy, uma fotografia em preto e branco da vocalista de uma banda de que ela nunca tinha ouvido falar. A mulher parecia a personificação de um desafio, seu cabelo curto, mas repicado, as tatuagens e a magreza pueril do corpo enxuto.

“Corta meu cabelo?”, perguntou Lou, e Ivy finalmente sorriu.

Lou foi atrás dela até o banheiro que Ivy dividia com o pai e a madrasta, dois enfermeiros. Estava imaculado, como se ninguém morasse lá, com fotos emolduradas de celeiros no alto de uma colina nas paredes brancas.

"Quem tirou essas fotos?", perguntou Lou.

Ivy riu. "A loja. Minha madrasta comprou. Estão por todo o quarto também." Lou não sabia muito sobre a madrasta de Ivy, a não ser que às vezes ela preparava um bule de chá de hortelã para elas tarde da noite, depois do seu turno, e que havia pouco tempo ela tinha pintado todos os cômodos do apartamento, menos o quarto de Ivy, de branco neve. Ivy sempre pareceu insistentemente neutra em relação a ela. Mas talvez a madrasta dela fosse apenas uma pessoa insistentemente neutra.

"Eu meio que gosto delas", disse Lou. Tinha algo de surreal no vermelho dos celeiros e na falta de animais, pessoas ou sujeira, como se as imagens tivessem sido geradas por um computador. "É mau sinal?"

"Todo mundo gosta delas", disse Ivy, carregando um banquinho de metal da cozinha e o colocando na frente do espelho oval. "Essa é a questão."

Lou se sentou no banquinho, ligeiramente arqueada. "Mas eu gosto delas porque são perturbadoras. Como se não fossem em algum lugar a que se pode de fato ir. Ou, se você conseguisse chegar lá, estragaria a coisa toda. Porque daí alguém estaria lá. E o vazio teria desaparecido."

Ivy juntou os cabelos castanhos e grossos de Lou, parte deles num coque, logo abaixo das orelhas, e elas trocaram um olhar no espelho. Lou esqueceu o que estava dizendo. Ela não sabia se aguentaria aquilo de fato. Sua cabeça latejava.

"Quanto?", perguntou Ivy.

"O quê?"

Ivy ergueu a tesoura.

"Tudo?", disse Lou.

"Raspar, então?"

"Tá, quem sabe não tudo."

Lou se concentrou no celeiro mais próximo a ela, o com o telhado inclinado, enquanto Ivy cortava as laterais de seu cabelo, depois a parte de trás, com uma tesoura para artesanato que só dava conta de limar alguns tufos de cada vez, bruta e lenta, mais mascadas do que talhadas. Os braços de Lou formigaram quando ela tentou não observar Ivy no espelho por

mais de alguns segundos de cada vez, quando tentou não notar como estava notando o calor da lateral de Ivy quando ela se aproximou para inspecionar seu trabalho.

Ivy não falou enquanto trabalhava, dando uma volta completa ao redor de Lou até que retornou para onde havia começado.

Primeiro era um chanel ondulado. Ela parecia uma advogada indo processar a Agência de Proteção Ambiental dos Estados Unidos. O contrário de quem ela queria ser.

"Podemos parar por aqui", disse Ivy, se olhando no espelho. Ela passou as mãos no cabelo de Lou de novo, roçando atrás de suas orelhas, e Lou pensou que ia desmaiar. "Ficou fofo."

Ela não queria fofo.

"Mais curto."

Ivy pareceu satisfeita. Ela procurou uma máquina de raspar no armário embaixo da pia, depois a ligou e começou a raspar. O zumbido ecoava na cabeça de Lou, um som que parecia estar sempre lá, se materializou. Ela fechou os olhos.

Quando Ivy terminou, tudo o que restara era o alto, cacheado e selvagem. Não demorou muito para que ela parecesse uma pessoa totalmente diferente: o rosto mais fino e mais intenso, a mandíbula, um gancho acentuado; as sobrancelhas menos preocupadas e mais concentradas. Não que ela parecesse de todo um garoto, mas ela não parecia uma garota. Ela parecia visível.

Lou se levantou e se inclinou para si mesma no espelho, se sentindo livre de ter que ficar parada e de ficar sozinha dentro de sua cabeça enquanto Ivy encostava nela.

Ela sacudiu o cabelo. Estava bem curto. Realmente *ótimo*.

Ao olhar para si mesma, uma pequena energia decorrente a percorreu. Mudar a aparência rapidamente transformou como ela se sentia, quem ela sentia que era.

Ela olhou para Ivy, já de costas para o espelho. Lou era alguns centímetros mais alta do que ela, e estava mais consciente disso do que de costume com essa curta distância entre as duas. Ela enfiou os punhos nos bolsos da calça jeans enquanto Ivy passava a mão pelo cabelo dela, arrumando a franja para um lado, depois para o outro. A cicatriz de Ivy parecia diferente assim tão de perto, e Lou pensou nela caindo de bicicleta

quando era criança, como ela deve ter ficado exatamente quando voou por cima do guidão, como se já fosse tarde para parar o que quer que estivesse por vir. Lou deu meio passo adiante.

"Claro que penso naquilo", disse Ivy devagar.

Lou mal conseguia falar.

"No quê?"

"Na Morgan."

"Ah."

Ivy recolheu o cabelo da pia e jogou no lixo. As roupas das duas estavam cobertas de cabelo e, de repente, o pescoço de Lou começou a coçar desesperadamente em volta do colarinho. Ela queria entrar no chuveiro e lavar tudo. Ela olhou o lixo, onde seu cabelo castanho espiralava no fundo do saco. Parecia um animal hibernando.

"Você quer que eu leia para você a borra de café?" disse Ivy.

"Me conte o futuro."

"Os futuros."

Como se as estivesse separando. O de Ivy para Ivy. E o de Lou para Lou.

5

No dia seguinte, Lou foi novamente abordada por uma *scout*. Mas desta vez ela só conseguia pensar em Morgan e em como ela sonhava com Nova York. A tarde em que caminhara pelo campus da Universidade do Oregon com as irmãs Ellis ainda era muito intensa, uma das únicas memórias vívidas de Morgan que ela tinha na cabeça e, por isso, a que ela mais revisitava, como se pudesse mudar o rumo das coisas apenas com a força do pensamento. A lógica não fazia sentido, mas era como se ela tivesse simplesmente concordado em desfilar para Morgan, talvez elas tivessem voltado àquele vestido longo azul na manhã seguinte em vez de ir à cachoeira. Se ela não tivesse relutado, talvez elas tivessem trabalhado o dia inteiro, Lou ajudando Morgan a concretizar alguma ideia.

A imagem que lhe ocorreu foi a de Catherine segurando um estilete, prestes a apunhalar o peito de um manequim. Era então o momento que Lou poderia ter dado uma pausa, poderia ter feito alguma piada perfeita, mas honesta, para Catherine sobre como o vestido a deixava arrepiada, poderia ter dito que gostaria que elas tivessem ido ao baile de formatura com smokings combinando, talvez não juntas, mas como amigas, como duas pessoas que se entendiam, e depois se voltado para Morgan, dito que sim, tudo bem, ela estava dentro, ia desfilar para ela; experimentaria qualquer coisa que Morgan quisesse; tentaria qualquer coisa uma vez. Ela queria ser menos relutante a tudo.

De todas as mulheres que surgiam na rua, essa *scout* era a que mais parecia uma pessoa normal, como uma das professoras ou treinadoras de Lou. Ela tinha entregado a Lou um cartão com o mesmo logotipo que havia na parede atrás da recepcionista em letras maiúsculas enormes: PDX MODELS.

"A Anne está atendendo", disse a recepcionista a Lou. "Mas vou dizer a ela que você está aqui."

Anne era o nome da agente. Lou tinha ligado para o número no cartão e falado com a *scout* por mais tempo ao telefone, e depois que Lou mandou algumas fotos do seu telefone — selfies que ela tinha tirado para esse fim — a *scout* encaminhou Lou para Anne. Talvez pela primeira vez, com seu novo cabelo, Lou sentiu que entendia o que as mulheres enxergavam; quem sabe ela não precisasse fingir ser uma versão de si mesma que não era para ser aquilo que aquelas pessoas queriam.

Como estava chovendo e ela tinha estacionado a muitos quarteirões dali, seu novo cabelo estava agora uma bagunça. Ela vestia um moletom com capuz e uma calça jeans de segunda mão. Ela se deu conta de que talvez devesse ter usado maquiagem ou se vestido melhor, mas estava de acordo com a maioria dos garotos da sala de espera. E eram todos garotos ali.

Lou se sentou ao lado de um que usava um boné floral e folheava um exemplar da *Vogue*. Ele cheirava como sua mãe quando saía à noite, e era tão bonito que ficava difícil acreditar que as pessoas de fato nasciam daquele jeito. Ela se sentia uma gárgula ao lado dele. Uma porta atrás da recepcionista se abriu, e do outro lado ela viu um rapaz no chão, de cuecas boxer, fazendo abdominais. Ele se levantou, mostrando os seis gominhos da barriga trincados, e um homem corpulento com uma câmera DSLR pendurada no pescoço o acompanhou para fora da sala de espera e para o corredor.

Uma jovem saiu da mesma sala e gritou: "Harrison, venha aqui".

O garoto de boné, Harrison, se levantou e a seguiu para dentro da sala, e a porta se fechou atrás deles. Lou estava de olho no relógio. Quatro minutos depois, ele tinha voltado, mas agora não parava de olhar para ela. Mais garotos entravam e circulavam pela sala dos fundos, alguns ficando dez ou quinze minutos, outros sendo guiados para fora em questão de segundos. Lou começou a apostar quais deles completariam os quinze minutos até serem conduzidos só de cuecas até a porta da sala pelo homem com a DSLR, e ela quase sempre acertava. O magrelão, o estranho e o de cabelos compridos se saíram melhor.

Harrison se virou para ela, sorrindo. Ele transmitia calma, tranquilidade. Ela não queria que ele fosse embora.

"Estou te reconhecendo de algum lugar", disse ele.

Lou nunca pensou em seu rosto como reconhecível. Sempre mantinha uma expressão preocupada nas circunstâncias erradas — sempre perguntavam se ela estava bem —, mas, fora isso, lhe servia muito bem. Seus olhos eram um pouco afastados, quem sabe, e sua boca muito cheia. As orelhas eram o que lhe causaram mais problemas, mas agora que estavam à mostra para todos verem, sem ter onde escondê-las, ela não se importava com o fato de se destacarem.

"Ah!", disse Harrison, encostando no joelho dela. "Nos shows. Eu já te vi lá. Você é a namorada da Ivy."

Ela corou e olhou pela janela. "Você conhece a Ivy?"

"Minha banda abriu para a Fortunato algumas vezes no inverno passado. Ela me emprestou a Strat dela para um show."

"Eu não sou namorada dela."

"Ah. Então ela está solteira?"

"O que, você está...?"

Ele riu. "Ah, não é para mim. A minha baixista. Ela sempre teve uma paixonite pela Ivy. Mas a gente achou que vocês duas, sabe — parecia que estavam juntas."

"É, quer dizer, não sei. A gente..." Ela pegou o exemplar da *Vogue* que ele estava lendo e a folheou. *A gente o quê, cara?*, ela ouviu Ivy dizer. Era como se todos pudessem enxergar sua vida, e com mais clareza do que ela mesma, até esse estranho numa sala de espera. "... não está."

"Cinquenta e sete", disse ele.

"Oi?"

"Página cinquenta e sete", disse Harrison, estendendo a mão para enfiar o dedo na capa da revista grossa. Ela foi para a cinquenta e sete, e lá estava Harrison, em um anúncio da Prada. Ele vestia um terno, um sobretudo e botas pretas reluzentes. Seu cabelo afro estava mais comprido e ele parecia bem mais velho do que pessoalmente. Ela passou quatro páginas em tons de cinza com a imagem dele e de uma garota em um vestido angular interagindo no vão de uma porta.

"Uau", disse ela.

"Você é representada aqui?"

"Ainda não."

"Bem", disse ele. "Seja."

A mulher voltou a sair e assentiu com a cabeça para Harrison. Ela segurava uma câmera digital do tamanho de um cartão. “Escada de incêndio”, disse ela.

Os garotos na sala ficaram observando ela abrir uma das janelas gigantes e ela e Harrison saírem por ela. A recepcionista a fechou atrás dos dois para que não entrasse chuva.

Harrison posando na escada de incêndio molhada fez Lour perceber que era a primeira vez que alguém com tanta consciência corporal e dos próprios movimentos fora de um contexto com o qual ela já tivesse familiaridade, como dança, ioga ou corrida. Aquilo era uma nova gramática do corpo. Ele mal mexia as pernas, mas seu tronco se contraía e se virava, os braços emoldurando o rosto, depois soltos nas laterais e depois flexionados no corrimão. Algumas vezes, ele se inclinou muito para trás e ela estremeceu de medo. Imagine só: um modelo caindo de uma escada de incêndio no nono andar, posando até cair no chão.

Outra mulher, mais velha do que a primeira, saiu da sala dos fundos, onde todos os garotos de cueca aparentemente eram julgados bonitos ou não, e apontou para ela. “Lou? Você é minha entrevista das duas horas.”

O escritório de Anne era cinza-giz e o mesmo logotipo da PDX Models estava gravado na altura dos olhos. Anne devia ter a idade do pai de Lou, mas seu cabelo era tingido de rosa metalizado. Ela usava um par de óculos de armação grossa redondos, mas ficou claro só por aquelas maçãs do rosto que a própria Anne já tinha sido modelo.

Ela se sentou atrás da mesa e Lou, na cadeira de couro em frente. Anne perguntou quantos anos ela tinha.

“Dezoito”, disse Lou.

“Você parece mais jovem”, disse Anne. Ela cruzou os braços, apertando os olhos para Lou com o queixo meio erguido, como se o rosto dela fosse uma estante de livros na qual Anne estivesse tentando escolher um título. “Calma. Por favor, não me leve a mal, mas você é uma garota, Lou?”

“Hum.”

Anne deu uma risada suave. Era possível ter uma risada estilosa? Porque essa mulher tinha. “Pelas fotos que você mandou, e pelo seu nome, achei... bem, você tem uma beleza incomum.”

“Desculpa...”

“Ah, por favor, não se desculpe”, disse Anne, se levantando. “O erro foi meu.”

Lou imaginou que aquilo fora tudo. Ah, tudo bem. Tinha durado pouco. Ela se levantou e seguiu Anne para fora da sala.

Mas Anne não a levara à sala de espera para dispensá-la, como ela esperava. Ela sacou uma câmera Polaroid da mesa da recepcionista e saiu pelas portas de vidro da agência, guiando Lou por um corredor branco comprido, tão vazio e longo que, se Lou estivesse seguindo um homem, e não uma mulher desconhecida, teria virado correndo na direção do elevador e dado o fora dali. Mas havia algo confiante e imponente no modo como Anne se movia, como se cada direção que qualquer parte de seu corpo tomasse fosse de todo proposital, como se ela jamais fosse guiar Lou para o caminho errado sem uma intenção bastante clara. Seu caminhar ereto pelo corredor fez Lou sentir como se elas estivessem seguindo pela pista para embarcar em seu próprio avião particular. Como se Anne estivesse de fato levando-a a algum lugar. Lou nunca tinha prestado muita atenção em nada relacionado à moda, mas até ela sabia como uma modelo caminhava na passarela.

Anne abriu uma porta cromada sem identificação e convidou Lou a entrar numa pequena sala com paredes brancas e janelas do chão ao teto. Havia um refletor apoiado no canto, ao lado de uma grande sombrinha refletora, do tipo que Lou usara na aula de fotografia e depois cobiçara.

A única mobília era um banquinho alto. Anne pediu a Lou que tirasse a roupa e ficasse só de roupa de baixo, e Lou não questionou, e logo ela estava lá com as pernas magras apontando da cueca boxer preta e tentando não pensar em seu sutiã branco meio surrado. Se alguma coisa estava contra ela, Anne não comentou. A última vez que Lou tinha estado tão nua na frente de um estranho foi no consultório ginecológico, usando um avental descartável e congelando. Mas ela estava confortável, até se divertindo, sendo observada por Anne.

“Fantástico”, disse Anne, esticando uma fita métrica amarela da palma da mão, como se a tivesse conjurado.

Lou mordeu a parte de dentro da bochecha para não gargalhar.

“Vamos tirar suas medidas e depois ver você contra aquela parede ali”, disse Anne, e logo ficou claro que tudo com Anne era um *vamos*. As ordens que se seguiam incluíam “Lou”, um gesto de amabilidade, mas eram

claramente instruções. Ainda que Lou jamais fosse admitir isso, foi um alívio receber indicações diretas de um adulto, sobretudo tão claras quanto *levante os braços*.

Anne passou a fita métrica em volta do sutiã de Lou e escreveu um número em um bloco de papel que tirara da jaqueta. Suas mãos eram macias e elegantes. Ela continuou até a parte mais fina da cintura de Lou e, por fim, na parte maior de sua bunda e quadris, fazendo anotações enquanto seguia.

"Podemos trabalhar com isso", disse Anne. "Agora, incline-se para trás."

A parede estava em sua pele. Anne tirou meia dúzia de fotos dela com a Polaroid, e Lou tentou fazer o que Harrison tinha feito, se mexendo um pouco de cada vez. Posando. Parecia bobo, mas não de todo antinatural.

Quando incentivada, Lou voltou a vestir as roupas e elas tiraram mais uma rodada de fotos.

"Vamos projetar seu pescoço", disse Anne, "e baixar esse queixo. Mãos mais baixas. Mais baixo. Dobre o joelho. Cronometre as piscadas. Bom."

Lou imitou os movimentos do corpo de Anne, como se estivesse brincando de mímica. Ela se sentia exposta e angulosa demais, só que não tão inibida quanto esperava estar do lado oposto da câmera. Anne não fez nenhuma pergunta pessoal a Lou; ela não parecia se importar com nada, a não ser com seu puro valor estético. Enquanto isso, Lou gostava de imaginar como Anne estava compondo as cenas. Era tão bom estar junto de uma câmera de novo.

Elas voltaram para a sala de Anne, e ela alinhou as Polaroids em uma fila comprida na mesa diante de Lou. Anne escreveu o nome de Lou na base de algumas delas com um marcador permanente azul, depois 86 cm — 60 cm — 88 cm.

Lou pegou uma das Polaroids e se examinou. A garota da foto era confiante, descolada e sim, esquisita, mas o tipo de esquisita que fazia você parar na rua, não o tipo que te fazia atravessar.

Anne perguntou se ela poderia voltar na próxima semana para uma sessão de teste.

"Sem dúvida", disse Lou.

"Você terminou a escola?"

"Terminei."

“Quais são seus planos?”
Lou ergueu a Polaroid. “Este aqui?”

PARTE DOIS

1

A manhã da cerimônia de celebração da vida estava quente, mas o céu estava fechado e cinzento. A chuva forte foi e voltou a tarde toda, e Lou não parou de sonhar com cenários que forçassem Catherine e sua família a cancelar a festa (porão inundado, problemas elétricos, doença súbita, excesso de melancolia) — não que a chuva já tivesse sido responsável por cancelar qualquer festa no Oregon. Lou tinha recebido pelo correio um convite dos pais de Catherine. Havia nele um link para fazer doações para uma bolsa de estudos do programa de moda da Universidade do Oregon em memória de Morgan, mas nada personalizado. Nada do senhor e da senhora Ellis dizendo *Nossa filha se afogou por sua causa*. Nada de Catherine que dissesse *Mas que porra, Lou?*

Ivy falou que elas poderiam ir juntas, que talvez isso tornasse as coisas menos difíceis, e quando a oferta ainda era hipotética, Lou achou que ia mesmo. Mas quando Ivy foi buscá-la, Tuck estava no banco do carona, pálido e muito magro. O que tornou tudo mais difícil foi que o ciúme de Lou parecia tão mesquinho nesse contexto, mas era implacável. Seu cérebro parecia estático. Seu pânico ganhou corpo.

Lou entrou no banco de trás e deixou a janela aberta até que seu rosto ficasse úmido. Fazia uma semana que ela tinha fechado com a agência, e ainda faltavam seis para Ivy ir para Nova York. Anne queria que ela montasse seu portfólio e composite durante o verão com fotos do ensaio teste. Quando Lou perguntou o que era um composite, Anne lhe mostrou um cartão com o retrato de uma modelo, as medidas e as Polaroids. É como um cartão de visitas, disse Anne, algo para entregar a diretores de casting e fotógrafos quando chegasse a hora. Era difícil imaginar a hora chegando; Lou ainda não tinha contado nada para ninguém sobre a coisa de ser modelo. Até onde todo mundo em sua vida sabia, em setembro ela ia se mudar para os dormitórios da Universidade do Oregon, como tinha planejado. Mas ela não ia fazer isso agora de jeito nenhum. Ela não queria voltar nunca mais para lá.

Só agora Lou percebia que o memorial da irmã de Catherine era o pior lugar que podia imaginar para falar com sua amiga pela primeira vez desde o acidente, mas quando Catherine abriu a porta da frente, a princípio pareceu que não havia nada estranho entre elas.

"Obrigada por vir", disse Catherine, e olhou para Lou mais confusa do que angustiada.

Dava para perceber que ela estava bêbada. Lá estava ela meio inclinada como às vezes ficava em festas, se agarrando em apoios por mais tempo do que o normal. Ela segurava com muita força o batente da porta, os encarando.

Enquanto elas se abraçavam, Lou não deu nenhuma desculpa, de repente parecia possível que elas pudessem pular as últimas semanas de negligência desde que nenhuma das duas se referissem a isso. Catherine usava um suéter masculino preto grandalhão sobre uma camisa com colarinho, com calças vincadas, o cabelo enfiado debaixo do gorro. Ela parecia um menino de oito anos, fechada em si mesma. Uma pessoa já pequena, agora ainda menor, envelhecendo ao contrário, de volta à pré-adolescência.

"Seu cabelo", disse Catherine para Lou, mas foi tudo. Não soava como uma aprovação. Ela os conduziu pela casa, passando por algumas dezenas de pessoas circulando por ali, todas vestidas com roupas formais escuras, apesar do verão úmido. Lou reconheceu algumas, eram ex-alunas da escola, mas não conhecia ninguém de nome. Algumas cumprimentaram Tuck, mas ele continuou ao lado delas, seguindo Catherine até o deque dos fundos, que se estendia até a floresta. A mobília da área externa tinha capas de linho sobre as almofadas, e a casa atrás deles era uma caixa branca modernista. Suas janelas enormes refletiam todos os corpos vestidos com roupas escuras.

Havia menos gente do lado de fora, onde se encontravam vasilhas de prata cheias de bebidas, tira-gostos e uma mesa com o bolo de confete mais desolador do universo, com uma fatia fina já cortada. Lou tinha se esquecido de como o deque era alto, quase nove metros até o patamar seguinte do quintal, cheio de rochas e samambaias, e ela ficou nervosa na beirada dele. Ela recuou da grade de madeira, que batia em sua cintura, a distância de pelo menos um corpo inteiro. Não parecia ser seguro para crianças. Ou seguro para a versão bêbada de Catherine.

Em uma grande tela de projetor nos fundos do deque passavam fotos de Morgan, a maioria com Catherine ao lado. Morgan fazendo uma bandeja no basquete; Morgan tocando flauta num concerto. Morgan e Catherine em Haystack Rock usando biquínis de zebrinha combinando; na cama elástica; em uma festa de aniversário; na manhã de Natal; em meia dúzia de bailes da escola junto com garotos com flores na lapela, inclusive Tuck, nenhum dos quais ela chegaria a se casar. Morgan com seus projetos de moda; Morgan de bicicleta na ponte do Brooklyn, tão feliz.

Lou se sentiu nauseada vendo Tuck assistir às imagens. Ele as encarava como se não soubesse o que estava olhando. Quando apareceu uma foto dele e de Morgan no que era evidentemente o dia em que os dois calouros se mudaram para a Universidade do Oregon, Ivy passou o braço ao redor dele e seu corpo afrouxou. Ele não estava chorando, parecia além disso, como se tivesse acabado de parar. Ela não sabia como qualquer um deles chegaria ao fim da próxima hora. Ela queria conseguir dizer alguma coisa a Tuck e a Catherine, que estava recostada meio trôpega em uma poltrona de linho impecável. Algo que pudesse fazer qualquer tipo de diferença em sua dor. Mas ela não sabia o quê.

Um vídeo de uma luta com arminhas de água nesse mesmo deque foi reproduzida sem som, enquanto Janelle Monáe explodia nos alto-falantes. Catherine criança jogava água no rosto de Morgan criança e abria a boca como desculpas. Lou se sentou no braço da cadeira de Catherine e se inclinou. "'Screwed'?"

"Eu montei a playlist", disse Catherine, dando meia risada. "Minha única tarefa. Meus pais não pararam de tentar me convencer a usar as versões sem palavrões." Ela se virou para encostar a bochecha no braço de Lou. "Você percebeu que eles organizaram tudo com tema de 4 de Julho?"

Só tinham se passado alguns dias desde o dia 4, então Lou não tinha notado nada incomum, mas o bolo era vermelho, branco e azul.

"É mais lá dentro", disse Catherine. "Me dá vontade de vomitar. Era o feriado favorito dela, é a lógica deles. Tipo foda-se, quem sabe não comemorar sem ela, então?"

Catherine se levantou, cambaleou um pouco e apontou para sua garrafa de água vazia. Ela apertou os olhos para Tuck e Ivy como se os estivesse vendo pela primeira vez, os olhos vermelhos e inchados. "Nossa, vocês dois não são fofos?" Ela foi divagando em direção à casa e Lou se

levantou para ir atrás dela, mas Ivy agarrou sua mão e ela ficou. Não precisou de muito.

"Ela saiu de si", Tuck murmurou para elas.

"Como você sabe?", disse Lou.

"Meu pai costumava ficar assim no tempo em que bebia. O olhar deles atravessa você."

Lou não sabia como reagir. Havia um microfone ao lado do projetor, e o pai de Catherine saiu e começou a mexer na caixa de som. Não estava dando certo, então Ivy foi até onde ele estava e começou a ajudar com os cabos. Ela acertou tudo em questão de segundos. O pai de Catherine testou o microfone, e as pessoas saíram da casa para o deque, se reunindo num semicírculo.

"Queremos que todos vocês compartilhem lembranças da Morgan", disse Ellis ao microfone. "A Catherine vai começar para a gente."

Ele foi para a beirada do grupo e fez um gesto para a filha. O sol estava se pondo. "Querida?", chamou ele.

"Não, não vou", disse Catherine, alto o bastante para que todo mundo ouvisse, como se ela e o pai de repente estivessem no palco para uma peça.

"Catherine." Seu tom endureceu. "*Por favor*."

Catherine vacilou com a ordem, enfiando uma mecha solta do cabelo descolorido no gorro, mas a dureza repentina pareceu recuperá-la. Ela parecia inesperadamente lúcida caminhando até o pedestal do microfone, os ombros para trás, um espectro da postura da irmã.

"Minha irmã", disse ela ao microfone, a voz reverberando no deque e nas colinas. "Morgan..."

Ivy encostou os dedos no pulso de Lou, num movimento mínimo.

"Minha irmã", Catherine começou, "praticamente me odiava, porra."

Catherine tirou o microfone do pedestal, pulou no corrimão de madeira e enganchou os pés na balaustrada. Ela se inclinou para trás. Lou estava com medo de que Catherine caísse para trás do deque na paisagem cercada de rochas abaixo. Ninguém se moveu na direção dela.

Lou era a mais próxima. "Catherine", disse ela. "Vamos embora daqui."

Catherine se inclinou um pouco mais. Seu gorro caiu, despencando como um pássaro abatido no quintal. "Por quê?"

"Pare!" Lou deu um passo. "Só venha."

"Você quer saber o que a Morgan realmente achava de mim? Talvez todo mundo queira ouvir isso. Agora que todos vocês estão ouvindo. A Morgan achava que *eu* era egoísta. Mas eu não fiz merda nenhuma. E no fim das contas *ela* é que era. *Ela*."

Lou engoliu em seco. "Você não é egoísta."

"Bem, eu posso ser", disse Catherine, baixando o microfone. "Talvez eu seja."

A postura de Catherine afundou, e Lou estava com medo demais de se aproximar dela, então continuou falando baixo, com cuidado. "Vamos para dentro", disse ela.

"E o que você está fazendo aqui, Lou?" Catherine voltou a levar o microfone à boca, como se fosse fazer um solo. "Só porque a gente ficou, você nunca mais vai falar comigo? Minha irmã literalmente se afogou na sua frente, e você não podia ter perguntado como eu estava?"

A multidão ficou perfeitamente imóvel. Antes que Lou pudesse responder, Catherine escorregou e saiu do corrimão em um desajeitado desmoronamento de pernas cruzadas no piso, e seus pais correram até ela.

A multidão olhava enquanto Lou corria de volta pela casa e saía pela porta da frente, com o coração acelerado, como se todos fossem segui-la em bando. Mas ninguém a seguiu. Nem Ivy. Ela ficou sozinha no silêncio tão rápido que quase pareceu que a festa não tinha acontecido, como se ela estivesse se arrumando para entrar ali pela primeira vez.

Lou começou a caminhar junto do acostamento do Skyline Boulevard. Os velhos ricos que iam ali para acelerar seus conversíveis como se estivessem em um comercial de carros estavam todos lá, mesmo na chuva, correndo e passando por ela, zunindo, fazendo os pelos de seu pescoço arrepiarem, seu rosto molhado, quente e sujo. Ela não conseguia pensar, não conseguia fazer nada, a não ser ver Catherine inclinada para trás no deque, e havia algo que a puxava na direção de cada carro e cada homem ao volante que a fazia entender Catherine e o que ela precisava naquele momento, sentir como se ela controlasse a própria morte, para frustrá-la. Lou não se afastou do acostamento para o meio da rua, mas poderia ter feito isso se os abetos do Aldenlight Park não tivesse aparecido tão rápido, seus corpos gigantes balançando no escuro.

Ela afundou na grama molhada debaixo das árvores e encarou a colina escura, desejando que a forma conhecida e curvada de Ivy aparecesse

sobre ela, com qualquer acusação que Lou merecesse. Mas desejar não funcionou. Sozinha ali, Lou se sentia tão enraizada quanto as árvores, como se sempre tivesse estado ali e sempre fosse estar, até que alguma força pesada a derrubasse.

2

No dia seguinte, sua agente apareceu. Uma agência de modelos de Nova York, a Superb, queria representá-la. De acordo com Anne, era uma das melhores do ramo. A PDX Models continuaria sendo sua agência principal, mas a Superb a representaria internacionalmente.

"Internacionalmente como?", Lou perguntou a Anne ao telefone.

"Para os desfiles", disse Anne. "Para qualquer coisa de alta moda. Para trabalhos comerciais. Os melhores trabalhos estão em Nova York ou no exterior."

"E se eu ficasse aqui? Tem trabalho em Portland?"

"Você quer ficar aqui?", perguntou Ana.

Não.

Quando Lou foi assinar a papelada, a sala de espera estava cheia de novas garotas. Uma chamada aberta de casting. Algumas pareciam nervosas, mas outras olhavam como se Lou tivesse alguma coisa que elas queriam e que roubariam se pudessem. Estava um dia perfeito do lado de fora. A maioria das meninas usava vestidos frescos e coloridos, bonitos e leves, e todas usavam salto alto. Lou estava com os seus Vans menos gastos, que ainda assim estavam no alto da escala de desgaste. A recepcionista estava ao telefone, mas ela articulou inaudivelmente, *Ei, Lou*, e fez um gesto indicando que fosse ao escritório da sua agente. Algumas garotas observaram Lou atravessar a sala de espera como se estivessem se preparando para passar uma rasteira nela, mas uma delas, parada no canto, de calça jeans de cintura alta e delineador grosso, piscou para ela, e Lou corou, fechando com firmeza a porta do corredor atrás de si.

Anne estava sentada à mesa, com as persianas fechadas para conter a luz da janela. Ela usava uma blusa preta sem mangas, fechada até o colarinho com botões de pérola. Harrison estava sentado diante dela, com a cabeça recém-raspada, passando a mão na base do pescoço.

"Provavelmente até agosto", Harrison estava dizendo, a voz baixa. "Foi o que eles disseram. Mas ela já deu a volta por cima antes e, honestamente,

no ano passado, se você tivesse me dito que teríamos todo esse tempo, eu não teria...”

Lou bateu à porta aberta e eles se assustaram.

“O Harrison vai se juntar a nós hoje”, disse Anne. “Pensei de a gente sair para as fotos. Um arzinho faria bem para nós, certo?”

Os três foram caminhando juntos até a orla. O dia estava quente, o ar cheirava a algas e flores. Anne tirou fotos de Lou primeiro. Lou posou com suas próprias roupas, uma camiseta preta e shorts que antigamente tinham sido calças, com a Burnside Bridge atrás dela. Ela sentia que Harrison a observava e se perguntou por um momento se ele estaria criticando sua técnica. Suas fotos de teste tinham sido sozinhas na sala vazia da agência, Anne lhe indicando onde colocar os braços e como encarar a lente sem nunca esquecer que ela estava lá. Isso agora era tão público. Era desconfortável e estimulante estar ao ar livre, onde todos podiam ver como ela estava mudando, o que ela estava decidindo fazer. Ela não queria se esbarrar com ninguém que conhecesse e ao mesmo tempo queria se esbarrar com todo mundo que conhecia.

Quando chegou a vez de Harrison, Lou se sentou em um banco pichado para observá-lo. Harrison diante da câmera era agora tão encantador quanto na escada de incêndio no primeiro dia. Ele se sentou de pernas cruzadas na grama. Se levantou. Se curvou. Colocou uma mão atrás da cabeça. Cada vez que ela piscava, o corpo dele mudava para outra posição que lhe favorecia. Era como observar alguém em uma luz estroboscópica.

“Muito bom”, disse Anne, guardando a câmera na sua bolsa lateral. “Agora o Harrison vai te ensinar a andar.”

“Eu sei andar.”

Anne balançou a cabeça. “Não.” Ela não estava sorrindo. “Você não sabe.” Ela pôs a mão no braço de Harrison. “Você desfilou para Tom Ford no outono passado. Para quem mais?”

Ele listou uma dúzia de nomes de que Lou nunca tinha ouvido falar, mas ela sabia que eram impressionantes pelo jeito venerador como ele os dizia. Ela arregalou os olhos e assentiu com a cabeça com entusiasmo,

como passara agora a fazer sempre que alguém lhe mostrava uma página da *Vogue* que deveria representar algo que ela deveria admirar. Ela estava começando a compreender as fotografias, as composições, a *arte* das roupas e o design dos editoriais, mas não entendia de moda em nenhum nível, imagine falar disso fluentemente.

Satisfeita, Anne disse que veria Lou na agência mais tarde, quando eles terminassem, que tinha mais algumas novidades que desejava discutir com ela. Depois se virou para Harrison. "Fique até ela parar de andar como uma bibliotecária."

Harrison se sentou no banco e desamarrou as botas. Então sacou dois pares de saltos da mochila. Entregou um par a Lou e enfiou o outro nos pés descalços.

"Você vai ver a Fortunato naquele show do fim de semana que vem?", perguntou ele. "Minha banda também vai tocar."

"Ah", disse Lou, sentindo um vazio no estômago. "Eu não estava sabendo."

Mesmo antes do memorial, Ivy já não mandava tantas mensagens a chamando para sair. Lou andava ocupada com o que fazia agora. Ivy andava ocupada com Tuck, que tinha voltado a morar com os pais em Portland. Ivy disse que ele estava num luto profundo por Morgan.

Harrison pareceu surpreso. "Aconteceu alguma coisa com vocês?"

"Posso te perguntar uma coisa?"

"Sei dar zero conselho sobre garotas."

"Não é isso", disse ela. "A Anne acha que eu sou uma nerdona?"

"Ah, com certeza. Mas de um jeito de quem acredita que vai melhorar."

Pelas conversas na sala de espera e pela quantidade de editoriais dele nas paredes da agência, Lou sabia que Harrison já era modelo havia alguns anos, falando sobre trabalhar em capitais estrangeiras de modo casual e generoso, como se isso também estivesse no futuro dela. Sempre que Harrison falava de suas experiências na semana de moda de Nova York, parecia alguém falando sobre drogas enquanto estava sob o efeito de drogas.

“Por que você não mora mais em Nova York?”, perguntou ela. Por que ele voltaria para Portland se era tão bom em Nova York? E se ela fosse para lá e odiasse? E se ela desistisse da sua vida por nada? Pelo sonho de outra pessoa? Alguém que nem sequer estava viva para vê-la fazer isso.

Harrison só respondeu quando deu as costas para ela, andando com os braços balançando na direção contrária à de seus passos suaves. Ele usava calça skinny e jaqueta bomber, apesar do calor, e seus saltos finos pretos de dez centímetros batiam no concreto.

“Minha mãe está doente”, disse ele calmamente. “Então eu vim para casa.”

Ela se desculpou, mas ele já estava longe e não podia ouvir.

Harrison caminhou uns dez metros pela esplanada como se ela fosse uma passarela invisível, depois parou e enfiou a mão no bolso. Dando a volta, ele tirou a jaqueta e a segurou por sobre o ombro, casualmente, elegantemente, como se estivesse sozinho dando um passeio em alguma cidade europeia de outra época. Não havia peso para ele, só convicção elegante. Quando ele voltou, duas mulheres observavam descaradamente do banco à direita de Lou, cheias de sacolas de compras aos pés.

Ele respirou fundo. “O negócio é andar como se você soubesse para onde está indo. Como se você já tivesse ido lá. O que é meio que o contrário do jeito como você anda, sem querer ofender.”

Ele declarou que era a vez dela, mas Lou enrolou, arrumando a tira do calcanhar esquerdo, uma, duas, três vezes, esperando que as mulheres com olhar de cobiça fossem embora.

“E então?”, disse Harrison. “Vamos ver.”

Além das duas mulheres, o público deles tinha aumentado. Havia agora um cara com um carrinho de compras cheio de tapetes e vários animais usando coleiras (gatos? furões? fuinhas?), uns caras da idade deles segurando longboards e uns quarentões com sacos de lanches pardos. Um deles estava filmando. Lou ouviu comentários, mas não bem o bastante para saber se eles estavam zombando dela e de Harrison ou só curiosos sobre o espetáculo. Ela se aproximou de Harrison, cambaleando nos saltos. “Não podemos ir... Não sei... Para outro lugar? Algum lugar que não seja este aqui?”

“Por que você liga para o que eles pensam de você?”, gritou ele de repente, tão alto que uma família que passava em bicicletas idênticas

alugadas guinou coletivamente. “Todo lugar é como este aqui. A maior parte deles é pior. Lou, *desfile*.”

Desfilar. Sim. O.k. Lou partiu pela orla, tentando manter os ombros para trás, as pernas no ritmo, uma jaqueta imaginária jogada por sobre o ombro esquerdo. Ela parou onde ele tinha parado, imaginando uma multidão a encarando do final da passarela, examinando suas roupas, sua postura, sua imagem. Ela nunca tinha sido observada daquele jeito. Tentou fingir que era Ivy, ou pelo menos que estava do lado dela. Tentou fingir que um palco era o seu lugar.

“Aí”, gritou Harrison, batendo palmas como se ela estivesse prestes a perder a frente em uma corrida. Então este era Harrison, animado. “Só pra se divertir, tente voltar em linha reta.”

Quando ela estava de volta, depois de seguir com muito cuidado a beirada do concreto, a cara feia obrigatória no lugar — não que precisasse de muito para isso, com todo o escárnio público — Harrison estava curvado, gargalhando.

“Desculpe, senhorita”, disse ele, de volta ao seu tom calmo, “pode me dizer onde ficam os livros de referência?”

“Você planejou isso? E, a propósito, qual é o seu problema com bibliotecárias? Tem um montão de bibliotecárias graciosas. Eu ficaria honrada em ser considerada parecida com elas. Eu *amo* bibliotecas.”

Isso só o fez rir mais. Depois de alguns segundos, ele conseguiu se recompor, e girou o dedo indicador para ela. “Mais uma vez.”

Lou mostrou o dedo e voltou para o caminho junto da grade que a separava do rio Willamette, profundo e brilhante. Desta vez, com alguma rebeldia no passo, foi melhor.

Novamente na agência, Anne estava meio escondida atrás de seu Mac. “Sucesso nas aulas?”, perguntou ela, irônica.

A demora entre a pergunta e o contato visual foi o que deixou claro que apontar Harrison como seu instrutor de desfile era mais uma questão de dar a ele uma tarefa, uma distração, certa autoridade, controle sobre alguma coisa. Uma linha reta por onde andar. O que fez Lou estimar Anne.

Lou se sentou na cadeira diante dela. O couro estava fresco, e ela se recostou, olhando para os modelos na parede, suas poses alongadas e esculturais. Quando conversava com outros modelos, Lou começou a dizer *tomar corpo* do mesmo jeito que Ivy costumava falar de sua música, otimista de que sua vida e carreira cresceriam para se transformar em alguma coisa bonita e forte, como uma catedral em seus primeiros estágios de construção.

"Harrison me deu um C-", ela disse a Anne, que riu.

"Que bom que vocês dois se deram bem. Você vai ter um rosto amigo em Nova York."

Lou pensou no que ele tinha dito sobre a mãe. "O Harrison vai voltar?"

"No fim do verão", disse Anne. "Pelo menos agora é o que parece." Ela se inclinou para a frente, empurrando os óculos tangerina bem alto na cabeça. "O que nos leva ao que eu queria conversar com você hoje: a Superb vai fazer uma sessão de fotos para alguns dos seus modelos daqui a umas semanas em Nova York. Eles querem dar destaque a alguns rostos novos antes da Fashion Week."

A princípio, Lou achou que Anne estava apenas a informando, como se fosse um comunicado de notícias de moda que ela ainda não tivesse ouvido, mas depois ela percebeu que Anne queria dizer que eles queriam dar destaque *a ela*, e foi a primeira vez que tudo aquilo pareceu real, não apenas ela ensaiando uma peça que nunca seria apresentada para a plateia.

"Eles querem você trabalhando lá fora", disse Anne. "O mais rápido possível, na verdade, então esta seria uma grande oportunidade para você conhecer algumas pessoas, ter uma ideia de como seria de fato, caso queira fazer isso. O que acha?"

Lou, ela ouviu Harrison dizer, *desfile*.

3

Na única vez que Lou foi a Nova York, ela tinha quinze anos; foi no verão depois de ter conhecido Ivy, e Lou recém começara a ir aos seus shows solo, que aconteciam sobretudo em lojas de discos e salas de estar de universitários, quando elas eram sempre as pessoas mais novas em qualquer lugar. Sua mãe tinha sido convidada para uma conferência de jornalismo, e Lou tirou alguns dias de folga do trabalho de paisagismo para ir com ela.

Ela e a mãe tinham planejado a viagem a Nova York juntas, ainda que fossem ter apenas um dia em que a mãe de Lou não estaria ocupada na conferência: uma tarde no Met (sim, pela arte, mas também porque a mãe tinha lido em voz alta para Lou seu livro favorito quando criança, *From the Mixed-Up Files of Mrs. Basil E. Frankweiler*, pelo menos uma dúzia de vezes na hora de dormir — "Eu te acho brilhante, Claude. Nova York é um lugar ótimo para se esconder. Ninguém repara em ninguém...") e uma peregrinação ao edifício Dakota para ver o lugar onde John Lennon fora baleado, porque aquele foi o ano que Lou passou ouvindo inúmeros álbuns dos Beatles em seus fones de ouvido enormes, e sua mãe brincava dizendo que sempre parecia que ela estava em um estúdio de gravação e que a filha não tinha como ficar melancólica pensando na infância enquanto ainda a vivia. O Beatle favorito de sua mãe era John e o de Lou era George, e sua mãe dizia sempre que isso explicava as diferenças das duas.

O Met era infinito e deliciosamente climatizado, e os outros observadores de arte ao redor eram tão distintos quanto pinceladas vistas de perto, mas elas acabaram pulando o Dakota porque parecia triste demais e a mãe queria ir a um happy hour com alguns outros jornalistas. Lou fez seu próprio happy hour se debruçando sobre os pesados livros de fotografia na biblioteca pessoal do repórter em cujo apartamento estavam hospedadas. Na manhã seguinte, elas acordaram para o voo da volta naquilo que sua mãe caracterizou de um horário do diabo, mas a luz naquela manhã estava meio divina de qualquer maneira, então elas arrumaram as malas rápido e se sentaram juntas na grama em um pequeno

parque a alguns quarteirões do apartamento. Elas tinham uns vinte minutos até terem de pegar um táxi para o JFK quando a garota se aproximou, perguntando se podia tirar uma foto delas.

A garota usava calças jeans largas e tênis de cano alto; tinha cabelos compridos e repicados e sobrancelhas escuras. Ela parecia espontânea se aproximando delas, perguntando a estranhas se podia tirar uma foto delas. Estava *numa tarefa*, disse, uma construção que deixou a mãe de Lou animada, mesmo que ela pudesse ter dito que *tinha* uma tarefa.

Lou ficou aflita com o que despertara dentro dela, ao observar a garota. Era a primeira vez que ela se sentia realmente, genuinamente, subindo pelas paredes de tão *atraída*. Não só ela queria ser aquela garota, ela também a *queria*, como um sinal de alarme disparando dentro dela, um alarme de incêndio, daquele tipo que jorra tinta em quem fosse ousado o bastante para acioná-lo no corredor.* Lou não foi ousada o bastante nem sequer para olhar para essa garota inteira, imagine para tocar o alarme. Mas, de alguma forma, a tinta se derramou nela mesmo assim.

A garota era mais velha que Lou, mas não mais velha para estar na faculdade. A mãe de Lou disse à garota, sim, *é claro* que ela podia. *Que alegria seria você tirar uma foto nossa. Esta é a minha filha, dá para perceber?* A garota disse que sim, dava para perceber com certeza, e Lou ficou ainda mais mortificada. *Mas você tem que prometer mandar uma cópia para a gente, um dia.*

A garota prometeu.

Atrás delas, cachorros corriam, livres das coleiras e do compromisso de ir ao trabalho. A garota olhou para elas pelas lentes e conversou sem parar, sobretudo com Lou, por alguns minutos enquanto ajustava o tripé e as configurações da câmera. Lou se deu conta de como era mais fácil conversar com a lente entre elas. Na época, lhe pareceu uma solução real para alguma coisa — escudo de desejo, escudo de olhar, simplesmente um escudo direto; não que a coisa fosse tão direta para Lou mais tarde, sobretudo do outro lado da câmera.

A garota tinha pedido o e-mail para mandar a foto, que só apareceu na caixa de entrada de sua mãe quase seis meses depois. Mas a garota por fim cumprira a promessa. A mãe de Lou mandou imprimir e emoldurar, depois pendurou na parede do escritório.

Naquele dia em Nova York, sua mãe observou Lou olhando para a garota, e não a julgou, mas entendeu, o que parecia pior.

"Ela é encantadora", disse sua mãe depois que a garota foi embora.

Lou assentiu, incapaz de dizer qualquer outra coisa, as bochechas queimando, algo em seu corpo virando de lado para encará-la diretamente.

"Sabe", sua mãe disse pensativa, "é assim que eu imagino você um dia. Circulando por alguma cidade, tirando fotos. Descobrindo novos lugares, novas pessoas. Não vai ser legal?"

"Vou ficar para estudar no Oregon", disse Lou. Ela já tinha decidido isso havia muito tempo.

"Bem, não precisa ser para estudar, não é isso que estou dizendo."

Lou assentiu, distraída, observando a garota se aproximar de uma mulher mais velha no canto do parque. Ela recuou de onde a mulher estava, montando o tripé.

"Lou", sua mãe disse. "Você sabe que pode me dizer qualquer coisa, certo?"

Lou não respondeu.

"Tem algum garoto de quem você gosta?"

Tinha, e ela não ligava de lhe perguntarem isso. Os garotos de quem ela gostava tinham cabelo comprido, eram meio esquisitos e geralmente quietos. A timidez facilitava projetar qualquer personalidade que ela quisesse neles. Ela gostava do seu primeiro namorado, um garoto chamado Ralph, que era goleiro do time de futebol e decorava poemas para recitar só para Lou. Ela gostava de beijá-lo enquanto dançava, gostava da palavra *namorado*, de como implicava que ela era uma pessoa que poderia arranjar um namorado, se quisesse.

"Eu gostava do Ralph."

"Eu também gostava do Ralph", disse a mãe. Mas ela não tinha terminado de jogar verde. Era óbvio que não era a resposta que ela estava procurando, que era só uma esbarrada no meio-fio enquanto ela fazia a baliza da pergunta. Ela hesitou, voltou a endireitar as pernas. "Mais alguém? Alguma menina?"

Lou não disse nada. Era como se alguém a tivesse girado com os olhos vendados e a soltado para entrar em uma mata escura e desconhecida. Ela nunca tinha estado mais insegura do que naquele momento. Sem pele. Com medo. Não que ela tivesse medo de gostar de uma garota; seus pais

não ligariam se ela gostasse; seu irmão mais velho era gay e seus pais amavam ele e o namorado dele. É que ela sabia exatamente qual era a garota sobre quem sua mãe estava de fato perguntando, como se sua mãe tivesse puxado para fora alguma coisa que só deveria existir na superfície das entranhas e nos olhos de Lou (nem mesmo em seu cérebro; pois seria admitir alguma coisa que ela ainda não conseguia conceber) e a passado sobre a mesa para Lou.

Ela queria dizer Ivy.

Mas a garota com a câmera salvou as duas naquele momento. Salvou-as da pergunta que ela mesma havia causado. Salvou Lou de admitir que sua mãe sabia exatamente o que ela queria. Ela deu a volta novamente até elas, perguntando se poderia tirar apenas mais uma. "Vocês estão tão perfeitas aí. Desse jeitinho."

Era essa a fotografia que estava na parede.

Os pais dela não estavam felizes com a ideia de Nova York, com o futuro que a cidade parecia implicar — ou seja, sem faculdade, sobretudo sem a faculdade que é perto deles. Desde que Morgan se afogara, parecia que seus pais eram investigadores e ela não era estruturalmente sensata. Eles não paravam de sugerir que ela conversasse com alguém, sem dizer quem. Lou os sentou à mesa da cozinha, como quando gritou com eles certa vez por parecerem infelizes juntos, quando achou que a mãe poderia estar traindo o pai e eles negaram — a infelicidade e a traição. Desta vez, ela estava calma. Explicou que queria experimentar, pelo menos ver como era. Eles pareceram confusos e críticos, mas não disseram que iam impedi-la.

A agência em Nova York reservou as passagens aéreas, acertou para que ela ficasse em um apartamento enquanto estivesse lá. Ela não sabia se teria que reembolsar, mas sua agente não mencionou e ela não perguntou.

Quando Lou atravessou o portão de desembarque do JFK, uma mulher da sua nova agência estava esperando com um cartaz escrito à mão que dizia LOU, SUPERB. Lou se aproximou acenando hesitante, mas a mulher mal lhe deu bola, de tão focados estavam o polegar e o olhar em seu telefone. A mulher usava óculos escuros da Gucci e um terninho preto fino, o cabelo preso em um coque escuro no alto da cabeça. Ela mexia um cigarro

apagado com os dedos da mão esquerda enquanto guiava Lou pelo aeroporto e para dentro do carro num piscar de olhos, ainda mandando mensagens, ou e-mails, ou algo assim, com a mão direita. Ela não perguntou como tinha sido o voo de Lou. Ela não lhe perguntou nada. A mulher ainda não tinha se apresentado quando estacionou o carro, e parecia tarde para perguntar quem ela era, pois Lou a seguiu até um apartamento térreo. Havia fotos de galgos nas paredes, um sofá de couro marrom comprido e uma adega alta e cheia de vinho, um leve brilho no papel de parede estampado.

A mulher remexeu em uma pilha de envelopes pardos na ilha da cozinha e entregou um deles para Lou. "Aqui tem direções para a sessão de fotos e a agência, uma chave e seu itinerário por aqui. Vou estar aqui embaixo se precisar de alguma coisa. Mandamos uma mensagem de texto se aparecer algum teste; esperamos mandar você para alguns depois da sessão de fotos. Yukon vai te encontrar na agência."

Lou não sabia quem ou o que era Yukon. A mulher se sentou no sofá, mais uma vez ocupada com o telefone. Quando voltou a erguer os olhos, pareceu surpresa por Lou ainda estar ali, com o envelope na mão.

"Para onde eu vou?", disse Lou, e a mulher estendeu um dedo elegante para o alto.

Lou experimentou as quatro fechaduras da porta no alto da escada diversas vezes — a chave parecia servir em uma caixa de correio, não em uma porta, mas ela não queria voltar lá embaixo, ou ficar entre aquela mulher e o telefone dela. Por sorte, algumas meninas, que deveriam ter medalhas em andar de salto alto, subiram as escadas e se juntaram a ela no patamar. Todas eram mais altas e mais magras do que Lou. A mais alta bateu à porta e alguém abriu para elas.

"Não ligue para as chaves", disse ela, olhando por sobre o ombro para Lou. Ela parecia animada. "Nenhuma delas funciona. Mas sempre tem alguém aqui."

O apartamento parecia mais uma estação espacial do que uma casa, especialmente se comparado com o andar de baixo, da mulher. Lâmpadas penduradas sem lustres, revistas de moda empilhadas na mesa da cozinha

comprida, nada nas paredes, um sofá estranhamente longe da televisão de tela plana. Cinco portas, cada uma revelando beliches, malas empilhadas e garotas muito altas e magras conversando umas com as outras, falando ao celular, em videochamadas, em inglês, alemão, francês, suaíli, mandarim, em outros idiomas que Lou nunca tinha ouvido. Não havia garotos. As garotas pareceram assustadas logo que viram Lou, como se ela tivesse entrado no vestiário errado.

O último quarto estava vazio, graças a Deus, e Lou largou sua mochila na cama. O beliche de baixo rangeu quando ela se sentou, como se não fosse de fato para aguentar peso, o que, a julgar pela magreza das outras garotas, parecia provável. Ela pegou seu itinerário. A sessão de fotos seria dali a algumas horas, então ela tinha um pouco de tempo. Anne a tinha mandado com seu primeiro par de saltos altos, calça jeans skinny preta e uma blusa que parecia mais uma rede do que uma camisa. Lou estava com um moletom por cima, ainda que o ar estivesse espesso com o calor.

Ela tinha levado sua Nikon, uma decisão de última hora depois de desenterrá-la do fundo do armário. Pela primeira vez desde que Morgan tinha morrido, ela a ligou. Todas as suas fotos antigas ainda estavam nela, e Lou começou a passá-las, dando zoom e tirando o zoom. Ela se demorou em uma da noite no Aldenlight Park, antes de tudo mudar: Ivy, encostada em um abeto. Ivy sorria como se Lou tivesse acabado de dizer alguma coisa hilária (Lou adorava fazê-la rir assim, ainda que nem sempre fosse intencional), e sua mão estava indistinta no meio de um movimento, apontando algo, ou alguém, logo atrás delas.

Lou esperou do lado de fora de um prédio alto de tijolos até, uma por uma, as pessoas começarem a chegar com equipamentos. A luz da cidade estava nublada, o ar úmido. Por fim, havia seis modelos, incluindo ela, e algumas pessoas da agência que tocavam as coisas.

O interior não era um estúdio como Lou esperava, mas o apartamento de alguém, que tinha o aspecto aconchegante, habitado. Havia canecas na pia, um par de chinelos de pele de carneiro junto da porta, uma lareira com um grande vaso de barro de cacto no centro. Parecia que o proprietário

entraria a qualquer segundo e perguntaria o que todo mundo estava fazendo ali.

Ela se sentou com as outras modelos ao redor de uma mesa de jantar, e elas conversaram entre si com todo o inglês que conseguiram juntar. Todas pareciam tão nervosas quanto ela. Lou esperava que todas fossem tão autoconfiantes quanto Harrison, para que fosse mais fácil estar com essas garotas, perguntar há quanto tempo elas eram modelos, de onde eram. Sibéria, Senegal, Tallahassee, Belize, Singapura, País de Gales e Portland, Oregon. Onde ficava? Nos Estados Unidos. Acima da Califórnia. Ah.

Uma por uma, elas foram guiadas para a copa, que havia sido equipada com um banquinho alto e um espelho largo. A mesa continha diversos tamanhos e cores de secadores de cabelo, paletas de maquiagem e grampos de cabelo. Dois homens cercaram Lou, um com uma barba ruiva impecável, o outro com a cabeça raspada e grandes óculos de armação metálica. O da barba impecável poliu as unhas dela, tirando as cutículas com alicates minúsculos. O de óculos de armação metálica começou a manusear o cabelo de Lou como se estivesse fugindo dele. Pegou algumas máquinas e perguntou se ela se importava se ele consertasse aquele negócio que alguém tinha feito com ela, e Lou sorriu, imaginando Ivy atrás dela, as duas rindo de si mesmas no espelho por causa do corte torto, mas seguro.

"Está crescendo meio estranho", disse Lou.

O de óculos de armação metálica ergueu uma sobrancelha, acendeu um cigarro e disse alguma coisa baixo em francês. O da barba impecável pintou as unhas com uma base transparente que parecia sufocar seus dedos, e depois passou um esmalte prateado. Após ele passar a trabalhar em outra garota e o cabeleireiro a liberar, Lou foi ao banheiro fazer xixi e lavou as mãos sem pensar duas vezes.

Quando voltou para a cozinha, o da barba impecável estava debruçado na janela, fumando um cigarro. Ele encarou os dedos dela, o esmalte estragado e lascando, e arquejou. "Mas que porra?"

Ela se desculpou, com o rosto em chamas. Ele teve que refazer tudo e, quando terminou, era a vez dela com a fotógrafa, e de repente o pânico era tamanho que ela mal conseguia ficar de pé.

A fotógrafa chamava todo mundo de *cara*, querida em italiano, de um jeito caloroso, como se conhecesse todas as modelos e suas famílias havia anos. As outras modelos — as pessoas não paravam de chamá-las de *caras novas* — pareciam hesitantes na mesa, conversando entre si, mas todas relaxavam quando estavam diante da câmera. Todas tinham sido fotografadas na sala de estar, mas quando a fotógrafa posicionou Lou junto da lareira e olhou para ela por um tempo — tirando algumas fotos, ajustando as configurações —, ela logo parou. Ela a olhava como se Lou estivesse escondendo alguma coisa, mas Lou não sabia o que lhe dar. Anne sempre dizia a Lou o que fazer. Ela nunca teve que se dirigir antes.

"Já voltamos", disse a fotógrafa para todos na sala. "Venha comigo, *cara*."

A fotógrafa levou Lou sozinha até o telhado. Era lindo lá em cima, o barulho da cidade suavizado pela atual distância da rua e das árvores farfalhando em grandes canteiros de madeira ao redor do lugar, todas podadas no mesmo tamanho e formato. Por fim, Lou sentiu como se estivesse respirando ar de verdade.

Lou supôs que a fotógrafa estivesse na casa dos quarenta. Ela tinha cabelo preto comprido, com mechas grisalhas, e usava sandálias de couro que craquelavam quando ela caminhava. Tinha um leve sotaque, italiano ou espanhol. "Por favor, tire os sapatos, *cara*. Se esse for o problema."

Lou tirou os saltos e se sentiu de fato melhor descalça, mais livre. Ela passou a mão pela nuca recém-raspada, o cabelo curtinho aveludado como no dia em que Ivy o raspara. Ela conseguia ver a ponte do Brooklyn. Imaginou Morgan andando de bicicleta por ela.

A fotógrafa perguntou a ela qual era o problema e Lou queria mesmo descrever para essa mulher exatamente qual *era* o problema, se ela conseguisse designá-lo. Parecia que ela estava perguntando mesmo a Lou o que ela achava que era o problema e não por que ela não estava mexendo o corpo para que a fotógrafa pudesse fazer seu trabalho e ir embora. Lou não estava mexendo o corpo porque se sentia muito sozinha e muito distante das pessoas que amava, e podia ir para um lado ou para o outro, se isso a fizesse se sentir livre ou assustada.

Quando Lou começou a se mexer, provavelmente nenhuma das poses pareceu à fotógrafa alguma coisa além de um corpo fazendo uma coisa normal de corpo diante dela, mas a cada uma Lou as imaginava em outro

lugar, e elas ficaram lá em cima cinco minutos, talvez dez, meia hora ou talvez muitas horas: Lou se entregando, Lou no limite, Lou mostrando o dedo. A fotógrafa se movia ao redor dela como se Lou tivesse um centro de gravidade que só ela enxergava, e cada movimento era sem dúvida menor do que ela percebia, mas quem estava lá para lhe dizer que eles não eram tão grandes quanto ela os sentia?

Quando acabou, quando a fotógrafa baixou a câmera, elas se olharam sem mais nenhuma barreira entre elas.

"Conseguimos", disse a fotógrafa, como se elas tivessem feito alguma coisa juntas. Alguma coisa boa.

* Existe um mito nos Estados Unidos de que os alarmes de incêndio jorram tinta em quem acioná-los ao pressionar o botão. Isso é apenas uma prevenção contra brincadeiras. (N. E.)

4

Lou ficou até todos terminarem e saiu do apartamento junto com a fotógrafa, ajudando-a a carregar alguns refletores e luzes, protelando quando chegaram ao carro dela. Lou perguntou se ela fazia isso havia muito tempo.

"Mais ou menos uns dez anos. Por dinheiro, se é assim que estiver contando, então bem menos. Mas eu não estou." Ela gesticulou com a cabeça para a bolsa de câmera de Lou, que ela ainda usava para levar suas coisas. "Você também fotografa?"

"Antes, mais."

"Você mora aqui na cidade?"

"Ainda não."

Ela disse para Lou que Nova York era o melhor lugar do mundo para fazer arte e lhe entregou seu cartão. *Sienna Vece Fotografia*. Era diferente de receber um cartão de um agente. Como se isso pudesse levar Lou aonde ela realmente queria chegar. "Para algumas de nós", disse Sienna Vece, "dá a impressão de ser o único lugar".

E pela primeira vez, Lou sentiu que poderia ser, para ela. Ela imaginou ir andando até um parque para encontrar Ivy, com sua câmera, um café e uma tarde inteira à frente delas para ir a qualquer lugar, ser quem elas quisessem. Um mar inteiro de tempo, uma década inteira, uma vida inteira.

Lou passou boa parte dos dias seguintes parada para tirar medidas e posando para Polaroids na agência, e teve alguns compromissos, que no fim das contas eram reuniões, nas quais a faziam andar e dar voltas de maiô e salto alto em lugares semipúblicos. Uma vez, no saguão de um hotel, empresários passaram olhando para ela sem disfarçar. Até lá, ela conseguiu manter dentro de si a sensação da sessão de fotos no telhado, aquela pura leva de promessas. Os dias eram tão cheios e sobrecarregados

de coisas novas que ela sempre estava cansada demais para se preocupar com o fato de Ivy não ter respondido à sua mensagem desde o memorial, muito menos se preocupar com as coisas com que ela costumava se preocupar — o vão entre a plataforma do metrô e o trem, se alguém podia cair ali; a solidez dos andaimes suspensos; a probabilidade de os empresários do hall do hotel a seguirem e a encurralarem em um beco. Nova York era distração suficiente para sua cabeça e ela estava realmente só concentrada nas pessoas à sua frente, observando-as cuidadosamente, fascinada por conseguir desacelerar simplesmente deixando as pessoas se moverem rápido ao seu redor.

Yukon acabou sendo o primeiro e único nome da nova pessoa que a agenciaria, também uma das pessoas mais altas que ela já tinha visto na vida que não jogava para os Blazers. Tinha lindos e longos cabelos ruivos e olhos brilhantes. Yukon a levou a uma sala de conferências depois das Polaroids, conversou com ela sobre os planos para os castings da Fashion Week e disse que Lou precisaria ficar em Nova York até o fim do verão se quisesse levar as coisas a sério.

Quando ela concordou em se mudar em algumas semanas, no fim de agosto, passando o dedo no cartão da fotógrafa que estava no bolso, como um talismã, pensou na garota do parque, voltando até Lou e sua mãe para mais uma foto. Enxergar uma coisa, *pessoas*, com tanta clareza que elas também se enxergavam da mesma forma, nem que fosse por uma única tarde.

O show da Fortunato sobre o qual Harrison tinha falado foi na noite em que ela voltou de Nova York. Era em uma casa punk vitoriana de quatro andares no nordeste, com molduras azuis chamativas e uma fileira comprida de bandeiras do orgulho gay. Todos os móveis de segunda mão tinham sido encostados nas paredes, e a Fortunato já estava tocando diante de janelas salientes gigantescas quando ela abriu caminho para a sala de pé-direito alto. A sala com painéis de madeira estava enevoada pela fumaça de cigarro e respiração, lotada de gente. Ela ficou feliz por estar atrasada. Ninguém percebeu quando ela entrou.

No começo, achou que se Ivy a olhasse diretamente, Lou entraria em combustão, implodiria ou se estilhaçaria, então ela olhou a multidão observando Ivy, forçou o corpo contra as pessoas à sua frente, que forçavam o corpo em direção à banda. Mas já na terceira música, Lou não conseguia desgrudar os olhos de Ivy, do formato das mãos no braço da guitarra, dos olhos deslizando incessantemente pela multidão. A franja de Ivy estava desgrenhada e o cabelo, atrás das orelhas. Ela vestia uma camiseta com bolso branca e calça jeans larga. Quando Ivy notou Lou, parou no meio da letra, como se tivesse esquecido a sequência. Tuck continuou tocando, mas Lou conseguia ouvi-lo, mesmo sem microfone, perguntando se Ivy estava bem, se ela queria parar. Ivy balançou a cabeça e retomou o verso exatamente onde tinha parado. Era tão íntimo o jeito como Tuck a olhava, tentando entendê-la, que Lou quis tirar uma foto dele.

Depois disso, a voz de Ivy se ergueu e baixou e transpassou Lou música após música, até ela sentir tristeza e desejo como um soco nas costelas. Ela não conseguia desgrudar os olhos do pescoço de Ivy, daquela boca, daquelas mãos que eram um borrão no meio da multidão. Seu desejo ficando esverdeado como um hematoma que demora a sair.

Depois do show, Lou se espremeu por entre a multidão até uma cozinha com papel de parede descascando, onde se deparou com Harrison, bebendo um latão de cerveja Rainier junto de uma das ilhas, apertando os olhos por causa das luzes fluorescentes. Ele estava com seu boné floral e macacão e conversava com duas garotas de shorts e pernas compridas sentadas nos balcões ao redor da pia, batendo os calcanhares nos armários. Harrison deu um abraço de oi em Lou e a apresentou para as garotas, a banda dele. Enquanto Lou tentava descobrir qual delas era a baixista que tinha uma quedinha por Ivy, um cara saiu da despensa e estendeu a ela uma bebida em um copo descartável vermelho, mas Harrison pegou e despejou a bebida na pia.

"Sai daqui", disse Harrison para o cara, e ele saiu.

"Cuidado", ele disse para Lou. Ele abriu uma cerveja para ela no lugar.

Ela o amava por tudo.

“Quando vocês vão tocar?”, perguntou Lou.

“Somos os próximos”, disse Harrison, olhando para a varanda. Foi quando Lou viu Ivy pela janela, sentada nos degraus, com o queixo encostado nos joelhos. Tuck estava empoleirado no parapeito sobre o ombro dela. A varanda estava iluminada por uma luz rosada, um pôr do sol para dois, inundando apenas os ombros deles. “Na verdade, a gente tem que se preparar.”

Lou assentiu, vendo Tuck pressionar o pé no ombro de Ivy. Ivy olhou para ele, sorrindo.

“Eu sei o que te disse quanto a conselhos sobre garotas”, disse Harrison, empurrando-a em direção à porta dos fundos. “Mas quem sabe você deva ir falar com ela.”

A lâmpada acima de Ivy e Tuck estava embrulhada em papel celofane vermelho e amarrada com uma fita, como um presente de aniversário perigoso. Um canto do papel tinha derretido. Ao se aproximar deles, era como se houvesse uma luz quente dentro de Lou também, alguma coisa que ela tinha engolido, e engolido, e engolido, ardendo dentro dela apesar da garoa de Portland que molha tudo devagar, com suavidade, exasperantemente.

Ivy não se levantou para cumprimentá-la. Ela parecia tão calma que de repente nada fazia sentido. Ela sorriu olhando para Lou e o corrimão lascado como se fossem estranhos que ela queria apresentar, como se ela não tivesse ignorado as mensagens de Lou na última semana. Seu olhar se fixou no corrimão, sem dúvida o melhor companheiro de conversa. Lou nunca tinha visto Ivy bêbada antes, mas agora talvez ela estivesse. Tinha algo distante nos olhos dela que era tão desconhecido e desorientador que Lou ficou ali alguns segundos só segurando a cerveja que Harrison tinha lhe dado, sem falar nada.

“E aí, Lou?”, Tuck disse por fim.

“Ivy, eu quero...” Ela sentiu a cerveja, ou a adrenalina, no jeito que ela conseguiu superar a sensação de sempre de querer recuar. Por que seu jeito natural de estar no mundo era como escalar uma colina de costas? “Preciso falar com você sobre uma coisa.”

De repente, Ivy olhou direto para ela. “Pode falar.”

Tuck não parava de tentar acender um baseado, sem sucesso, com sua caixa de fósforos, e pareceu aliviado quando Harrison apareceu.

“Achei que vocês estivessem tocando?”, Lou lhe disse. Talvez ele tivesse chegado para resgatá-la.

“Nossa baterista perdeu as baquetas”, falou Harrison. Ele olhou para Tuck. “Será que você tem um par extra?”

Ele sem dúvida estava lá para resgatá-la. Ele praticamente brilhou, e Lou podia tê-lo beijado.

“Claro”, disse Tuck. “Tenho umas na van que posso emprestar.” Ivy jogou as chaves para ele e ele desceu os degraus rapidamente.

“Espera, como vocês se conhecem?”, Ivy perguntou a Lou e Harrison.

“A gente tem a mesma agente”, disse Harrison.

“Agente secreta?”

“Agente de modelo.” Ele olhou para Lou. Então seu rosto mudou. “Porra, esqueci totalmente! Como foi Nova York? Seu composite da Superb ficou incrível.”

“Onde você viu?”, perguntou Lou.

“Instagram.”

“Eu estou no Instagram deles?”

“Você é praticamente o feed todo.”

“*Você* virou modelo?”, Ivy disse a Lou. Ela falou isso como se Lou estivesse jogando plástico no mar, ou matando pássaros em extinção, ou saindo dos trilhos.

“O quê?”, disse Lou. Ela corou. Uns seis garotos estavam parados no meio da rua, prendendo o trânsito, gritando uns com os outros, e ela os odiava, o jeito como eles se juntavam com tanta facilidade, ocupando espaço num lugar a que não pertenciam, sem ligar para a altura da voz. Ela não conseguia nem ficar de pé no meio de sua própria vida.

“O que você quer dizer com ‘o quê’?”, disse Ivy. “Você nunca deixou que eu, nem ninguém, tirasse uma foto sua. Você nem fazia autorretrato. Você não gostou quando a gente teve que se desenhar no espelho na aula de arte.”

Harrison riu. “Meus amigos e eu temos uma casa em Bushwick, se você se interessar, Lou. Tem um armário de vassouras extra onde dá para você dormir. Estou sublocando meu quarto agora, mas logo vou voltar pra lá.”

Tuck voltou, erguendo um par de baquetas. Harrison parecia aliviado por pegá-los e voltar para dentro. Tuck percebeu que estava acontecendo alguma coisa e o seguiu. O que significava que ela e Ivy ficaram por fim sozinhas.

"Bushwick?", disse Ivy. As tábuas da varanda estavam apodrecendo e, quando Ivy se encostou no pilar torto, Lou quis puxá-la para que o telhado da varanda não despencasse sobre as duas. Mas ela tentou controlar aquela parte de sua cabeça que estava sempre com medo de que tudo desmoronasse se ela não estivesse atenta. Era um barômetro de ansiedade, uma agulha subindo, subindo, subindo dentro dela. "Bushwick, tipo, no Brooklyn?"

"Talvez eu me mude para lá", disse Lou.

"Talvez, ou você vai?"

"Eu vou." Estava saindo do jeito errado. Ela se sentia encurralada, ainda que quisesse contar a Ivy.

"Mas você vai para a Universidade do Oregon", disse Ivy, como se Lou tivesse mentido para ela, quando Ivy nunca expressara nenhum sentimento de um jeito ou de outro sobre Lou ir estudar lá. De repente, ela estava irritada. Muito irritada.

"Eu mudei de ideia."

"Por causa da Morgan?"

"Não", disse Lou. "Quer dizer, sim, mais ou menos. Não sei. Para ser honesta, por sua causa?"

"Mas eu não vou mais me mudar para Nova York, cara."

O coração de Lou parou. "Mas o que aconteceu com a NYU?"

"O objetivo principal de ir para Nova York era encontrar pessoas que realmente levassem a sério fazer música comigo. E então eu me dei conta, por que desistiria se já tinha isso aqui? Depois de tudo o que aconteceu nesse verão, não quero perder mais tempo. O álbum está quase pronto. Estamos planejando uma turnê. Tuck não vai voltar para a faculdade. E eu quero estar onde
ele estiver."

"Então, o que, você vai ficar por causa dele?" Era como uma piada de mau gosto. Era Lou quem deveria ficar. Ivy sempre quis ir embora.

"Tuck é o meu melhor amigo", Ivy disse devagar. Cada sílaba carregada com: *Não você*. "E, Lou, até agorinha, eu achei que você também ia estar

aqui."

"Bem, eu achei que *você* estaria em Nova York. Esse sempre foi o seu plano. E se você for levar música a sério, por que ainda não seria? É o melhor lugar para fazer isso. O único lugar." Ela ouviu as palavras da fotógrafa saírem direto de sua boca e desejou poder reordená-las e colocá-las numa ordem diferente.

"Se eu for levar a *sério*? Você está de brincadeira comigo? Eu achava que você era a única que entendia de verdade. E agora, o que, você virou uma pessoa totalmente diferente?"

"Do que você está falando?"

"Estou falando sobre o que aconteceu com a esquisitona que me fez assistir imagens de baleias sufocando? O que aconteceu com o desejo de comprar todo aquele equipamento fotográfico slow motion para capturar *musgo* crescendo? E agora você virou *modelo*?"

"Eu estou gostando", disse Lou. E ao dizer isso, ela se deu conta de que era verdade.

"Tá bom", disse Ivy. Aquela distância voltando para seu olhar, como se ela tivesse enfiado um pedaço de vidro entre elas. "Se você está gostando, então vá fazer isso."

E por um segundo inteiro, Lou achou que conseguiria dizer alguma coisa, a coisa de verdade, qualquer que fosse a forma que ela tomasse, com qualquer sombreado que fosse necessário. Sua respiração se projetou em expectativa, como se tivesse tropeçado em um meio-fio muito alto, mas então Tuck voltou a aparecer, oferecendo uma cerveja para Ivy, e naquela fração de segundo sua mente ficou paralisada.

"Vamos ver eles tocando", Ivy disse para Tuck. Eles não estavam se encostando, mas a energia entre eles era de unidade, algo maior do que a de um casal. Duas pessoas que iam ficar e *fazer* algo juntas.

Lou e Ivy não se falaram mais depois disso, mas alguns dias antes de ela embarcar de mudança para Nova York, Lou por fim telefonou para Catherine. Eram onze da noite. Ela tinha feito uma caminhada noturna no Forest Park, perambulando pelas trilhas sombrias onde ela e Catherine costumavam correr juntas debaixo das sempre-vivas, o que ela sabia que

era imprudente. Ela sabia que sempre existia uma chance de ser assassinada se andasse por lá à noite, mas, a essa altura, valia a pena evitar seus pais, que não a deixavam mais em paz depois que mencionara sua decisão de adiar a matrícula na Universidade do Oregon. Eles não entendiam a coisa de modelo. *O que aconteceu com a ecologia?*, seu pobre pai ficava perguntando, como se aquilo ainda fizesse algum sentido. Ele era professor de ciências. Deveria saber que ecologia tinha a ver com formas de evitar que as coisas morressem, ou com entender por que elas morriam, para começo de conversa. Lou não queria ter nada a ver com isso.

Ela tinha levado a câmera para a trilha, mas não tirou nenhuma foto. De repente, ela teve a sensação de que alguém ou alguma coisa estava bem atrás dela, espreitando por entre as samambaias, acelerando junto com ela, mas dava a impressão de que, se ela se virasse para olhar o que ou quem quer que fosse nos olhos, isso incitaria a coisa, pioraria a situação. Era um sentimento que ela tinha na vida emocional o tempo todo. Quando voltou para o carro, imediatamente trancou as portas.

Lou não falava com Catherine desde o memorial, mas de repente ela precisava desesperadamente vê-la. Ela parou na longa entrada da casa dos Ellis. Todas as luzes da casa estavam apagadas. Ela se perguntou se Morgan alguma vez se sentara naquele lugar, com um garoto no carro, ou ficado só observando a família de longe por um momento, como Lou fazia às vezes, antes de entrar.

"O que tá acontecendo?", Catherine parecia sóbria. Desperta.

"Estou na entrada da sua casa."

Catherine estava deitada de costas na cama elástica, encarando as árvores ou as estrelas. A cama elástica era cercada por uma rede, o que fazia Lou se sentir mais segura, mesmo deitada, como se ela não pudesse cair rolando de qualquer borda. Talvez ela devesse ficar cercada por uma rede o tempo todo. Ela colocou a bolsa da câmera na beirada de plástico e rolou para o centro para ficar junto de Catherine, tomando cuidado para não tocá-la, segurando os joelhos de modo a ficar num formato de ovo.

"Sinto muito por não ter vindo aqui antes", disse Lou. "Eu fodi tudo mesmo."

Havia tantas desculpas correndo por ela, rios delas, mas aquela era a que parecia mais clara, a mais forte. Era tão bom pedir desculpas, mesmo que estivesse imperdoavelmente atrasada, como se alguma coisa nela voltasse a se completar de novo.

Quando Catherine perguntou como ela estava, Lou contou. Contou tudo a ela. Sobre ser modelo, e Ivy, e Ivy e Tuck, e Nova York, e como ela amava Catherine, amava mesmo, mas não daquele jeito, e que devia ter simplesmente dito isso na noite em que elas ficaram em vez de ter caído fora.

Mesmo sem olhar para Catherine quando disse isso, foi o mais próximo que Lou se sentiu de qualquer pessoa nos últimos tempos. E que milagre: era possível passar para outra pessoa algo que parecia muito pesado, e ela o pegava; e para essa pessoa era tão leve, comparado com o que quer que estivesse carregando, era praticamente nada. Normalmente, ela ficaria envergonhada, falando tanto sobre si. Mas Lou apenas sentiu como se sua cabeça estivesse tomada por uma leveza, no rescaldo de uma dor de cabeça que ela nem sabia que sentia. Os cedros balançavam seus galhos plumados acima delas.

"O que eu faço?", Lou sabia que não era de fato uma pergunta justa a se fazer para Catherine, mas também parecia que Catherine seria honesta com ela, porque ela sempre foi honesta com ela. E talvez ela quisesse ouvir o que quer que Catherine quisesse lhe dizer. Talvez ela quisesse enxergar Ivy do jeito que Catherine enxergava. Tão séria e na defensiva. Como uma inimiga.

Mas não foi isso que Catherine disse. Ela disse: "Minha irmã teve o mesmo namorado durante quase todo o ensino médio. O Seb. Ele estava um ano na frente dela. Eles ficaram juntos literalmente na primeira semana do primeiro ano, porque ela fazia matemática avançada. Seb conseguiu uma bolsa integral para jogar futebol numa faculdade no Colorado, e ele queria de verdade que Morgan fosse com ele, tipo, todo mundo achava que eles se casariam um dia e Seb ia ser um pai gostoso que fica em casa enquanto Morgan ganharia o sustento ou sei lá. Mas não havia curso de moda na faculdade que ele escolheu. Então ela não foi. Ela, tipo, amava ele de verdade mesmo. Eu acho que Tuck amava minha irmã de verdade, mas ela ainda amava o Seb, e isso sempre foi um problema entre eles. Talvez Tuck tenha seguido em frente com Ivy agora, não sei, não que

isso tenha mais importância. Mas Morgan me disse um dia que, se ela tivesse ido com Seb, teria ficado tão infeliz que não seria uma boa pessoa para estar junto com ele, de qualquer maneira. Morgan tinha certeza absoluta de que voltaria a se apaixonar, depois da faculdade, quando fosse para Nova York. Mas ela não pôde fazer nada disso."

"Você já se apaixonou?"

"Não fique se achando." Catherine riu, ainda que soasse meio constrangida. "Mas não. Acho que não. É algo que a gente saberia, certo?"

"O que você quis dizer no memorial," Lou disse, "sobre Morgan achar que você era egoísta?"

Catherine não respondeu imediatamente, mas quando o fez, sua voz estava pesada e tensa. "Eu saí do armário no oitavo ano. Eu contei para ela, sabe, não apenas que gostava de garotas, mas que talvez eu nem mesmo era uma garota, não sei. E ela me disse para não contar para os meus pais."

"Ah."

"Quer dizer, talvez ela estivesse tentando me proteger. Pensei muito nisso desde então, é óbvio, mas tipo, minha irmã mais velha, que eu idolatrava completamente quando era criança, me diz para não contar uma coisa para os meus pais, então eu não conto. E eles ainda não sabem, não que eu também saiba na real. Eu não me permiti pensar sobre isso de verdade. É esse tanto que isso me bagunçou. Morgan e eu nunca mais conversamos sobre isso. Eu queria conversar, naquele fim de semana. Achei que seria a hora certa. Porque eu sempre disse a mim mesma que ia fazer isso antes de ir para a faculdade. Antes de a gente estar estudando juntas de novo, porque tipo, o quê, ela não ia me ver saindo com garotas, ou sendo do jeito que eu queria ser? Então ia ser naquele fim de semana. Era a minha chance. Eu queria que ela entendesse de verdade. Eu mesma queria entender de verdade também."

Lou se sentiu uma amiga terrível por não saber nada daquilo, que talvez ela e Catherine estivessem tendo experiências parecidas, ou pelo menos categoricamente semelhantes, sem poder falar a respeito. Ela também se sentiu feliz por elas terem se sentido atraídas uma pela outra sem saber exatamente por quê.

Catherine ficou em silêncio por um tempo, depois perguntou se ela ia mesmo para Nova York.

"Na história, eu sou o namorado ou sou a Morgan?", perguntou Lou.

Elas ouviram um grito no escuro, e Catherine e Lou deram um salto. Duas crianças pularam do alto da cerca de madeira e correram na direção delas, rindo. Lou não conseguiu ver que eram meninas até elas estarem bem perto, na beirada da cama elástica. Não havia luzes acesas no quintal ou na casa.

"A gente pode se esconder aqui?", perguntou uma das meninas. Ela era pequena, talvez estivesse no sexto ano.

"Você está se escondendo de algo ruim ou bom?", perguntou Catherine, rindo. "Você deveria estar aqui fora tão tarde?"

"Shhh, Catherine", a garota disse. "É uma brincadeira."

As outras vozes se aproximaram da cerca. Arbustos farfalharam.

Catherine riu alto, e a garota mandou ela ficar quieta de novo. "Não se preocupe, a gente vai distrair elas." Ela levantou Lou e começou a pular. Elas pularam cada vez mais alto, gritando qualquer besteira, gritando apenas para serem ouvidas. As vozes das outras crianças ficaram mais altas, enquanto as meninas se escondiam debaixo do deque.

"Não tem nada para ver aqui!", Catherine começou a gritar e as crianças do outro lado da cerca seguiram correndo.

Lou pulou tão alto que achou que poderia voar por cima da rede. Ela caiu de costas e voltou a ficar de pé, do jeito que ela se lembrava de fazer quando era pequena, a curva do seu corpo como a de uma astronauta.

Catherine continuou pulando, e as meninas subiram também, e Lou se lembrou da sua câmera. Ela o apanhou da beirada da cama elástica, salvou-a antes que batesse na borda dura de molas. Ela a pendurou no pescoço e as observou. O ar cheirava a terra, rosas e pinheiros. Estava muito escuro, mas ela tirou uma foto mesmo assim, todas elas no ar, escondidas à vista de todo mundo.

5

Depois, ela dirigiu para Aldenlight. Eram três da manhã. Ela mandou uma mensagem para Ivy com uma foto escura dos galhos parados no alto, sem esperar que ela respondesse.

Ainda tá aí?, Ivy respondeu a mensagem.

Tô. Vem, por favor.

O estômago de Lou doía e sua cabeça latejava com o nervosismo durante a espera. Lou não conseguia parar de puxar a pele dos calos que tinha nos dedos, de tanto ter raspado e cavado naquele verão. Ela limpou três dedos antes de Ivy se aproximar e se sentar junto dela, deixando um espaço de um metro entre elas.

Algo correu pelo campo na frente delas, um gato ou um coiote, estava escuro demais para dizer. O bicho desapareceu nas amoreiras, sem ligar para os espinhos.

"Por que você não me contou da Catherine?", perguntou Ivy.

"Porque eu gosto de você", disse Lou. Ela só conseguiu dizer isso porque estava encarando a cidade, e não a garota ao seu lado. Ela estava simplesmente falando para o ar da noite. E porque aquela era sua última chance. "Eu gosto de você, e não da Catherine, não desse jeito. A gente ficou, mas não significou nada. Não aconteceu quase nada. Eu só fiquei preocupada com ela, fui lá e não sei, aconteceu. Eu queria que não tivesse acontecido."

"O problema é o seguinte: dizer literalmente *qualquer coisa* sobre a música, ou sinceramente só sobre o que você sente, teria sido melhor do que não dizer nada. Você tem noção de como isso foi uma merda? Ter recebido isso com um silêncio total?"

"Eu não sabia o que você queria que eu dissesse."

"Essa é a questão, Lou. Eu não quero que você tenha que me perguntar ou dizer o que você acha que eu quero ouvir. Só decida o que *você* quer dizer e diga. É fácil."

"Não, é fácil para você."

Ivy balançou a cabeça. "Você nem me contou sobre Nova York."

“Eu contei!”

“Não, Harrison contou. Você não teria falado nada, se ele não tivesse dito.”

“Mas eu quero que você venha comigo. Você cancelou alguma coisa da faculdade? Mesmo que tenha feito isso, desfaça. Não pode ser tão difícil. Diga que foi um erro.”

“Você não está me ouvindo, cara. *Não foi* um erro. A banda é a coisa mais importante para mim. E você deve ir atrás da sua coisa mais importante. Mesmo que seja virar modelo, o que eu não entendo, de verdade, mas você parecia animada com isso, conversando com Harrison. Só porque eu não entendo, não quer dizer que eu queira interferir.”

Ivy falou isso como se Lou estivesse pedindo diretamente a ela que interferisse em seu caminho. O que ela não estava fazendo, porque, no mínimo, Ivy poderia se dar *melhor* com música em Nova York, ela poderia conhecer um monte de gente nova lá, bateristas bem mais experientes que Tuck, músicos que poderiam ensinar muito a ela.

Ou talvez Ivy estivesse certa. Talvez Lou só quisesse ser a coisa mais importante para ela. Queria tudo, ou nada.

“Por favor”, disse Lou.

“Por que você demorou tanto?”, disse Ivy, o pesar em sua voz ecoando, e existiam mil respostas, mas nenhuma delas era clara, satisfatória ou suficiente, e nenhuma delas mudaria o que estava acontecendo. Nenhuma delas faria Ivy escolher Lou. E era justo. Lou sabia que era. Mas, de alguma forma, ela mesmo assim ainda pedia para ser a escolhida.

E foi isso. Lou não se lembrava de Ivy indo embora, mas em algum momento ela deve ter ido, porque Lou estava sentada sozinha quando o sol nasceu. E era um sol impressionante, esplendoroso, bem ali atrás do Mount Hood, amarelo e laranja, iluminando o céu todo, a cidade, queimando, muito brilhante, como se a montanha tivesse por fim entrado em erupção, o que Lou mais temia quando era criança, acontecendo bem quando ela por fim ia embora.

No fim de semana, Lou foi sozinha. Ela fez as malas sozinha, com os pais rondando a porta do quarto, como se esperassem que ela mudasse de ideia a qualquer momento, reconsiderasse, ficasse. Ela não viu Ivy novamente antes de ir embora, não se despediu. Seu avião decolou da

pista, e quando ela olhou pela janela, piscando para segurar o medo de sair do solo, das asas trêmulas, as torres vermelhas piscaram de volta.

PARTE TRÊS

1

As garotas americanas eram novas. Algumas iam aos castings acompanhadas pelas mães, tão diferentes da mãe da própria Lou, que tinha parado de acompanhar Lou até o ponto do ônibus escolar quando ela tinha seis anos, que era difícil identificar o papel delas a princípio, e Lou presumiu que elas tinham sido contratadas pelas agências só para acompanhá-las. As mães liam livros ou iPads em salas de espera, corredores e espaços reservados em armazéns; eram ainda ligadas às filhas, e ficavam ali, entregando a elas barrinhas de cereais, corretivos e saltos altos que tiravam de bolsas enormes. Lou enlouqueceria se sua mãe prestasse tanta atenção às suas necessidades, mas no início ela gostava de conversar com essas mulheres, os únicos adultos na sala que tinham tempo para conversar. As mães diziam a Lou que tinham acabado de sair de voos de Idaho ou de trens de New Jersey ou que estavam ficando no apartamento do amigo de um amigo no Upper East Side durante os castings até a Fashion Week. As filhas delas — as garotas com quem Lou caminhava lado a lado até a mesa dos diretores de casting, que escolhiam as que gostavam, organizando-as em uma fileira para compará-las — pareciam ser os tipos de garotas no meio das quais Lou sempre se sentiu meio excluída na escola, ou que simplesmente a assustavam pra caramba. Mas as mães eram acolhedoras e familiares, tinham o corpo macio e usavam tênis, enquanto todas as outras pessoas tinham ângulos marcados e usavam sapatos finos. Elas lhe perguntavam sobre si. Todos os outros adultos estavam ali para olhar para ela, decidir se ela era ou não o que queriam.

O primeiro casting aconteceu dois dias depois de ela voltar para Nova York. Desta vez, ela pegou o metrô para o apartamento das modelos em Bushwick, em vez de um carro. A mulher-galgo a cumprimentou com um abraço. A chave funcionou.

Ela ia dividir um quarto com outras sete garotas durante os castings e a Fashion Week de Nova York. Depois viriam Milão, Londres, Paris. A partir da primeira semana de setembro até meados de outubro, ela estaria

desfilando, se tivesse sorte. Depois disso, segundo Yukon, ela voltaria para Nova York e faria publicações, editoriais de alta moda, trabalhos comerciais que pagavam as contas. Ela pretendia morar com Harrison e seus colegas no Brooklyn, mas, por enquanto, a estação espacial era dela de novo. A estação espacial que acabou por se mostrar cara demais. Quando Yukon lhe disse quanto a hospedagem estava lhe custando lá, ela pensou que tinha acrescentado dois zeros a mais por engano.

O beliche de baixo era de Mari, de quem ela se lembrava da sessão de fotos das caras novas da Superb. Ela tinha tranças que iam quase até a cintura e um sorriso fácil, como se sempre estivesse prestes a contar uma piada que ela sabia que os outros iam gostar. O pai de Mari era nigeriano e a mãe dela, do País de Gales, mas Mari tinha um sotaque que soava californiano. Ela era tão magra que fazia Lou pensar em um girassol gigante, do tipo que mal conseguia manter a cabeça erguida no jardim de seu pai, mas estava sempre beliscando algum lanchinho que Lou tinha ouvido que as modelos não podiam comer. Em um manual em PDF que Yukon tinha lhe enviado quando ela assinou com a Superb, havia uma página inteira dedicada a comidas boas (amêndoas, vegetais) e comidas ruins (queijo, carboidratos e frutas, tudo de que Lou gostava).

Às seis e meia da manhã, antes de seu primeiro casting, Lou estava totalmente desperta na sala, reclinada num sofá, já nervosa e tentando ler um romance que Ivy tinha lhe dado fazia muito tempo, quando Mari entrou pela porta da frente segurando uma bandeja de papelão com copos de café enquanto comia um bagel com salmão defumado. Ela usava um macacão jeans amarrado na cintura e tênis bem brancos. Suas tranças estavam presas em um coque no alto da cabeça.

Mari tirou o tênis com os pés e desamarrou o macacão da cintura, depois entregou um dos copos a Lou. Antes que ela pudesse dizer qualquer coisa, Mari pegou um recipiente da geladeira, retirou a tampa e colocou creme no café de Lou, como se elas fossem velhas amigas que soubessem como gostavam de tomar suas bebidas. Ela levou Lou até a sacada para poderem conversar sem acordar ninguém.

"Estou de pé desde as quatro", disse Mari, fechando a porta de vidro atrás delas. "Eu não conseguia parar de pensar: *E se eu não conseguir fechar nem um único desfile depois de ter ido de avião até a porra dos Estados Unidos*?"

Nem tinha passado pela cabeça de Lou ficar nervosa com isso, mas agora ela estava. Não tinha se dado conta de que era uma possibilidade. Mas é claro que era. Ela poderia facilmente fracassar.

Não havia cadeiras, então elas se sentaram no chão, apoiando as costas na parede de tijolos, viradas para uma grade de ferro forjado. Embaixo, as portas das docas eram erguidas ruidosamente, os homens gritavam; elas sentiam cheiro de cigarro e metal quente. Uma mulher regava flores amarelas em uma jardineira do outro lado do beco o tempo todo que elas conversaram, e Lou se perguntou se ela estaria escutando.

Mari tinha vinte e um anos e, até pouco tempo, estudava violoncelo em um conservatório italiano, mas tinha abandonado os estudos para seguir a carreira de modelo. Ela morava parte do tempo com a namorada em Roma, mas tinha ido para Nova York para a Fashion Week, sua primeira. Os pais dela ficaram tão bravos por ela ter abandonado os estudos para virar modelo que pararam de falar com ela.

"Eles vão superar", disse Mari, pegando seu bagel. "Aconteceu a mesma coisa quando contei que era queer. Eles só precisam de uns três meses para se realinhar e depois vão pedir desculpas. E eu vou ser legal."

"O que sua namorada acha?", disse Lou.

"Ela acha a ideia sexy. Pelo menos é o que diz para todo mundo. Mas ela também tem medo de que eu fique aqui para sempre ou que conheça outra pessoa e termine com ela. O que é ridículo, porque somos não mono, e estou sempre conhecendo alguém, mesmo quando a gente está morando junto. Sei lá. Ela é violinista." Mari disse isso como se apenas aquele detalhe explicasse a situação inteira. "Você tem alguém te esperando em casa?"

Soou como se elas estivessem em uma guerra. "Não exatamente", disse Lou. Ela costumava querer falar sobre Ivy o tempo todo. Não sobre o que sentia por ela, apenas sobre quem Ivy era, o que ela queria, como ela chegaria lá — como se Lou tivesse alguma participação. Agora, parecia que falar sobre ela ao ar livre estragaria alguma coisa, como uma fruta parada por tempo demais no peitoril de uma janela.

"Bem, tem um monte de gente bonita por aí", disse Mari, como se ela mesma não fosse uma. Ela amassou a embalagem do bagel e se levantou. "Que roupa você vai vestir hoje?"

Lou olhou para a própria camiseta, com a gola esgarçada, já manchada com o café que escorria pela lateral da tampa. “Esta não?”

“Não, minha querida”, concordou Mari. “Esta não.”

Lou conheceu Yukon pessoalmente na agência antes do primeiro casting. Yukon tinha um sotaque do meio-oeste esmaecido que ficava mais forte sempre que se animava. Lou reconheceu as vogais arrastadas de quando visitou a família do pai em Twin Cities, onde seu irmão morava agora. Quando se conheceram no mês anterior, Yukon contara a ela que tinha ido embora de sua minúscula cidadezinha rural em Wisconsin e se mudara para Nova York, quando tinha dezessete anos, para tentar virar estilista. Saiu do armário. Mudou de nome. Deixou o cabelo crescer. Comprou um guarda-roupa novo do zero. Teve êxito em se tornar a nova pessoa que tinha autoprofetizado. Mas era uma lástima costurando, por causa de sua imprecisão e preguiça. Foi seguindo o caminho como agente depois da contratação para uma vaga de assistente em outra agência menor e ir crescendo, querendo mexer com moda como pudesse. Yukon dizia viver em devoção à moda. *Se você quer ser uma devotada também*, dissera a Lou, *faça tudo o que eu mandar*. O que na época soou menos como uma promessa e mais como uma sentença.

Yukon a cumprimentou com três beijinhos na bochecha e a levou a um grande closet nos fundos da agência. Escolheu uma roupa para ela, repassando cabides, segurando saias na frente do corpo dela, fazendo hum-huns e muxoxando para diferentes pares de sapatos. Lou ficou aliviada com a simplicidade daquilo que Yukon finalmente escolhera: uma calça preta justa, uma camisa de manga curta areia leve e mocassins pretos.

“Não tem como dar errado com essa combinação”, Yukon disse a ela. “Então, use-a para tudo.” Depois, entregou a ela um par de saltos altos de dez centímetros. “Com isto, tem.”

“Vou treinar.”

“Espere, que tipo de roupa íntima você está usando?”

“Hum.” Ela mostrou o cós da cueca boxer.

Yukon ergueu um dedo e desapareceu no canto do cubículo, voltando minutos depois com um pacote fechado de cinco calcinhas fio dental nude.

"Ah, meu Deus", disse Lou. "É sério?"

"Nunca saia de casa sem uma."

Lou abriu o pacote e pegou uma calcinha, segurando-a aberta. Era um fio triangular, com uma pequena aba de tecido.

"Duas", disse Yukon.

"Oi?"

"Mudei de ideia. Nunca saia de casa sem duas."

Quando Lou conseguiu chegar à estação de metrô certa e encontrar o prédio espelhado reluzente certo, estava tão nervosa que as chances de vomitar dentro da bolsa eram muito altas. Mas pelo menos ela teria uma desculpa para não usar saltos.

Uma jovem segurando um iPad confirmou sua presença. Lou entrou na fila em um corredor e tentou fingir que era para um dentista com uma clientela muito atraente. Ela não parava de colocar a mão no cabelo, para garantir que estava limpo. Tinha crescido desde que o cabeleireiro da sessão de fotos de rostos novos o cortara, e estava meio bonito, meio estilo skatista, e meio como se ela tivesse enfiado um garfo numa tomada. Mas não tinha como fazer nada a respeito dele agora. Se Yukon achava que estava bom, estava bom.

Quando chamaram seu nome, ela calçou os saltos e entrou na sala, parando nos fundos, perto da mulher com o iPad. Mari tinha explicado tudo para ela de manhã. A mesa das pessoas no fim da passarela era dos diretores de casting: duas mulheres e um homem, todos de óculos com armação transparente. Lou ainda sentia um ligeiro constrangimento por ter usado a mesma camiseta polo listrada de um garoto popular do sexto ano no dia de tirar a foto para a escola e se perguntou se aqueles diretores de casting já tinham experimentado esse sentimento, ou se tinham inventado esse sentimento e eram, portanto, imunes a ele.

O homem fez um gesto para que ela se aproximasse.

“Você é menina, certo?”, perguntou ele, com um sotaque francês. Ele ergueu duas sobrancelhas perfeitas para ela por trás dos óculos até ela assentir. “Queremos um desfile casual. Mas intenso também, sim? Como se você estivesse atrasada para uma coisa muito bacana.”

Intensidade ela podia oferecer; ela fingiu ser Catherine no começo de uma corrida, com toda aquela presunção. Ela não sabia se parecia que estava atrasada para algum lugar bacana — se é que alguma vez na vida ela já tinha estado em algum lugar que fosse o tipo de bacana que ele queria dizer —, mas não tropeçou. Ela olhou direto para a frente enquanto desfilava e não pisou em falso com nenhum pé, como temia. Quando ela deu uma parada no final, sentiu um abalo, olhando para os três: como se ela fosse realmente quem eles achavam que ela era, como se de repente ela tivesse se expandido para absorver aquela expectativa.

O homem assentiu quando acabou, mas as mulheres não fizeram nada. Nem sequer trocaram um olhar, ou falaram mais nada para Lou. Não que ela esperasse ser aplaudida, mas esperava alguma coisa, mesmo que fosse apenas uma dispensa. Isso a fez lembrar de todas as vezes que tinha feito isso com outras pessoas, sobretudo com Ivy. Mas pelo menos seus silêncios eram motivados por medo, e não por tédio existencial.

Eles chamaram o nome seguinte. A mulher com o iPad conduziu Lou até um cenário perto da saída onde alguém tirou uma foto dela. Ela entregou a eles seu composite e acabou. Ninguém pediu para ver seu portfólio, que estava cheio de fotos que Anne havia tirado dela em Portland. Teria sido legal mostrar a eles, mostrar uma parte real de si mesma para alguém além das mães. Mas não era para isso que ela estava ali, ela tinha que ficar se lembrando. Ela estava ali para descamar pedaços de si mesma. E não para regenerá-los.

Lou voltou a calçar os mocassins e saiu para o sol, pronta para se sentar em algum lugar tranquilo, sozinha. Ela se sentiu consumida, o rosto quente depois do choque de nervosismo. Ela não sabia se tinha ido bem no casting. Mas, no fim das contas, havia mais nove endereços e horários de castings no e-mail de sua agente, para dois dos quais já estava atrasada, então ela não teve muito tempo para pensar. Começou a correr na direção do metrô. Havia um vagão cheio de garotas como ela quando chegou, segurando telas abertas no Google Maps e nas barras de apoio, mal se equilibrando enquanto o trem saía abruptamente da plataforma.

2

A maioria dos castings daquela semana consistia em esperas de duas horas para desfilar dez segundos, depois uma fotografia de corpo inteiro contra uma parede ou um pano de fundo brancos. Ela passou a reconhecer muitas das garotas que ficavam na fila esperando ao lado dela, além das mães. E ela viu que eram só garotas. Meninas bobas. Meninas sérias. Algumas de beleza tão etérea que ela pensou em chamá-las para fugir com ela para Paris, como era capaz de ter feito logo que conheceu Harrison. Ela se deparou com Mari em mais ou menos metade dos castings, e as amigas de Mari de fila se tornaram suas amigas de fila. A sombria Eline, uma goleira norueguesa que tinha ido para as Olimpíadas antes de estourar o joelho, que fofocava sobre as jogadoras internacionais se as pessoas a deixassem muito chapada, o que Lou fez no apartamento das modelos, com gomas de cannabis que ela esquecera que tinha na bagagem de mão. Jia, uma ex-bailarina de Singapura que tentava como modelo sustentar sua emergente carreira no hip-hop, e que compartilhou inúmeras playlists com elas. Thayer, que tinha crescido no Sri Lanka e em Vancouver, no Canadá — aquela com quem Lou mais queria fugir —, que escrevia em seu laptop à noite, na sala compartilhada, e às vezes lia em voz alta no que estava trabalhando, se alguém pedisse, e a sala inteira ouvia o diálogo da peça sobre a indústria da moda que ela estava escrevendo, algumas falas que tinham saído da boca delas umas horas antes.

Depois, havia Keeley Dot, uma adolescente do Alabama que era provavelmente a pessoa mais engraçada que Lou já tinha conhecido e que, de acordo com Mari, estava prestes a ser muito, muito famosa. Keeley Dot fazia amizade com todo mundo, sobretudo contando piadas muito sujas e perguntando às pessoas sua marca favorita de vibrador. Ela não tinha filtro, mesmo na frente da mãe, Connie, que nem pestanejava. Connie foi uma das primeiras mães que Lou conheceu, no escritório da Superb em Midtown. Ela era prefeita de um subúrbio em Mobile e a única pessoa que Lou já tinha visto intimidar Yukon quando pediu um copo d'água e recebeu uma lata de água com gás.

Correr de um casting para o outro era como a roleta do Google Maps. Lou estava atrasada para todos eles, com o peito martelando, a respiração curta, gaguejando desculpas, mas isso nunca parecia importar para ninguém. Do jeito que os castings eram agendados, não era humanamente possível chegar na hora, então ela se rendeu ao sentimento de estar atrasada. Os castings aconteciam em galpões ou estúdios de dança ou nos prédios que abrigavam as próprias marcas, com passarelas montadas no meio de grandes salas de conferência. Ela nunca sabia onde iria parar. Com frequência, mesmo que chegasse atrasada, acabava esperando em corredores ladrilhados como costumava fazer no ensino médio, encostada em armários, de pernas cruzadas com seu lanche em um pacote de papel. Mari levou uma pizza inteira para o casting de Vera Wang, e elas dividiram comendo diretamente da caixa. Ela confirmou presença e esperou que seu nome fosse chamado e depois esperou as instruções, que começaram a ser como aprender danças que viralizavam, com suas particularidades nos menores movimentos.

"Projete o quadril."

"Erga o ombro."

"Menos mandíbula, mocinho."

"Mais mandíbula, mocinha."

"Próxima."

"Paul, você consegue consertá-la?"

"De novo, só que mais devagar."

"De novo, só que mais rápido."

"Mais intensidade."

"Menos atitude."

"Próxima."

"Mas você consegue seguir as instruções?"

"Próxima."

"Sim, obrigado."

"Próxima."

"Tente fazer sem esforço."

"Próxima."

Os retornos exigiam se despir mais. Ela nunca odiou nada como odiava usar uma calcinha fio dental. Na noite anterior ao primeiro retorno, ela passou meia hora pairando sobre o vaso sanitário do apartamento das modelos, tentando descobrir como seus pelos pubianos iam caber debaixo do triângulo minúsculo de tecido nude. A resposta provavelmente era livrar-se deles de todo, mas isso embrulhou seu estômago. Até onde o fio devia ir? Os garotos tinham que usá-los? Será que ela devia fingir ser um garoto só para manter os pelos?

Os looks — ela tinha parado de chamar de roupas depois que um estilista ofendido a corrigira — costumavam ser mais esculturas do que trajes. Ela ficou muito boa em deixar que outras pessoas abotoassem e fechassem para ela, o que ela não fazia direito nem quando era criança, desconfiada dos babados e das roupas armadas que sua mãe geralmente oferecia. Certa vez, ela não quis deixar a mãe ajudá-la a tirar um vestido para o baile da escola em um provador, e ela o rasgou no meio. Mas seus movimentos ficavam cuidadosos junto dessas peças, como se fossem uma pintura que tinham lhe incumbido mudar de lugar. Porque eram lindos e feitos à mão, mas também porque Mari lhe dissera que alguns custavam cinquenta mil dólares ou mais.

Em um retorno, uma das mães americanas perguntou a Lou onde ela tinha crescido e, por um segundo, ela não conseguiu se lembrar de verdade. O Oregon era um sonho, e talvez ela sempre tivesse morado aqui, sempre vivido cercada por tanto movimento, com tantos estranhos à sua volta, tocando-a: colocando seu corpo em evidência e fora de tudo o que o passado tinha sido, como uma figura saindo da argila.

Quando não estava trabalhando, ela olhava o Instagram da Fortunato e ouvia todas as músicas que ela ou a internet tinham. O EP deles, os shows que estavam no YouTube, os vídeos em que tinham sido marcados no Instagram e no Twitter. Ela ia andando de casting para casting ouvindo as músicas, deixando-as arrastá-la para o chão, para os esgotos, para os bueiros abertos nas ruas, através das grades, para o meio derretido da terra aberta. O álbum da Fortunato saiu no quinto dia de castings. A música com o nome de Lou no refrão era a última faixa.

Na primeira vez que ouviu, indo para casa certa noite depois de um casting, ela precisou parar em um parque para se recompor: afundou em um banco, colocou a cabeça entre os joelhos e chorou até que estivesse vazia. Ninguém que passava perguntou se ela estava bem, e ela ficou grata por estar em Nova York. Alguém provavelmente tinha chorado naquele banco uma hora antes. O que a fez chorar ainda mais, a ideia de outra pessoa tão sem noção quanto ela: *esperando* quando deveria ter *falado*.

De volta à beliche, ela continuou de fones de ouvido enquanto olhava as mesmas fotos no feed da banda. Ela não sabia quem estava tirando as fotos da Fortunato, mas não eram tão boas quanto as dela. Eles estavam em turnê, em Olympia, depois em Seattle, depois em Vancouver. Eles postaram fotos de muitas refeições compartilhadas, de amigos em campos de lavanda e vídeos dos trechos mais animados dos shows. Olhar para Ivy assim, o jeito como ela se encaixava em sua banda, em um mundo que não era mais o de Lou, fez com que ela temesse que talvez preferisse Ivy desse jeito: à distância, no palco, em uma foto, nos fones de ouvido. Quando se deparara com o que Ivy sentia de verdade, ela não tinha feito nada. De longe, ela podia desejar e desejar e desejar e nunca ter. Ela podia fazer disso um abrigo. Se entocar.

Os espaços da Fortunato eram aconchegantes, verdes e habitados. Os de Lou eram descoloridos, frios, transitórios, armados apenas para funcionar, tudo desmontável.

3

Seu último retorno foi no dia seguinte. Os diretores de casting estavam classificando os modelos conforme eles entravam, garotas à esquerda, garotos à direita, e apontaram para Lou ir para a direita sem perguntar seu nome ou sua agência, e ela não os questionou. Lou em um mar de garotos. Ela usou seus mocassins para desfilar. Foi o melhor desfile até então. Pela primeira vez, os diretores de casting pediram para ver seu portfólio inteiro.

No caminho de volta, alguém segurou seu braço e ela se virou, tão cansada de ser tocada pelos outros que quase deu uma cotovelada na barriga da pessoa.

Mas lá estava Harrison, o radiante Harrison, o glorioso Harrison, envolvendo-a num abraço. Eles tinham agências diferentes em Nova York, então ela ainda não o tinha encontrado.

"Minha bibliotecariazinha", disse ele.

Vê-lo a encheu de alívio, e vertigem, e alguma coisa pesada também. Era como se estivesse vestindo as próprias roupas de novo. Ela não havia sido abraçada por ninguém que conhecia desde que saíra de Portland.

"Vem para casa comigo", ele disse.

A palavra *casa* tinha um significado diferente na boca dele; Lou começou a chorar de novo e ele não perguntou por quê.

O apartamento de Harrison estava cheio de garotos, como o casting, mas eram os garotos mais limpos que ela já tinha visto na vida. Eles estavam em seis ou sete, uns cozinhando alguma coisa elaborada para o jantar, com tábuas cheias de pão crocante, queijo e azeitonas e outras cheias de beterraba. Havia garotos espalhados pela sala e um piano encostado em uma parede, onde alguém dedilhava algo, enquanto a parede de alto-falantes diferentes tocava Frank Ocean.

Lou queria perguntar a Harrison sobre a mãe, mas sua presença em Nova York parecia uma resposta, e ela meio que não conseguia pronunciar as palavras de uma maneira viável. Se ele estava na cidade, ela devia ter morrido. Não havia como contornar isso.

"Você está bem?", perguntou ela.

Ele serviu vinho em uma caneca para ela. A caneca tinha uma imagem do Doug Fir Lounge, um lugar de shows em casa, em Burnside, em que Ivy sempre quis tocar e que às vezes recebia shows para todas as idades. "Não muito."

"Sinto muito, Harrison."

Ele assentiu rapidamente com a cabeça, como se ela tivesse dito algo com o que ele concordasse, mas em que não quisesse se deter.

"Na última temporada, depois do segundo diagnóstico dela, eu me matei de trabalhar. E sou grato pelo trabalho agora, porque estou duro pra caramba, mas honestamente não sei se consigo fazer isso este ano. Uma coisa é Nova York, mas não sei Londres, Milão, muito menos Paris. Se vale a pena. Só não estou me sentindo eu mesmo, absolutamente. Meus irmãos estão aos pedaços sem ela lá em casa, e só faz um mês. Meu pai... não sei. Eu me sinto péssimo por poder ir embora e eles ficarem lá presos, com todas as coisas dela, pensando a cada segundo em como ela se foi. Tem dias que não é como se eu esquecesse, mas fico com essa sensação no fundo da mente, como se eu pudesse telefonar e ela fosse atender. É como se eu conseguisse me enganar, apenas numa fração de segundo, se não pensar nisso completamente."

"Qual era o nome dela?", perguntou Lou suavemente.

"Coral."

Ela ergueu a caneca. Não era nada, longe de ser o bastante, mas ela sentiu o nome preso na garganta de qualquer maneira: sua tristeza por Harrison e a saudade da própria mãe, a ideia de que, algum dia, por sorte daqui a muito tempo, mas inevitavelmente um dia, ela também não estaria mais aqui. "A Coral."

Harrison brindou com ela.

O garoto ao piano começou a cantar, dedilhando uma melodia que soava a de "American Girl", que Ivy certa vez disse ser a música pop perfeita. Ela estava sempre atrás delas. Disse a Lou que canções pop perfeitas misturavam saudade e movimento irresistível.

"*Algo tão próximo*", cantou o garoto, com voz meiga e triste. "*E ainda assim tão fora do alcance*."

Talvez ela fosse rachar ao meio, bem ali.

Em vez disso, ficou cada vez mais bêbada com o vinho da caneca da Doug Fir. Era como se estivesse sem comer havia semanas. Os garotos a alimentaram com queijo e pão crocante com patê de beterraba, e vinho, e mais vinho. No espelho do banheiro, agarrando-se à borda da pia, viu a boca tingida de um rosa intenso. Mas naquela hora isso não importava; os castings tinham terminado, os retornos também. No dia seguinte, ela descobriria para quais desfiles tinha sido reservada. Ela temia que, depois de tudo aquilo, não tivesse sido reservada para nenhum, que tivesse fracassado completamente depois de fazer tanto escarcéu vindo para Nova York.

Ela caiu no sono no ombro de Harrison e, quando acordou, a festa ainda estava acontecendo em volta dela. Um sentimento conhecido. Ela sempre era a primeira a hibernar em festas do pijama.

"Você viu a Ivy quando estava em casa?", perguntou Lou. Ela se sentiu segura o bastante para perguntar. Tão cansada que estava chapada.

"Não desde aquele show em que a gente tocou. Tuck e eu temos trocado umas mensagens."

Lou sentiu um aperto no estômago, se lembrando de quando tinha visto Tuck na cerimônia de celebração da vida, o olhar perdido no rosto dele encarando as fotos de Morgan. Morgan, sua ex-namorada. A melhor amiga dele morta. "Como ele está?"

Harrison projetou o pescoço para o teto, como se houvesse uma resposta comprida dentro dele que precisasse de ajuda para descer. "Acho que ele ficou com a dor, sabe?"

Yukon ligou para ela na manhã seguinte, falando com euforia. Lou já estava no apartamento das modelos, sem nada nas paredes. Ela tinha dormido com sua única roupa para castings. Ela tirou o sutiã sem tirar a camiseta — um truque que aperfeiçoara na educação física do ensino médio, os olhos colados nos armários e não nas garotas se despindo ao redor — enquanto Yukon despejava uma longa série de desfiles para os

quais ela tinha sido reservada, inclusive para fechar o desfile mais aguardado da temporada. Ela já tinha ouvido Harrison falar que ele também tinha sido reservado.

"É a melhor notícia, Lou. Sua vida está prestes a mudar", disse Yukon. Era insistente nessa avaliação, como se fosse possível prever alguma coisa.

Lou se deu conta de que uma parte dela queria fracassar, para não precisar de fato levar isso a cabo. Ela respirou fundo três vezes dentro da camiseta de algodão. Ela se inchou, depois murchou.

Lou ficou doente naquele fim de semana. No começo, parecia apenas um resfriado, e ela sabia como cuidar disso, beber muito líquido e tomar os remédios que os pais lhe disseram para comprar na farmácia no fim da rua. Mas, depois de alguns dias, começou a parecer que ela estava bem no fundo de uma piscina, prestes a emergir, mas sem conseguir fazer isso.

Ela foi perdendo os sentidos um por um. Primeiro o olfato, depois o paladar, depois a audição, que era como um castigo divino por ter chafurdado tanto nas músicas da Fortunato. Ela movia o corpo uma vez a cada seis horas, ou era a impressão que tinha, e ninguém ligava para ela, a não ser os pais, e ela não contou para eles como estava mal, não queria que dissessem que ela estaria bem melhor em casa. Seu pai tinha voltado para a escola naquela semana e estava lhe contando sobre seus novos alunos enquanto Lou segurava o telefone firmemente junto do ouvido e colocava o volume no máximo. Era como se ela pudesse simplesmente desentupir os ouvidos e tudo voltaria ao normal, então ela projetava a mandíbula sem parar, até doer, como se estivesse em um avião. Não funcionava. Nada desobstruía.

A única coisa na geladeira eram as sobras de outras pessoas, um pote de picles e um frasco de vitaminas. Lou odiava picles, mas comeu um pedaço mesmo assim, e foi uma novidade fazer isso sem o estômago embrulhar. Lá estava ela segurando um picles; lá estava ela, dando uma mordida sem sentir ânsia. Lá estava ela, sozinha em Nova York, o mais longe possível das pessoas que a amavam. Ela foi para a cama naquela noite com uma dor de ouvido cada vez mais forte e com um vago gosto de vinagre na boca.

Lou acordou com sangue seco no travesseiro; e quando ela pressionou o dedo no ouvido, que zumbia ao longe, também havia sangue, tão pouco quanto produziria um corte de papel. Aquele ouvido parecia aliviado, mas não o outro. O outro doía muito, como se houvesse uma sirene ali.

Ela acordou Mari e perguntou onde achar um médico, e Mari chamou um táxi e a levou para a emergência, esfregando as costas de Lou, dizendo que tudo ficaria bem, seu ouvido latejando como se alguém o tivesse perfurado diretamente.

O médico confirmou o medo que o WebMD havia incutido nas pessoas, pela primeira vez na vida de Lou. Seu tímpano havia rompido. Levaria um mês ou mais para sarar. Ela teria que tomar uma grande cápsula de antibiótico duas vezes ao dia, alguns analgésicos e pingar um remédio no ouvido. Nada de nadar nesse meio-tempo — como se ela soubesse onde nadar em Nova York, como se algum dia ela quisesse nadar de novo. Ela pensou em ligar para Yukon, mas não conseguia ouvir nada no momento, então escreveu uma longa mensagem explicando que não poderia fazer os desfiles.

Depois pensou em uma conversa que tinha acabado de ter com Yukon sobre o que exatamente ela devia à agência. Ela devia a Superb a passagem de avião, a taxa do novo portfólio, sem falar nas noites no apartamento das modelos. Se ela não fizesse os desfiles, só conseguiria arcar com mais algumas semanas. Seu dinheiro ia pelo ralo em Nova York. Ela tinha que começar a trabalhar.

Lou apagou primeiro a mensagem de texto para Yukon, depois todas as playlists da Fortunato. Ela não queria ouvir nada, a não ser os ecos das estações de metrô, as modelos falando em seus beliches, sua própria respiração abafada: apenas os sons que a permeassem.

4

Nos desfiles, ela aprendeu a andar sobre diferentes superfícies — água, vidro, pedra, escadas com tapetes, plástico escorregadio, tecido franzido. Nenhuma passarela tinha a mesma forma, nunca tão direta quanto uma reta para ir e voltar. Ela desfilou em um símbolo do infinito ao redor de um jardim; em um retângulo ao redor de um galpão de muros rosa; em uma oval dentro de uma área vedada que parecia um aquário, com músicos de orquestra suspensos no vidro acima dela.

Seu rosto era maquiado e limpo quatro ou cinco vezes por dia. Ela passou a abominar a cola fria para cílios postiços, mas a adorar maquiadores que passassem hidratante nas suas bochechas e na testa antes de começar. Sua pele rachou ao redor da boca e dos olhos depois dos desfiles do primeiro dia. Ela roubou o hidratante das colegas de quarto, só um tanto de cada vez, até que por fim pediu que Mari a levasse para comprar um, e as duas passaram longas horas em uma Sephora tentando fazer o rosto de Lou parecer o rosto de uma menina. Não deu certo. Ela parecia um menino de maquiagem, o que nenhuma delas conseguia explicar. Até os maquiadores profissionais não conseguiam fazer isso. Ela sempre acabava ficando com os mesmos looks dos modelos homens. Clean. Natural. Limpo. Ela nunca ligou de ser confundida com um garoto, mas também nunca quis ser um garoto. Ela gostava de sua androginia e gostava de outras pessoas andróginas. Mas ela gostava mais ainda agora, nesse formato elevado, e os estilistas e cabeleireiros também.

Seu cabelo estava tão seco por causa do calor de ser alisado, ondulado, das luzes, que ela usava um gorro sempre que não estava em uma sessão. Seu medo dos cabeleireiros, maquiadores e estilistas abrandou, só porque ela estava concentrada em tentar ouvir o que eles diziam, em vez de se concentrar no que eles achavam dela. Ela desfilou para Vera Wang, Oscar de la Renta, Tom Ford, Ralph Lauren, Carolina Herrera e meia dúzia de outros. Ela subia as escadas para seu beliche. Ela foi de volta à farmácia para comprar um frasco maior de ibuprofeno. Ela caminhou pelo parque, por um campo verde, para olhar sem ser olhada. Às vezes, quando voltava

a pé para casa à noite, no escuro, ela ligava para Catherine, que já estava no treinamento de verão, batendo todas as suas velhas marcas com facilidade. Catherine conversou com Lou sobre pronomes, sobre como Catherine achava que estava bem com os que usava por enquanto, sobre como ela/dela e sua vibe e agressividade confundiam todo mundo de um jeito engraçado, interessante, ainda que talvez, ela admitiu, só estivesse com medo de anunciar uma mudança. Ela falou sobre como queria começar com testosterona, agora que estava na faculdade e longe de casa, mas não queria se desqualificar para futuras corridas ou de seu lugar na equipe feminina. Lou falou com ela sobre os guaxinins com raiva que supostamente infestavam Nova York e como ela tinha pavor deles, mas também uma vontade imensa de ver como era a raiva de perto. Catherine disse que ela era estranha pra caramba. Lou subiu as escadas para o seu beliche e caiu no sono em poucos segundos.

O desfile inicial e o final eram os mais importantes. Um dava o tom da coleção, o outro, a última impressão, a imagem com que o público ficava quando voltavam para o mundo claro. Fechar o desfile foi um negócio enorme, Yukon e Harrison, e até Mari, insistiram com Lou, e ela começou a acreditar.

O desfile foi no Museu Americano de História Natural, em uma sala de animais empalhados em cujos olhos ela tentou não olhar. O lugar mais importante para olhar eram os cantos ou as extremidades da passarela, onde estavam os fotógrafos, dependendo do formato. A passarela desse desfile era um triângulo, e os fotógrafos ficavam na primeira virada. Uma parte não pequena dela desejava que ela estivesse daquele lado, a fotógrafa esperando para conseguir a foto perfeita das roupas em movimento, e não a modelo que podia tropeçar, que carregava o desfile nas costas.

Nos bastidores, lá estavam ela e aquele mar de garotos de novo. Mas a fotógrafa era a mesma da viagem no início do verão. Sienna. A essa altura, Lou voltara a ouvir com o ouvido esquerdo, o que tinha rompido, mas não com o direito, então Lou foi até ela e disse oi, explicando nervosamente quem ela era, supondo que a mulher não se lembraria.

“Minha amiga do telhado”, disse Sienna, sorrindo. “É claro que me lembro de você, *cara*.”

“Estou feliz porque é você que vai estar lá fora.”

“Você foi fotografar em algum lugar desde que voltou para Nova York?”

Lou corou. Ela sabia que Sienna queria dizer ela mesma atrás da câmera, e não na frente, e desejou ter uma resposta melhor para dar. “Não tive tempo.”

“Logo, então.”

Alguém com uma prancheta a guiou para fazer a maquiagem em outro lugar. Ela se sentou na cadeira dobrável enquanto a maquiadora, que ela conhecia do desfile de Vera Wang, lhe contava como tinha sido o recital de piano de sua filha. Era engraçado ter uma conversa normal em um evento essencialmente tão dramático. Elas poderiam estar batendo papo em qualquer lugar, mas a mulher aplicava alguma coisa de um estojo nas bochechas e na testa de Lou pouco antes de ela ser escrutinada por milhares de pessoas, incluindo celebridades e a realeza da moda, e talvez, diziam os rumores, Beyoncé.

O look dela foi pregado em um quadro, com uma foto que ela tirara no ensaio. Ela não teria se reconhecido se não fosse a última. A cabeleireira a ajudou a vestir as roupas, que eram bem mais simples do que qualquer coisa que ela tinha usado nos desfiles femininos. Até então ela tinha vestido capas com ombros do tamanho de tábuas de madeira dois por quatro e um casaco que lembrava a grama artificial que ela instalara em determinado verão quando trabalhava com paisagismo. O terno para esse desfile era lindo, feito de um tecido lilás de seda, que ela queria usar para tirar uma soneca.

Harrison apareceu atrás dela no espelho e deu um beijo leve em sua bochecha.

“Minha bibliotecariazinha”, disse ele. “Não estrague tudo.”

A energia era a mesma de logo antes de uma peça do ensino médio. Todo mundo correndo, dizendo uns aos outros como se sairiam bem, como seriam fantásticos. Ela tinha sido ajudante de palco num ano para *Oklahoma!*, quando Ivy e Tuck estavam no poço da orquestra, mas nunca

imaginou que ela seria a estrela de um desfile como esse. A adrenalina pulsava enquanto apresentava seu primeiro look, as modelos alinhadas antes do desfile como pano de fundo posando para uma horda de fotógrafos, todos clamando por uma boa foto, que seria publicada em todos os sites de moda no dia seguinte. Harrison posava com ela, passando o braço em sua cintura, depois em seu ombro. Ele estava com um look que poderia ser usado no dia a dia: calça marrom bem comprida, gola rulê estampada e gorro. Outros garotos se juntaram, uma longa fila deles, todo mundo gritando com eles para chamar a atenção, os garotos e Lou agindo assim era algo comum para eles, ainda que ninguém soubesse seus nomes.

Suas posições foram etiquetadas com números impressos. Harrison era o número três. Lou era a número cinquenta e nove, a última da fila. Ela olhou o telefone uma última vez. Tinha chegado uma mensagem de Ivy. Ela olhava a tela do telefone e seus ouvidos latejavam, mas não teve tempo de acessar a mensagem, pois um cabelereiro a agarrou pelo cotovelo e a levou até uma arara de roupas para trocar um lenço por outro, de um tom mais vivo.

Quando voltava para o seu lugar na fila, a estilista a interceptou.

Ela era mais nova do que Lou esperava e se vestia com simplicidade se comparado à extravagância dos modelos. Lou nunca tinha ficado impressionada antes — nem quando músicos famosos do noroeste do Pacífico entravam no café e Ivy ficava toda estranha e com olhar meloso, se escondendo atrás da máquina de expresso. Lou sempre ficava indiferente até que se fossem. Mas quando a estilista encarou os olhos dela, o coração de Lou disparou, e ela ficou arrebatada pela energia de todas as outras pessoas que estavam olhando de soslaio a tarde toda para a mulher, gravitando em direção a ela um de cada vez, em algum tipo de ordem já combinada, como se tivessem uma audiência com a rainha. Lou tentou imaginar a estilista sendo Morgan — como se fosse para isso que ela tivesse se mudado para Nova York, exatamente essa interação —, mas a mulher tinha sua própria calma e energia obliterada que parecia o contrário de como Morgan era resolutamente amigável. O ar estava muito agitado para Lou se concentrar no que poderia dizer à estilista, agora que ela estava ali.

“Você está perfeita”, disse a estilista, segurando as mãos de Lou.

Lou agradeceu, e as palavras voaram para longe assim que saíram da sua boca. A estilista fez um movimento como se fosse lhe dar um abraço, mas ela estava apenas arrumando a bainha do terno, fazendo um ajuste no último minuto.

Quando a estilista a soltou, Lou achou que ia desmaiar e sussurrou isso para Harrison, quando ia para a última marca da fila. O olhar que ele lançou dizia *Nem pense*.

Um a um, os modelos à sua frente saíram dos bastidores e começaram a seguir pela passarela. Ela manteve os olhos fixos na nuca do modelo à sua frente.

Então chegou a vez dele e ela ficou lá. E era só ela sozinha vestindo um terno lilás.

Enquanto seguia pela passarela, com o canto do olho Lou via as pessoas segurando os telefones, filmando, mas ela manteve o olhar fixo adiante. Ela sentiu que não precisava mais fazer nenhum esforço para seguir desfilando, como se pudesse continuar assim para sempre. Ela não precisava olhar para trás. Não havia ninguém lá. Ela andava como um garoto com o mundo pela frente. Como se lhe devessem um caminho claro e uma multidão admirada.

Quando ela fez a última virada e voltou para trás da cortina, todo mundo nos bastidores não parava de aplaudir. A energia era frenética enquanto os modelos seguiam rapidamente uma última vez pela passarela. A estilista apareceu logo atrás de Lou e a multidão explodiu para ela. Lou desejou que Catherine e os pais dela estivessem lá para ouvir aquele som único.

Nos bastidores, Harrison a abraçou e todo mundo sorria e se parabenizava, como se todos tivessem ganhado um Oscar ou uma eleição. Ela não sentia que merecia os parabéns quando outras pessoas tinham trabalhado a vida toda para esse momento. Tudo o que ela fez foi chegar na hora, sentar-se sem se mexer e andar sem tropeçar.

Alguém a ajudou a tirar a roupa, e quando ela estava usando de novo sua calça jeans, sua camiseta e seus mocassins, saiu pelas portas laterais, para uma parte diferente do museu, mesmo sabendo que teria que voltar

para pegar suas coisas e se juntar aas preparações para o *after*. Ela desceu a escada até um andar que lhe dava as boas-vindas para o Salão do Universo.

Lou parou na frente de um meteorito, batizado de Willamette — por causa do rio ou do vale, ela não sabia, mas a palavra de repente lhe pareceu estranha, fora de contexto. O meteorito Willamette parecia um crânio cinza imenso com muitas órbitas oculares. A placa dizia que ele tinha sido encontrado no Oregon, perto de onde hoje ficava Portland, e era o sexto maior meteorito de ferro do mundo.

Ela e Ivy uma vez viram uma chuva de meteoros juntas, no telhado da casa dos seus pais. *Fundir elementos mais leves em outros mais pesados*. Ela quis ser capaz de fazer o contrário. As mãos dela tremiam quando abriu a mensagem de Ivy.

Dizia: *A gente tá em Nova York*.

5

O *after* foi em um bar, mas não tinha segurança verificando as identidades. De qualquer modo, Harrison a arrastou lá para dentro, gritando: "Esta vaca fechou o desfile!", para ninguém em particular. Lou estava pensando como Ivy havia formulado a frase *A gente tá em New York. A gente*. Esse *a gente* chegando junto em Nova York, vagando por Nova York sem ela. Por que o *a gente* de Ivy a fez se sentir mais sozinha do que nunca? Ela não respondeu à mensagem. Ela não sabia o que fazer nem o que Ivy queria que ela fizesse.

Lou e Harrison se sentaram em um reservado com Mari e sua amiga Thayer, a modelo dramaturga, que tinha vindo de outro *after*. Mari não parava de sair para atender a telefonemas, voltando cada vez mais chateada. Harrison estava contando para as duas como Lou estivera ótima, não que tecnicamente ele a tivesse visto desfilar, então tudo o que ele queria dizer era que Lou não tinha tropeçado. Mas elas fizeram eco a seus elogios mesmo assim, até que o telefone de Mari tocou e ela se levantou de novo para atender à ligação.

"Quem não para de ligar para ela?", Harrison perguntou a Thayer.

"A namorada", disse Thayer. "A Mari postou alguma coisa que deixou ela irritada, com alguma modelo famosa."

Thayer mostrou o post no Instagram. Harrison conhecia a modelo, mas Lou nunca tinha ouvido falar dela. Harrison seguia o mundo da moda como o irmão dela seguia a NBA. Ele conhecia o status de todo mundo, mesmo dos que jogavam em outros times. "A Mari está ficando com ela?"

"Na verdade, não", disse Thayer, erguendo uma sobrancelha. Ela era conhecida no ramo por suas sobrancelhas, e elas eram de fato incríveis. Grossas e severas. Lou não sabia se ela já tinha invejado as sobrancelhas de alguém, mas as de Thayer eram únicas. "Na minha opinião, não é com ela que a namorada de Mari deveria estar preocupada."

"Seria com você?", perguntou Harrison.

Thayer riu. "De jeito nenhum. Mari e eu nos dizimaríamos."

“Mas vocês iam ficar tão fofas juntas”, brincou Lou. “Mesmo se dizimando.” Ela não conhecia Thayer muito bem, mas tinha algo tão aberto nela que fez Lou querer ser aberta também. Além do mais, ela estava meio bêbada. E as *sobrancelhas*.

Thayer sorriu para ela. “Você acha?”

“Pelo menos coloca isso na sua peça.”

Lou esvaziou o copo, gelo tilintando contra os dentes, e Thayer se ofereceu para pagar outro para ela. Ela estava planejando voltar para o apartamento depois do primeiro, mas ainda não queria ficar sozinha.

“Tá bom”, disse ela. “Obrigada.”

Quando Thayer foi para o bar, Harrison tomou um longo gole de sua bebida e se encostou em Lou.

“Talvez *isso* esteja acontecendo?”, disse ele. Seus olhos estavam animados.

“O quê?”

“Deixa pra lá”, disse ele, sorrindo com os lábios fechados. Então ele olhou em volta, pareceu se dar conta de que eles estavam sozinhos e respirou fundo. A expressão dele mudou, como se soubesse que o que ia dizer poderia arruinar a noite dela, se não a vida dela, e ela percebeu o que ele estava escondendo.

“Eu já sei”, interrompeu ela.

“Sabe?”, perguntou Harrison. Ele pareceu surpreso. “Sobre Tuck?”

“Ivy me mandou uma mensagem dizendo que eles estão aqui.”

Quando ela disse em voz alta, a coisa se tornou real: Ivy estava aqui.

Ela estava na cidade.

Aqui.

Ou quase aqui.

Harrison assentiu. Ele disse a próxima parte muito rápido, como se tentasse terminar o mais rápido possível. “E eu disse para o Tuck que eles poderiam ficar comigo.”

Ela imaginou Tuck e Ivy no quarto vago que Harrison tinha prometido reservar para ela, quando um dos colegas de apartamento tirasse suas coisas de lá e Lou voltasse dos desfiles europeus. O colega de apartamento ficava lá principalmente nas visitas de fim de semana do namorado, e eles tinham acabado de terminar. Lou já pensava no quarto como sendo dela. Seria muito melhor financeiramente morar no Brooklyn e pagar um valor

normal pelo seu próprio quarto do que dividir um apartamento de modelos em Manhattan por cinco vezes mais.

"Mas, de verdade, pensei que seu voo sairia mais cedo, que não seria algo com que você teria que lidar. O show deles é na noite em que você vai para a Itália. Então imaginei que você ia estar num avião indo embora do continente e não teria que dar de cara com eles e tudo."

Mari voltou. "Dar de cara com quem?"

Foi quando Sienna, a fotógrafa, se aproximou do reservado, segurando uma longa taça de vinho.

"Olá, amigos", disse ela, beijando Lou nas duas bochechas. Ela cheirava a verão, mas um verão de outra parte, como a um pomar, não a esse bar lotado de maconha e fumaça de cigarro entrando do terraço.

Mari parecia radiante em vê-la. "*Tesora*", gritou ela, abraçando-a. Três beijos. Tudo sem derramar o vinho. "Que bom que você se juntou a nós."

Sienna era mais nova do que Lou imaginara, talvez trinta e poucos anos, menos intimidadora quando estava espremida em um reservado com eles — ou talvez só fosse menos intimidadora sem uma câmera nas mãos. Ela parabenizou Lou e Harrison pelo desfile, e ela e Mari foram ficando cada vez mais próximas à medida que a noite avançava. Mari claramente parara de atender a namorada, e assim Lou entendeu de quem Thayer estava falando antes.

Os sons ainda estavam estranhos para Lou, com o ouvido que não tinha rompido ainda entupido, então a noite estava quieta e bonita. O bar estava cheio de modelos e celebridades que Lou meio que reconhecia, que ela teria que dar um Google mais tarde para contar para sua mãe. Quando a estilista passou pela multidão como uma aparição, Lou se lembrou dos aplausos para ela antes, da onda poderosa de reconhecimento por sua arte, do modo como ela se avolumara no espaço, como se as pessoas, ao aplaudir, estivessem percebendo a profundidade do que ela tinha feito. A compreensão dela e do trabalho dela ocorrendo simultaneamente a todos eles. Lou sabia que era isso que ela queria para Morgan. Mas ela se deu conta de que era o queria para si também.

Lou decidia de novo e de novo não ir embora, até que ficou tão tarde que não tinha mais como responder à mensagem de Ivy, encontrá-la aonde quer que fosse. Além do mais, ela estava se divertindo à beça com Harrison e Thayer.

Thayer estava contando a eles sobre o desfile de que tinha participado naquela noite, para uma jovem estilista que queria cachorros no desfile. “E escuta, eu amo cachorro”, disse Thayer. “Amo cachorro no contexto certo. Mas os de lá eram os cachorros errados e o contexto errado.”

“Espera, o que aconteceu?”, perguntou Lou.

“Ah, meu Deus”, interrompeu Harrison. “Eu já vi o vídeo, mas conta para a Lou...”

Thayer bufou. “Um deles fez cocô no meio da passarela. E, tipo, o que a pobre da garota ia fazer? Recolher? Guardar na bolsa?”

Lou não conseguia parar de rir. Os drinques, ou a adrenalina, ou apenas a hilaridade de Harrison e Thayer, e as histórias deles, e como seria se de repente vivesse num mundo adorável, com aquelas pessoas adoráveis, e se sentindo muito à vontade.

No fim da noite — ou, na verdade, no começo da manhã —, ela não pensou em nada além de sua exaustão quando Harrison a chamou para ficar no apartamento dele, na cama dele. Eles tomaram um táxi de volta para casa, já de ressaca e tão cansados que todas as juntas do corpo dela pareciam uma represa que arrebentava.

“É um colchão queen”, prometeu ele, como um acalanto. “Com pillow top.”

Foi somente quando chegaram ao apartamento de Harrison, passando pela porta fechada do quarto de hóspedes, que ela se lembrou de que a Fortunato estava lá, dormindo.

De manhã, depois do sono mais pesado de sua vida, Lou foi para o corredor e parou, tentando ouvir. A porta do quarto de hóspedes estava aberta. Ele estava vazio. A luz do dia passava pela janelinha alta. Mas quando ela entrou na cozinha, encontrou apenas Harrison, sentado com uma xícara fumegante de chá. Ele olhava para a escada de incêndio, puxando distraído o fio do saquinho de chá.

“Eles estão aqui?”, perguntou ela. Sua voz estava rouca e a cabeça começou a latejar.

Harrison se assustou. Ele parecia cansado de verdade. “Os dois saíram para tomar café. Vou encontrar eles daqui a pouco.” Ele parou um

instante, observando-a. “Quer ir junto?”

Lou tinha que pegar um avião para a Europa dali a vinte e quatro horas. “Talvez mais tarde.”

Em algum lugar da cidade, Harrison ia se encontrar com a Fortunato em uma lanchonete para tomar café da manhã. Em algum lugar da cidade, Ivy e Tuck estavam sentados em uma mesa, bebericando café, contando tudo sobre sua turnê a Harrison, despejando todos os detalhes que Lou só conseguira imaginar do que via no Instagram. Lou repassou a coisa toda de novo e de novo na cabeça, mas ainda não conseguia deixar sua cama e sair do apartamento.

Mari estava arrumando as malas para a Itália; ela e Lou iam no mesmo voo. Não havia sinal de Sienna, e Lou não perguntou o que tinha acontecido entre elas. As duas iam ficar na casa da namorada de Mari em Roma quando chegassem. Lou não tinha certeza se queria mais informações. Estava com medo de ter que guardar segredos. Era como se ela já estivesse escondendo o bastante de si mesma.

“Estou quente?”, perguntou Lou, metade para Mari, metade para o ventilador de teto. “Tipo, gostosa?” Não era uma pergunta que ela já tivesse feito a si mesma. Ela não pensava no seu corpo desse jeito, ou nunca tivera o contexto para isso antes.

O cabelo de Mari tinha sido mudado para um desfile, e suas tranças estavam turquesa e batendo nos ombros. Ela estava de top e short de ginástica de algodão. Mari era atraente. “Não desse jeito.”

“Ajude-me a ser gostosa.”

Mari vasculhou a mala por um minuto, depois jogou um shorts jeans e um cropped para Lou. Ela se trocou e Mari a arrumou um pouco, mexendo em seu cabelo, antes de se afastar, admirando seu trabalho.

“Melhor”, Mari decidiu. “Mas a gostosura nunca se trata só de roupas. Tem a ver com confiança, cem por cento. Não diga a ninguém que eu te contei isso, ou vamos ficar desempregadas.”

“Como é a sua namorada?”

“Muito organizada. Muito boa no sexo.”

“Como você sabia que queria ficar com ela?”

“Acho que só a quero perto de mim, orbitando. Mesmo quando é mais difícil quando ela está. Ela entende minha órbita e fica no meu caminho de propósito. Agora, me conta, para quem você está fazendo isso?”

Em algum lugar da cidade, Ivy andava em uma rua, com os ombros caídos, o cabelo preto bagunçado e as mãos dadas atrás das costas, o que ela fazia quando estava meio nervosa.

“Alguém da minha cidade”, disse Lou.

“Alguém que você ama?”

“Não sei”, disse Lou. A resposta ficou entre as duas por um minuto, o ar se condensando, antes de Mari sair para fazer um lanche para elas.

6

O parque onde ela os encontrou no Brooklyn não era nada parecido com os parques da sua cidade. Estava lotado, era barulhento e aberto, e estava tão calor que parecia outro país. Os moradores de Portland se amontoavam sempre em qualquer porção disponível de sombra nos parques, como se o sol direto fosse estranho demais para terem que lidar com ele, mas os nova-iorquinos relaxavam debaixo dele, equipados com caixas térmicas e alto-falantes bluetooth tocando reggaeton, pop e hip-hop bem alto, crianças correndo a toda velocidade pela fonte de concreto enquanto a água jorrava. Lou avistou o pessoal de Portland debaixo de uma árvore. Harrison e Tuck reclinados em cima de uma toalha, com Ivy na grama ao lado deles, colhendo dentes-de-leão.

Lou piscou e Ivy continuava lá.

"Eu fiz uma sessão de fotos aqui uma vez", Harrison dizia a eles, quando Lou chegou caminhando com as roupas de Mari, fingindo ser gostosa e confiante. Ele tinha mandado uma mensagem para Lou com a localização deles, pedindo *por favor, venha*. "Para uma marca de roupa de praia holandesa. Foi estranho pra caramba, mas pagou bem. Só me lembro que tinha um pato inflável e eles ficavam tentando me colocar em cima dele, na fonte. Eu nunca vi as fotos. Então devo estar de sunga em algum lugar em alguma revista holandesa, montado num pato."

Todos riram, mas Ivy parou quando percebeu que Lou estava ali.

Lou não sabia o que fazer com as mãos, então as enfiou nos bolsos de trás do short, depois as tirou e depois as enfiou de volta. Ela tinha pensado em mandar uma mensagem para Ivy antes de ir, mas não sabia o que dizer. Ela imaginou que Harrison tinha contado para eles que ela estava indo, mas agora não tinha tanta certeza. "Oi."

Tuck e Harrison se mostraram felizes em vê-la, mas Ivy não. Ela só olhou como se Lou estivesse tapando a visão de alguém que estava esperando.

O corpo inteiro de Lou parecia tenso e elétrico, como se ela fosse começar a chorar ou a correr a qualquer momento. Ela tinha levado uma

hora para chegar ali de metrô, e de repente parecia um erro enorme. Ela devia ter ficado no beliche. Ela devia ter se enrodilhado na mala de Mari e se deixado despachar direto para a Itália.

Dois cachorros rosnavam um para o outro a algumas toalhas dali. Lou se sentou de pernas cruzadas ao lado de Harrison, que colocou o braço em torno dela, e Ivy olhou de um para o outro. Lou se concentrou em ouvir os garotos falarem sobre uma banda que os dois conheciam de Portland, que tinha sido eleita a Melhor Nova Banda da *Willamette Week*, mas ela não aguentou por muito tempo. Só ela estava sentada no sol.

"Eu estou, uhm, com muita sede", disse Lou. "Vou procurar alguma coisa para beber."

"Eu também", disse Ivy.

Lou achou que ia vomitar. Ela esperava simplesmente desaparecer na multidão e nunca mais voltar. Harrison lançou a ela um olhar interrogativo, mas ele e Tuck continuaram onde estavam. Ivy a seguiu em direção rumo à saída do parque, onde havia menos gente.

Ivy não parava de olhá-la de cima a baixo, não como se a estivesse secando, mas tentando determinar se Lou estava machucada.

"O que foi?", disse Lou.

"Você está diferente", disse Ivy. "Tipo, muito."

"Muito ruim?" Ela esperava que Ivy dissesse: *Não, claro que não, muito incrível, muito gostosa, muito diferente, o tipo de muito de que me arrependo muito*, mas Ivy apenas segurou as mãos atrás das costas. Então ela estava nervosa.

"Como está sendo a turnê?", perguntou Lou.

"Eu sinto que finalmente estou fazendo o que é para eu fazer. Simplesmente me sinto eu mesma de novo."

Era difícil ficar magoada com isso. Mas o modo como ela construía a frase era tão geral. Não era assim que Ivy falava com ela. Lou estava acostumada com suas imagens ávidas. Com clareza. Não a merda automática de *me sinto eu mesma de novo*.

"Como tudo", Ivy fez uma pausa, como se ela não tivesse o vocabulário para o que quer que Lou estivesse fazendo, "está sendo?"

"Bom também." Lou se sentiu hipócrita. Ela não tinha nada melhor para falar? Era como se elas estivessem presas numa sala de espera ou

numa reunião que nenhuma das duas tinha convocado. Só que as duas tinham. Elas não precisavam estar ali.

Ivy falou mais sobre as pessoas na casa de quem eles tinham ficado na turnê, o que, é claro, Lou sabia de tanto acompanhar no Instagram, mas ela não admitiu. Tudo parecia tão vago entre as duas que Lou queria sacudir Ivy e ela mesma.

"Por que você não me disse que ia vir pra cá?", perguntou Lou. Ela cortou o que Ivy estava dizendo sobre eles abrirem o show de uma banda na turnê da Costa Leste, um assunto em que ela se perdeu completamente, porque precisava demais saber a resposta para essa pergunta. "Quer dizer, só me disse ontem."

Ivy parou de andar. Elas estavam do lado de uma piscina gigante, lotada de gente, o azul brilhando pelos espaços entre elas. "Você voltou a tirar fotos?", perguntou ela, como se não tivesse ouvido. "As suas próprias, estou dizendo."

"Na verdade, não", disse Lou.

Ivy balançou a cabeça. "Você deveria fazer isso. Ia ficar mais feliz."

"Eu não quis."

"Eu não sabia se queria encontrar você aqui", disse Ivy. "Respondendo à sua pergunta."

"Se você queria me encontrar, ou se você queria me encontrar aqui?"

"Os dois, para ser sincera."

"Justo", Lou disse suavemente. "Mas estou feliz que você tenha me encontrado. E eu sinto muito."

A primeira brisa que ela sentiu em semanas passou pelas árvores acima delas. Por um segundo, era como se elas estivessem em outro parque, do outro lado do país; um parque onde elas conheciam uma a outra, aonde costumavam ir, se não *juntas*, pelo menos achando que estavam juntas.

Mas Ivy ia voltar para uma van na manhã seguinte e Lou ia embarcar em um avião, e então as duas iriam embora, e quem sabe quando se veriam de novo? Podia demorar anos. Ou facilmente nunca mais.

"A gente pode ir para algum lugar?", disse Lou.

Os leões de mármore na entrada eram exatamente como ela imaginava, e Lou pediu a Ivy que tirasse uma foto dela com eles, nos degraus da biblioteca.

"Para os meus pais", disse Lou. "Para eles acharem que eu ainda estou aprendendo. Eles estão bastante obcecados para eu voltar a estudar em algum momento."

"Claramente você está aprendendo", disse Ivy. "Só não é o que eles esperavam."

Na verdade, a Biblioteca Pública de Nova York era o único lugar na cidade toda que seu pai parecia animado por ela poder visitar. Ele era o tipo de pessoa que gosta de mato e água, e não um cara que gosta de monumentos e ruas barulhentas, mas os pais dela tinham se conhecido numa biblioteca, e elas pareciam suscitar nele uma paz nostálgica. Ela queria mandar para o pai alguma prova de que estava pensando nele, mesmo que não tivesse retornado as últimas ligações.

Lou sorriu propositalmente para uma câmera pela primeira vez desde que tinha chegado a Nova York, talvez pela primeira vez na vida, só porque de repente ficou feliz em ver Ivy ali na calçada na frente dela, mesmo que apenas algumas semanas depois de elas terem se sentado juntas no Aldenlight Park, desoladas e sem tempo.

"Você é meio que uma modelo de verdade agora, hein?", Ivy lhe disse, inexpressiva.

Lou não sabia se ela a estava provocando ou ainda sendo distante. No metrô, elas tinham evitado o olhar uma da outra refletido no vidro escuro. Ivy ficou mexendo no celular, mesmo sem serviço, e ela sempre odiou mexer no celular, achava que ninguém devia ter celulares. Toda vez que uma garota que parecia uma modelo entrava no trem, Lou se contraía, torcendo para que ela não a conhecesse, para que ela não precisasse, diante de Ivy, virar a pessoa que ela tinha se tornado aqui em Nova York, para além de já estar usando esse cropped ridículo.

Lou pulou da escada da biblioteca esticando o corpo todo, fazendo um polichinelo que a professora de educação física chamava de *eu sou uma estrela*! Elas tinham que anunciar que eram estrelas enquanto pulavam, os corpos como um ponto de exclamação.

Ivy finalmente riu. "Você não disse isso."

Então Lou repetiu o movimento e gritou: “Eu sou uma estrela!” e por um segundo se sentiu de fato uma, bem mais do que no fim de um desfile ou em um *after*. Como se uma declaração entusiasmada bastasse.

Estava frio dentro do prédio, e o piso de mármore e o pé-direito alto faziam parecer que elas tinham entrado em um museu ou uma basílica, e não na caixa de tijolos que era a biblioteca que Lou frequentava quando era criança, com suas lâmpadas brancas penduradas, o carpete roxo sujo e o nicho para devolver os livros. Mas o cheiro era o mesmo.

Elas vagaram pelos andares e andares de estantes, e Lou tentou não ir atrás de Ivy, tentou parecer que estava indo para onde queria ir, mas ela pensou no que Mari tinha dito sobre a namorada dela estar em sua órbita, e talvez não houvesse problema em se submeter a essa ideia de vez em quando. Talvez fosse por isso que ela estivesse em Nova York, para começo de conversa.

“Os meus pais se conheceram na Biblioteca Central”, sussurrou Lou. Elas estavam no canto da sala de leitura, com candelabros e murais pastel enormes no teto. A Biblioteca Central em Portland já era bonita, com os tapetes estampados de rosas e as escadarias largas, mas esta era muito mais imponente. “O que faz sentido, imagino. Harrison me chama de bibliotecária.”

“Por quê?”

“Porque não desfilo direito.”

“Não pelo que eu vi na internet.”

Lou não sabia o que responder. Parecia loucura que Ivy pudesse estar seguindo suas pegadas on-line tão de perto quanto ela vinha seguindo as da Fortunato, mas ela também se sentiu acolhida e tão amada que não sabia o que fazer consigo mesma. Lou imaginou Ivy no banco do passageiro da van enquanto Tuck dirigia por um milharal reto, olhando fotos dela, pensando no passado, e ela deu a mão para Ivy. Parecia tão natural que ela nem se deu conta de que estava fazendo isso até que Ivy apertou seus dedos com força. Elas olharam para as nuvens pastel no teto da sala de leitura. O mural fazia Lou se lembrar de alguma coisa bem no fundo de si mesma, um devaneio de alguma coisa de quando ela era mais nova: alguma coisa antiga, algum lugar aonde ela queria ir, mas a que nunca achou que realmente chegaria.

Elas encontraram os garotos no apartamento de Harrison no Brooklyn. Harrison e Tuck tinham comprado bolinhos asiáticos e cerveja, e os quatro comeram na cobertura porque estava quente demais no apartamento, com seu ar-condicionado esganiçando na janela.

Logo antes de anoitecer, os garotos desceram para buscar mais cerveja e não voltaram. Ela e Ivy estavam deitadas no cobertor da cama de Harrison, seus moletons dobrados debaixo da cabeça. O dia tinha sido quase perfeito. A orelha direita de Lou por fim desentupiu, ou a pressão diminuiu o bastante para não parecer mais obstruída. Ela conseguia ouvir sons mais distintamente, o que significava que também conseguia raciocinar com mais clareza. Ela estava pensando sobre o que Ivy tinha dito no Aldenlight, sobre por que ela tinha demorado tanto tempo.

"Sabe aquele jogo que costumávamos jogar na aula de educação física?", perguntou Lou. Ela estava pensando a respeito disso por causa do *Eu sou uma estrela!* nos degraus da biblioteca, como se tivesse sido um portal de volta a quem ela era logo que conheceu Ivy. Uma nerd na aula de educação física. "Com os tatames e os carrinhos?"

Elas tinham chamado o jogo de *Ilhas*. Só começou na aula de educação física do nono ano, quando a professora estava cansada de dar aula e montou uma série de tatames azuis de uma parede acolchoada até a outra, um reminiscente do ensino fundamental. Elas receberam carrinhos de plástico com quatro rodas e um aviso para não usá-los como skate. Elas tinham que se ajoelhar para passar de ilha azul para ilha azul, puxando as colegas com cordas plásticas de pular. Elas não podiam encostar no chão do ginásio ou voltavam para o início. Ivy tinha entrado na escola naquele ano, era tímida e esperta, e ganhava todos os cantos solo em apresetanções, concursos de redação e lugares na banda. Mas elas estavam jogando Ilhas na primeira vez que Lou a notou de verdade. Ivy tinha começado e ficou encalhada no meio do amplo ginásio, rindo entre os dois primeiros tatames, tentando e não conseguindo se impelir sem ninguém por perto para ajudar. Naquela época, Lou nunca conheceu ninguém da idade delas que claramente não se importava com o que as outras pessoas achavam, mas que ainda assim fosse substancialmente amável com elas. Ela ainda não tinha conhecido outra.

"A gente sempre fazia você ir primeiro porque você era muito boa", disse Ivy. "Você ficava no primeiro tatame e ajudava cada menina a chegar

no próximo, mesmo que seu time fosse perder."

"Eu achava que tinha que garantir que todo mundo chegasse aonde queria ir primeiro", disse Lou. "E garantir que elas chegassem em segurança. Antes de me permitir ter o que eu queria. Antes de parecer que era o.k. ter isso. Não é ridículo?"

"É um jeito lento de conseguir o que você quer."

Ela sentia falta de como Ivy estava olhando para ela. Como se as duas se notassem do mesmo jeito, entendessem o que tinha de bom na outra, o que ainda podia ser bom. Tranquila e segura, Lou passou a mão por trás da cabeça de Ivy, deslizando os dedos pelo cabelo dela e depois por trás da orelha direita. A boca de Ivy pairava diante dela. Nenhum som saía dela, nenhum canto. Lou a beijou.

O rosto de Ivy de perto, em formato de coração, seus olhos arregalados, sua boca.

A boca de Ivy.

Ivy de Lou.

A Ivy.

Por alguns segundos, tudo parecia certo, como se o que ela viesse esperando tivesse ficado mais claro, mais verdadeiro, mais necessário, nada de hesitação, nada de subir de costas por qualquer morro, só descer correndo.

"Podia ser assim o tempo todo", Lou disse suavemente.

Ivy recuou e tudo pareceu fugir, o morro desmoronando em si mesmo. "Mas não é", disse ela.

Durante a curta caminhada para o andar de baixo — os braços de Lou cheios de garrafas e de embalagens para viagem, depois de uma desculpa sobre precisar dar uma limpada, só para recuperar o fôlego, para não chorar em um cobertor em uma cobertura em uma noite perfeita — parecia insuportavelmente provável que Tuck e Ivy estivessem agora em turnê e apaixonados e fossem perfeitos um para o outro, porque tinha que existir uma razão absolutamente razoável para Ivy *não deixar que fosse assim*, além de Lou não ser mesmo quem Ivy pensava que era: não uma artista de todo, só uma pessoa atenta. Já Tuck era exatamente o tipo de

pessoa com quem Ivy queria criar alguma coisa, talvez toda uma vida. O que, na opinião de Lou, era de todo razoável, porque Tuck era uma pessoa doce e boa, com um ritmo sutil e brilhante e que parecia entender bem o que Ivy precisava, quando ela precisava. Ele tinha sido um bom amigo para Morgan. Um bom amigo para Ivy. Um bom amigo para Harrison também.

Mas no apartamento, Harrison e Tuck estavam enroscados no sofá da sala, e Lou precisou de um segundo para entender exatamente o que estavam fazendo, até que registrasse com toda certeza, até que percebesse que estava *redondamente* errada, ou que Catherine estava redondamente errada, ou que talvez nenhuma das duas estivesse errada e as coisas simplesmente tivessem mudado enquanto ela olhava na direção errada. Tudo o que ela segurava caiu no chão.

Harrison e Tuck se ergueram e ficaram paralisados um segundo.

Ela ia para Roma no dia seguinte. De repente, achou que fosse cair na risada, como se o riso das nuvens pastel pudesse jorrar dela para sempre e mesmo assim nunca bastaria. Uma fonte eterna. Uma necessidade antiga. Ela pediu desculpas para os dois, recolheu as latas e a comida e saiu como se estivesse atrasada para um casting, quando, na verdade, ela não precisava estar em nenhum lugar no mundo, não havia ninguém no mundo que precisasse dela em qualquer lugar. Ela deixou a porta pesada do prédio bater atrás de si.

Na rua, Lou olhou para a cobertura do prédio de tijolos, como se Ivy pudesse estar lá parada, procurando ela também. Mas Lou não enxergava nada no escuro. Pela primeira vez, ela não desejava Ivy de longe. Não a desejava lá em cima, no palco. Ela a desejava bem ao lado dela, ao seu alcance.

As árvores novas balançavam com a brisa. Lou estendeu a mão para roçar os dedos em uma folha. Precisava de água. Assim que ela virou a esquina, os postes da rua se acenderam de uma vez só.

PARTE QUATRO

1

Era plena madrugada em Roma e a chave de Mari não estava funcionando. A namorada de Mari não estava lá ou não estava atendendo. A chave parecia pertencer a um zelador medieval. E também a porta, de madeira, enorme, dentro de um prédio que podia ter sido construído em 1500. Parecia um mosteiro, ou do jeito que Lou imaginou que fosse um mosteiro por causa da versão animada de *Robin Hood*, que a compeliu a uma longa fase de arco e flecha no segundo ano.

"Isso é insuportavelmente clássico", disse Mari. Ela soava tão cansada que estava quase desatando a rir. Lou estava enjoada por causa do jet lag. As duas tinham ficado acordadas por vinte e duas horas, depois que o voo delas atrasou no JFK em porções intermináveis de uma hora, o que significava que elas tinham ficado sentadas no portão de embarque um dia a mais. Lou terminou o único livro que tinha levado, depois caiu em um buraco fundo na internet sobre como todos os ursos-polares já estariam mortos quando ela tivesse quarenta anos e como o clima e, portanto, a sociedade, estariam mais fodidos então, sem mencionar como ninguém no poder estava fazendo quase nada a respeito. Ela rolou a tela até elas embarcarem, então ficou acordada o voo todo pensando em como estavam produzindo aproximadamente uma tonelada de carbono com apenas aquele trecho, e como ela teria que tomar outro voo para Paris em seguida, e voos infinitos depois disso, até que ela sozinha destruísse a camada de ozônio, matasse a Grande Barreira de Corais e queimasse a já seca Costa Oeste inteira.

Mari ainda estava tentando a chave. Ela a passou para Lou, que estava tão cansada que tinha certeza de que a estava tentando de cabeça para baixo, mas continuou mesmo assim, mexendo na maçaneta e depois chutando a porta. A madeira era tão densa que quase não fazia barulho.

"Mas cadê a Rosana, porra?", Mari disse pela terceira vez.

"Vocês não jantam à meia-noite?", disse Lou. "Tenho certeza de que ela só está fora ou algo assim."

"Ou ela me largou. E não me contou."

"Vamos atrás de um hotel." Essa opção estava começando a parecer cada vez mais tentadora, sobretudo porque Lou nutria em segredo um medo vago e quase infundado de dormir na casa de estranhos, desde que pegara piolho no terceiro ano em uma festa de aniversário do pijama de uma garota que nem sequer falava com ela na escola, e depois teve que passar um longo verão com seus pais se revezando para catar seus piolhos com a ajuda de um pente fino.

"E se ela trocou a fechadura?"

"Mari. Não tem como ela ter trocado essa fechadura sem a permissão do governo italiano. Ou de um pé de cabra."

Bem quando Lou estava prestes a jogar a chave do mosteiro pela escada e tomar a decisão por elas, um grito e uma longa sequência de palavras em italiano ecoaram atrás delas no corredor escuro. Uma mulher baixinha disparou na direção delas, pulando nos braços de Mari, que a girou no ar, rindo. Então elas estavam se beijando. Fervorosas. Quando acabaram, a namorada de Mari abriu a porta para elas sem usar a chave e Lou achou que seu corpo fosse desintegrar. Pelo menos, se ela fosse uma pilha de escombros no chão, não teria que ir para a sessão de fotos no dia seguinte.

Lou dormiu no sofá e acordou de manhã com barulhos de sexo e cheiro de café. Havia croissants e café expresso na mesa. Ela agradeceu os lanches, mas teria preferido um pouco de cuidado com o volume por parte de Mari e sua namorada.

Ela teve meio dia para si em Roma antes de uma sessão de fotos para um editorial no fim da tarde para a *Vogue Itália*, agendada apenas com base no hype dos desfiles de Nova York. Ia ser o primeiro editorial de Lou, o que significava que ela oficialmente fazia parte das grandes ligas de garotas gostosas, como tinha colocado Harrison. Os editoriais contavam uma história. Não serviam apenas para vender roupas porque muitas das pessoas que os viam não costumavam ter dinheiro para aquelas roupas, mas serviam para vender um look, uma estética, uma pessoa. A ideia de um estilo de vida. A ideia de uma pessoa. Com isso, Lou se identificava.

Ela na verdade já tinha ouvido falar do fotógrafo, o que significava que ele devia ser extremamente famoso, e quando ela contou para a mãe por telefone, ainda em Nova York, ela pareceu impressionada. *Uau, Lou*, disse ela. *Faça anotações*. O maior elogio de sua mãe jornalista. Durante sua

primeira semana de desfiles, em que multidões e multidões faziam fila do lado de fora para entrar, Lou ficou perfeitamente consciente de que o que ela estava vivenciando era interessante para outras pessoas, o que a deixou nervosa, como se ela fosse estragar tudo de algum jeito e decepcionar todo mundo. De acordo com Mari, o fotógrafo famoso era conhecido por ser um babaca muito bonito e talentoso. *Não vá para a cama com ele*, advertira Mari, como se Lou algum dia fosse ficar tentada a fazer isso. *Ele sem dúvida vai pedir*. Mas ela disse isso como se fosse melhor do que ele não pedir, o que embrulhou o estômago de Lou. Ela decidiu não pensar a respeito até que acontecesse, para não acabar com o dia em Roma que ela tinha para si, o primeiro depois de semanas.

Eram oito da manhã, o mais tarde que ela tinha acordado desde que saíra de Portland. Lou colocou um suéter e a carteira em sua mochila JanSport, ainda manchada embaixo por causa de uma caneta que vazara na aula de história, e agradecida calçou seus Vans. Ela não tinha levado a câmera. Ela não queria a distração de se sentir culpada por não usá-la.

Ela fechou a porta do mosteiro atrás de si e saiu em um corredor muito escuro e frio, que parecia dez vezes menos aterrorizante que na noite anterior, quando ela estava beirando às alucinações de tão cansada. Ela estava sem wi-fi desde que saíra de Nova York e, embora fosse ter que pagar muito caro pelos dados usados nas corridas por aplicativos em Milão, era um alívio não ter agora, pois isso significava não ter de pensar em como Ivy não lhe mandava mensagens e como ela não mandava mensagens para Ivy.

Em Nova York, parecia que ela estava próxima de Morgan o tempo todo, como se Morgan estivesse atenta, esperando que Lou vivesse à altura de alguma coisa, aproveitasse o fato de estar na cidade e não ficasse lendo romances da Jane Austen em seu beliche sempre que tivesse uma noite livre, desejando que Elizabeth Bennet e sua amiga Charlotte tivessem fugido juntas em vez de se casar com caras tão insuportáveis. Em Roma, ela se sentiu mais próxima de um novo eu, como se pudesse olhar as pessoas que passavam e, ainda que não conseguisse entender o que falavam, se reconhecer nelas, nos fragmentos de suas dores e prazeres que ela via em trechos de dez segundos. A mulher e a filha brincando perto da banca de jornal, a menina pulando nas costas dela, depois escorregando, de novo e de novo, como se a mãe fosse um mastro de bombeiros. O casal

italiano tão envolvido com o que o outro dizia, abraçados, que quase deram de cara com a traseira de um caminhão de entrega. O homem gritando ao telefone, de mão dada com o filho pequeno, segurando com força enquanto atravessavam a rua, depois se inclinando para amarrar os sapatos do menino quando chegaram à calçada. Ela desenhou todos eles no diário. A entrada anterior de seu diário era de meses antes, esboçada no café onde ela costumava ficar enquanto Ivy trabalhava. Ela tinha desenhado Ivy com uma expressão como se estivesse sorrindo maliciosamente para Lou, embora naquele momento ela falasse com um cliente. Às vezes, parecia que existiam duas metades de uma pessoa. As própria pessoas, vagando pelo mundo, com as próprias ideias, e as pessoas em todos os outros lugares com ideias sobre elas. Ela queria captar o segundo caso em seus desenhos, em suas fotografias.

Lou foi a pé até o Panteão, mas não ficou na fila para entrar. Os pilares largos da fachada estavam banhados de luz rosa e alaranjada. Havia milhares de turistas segurando paus de selfie, seguindo bandeiras como crianças atravessando na faixa de pedestres. Mas também havia pessoas apenas vivendo a vida, atrasadas para compromissos, cansadas da companhia das pessoas com quem estavam, se apaixonando. Ela não conseguia entender o que a maioria delas estava dizendo. O desconforto flagrante dos turistas por não conseguir se comunicar em restaurantes e estações de trem, por não conseguir pedir o que havia de mais básico, lhe parecia familiar. Fazia suas ansiedades parecerem menos estranhas, mais como uma experiência que todos tinham nesse contexto. Estar nervosa e não parecer com todas as outras pessoas era exatamente o que definia viajar. Ela podia se imaginar vivendo no exterior. Talvez pudesse morar em Roma para estudar, como Mari tinha feito. Ela não entendia por que Mari desejaria desistir disso para ser modelo. Lou não odiava o ramo ainda; na verdade, gostava mais do que esperava que fosse gostar, mas não sentia que estivesse fazendo as próprias escolhas. Parecia que ela tinha entrado no caminho de uma avalanche muito elegante.

Em algum momento, ela achou o caminho para um parque famoso, na encosta de uma colina, de onde dava para ver a cidade inteira. Ela viu um casal de noivos tirando fotos de casamento na igreja no fim da rua. Depois, outro casal no gramado do parque, um fotógrafo a alguns metros de distância, dirigindo os dois. Logo, ela se deu conta de que o parque era

quase todo dela e de recém-casados heterossexuais. Eles estavam em toda parte. Um casal ao lado dos postes, outro junto à vista, um terceiro parado perto dos arbustos floridos. As mulheres estavam todas de branco. Os homens, todos de cinza. Lou não sabia se queria se casar. Ela não tinha crescido imaginando isso. Durante a maior parte de sua vida, a igualdade no casamento não era uma questão, e ela não se conhecia bem o bastante para saber com quem ia querer se casar um dia. De qualquer modo, não parecia um marco ou uma aspiração. Ela se perguntou se seria para Ivy. Ela duvidou. Ivy se casaria com suas guitarras, se pudesse.

Lou não conseguia pensar no beijo na cobertura de Harrison, então optou por não fazer isso. Ela também não conseguia pensar em Harrison e Tuck, o que aquilo significava para ela, que ela estava tão obcecada com Ivy que não conseguia enxergar com o que Harrison poderia estar tendo dificuldades ou o que estava querendo. Ele iria de Londres direto para Milão, então ela só o veria na próxima semana.

Ela tinha visto pôsteres colados nas laterais dos prédios para a retrospectiva de uma fotógrafa de quem tinha ouvido falar e por fim conseguiu chegar ao museu no meio da tarde. O lugar era silencioso e vazio se comparado às ruínas. A maior parte do trabalho da fotógrafa eram autorretratos em precipícios: a artista em sua banheira com pés de garra na beira de um penhasco, a artista dando um passo para o nada da asa de um avião, a artista se agarrando a um galho de árvore, os dedos se soltando.

Lou tinha uma foto de Morgan de logo antes de ela mergulhar da pedra. Ela sabia que estava lá, no cartão de memória da câmera, mas nunca tinha visto. Ela se lembrou de ter tirado. Ela pensou em como seria pedir para outra pessoa ver, saber que ela existia, lhe dizer que era tão aterrorizante como Lou sabia que era. Ela comprou um cartão-postal da artista e do galho da árvore na loja por três euros e enfiou o envelope de papel pardo na mochila. Ela não sabia para quem mandar. Talvez ela colasse na própria parede, se ela voltasse a ter sua própria parede.

A sessão de fotos da *Vogue Itália* era em um antigo cinema que tinha virado uma casa de shows, com uma marquise na fachada anunciando uma banda

indie americana que Lou conhecia. Era a primeira vez que ela ia a uma sessão de fotos de verdade, do tipo em que alguém a pagava. Um editorial era uma série inteira. Nove páginas. A sessão aconteceria ao longo de dois dias. Mari lhe disse que o primeiro dia era sempre o mais difícil, e que o nervosismo diminuiria assim que ela conhecesse todo mundo.

Seu nervosismo não acabou quando ela conheceu Pete Webbs, o fotógrafo famoso. Todo mundo na sessão cedia ao que quer que Pete Webbs quisesse. O cabeleireiro e o maquiador falaram com Lou sobre ele como se fosse um gênio, mas, pelo que Lou sabia, ele era apenas um cara inglês barbudo de calça jeans e boné de beisebol. Ele não se parecia em nada com as outras pessoas da moda que ela já tinha conhecido, que costumavam se vestir como se estivessem indo para o casamento de suas vidas. Pete Webbs estava vestido como um pai num jogo de beisebol e falava sobre as modelos como se fossem crianças que iam jogar. Crianças não atléticas. As modelos eram mantidas separadas umas das outras, se alternando na formação saindo de um sofá grumoso no canto.

Lou era a primeira, então não teve a oportunidade de ver como as outras modelos faziam as coisas. As roupas não serviram direito. O primeiro look era um vestido, um vestido de baile mesmo, e não ficou bem nela. Os ombros dela pareciam salientes e sua cintura se recusava a ser uma cintura e Pete Webbs ficava pedindo à estilista para apertar cada vez mais, às vezes com alicates grossos de metal com pontas vermelhas, do tipo usado para fazer chupeta em um carro.

"Só vai até aí", a estilista lhe disse. Lou mal conseguia respirar, mas não sabia para quem dizer isso.

"Ela ainda parece inadequada", disse Pete Webbs, se dirigindo a Lou mais do que a qualquer pessoa que pudesse de fato fazer alguma coisa a respeito. Lou era a última pessoa na sala que podia fazer qualquer coisa a respeito de sua inadequação.

Ela não sabia o que dizer. Ela não queria pedir desculpas. Sobretudo não queria que sua voz vacilasse se ela fizesse isso.

Pete Webbs disse para a estilista que escolhesse um look diferente, para trocar o dela com o de outra modelo, e quando ela estava de calças largas, sandália gladiadora de salto e um top branco transparente, ele pareceu mais satisfeito. Lou tinha certeza de que dava para ver seus mamilos pela camisa, mas ela não disse nada. Ela não queria voltar para o

vestido da chupeta. Pelo menos nessa roupa ela conseguia respirar. O maquiador limpou uma hora de trabalho e recomeçou do zero. Dessa vez foi mais simples, apenas corretivo e rímel, uma boca nude. Ele trabalhou rápido e a mandou de volta para Pete Webbs.

Um pedestal de microfone estava montado no palco e Pete Webbs posicionou Lou atrás dele. Luzes azuis a focalizaram, o ar cheirava a cabelo depois da chapinha. O chão estava coberto por uma lona fina. Pete Webbs perguntou se ela sabia segurar uma guitarra.

"Sei, sim", disse Lou. Ela podia fingir, de qualquer maneira. Ele lhe entregou uma, com todo cuidado, como se não confiasse nela. Dava para dizer que era extremamente cara. Talvez não tão cara quanto qualquer uma das roupas que ela tinha usado nos desfiles, mas claramente tinha significado pessoal para Pete Webbs. Tinha um formato deslocado, um corpo dourado brilhante e uma palheta salpicada. Ela se perguntou se conseguiria tirar uma foto dela para Ivy, mas se lembrou de que não estava falando com Ivy, que não podia simplesmente mandar fotos de guitarras por mensagem, mesmo das muito bonitas. Talvez ela pudesse roubá-la para Ivy, e então Ivy iria querer ficar com ela. Ela sorriu, e Pete Webbs achou que ela estava sorrindo para ele, então Lou sentiu que precisava dizer alguma coisa. "Qual é o modelo?"

"É uma Eko 65", disse Pete Webbs. Ele não perguntou se ela sabia tocar. Ela colocou os dedos no braço da guitarra, na forma de um acorde fá, e envolveu a mão direita em forma de U, mas ele disse a ela para segurá-la com o punho fechado e erguê-la como uma oferenda.

Então ele disse a ela para cair de joelhos. Ele mostrou o movimento, mas não foi para o chão. Parou logo antes, como se estivesse fazendo uma manobra de skate. Ela tentou fazer isso até a metade do caminho, sem cair de fato.

"Não", disse ele. "Até o fim."

Lou agarrou o braço da guitarra com força, mas subestimou a distância a que estava do chão e caiu com tudo. A dor disparou por seus joelhos. Suas pernas estavam tremendo quando ela se levantou, os olhos lacrimejavam.

Ele gesticulou para ela repetir o movimento.

"Eu não consigo", disse ela.

Ele parecia irritado, mas a dirigiu em algumas outras poses, fez com que ela pulasse para a frente, como se ela estivesse tentando passar por sobre um riacho largo. A cada vez, ele pedia que ela fosse um pouco mais adiante, até que ela estivesse quase fazendo as aberturas totais, os músculos estirados. A guitarra foi ficando mais pesada na sua mão.

"Isso não está dando certo", disse ele a um dos assistentes.

"Tento outra coisa?", disse Lou. Mas os dois estavam olhando para a câmera, e não para ela. O assistente saiu apressado e Pete Webbs pareceu se lembrar de que ela estava ali.

Ele perguntou de onde ela era, em um tom mais amigável. Dava para dizer que ele estava tentando amaciá-la, mas ela não queria ser amaciada. Seus joelhos doíam. Ela não queria de jeito nenhum chorar. Ela sentia as outras modelos a observando.

"Dos Estados Unidos", respondeu ela.

"Mas de onde lá?"

"Portland, Oregon."

"Ah, sim", disse ele, como se ela por fim tivesse feito algo certo. "Eu adoro Portland. Morei lá alguns anos quando estava na casa dos vinte, mas fui embora antes que virasse outra coisa. Você sabe como está agora."

Ela não sabia, na verdade. Ela também não sabia como era antes.

Pete Webbs pediu a ela que fingisse estar cantando, e sua boca parecia elástica e esquisita, como se tivesse sido anestesiada no dentista, quando ela a abriu sem emitir som algum. Como era uma boca cantando? Ela não conseguia lembrar se ficava redonda como um O ou só aberta como num grito. Todo mundo olhava para ela, a câmera clicando, Pete Webbs tentando fazer o corpo dela parecer um corpo de músico exagerado, quando o único corpo de músico que ela queria estava do outro lado do Atlântico.

Ela continuou tentando imaginar Pete Webbs como sua agente bem-humorada Anne, tirando fotos dela na orla, mas não conseguia limpar a mente tempo suficiente para imaginá-lo como qualquer outra pessoa além de quem ele era. Um cara que estava vendo seus mamilos, que parecia insatisfeito com todos os seus movimentos, mas que não conseguia lhe dizer o que fazer diferente. Ela não fazia ideia de por que ele a havia escolhido para a sessão, ou se tinha sido decisão de outra pessoa. Talvez a aparência dela fosse diferente pessoalmente.

O ar condicionado da sala estava forte demais, e ela olhou para os assentos vazios, que começavam alguns metros a partir do palco, tentando imaginar como Ivy se sentia ao microfone: podendo amplificar seus sentimentos daquele jeito, preencher cada centímetro quadrado de ar de uma sala com eles. Por um segundo, havia uma verdadeira multidão na frente dela, e Ivy estava ali, e Lou sabia exatamente o que ela queria dizer.

"Portland, incline-se para o microfone", disse Pete Webbs.

Ela se inclinou.

"Mais perto."

Ela conseguia sentir o cheiro do metal do microfone. Seus lábios o roçaram.

"O mais próximo que der", disse ele. "Como se fosse o pau do seu namorado."

Lou deixou a guitarra cair.

Todo mundo no teatro ficou paralisado, e um dos rapazes segurando refletores de luz gritou em italiano quando ela bateu no cimento.

Escorregou tão fácil dos seus dedos, aquela guitarra devia ter a mesma idade dela, e não era como se a palavra *pau* fosse de fato chocante, saindo da boca daquele cara, mas em um segundo, ela estava segurando bem firme, e no próximo, o braço da guitarra estava quebrado, as cordas soltas e deformadas, o corpo a seus pés.

Lou sabia que devia ter ficado apavorada por ter quebrado o braço de uma guitarra vintage, a peça central da sessão de fotos, mas o jeito como Pete Webbs a encarava, com raiva, com o rosto vermelho por trás da barba, só fez ela sentir raiva de volta, sustentando seu olhar enquanto ele perguntava qual era o problema dela.

"Foi mal", disse Lou, dando de ombros. Ela saiu, deixando a guitarra no chão, e foi embora pelas portas duplas dos fundos, de mãos vazias, a não ser por sua mochila JanSport verde, de repente morrendo de fome. Estava anoitecendo do lado de fora, o céu roxo e cinza. As janelas dos prédios mostravam interiores iluminados, estavam embaçadas e amareladas, e ela via pessoas lá dentro, através de persianas de madeira, preparando o jantar ou em frente a laptops, gatos dormitando nos parapeitos, e ela queria começar a gritar e bater nas janelas, atrapalhar a noite tranquila das pessoas, sair correndo pela rua como se estivesse perseguindo alguém.

2

No apartamento, a namorada de Mari, Rosana, tinha preparado uma refeição italiana elaborada que Lou mandou para dentro. Ela encharcou a crosta de sua ciabatta com azeite. Ela elogiou a massa, que tinha sido feita à mão, cascas de ovos alinhadas na bancada da cozinha. Rosana e Mari pareciam estar havia horas em uma briga em que Lou tinha acabado de cair de paraquedas. Eles podiam, na verdade, estar na briga havia anos; o que elas estavam falando dava uma sensação elíptica que lembrava Lou das discussões de seus pais, como se o ambiente tivesse sido preenchido de novo e de novo com as mesmas palavras, ninguém se ouvindo de verdade, ninguém mudando de ideia ou de lógica.

Quando o jantar acabou, Lou ouviu as duas discutindo na cozinha, que era tão pequena que ela não conseguiria entrar sem que uma delas saísse antes. Ela esperou na sala, com os pratos sujos na mão. Ela sentiu como se estivesse escutando no alto da escada, como costumava fazer na infância, quando seus pais conversavam depois que ela e o irmão tinham ido para a cama.

"Você percebe o padrão?", Mari estava dizendo. "Como você pode prometer que não vai mais fazer e depois fazer isso *toda* vez, porra."

A namorada respondia em italiano e Mari falava em inglês.

"Eu não *quero* morar aqui, amor", disse Mari. "Não quero voltar a estudar. Sinto muito, mas não tem absolutamente nada a ver com você."

Rosana disse outra coisa que Lou não entendeu.

"Você disse que eu podia ir pra cama com ela! Você não pode me dar permissão e mudar de ideia uma semana depois. Não é assim que funciona. O que você ia dizer se eu te mandasse parar de sair com a Brio? O que você ia dizer se de repente eu ficasse muito indignada com a ideia de vocês juntas?"

Mari saiu de repente da cozinha, segurando firmemente uma garrafa de vinho destampada, e quase bateu de frente com Lou.

"Desculpe", disse Lou. Não havia nada que ela pudesse fazer para não escutar. "Eu só estava..."

“Desejando poder cair fora daqui?”, Mari bateu a garrafa de vinho na mesa, mas não o derramou. “Eu também.”

Mari quis ir a um show no mesmo lugar onde tinha acontecido a sessão de fotos, e Lou ficou a noite sentindo como se Pete Webbs estivesse espreitando no meio da multidão. Durante o jantar, Yukon tinha enviado a ela uma série de perguntas sobre o motivo de Pete Webbs a ter banido do segundo dia da sessão de fotos para o editorial, e Lou não respondeu a nenhuma. O que ela poderia responder a: *Lou, propriedade de que tipo você destruiu*?

Pela primeira vez, ela não sentiu culpa alguma. Seu único arrependimento era não ter quebrado também a câmera dele.

Em vez de ouvir a banda, ela e Mari ficaram no fundo, Mari gritando a história de seu relacionamento com Rosana. Ela e Rosana se conheceram no conservatório em que Rosana ainda estudava, no primeiro semestre. Elas tinham tocado juntas em um quarteto por alguns anos, o que tinha sido a parte de que Mari mais gostava na escola, antes de ela virar modelo. Mas Rosana planejava fazer testes para entrar em orquestras na primavera. A princípio, elas iam fazer isso juntas.

“As chances de a gente ir para a mesma orquestra eram basicamente nulas, de qualquer maneira”, disse Mari. “As chances de eu conseguir um emprego eram baixas, pra começo de conversa. Eu era boa o bastante para entrar em um conservatório porque era obrigada a ensaiar literalmente todos os momentos livres da minha infância inteira, em vez de brincar lá fora com meus amigos, mas não sou tão boa em comparação a todas as outras pessoas que querem entrar mais do que eu. Pelo menos como modelo eu sei que vou ficar velha para continuar, então agora é a hora de fazer isso. Só quero poder fazer a porra do que eu estiver com vontade. Não quero mais ensaiar. Quero ter meu tempo de volta. E Rosana nunca saiu da linha. Ela é tão regrada. Me sufoca.”

“Ela gosta mais?”

“Ela adora”, disse Mari. “Essa é a diferença. Ela sempre adorou, e eu simplesmente adorava agradar aos meus pais.”

“Ela está brava por causa da Sienna?”

“Não, ou, pelo menos, ela não devia estar. Ela deu sinal verde. Nós temos regras, e eu as estava seguindo. A Rosana tem outra parceira aqui. Eu falei para ela: ‘Se você quer tanto morar com alguém, vá morar com ela’. Mas sou eu que ela quer. Porque sou eu que ela não pode mais ter.”

Lou comprou mais bebidas para elas. Ela mostrou seu passaporte para o barman, que olhou para a foto de seu eu de catorze anos com muito ceticismo antes de entregar os drinques. A banda não chegava aos pés da Fortunato, mas ela estava reconfortada com o ambiente familiar do show, o olhar desfocado da cantora, o chão pegajoso, o burburinho da multidão, mesmo numa língua que ela não entendia. E foi por isso que, quando Mari a beijou encostada na parede, com tantos pôsteres pregados que estava macia, acolchoada, Lou se assustou. Ela estava acostumada a ficar sozinha nos shows, sem que ninguém chegasse nela. Ela nunca tinha sido beijada por alguém mais alta do que ela. Até os garotos eram mais baixos. Mari beijava extremamente bem, mas ela recuou, sorrindo, segurando as bochechas de Lou com as duas mãos, como se Lou tivesse contado uma piada engraçada e agora ela fosse ganhar uma recompensa.

“Você pode parecer um menino, mas ainda bem que beija como uma garota.”

“Como é que uma garota beija?”, perguntou Lou.

Mari riu. “Como se você não soubesse, meu bem.”

Ela e Mari tomaram um trem para Milão na noite seguinte. Lou tentou oferecer lanches de sua bolsa, mas ela não aceitou. As duas não tinham se despedido de Rosana, apenas deixaram a pesada porta de mosteiro bater atrás delas. Ela se perguntou se as duas tinham quebrado regras no show, se Mari a estava usando para quebrá-las. Lou não se sentia hábil o bastante em contrabalançar as pessoas para estar na órbita completa de Mari. No trem, Mari estava distante e de ressaca, encolhida na poltrona e olhando pela janela, longe de Lou. O beijo tinha sido como uma brincadeira, algo que elas estavam destinadas a eventualmente tentar, e Lou sabia que Mari provavelmente já nem se lembrava dele, mas ela tinha medo de que ficasse algo estranho entre as duas. Beijar Mari não tinha nem mesmo o calor de beijar Catherine, apesar de ela beijar bem, e era muito melhor ter Mari

desse jeito, como companheira, como alguém para quem ela podia ter contado o desastre da sessão de fotos de Pete Webbs — como ela estava ansiosa com as consequências agora, que ela de alguma maneira tinha estragado tudo —, mas não conseguiu, porque parecia que reclamar seria mesquinho e dramático demais. Ele tinha dito uma coisa sugestiva para ela, e daí? Ele não tinha dado em cima dela, não como Mari disse que ele faria. Mas Lou ainda estava com a sensação de ter sido empurrada da traseira de um caminhão em movimento, principalmente porque ninguém na sessão interveio ou reconheceu que o que ele tinha dito era absurdo.

Antes de se separarem em Milão, Lou comprou um sanduíche caprese de um ambulante na estação de trem e o colocou na bolsa de Mari quando ela não estava olhando. Mari deu um beijo em cada bochecha de Lou, depois fez um gesto de tchau.

Em Milão, alguma coisa mudou em relação a Nova York, onde ela passara por cinquenta castings sem nenhuma indicação se seria reservada para alguma coisa. Agora os estilistas a queriam sem nunca a terem visto pessoalmente, com base apenas em sua reputação nos desfiles de Nova York. Yukon enviara a ela por e-mail uma nova longa lista de provas de roupas, algumas exatamente no mesmo horário, e não voltou a mencionar a sessão de fotos de Pete Webbs, como se soubesse que Lou não contaria a história toda. Ou talvez já não quisesse saber.

Todas as mesmas garotas de Nova York estavam lá — Thayer e Eline, Jia e Keeley Dot, todas a abraçaram, dizendo como estavam animadas em vê-la de novo, ainda que só tivesse se passado uma semana desde que estiveram juntas em Nova York. A imprensa tinha considerado Thayer, Mari e Keeley Dot as garotas da temporada, as que tinham sido reservadas para todos os grandes desfiles. Lou não era exatamente uma *garota* da temporada, mas ela era *alguma coisa* da temporada. Ela estava extremamente preocupada com o que acontecia agora, quando as pessoas davam um Google nela, o que Yukon sugerira que ela fizesse, assim como colocar alertas de notícias para seu próprio nome. Ela também ficava assustada com a quantidade de vezes que seu nome aparecia em fóruns de modelos com especulações sobre quem ela era e de onde vinha — sem

contar na Vogue.com, sem contar no Instagram, onde ela tinha seguidores pré-adolescentes muito devotos postando coisas preocupantemente sugestivas sobre ela. Seu pai começou a mandar mensagens com fotos dela em passarelas perguntando: *É você*?

Às vezes era, às vezes não era.

Os desfiles de Milão se confundiram. Era uma dúzia a mais do que em Nova York, atulhados a cada segundo do dia. Ela acordava às quatro da manhã, tinha compromissos a partir das sete e festas até as duas da manhã, apenas para acordar de novo poucas horas depois para um novo dia cheio. Tempo não significava nada, a não ser para espaçar seus lanches e suas refeições e para a ingestão de cafeína. Ela participou de quase trinta desfiles no intervalo de uma semana. O apartamento das modelos onde Lou estava era melhor do que o de Nova York, com mais de um banheiro e cortinas pesadas nas janelas, mas nenhuma de suas amigas estava hospedada lá. Lou não entendia como podia ter conhecido tanta gente e feito um trabalho louvável e agora ter que conhecer ainda *mais* gente.

A única noite que chegou a ser boa foi uma na qual por fim encontrou Harrison, em um *after* do desfile da Missoni. Ela o arrastou para longe do barulho e dos negronis, e eles andaram por ruas escuras juntos. Assim que estavam sozinhos, ela temeu alguma informação que ele pudesse dar sobre ou da Fortunato. Ela perguntou como ele estava, na intenção de evitar o assunto completamente.

"Cansado", respondeu ele. "Milão é sempre um pequeno pesadelo. Um lindo, na verdade. Mas é como se Da Vinci tivesse tomado ecstasy e te arrastado atrás dele como uma boneca de pano."

Eles pararam em uma loja da esquina, onde Harrison comprou Gatorades azuis para os dois.

"Quem é você, uma mãe num jogo de futebol?", disse Lou. Ela ficou constrangida assim que disse a palavra *mãe* para ele, mas Harrison apenas riu.

"Se hidrate, vadia."

Ela abriu o Gatorade e tomou um longo gole. O gosto era delicioso. Como o interior de um cubo de gelo.

“Desculpe ter sido tão nerd em Nova York”, disse Lou. “Fui embora por causa da Ivy, e não por causa de você e do Tuck.”

“Você pareceu mesmo uma bela homofóbica”, disse Harrison, e desta vez Lou riu.

“O que está rolando entre vocês?”

Harrison suspirou. “Eu não sei, cara. A gente tinha a mesma turma em Portland por um tempo, antes de ele ir para a faculdade. Sempre achei ele fofo, mas hétero. Mas a gente começou a trocar mensagens depois que a ex dele morreu.”

Morgan, Lou quis dizer. *A ex dele, Morgan Ellis*.

“E não sei”, disse Harrison. “Acho que ele não é assim tão hétero.”

“Ele se veste como hétero.”

Harrison piou. “Olha quem *aprendeu* alguma coisa! Isso, acaba com ele.”

“Vocês conversaram?”

“Eu falei para ele que estaria sem internet. Não sei. Não quero um relacionamento. Eu não daria conta de um agora. Já estou tendo que me arrastar e não preciso arrastar mais ninguém. Mas eu também gosto muito dele.”

“Ele não parece o tipo de pessoa que precisa que você faça isso.”

“Todo mundo precisa às vezes”, disse Harrison.

“Ele é um ótimo baterista.”

“E é inteligente. E é calmo. E é interessante.”

“Você é inteligente, calmo e interessante. Ele quer estar com você?”

“Ele age como se quisesse. Mas, Lou, quem fala *estar*? Você é muito meia-idade mesmo.”

“Tudo bem, ele quer te dar uns amassos?”

Harrison riu. “Ele já deu, amor.”

Eles andaram por um tempo até que ela disse: “Eu estava junto. Quando a ex dele morreu”.

Harrison olhou para ela. “Deve ter sido horrível demais.”

“Foi.”

Ele balançou a cabeça. “Ivy falou sobre isso, um pouquinho. Como foi terrível por causa da coisa toda da mãe dela também.”

“Eu não sei”, disse Lou. “Ela nunca fala da mãe.”

Eles estavam passando por um grupo de turistas americanos, todos homens jovens. Eles usavam ternos e bonés de beisebol combinando, e Lou se perguntou por um segundo se faziam parte de um time da MLB ou se era só uma despedida de solteiro bem estilosa. Um dos homens secou descaradamente ela e Harrison, de cima a baixo, sem diminuir o passo ou cortar sua frase sobre investimentos imobiliários.

"A Ivy tem sido uma boa amiga, desde que minha mãe morreu", disse Harrison. "É um negócio chato de dividir, mas é melhor com alguém que já passou por isso."

Eles se aproximaram de uma basílica acesa, com campanários góticos. Mesmo às quatro da manhã, havia turistas circulando, tirando selfies. A noite estava fria e tudo era inundado por uma luz castanho-avermelhada. Pela primeira vez, parecia outono, como se eles tivessem saído tarde depois de um jogo de futebol, não que Lou de fato fosse a jogos de futebol. Ela perguntou a Harrison se ele já tinha sentido como se estivesse vivendo um sonho.

"Não é o meu", disse Harrison. "É o seu?"

"Qual é o seu sonho?"

"E alguém sabe essas coisas?"

"Ivy sabe."

"Talvez você só ache que sabe o dela. Talvez você suponha que sabe qual seja. Tipo, minha mãe, por exemplo. Sempre achei que era o sonho dela ser poeta. Ela trabalhou para a prefeitura a vida toda, gestão da água. Mas ela estudou poesia na faculdade e lia muito, e estava sempre escrevendo coisas. Ela nunca mostrava nada do que tinha escrito para ninguém. Mas um dia eu perguntei. Ela e meu pai tinham nos contado apenas alguns dias antes que o câncer tinha voltado e que era terminal. E perguntei se ela se arrependia de não ter publicado suas poesias. Ela não fazia ideia do que eu estava falando. E eu fiquei, tipo, você está sempre escrevendo. O que você escreve, se não é isso? Ela disse que estava apenas fazendo planos para o jardim. E, claro, eu sabia que ela amava o jardim, ela passava todos os fins de semana mexendo nele... só nunca pensei nisso como um sonho. Era o mais bonito do bairro. Ainda é. As pessoas paravam para admirar, e ela só continuava mexendo nele. E um dia a gente estava sentado juntos na varanda, quando ela não conseguia mais mexer nele, e me disse que o sonho dela era ir aos Jardins de Boboli. Ela me mostrou um

álbum de fotos que ela tinha dele, no escritório. Tipo, um álbum inteiro de recortes de jardins famosos. Ela me disse que tinha lido sobre eles em um livro quando era muito pequena e que lamentava nunca ter ido quando podia. E eu disse que a levaria. Mesmo que, claramente, ela não pudesse sair de casa àquela altura, muito menos vir aqui."

"Aqui?"

"Bem, em Florença. Basicamente aqui."

"Florença, Itália?" Ela só se deu conta de que tinha gritado quando algumas pessoas que atravessavam a rua olharam para eles. "Vamos lá amanhã."

"A gente tem o desfile da Gucci amanhã."

"Depois, então."

"A gente tem que ir a Paris depois da Gucci."

"Por que mais a gente está na Europa, se não é para ir no Bo..." Ela tentou fazer sua boca pronunciar, mas temeu acrescentar sílabas extras.

"Nos Jardins de Boboli."

Lou gostava de como a palavra soava, como um balão de ar quente ou o nome de uma garota sofisticada, e isso a fez pensar na mãe de Harrison, Coral, escrevendo-o em letras cursivas no seu álbum de recortes, imaginando um lugar a oceanos da vida real, um sonho no qual viver durante os dias mais difíceis.

Eles tomaram o trem logo depois do desfile da Gucci, ainda que Harrison tivesse dito a ela que os *afters* eram lendários e que no ano anterior alguém tinha ficado famoso por ter ficado com a boca colada no pau de uma estátua de gelo do *Davi* de Michelangelo e, depois, uma outra pessoa completamente diferente ficou presa nos seus mamilos, como se esse detalhe fosse deixar Lou mais propensa a querer ir.

Lou via o campo passar enquanto o sol nascia e Harrison dormia. Ela via as fileiras de girassóis, os varais dos subúrbios e as antenas nos telhados das cidadezinhas, os sinais piscando para os carros nos cruzamentos ferroviários. Ela ficou feliz quando pararam na estação Santa Maria Novella, em Firenze, todos os passageiros se levantando ao mesmo

tempo para pegar as malas nos bagageiros superiores. Ela estava pronta para captar a própria energia.

Os jardins ficavam na encosta de uma colina, no limite da cidade. Mal tinha clareado quando eles seguiram subindo pelas ruas dos bairros, até o forte acima do Palazzo Pitti, sobre o qual Lou tinha lido no trem. Ele fora comprado pelos Médici no século dezesseis e, a certa altura, servira como um dos quartéis-generais de Napoleão. O forte e o palácio ainda não estavam abertos. Havia uma cerca alta circundando os jardins, com flechas enferrujadas no alto. O portão de entrada estava trancado. Uma placa branca em vários idiomas indicava o horário de funcionamento. Só abriria dali a mais algumas horas, bem quando eles tinham que pegar o trem para Milão para estar a tempo no voo para Paris.

"Merda. Quem fecha jardins?", disse Lou, agarrando o portão de entrada. Atrás dele, havia uma ponte levadiça sobre um lago e longas cercas vivas. Não parecia extraordinário. Na verdade, parecia meio simples, mas Lou não queria dizer isso.

"Chegamos muito perto", falou Harrison. "A gente basicamente chegou."

"Não", disse Lou. Ela deu a volta pelo lado comprido da cerca de ferro forjado, onde uma cerca viva a bloqueava. Era por causa dele que os dois estavam ali. Ela os colocaria para dentro. Mesmo que fossem os jardins mais sem graça do mundo. Ela nunca tinha ouvido Harrison desistir tão rápido de alguma coisa. Ela se recusou a deixar isso acontecer agora. "Venha comigo."

"Você é assustadora assim."

"É um jardim *público*", disse ela. A lateral da cerca meio que parecia uma escada, com espaços uniformes entre as barras. Ela subiu a borda e se equilibrou no alto, onde as flechas de ferro estavam. Não era tão alto. Sem dúvida outras pessoas já tinham feito isso e não tinham sido presas. Ela pulou e caiu de pé, mas metade sobre a cerca viva.

"Minha agente vai me matar", disse Harrison, se agarrando à cerca e a seguindo. Eles apareceram do outro lado com os braços e as pernas arranhados. Lou limpou sangue da bochecha.

"É para isso que inventaram a maquiagem", disse ela.

"Especificamente para isso? Por invadir e pular em jardins?"

Eles avistaram um segurança a algumas dezenas de metros e se abaixaram atrás de uma estátua equestre. Ele não tinha uma arma na cintura, porque ali não era os Estados Unidos, além do mais, o que alguém roubaria de um jardim?

Lou sentiu aumentar nela o mesmo tipo de empolgação que sentia quando criança, brincando de esconde-esconde no escuro. "Quando eu disser para correr, você tem que correr. Não pare. Vamos chegar ao limite. Tenho uma ideia."

O segurança virou em uma esquina. Lou tirou os sapatos para ir mais rápido, a grama estava molhada e fria sob seus pés. Ela enfiou os sapatos na mochila.

"Corra", disse ela.

Os dois dispararam, rindo muito, principalmente quando Lou escorregou no caminho, se apoiando com uma mão para não cair. De algum jeito, eles tinham conseguido virar uma esquina, para o lado oposto de onde estava o guarda, e então estavam sozinhos em um espaço aberto e gramado, com cercas vivas grossas de todos os lados, como se tivessem entrado em um labirinto.

Lou pegou sua câmera, ajustando a velocidade do obturador e a abertura da luz, e disse a Harrison onde queria que ele ficasse, perto das esculturas modernas que claramente eram emprestadas de algum lugar. Pareciam novas em folha, de cores que não existiam quando esses jardins tinham sido concebidos. A que ela mais gostou foi a de um anjo todo fodido, feito de plástico verde vivo, e ela posicionou Harrison embaixo dele.

"Certo", disse Lou, e respirou fundo. "Agora faça... eu não sei, o que você costuma fazer."

Harrison olhou para ela como se ela estivesse totalmente louca, mas depois de um segundo, ele pareceu entender o que ela estava pedindo. Ele se ajoelhou como se estivesse pedindo algo para o anjo verde, mas de um jeito que ele não parecia um anjo, e sim alguma coisa ainda maior do que isso: um lago ao qual ele tinha chegado à borda, um lugar para um longo descanso. Ele baixou a cabeça e ficou assim por tanto tempo que Lou quase se ajoelhou ao lado dele.

Quando ele se levantou, começou a posar, só que mais devagar do que ela já o vira fazer, como se cada gesto representasse outra coisa. Ele se

encostou no anjo, como se fosse um ponto de ônibus coberto. Ergueu as mãos, como se o anjo fosse derramar algo nelas.

A maneira como ele se movia era luxuriante para um fotógrafo. Ele parecia conseguir prever onde ela o queria antes que lhe desse qualquer direcionamento. Não era como com Pete Webbs, o jeito como ela se sentira manipulada, ineficaz, artificial. Ela era um par de olhos, mas um par de olhos que via uma coisa verdadeira, que não pertencia apenas a ela, algo que ela queria oferecer a todos no planeta — apontar para isso e fazê-los ver também. Lá estava um garoto em um jardim. Lá estava um garoto em um jardim que sua mãe sempre quis ver. Lá estava um garoto em um jardim vendo isso no lugar dela. Lá estava um garoto em um jardim que sabia que isso não bastava.

Quando terminaram, os portões tinham sido abertos. Hordas de turistas entravam e Lou e Harrison saíram, como se tivessem entrado com um ingresso como todo mundo. Eles chegaram cedo à estação e esperaram em um banco o próximo trem para Milão. Através das grandes janelas, um grupo de skatistas fazia *kickflips* em uma longa fileira de floreiras. Uma criança pequena corria atrás de pombos que bicavam migalhas de massa até que voassem para longe.

Harrison olhava as fotos dos jardins em sua câmera e não parou de dizer como elas eram boas, e Lou sentiu-se quente e espessa de prazer.

"Posso usar no meu portfólio?", perguntou Harrison. "Vou te dar os créditos, é claro."

Mais tarde naquela noite, ela subiu as fotos para o laptop e as mandou para ele, sem esperar que ele de fato fizesse alguma coisa com elas. Mas ele postou uma delas na sua conta no dia seguinte e marcou Lou. Teve milhares de curtidas e centenas de comentários elogiando as fotos, a composição, a beleza de Harrison, mas nada daquilo parecia tão bom quanto o elogio de Harrison, como alguém que sabia de verdade do que estava falando, como alguém em quem ela confiava. Às vezes, era engraçado como a fotografia não parecia uma coisa de verdade para ela, uma arte digna de elogios ou de atenção especial, porque era uma coisa que todo mundo também fazia o tempo todo. Às vezes, ela queria poder

ter sido fotógrafa antes de todo mundo carregar uma câmera no bolso, mas ela também gostava do desafio de conseguir uma imagem que ninguém mais poderia ter tirado, mesmo que estivessem lá. Ela gostava de ver mais, perceber tudo e selecionar uma única coisa para documentar. Ivy certa vez disse que ficava incomodada com as pessoas sempre olhando as coisas por meio dos telefones e não simplesmente olhando para a coisa em si, como se fosse a única maneira de saber se o que estavam vendo era real, mas Lou entendia. Era meio como dizer *Eu estou aqui, eu estive aqui*, de novo e de novo. As pessoas queriam se documentar, sobretudo se ninguém mais o faria. Com a fotografia dela, Lou costumava buscar algo a mais, algo à parte dela, a documentação de um sentimento, mas não necessariamente um sentimento de que alguém ia querer se lembrar caso se tratasse de sua própria vida. A dor que eles não queriam que mais ninguém visse.
A fotografia de Harrison nos Jardins de Boboli de que ela mais gostou foi a que tirou quando eles já estavam de novo do lado de fora dos portões, voltando para a estação de trem. Ele não estava olhando para a câmera, nem para ela. Olhava por sobre o ombro para a entrada dos jardins, como se não quisesse deixar o sonho de alguém que amava para trás.

3

Catherine fez uma chamada de vídeo por FaceTime para ela na manhã seguinte, quando Lou esperava para embarcar no voo para a França. Ela estava conectada ao wi-fi por acaso, para conferir a lista de castings para os desfiles de Paris que Yukon tinha mandado por e-mail juntamente com uma sugestão do melhor lugar em Paris para comprar macarons e uma observação sugerindo que ela não deveria comer os macarons de fato, e sim mandar uma caixa com metade sabor bergamota e metade pétala de rosas para seu endereço em Nova York. *Se não tiverem bergamota*, Yukon dissera na mensagem, *deixe pra lá e compre duas dúzias dos de sabor bolo de festa*.

Lou percebeu que Catherine estava mal assim que atendeu à ligação. Bêbada e chorando. Eram duas da madrugada no Oregon e estava tudo um breu, mas Lou conseguiu perceber que ela estava em um carro. Catherine não parava de balançar o telefone. Ela viu um volante. Catherine estava no banco do motorista, mas o carro não estava em movimento. Ela tentou ouvir o motor, mas não conseguiu escutar nada além da respiração pesada de Catherine. Depois de várias tentativas, Catherine conseguiu dizer que poderia ser expulsa da equipe de atletismo do Oregon.

Lou sentiu o estômago embrulhar ao ouvi-la dizer isso. "Por quê?"

"Eu não sei, estava tudo bem. Estava mesmo, a pré-temporada toda. Acabei queimando a largada." Ela riu da própria piada. "Porra."

Mais uma vez, Lou perguntou o que tinha acontecido, e Catherine ficou tão quieta que Lou finalmente conseguiu ouvir o motor ligado. Mas então ela começou a falar.

Catherine tinha ido a uma festa algumas noites antes. Ela estava flertando com uma garota que era corredora no time. As coisas estavam indo bem. A festa não estava nem tão fora de controle. Ninguém estava bebendo demais, nem sequer Catherine. Ela tinha tomado algumas cervejas, fumado um pouco de maconha, tomado um pouco de Adderall, ou talvez um pouco de ecstasy, ela não tinha certeza, mas só isso. Havia muita gente do time lá, mas quando os vizinhos chamaram a polícia e

todas as outras pessoas fugiram pelos fundos, Catherine e a corredora por acaso estavam no banheiro. Ela parecia mais puta porque os vizinhos também eram universitários que tinham rancor deles por causa de alguma festa para a qual não tinham sido convidados do que pelo fato de suas amigas terem deixado ela para trás e as duas terem sido pegas. Lou não entendeu bem — Catherine saiu pela tangente e ficou um bom tempo falando sobre rancor antes de chegar ao ponto. Ela quase tinha sido acusada de infração por posse, mas um de seus treinadores pagou a fiança dela e da corredora, para proteger a reputação do programa e não sair no noticiário local. A corredora culpou Catherine, e agora os treinadores estavam falando que, se ela não ficasse limpa, ia perder seu lugar no time. Aparentemente, já havia alguns episódios anteriores contra Catherine, mas ela não deu detalhes. Agora a corredora não estava falando com ela, e suas colegas de equipe estavam putas com as duas por terem sido pegas.

"Eu queria que a Morgan estivesse aqui", Catherine não parava de dizer. "Ela ia acertar isso. Ela ia saber exatamente o que fazer num caso como esse."

"Eu sei", disse Lou. "E você está certa. Mas pode desligar o carro? Você não pode dirigir, tá? Vai piorar tudo. E eu não quero que você morra como a sua heroína. É um clichê, tá? Não foi para isso que você nasceu."

"Ninguém *nasceu* para nada", disse Catherine.

Mas Lou a ouviu desligar o motor. "Volte para o dormitório, Cath. Mas não desligue o telefone, tá?"

A porta do carro abriu. Ela observou o campus passar escuro e pixelado. Ela ouvia gritos à distância. O rosto de Catherine e as árvores acima. As folhas ainda não tinham caído. Era a última semana de setembro. Catherine entrou em um saguão fluorescente e claro, depois em uma escadaria, depois em um longo corredor de ladrilhos. Por fim, ela destrancou a porta e colocou Lou na escrivaninha ao lado da cama.

"Eu vou ficar aqui, tá?", disse Lou. Ela pressionava o dedo no ouvido, tentando abafar os avisos sobre bagagem abandonada e os ruídos dos outros passageiros, que estavam ansiosos pelos anúncios do voo. Uma criança gritava em uma língua que ela não conhecia.

Catherine tirou a camisa e a calça e foi para a cama. Lou sentia que estava tão perto dela que poderia ter se aconchegado junto, apoiado a cabeça no porco de pelúcia que Catherine estava abraçando. Foi a primeira

vez que ela desejou de verdade poder voltar para casa, mesmo que só por algumas horas. Talvez ela devesse ter ido para a Universidade do Oregon no fim das contas, apenas para evitar noites como essa. Teria sido melhor do que fingir que estava ajudando Catherine ao viver o sonho de moda da irmã dela em Nova York.

"Você precisa continuar correndo", disse Lou. Sua cabeça parecia apertada e cheia. Ela não sabia mais o que fazer, a não ser ficar na chamada.

"Você está parecendo a minha irmã", disse Catherine. Ela já estava quase dormindo. "Você nunca me conta o que está acontecendo com você."

Lou só desligou quando Catherine já estava dormindo havia trinta minutos, tinha se virado de costas para a câmera, o braço exposto sobre o rosto. Lou mandou uma mensagem para Tuck em seguida. Ela nem tinha o número dele, então teve que pedir a Harrison, que não perguntou por que ela queria. Ela escreveu a mensagem sem pensar duas vezes, ou ruminar sobre o que Tuck pensaria dela depois de ter desaparecido em Nova York, o que parecia anos atrás agora. Ou mesmo o que ele pensaria dela e de Ivy. Ela mandou a mensagem para ele como o amigo que ele poderia ter sido, se as coisas tivessem corrido diferente.

Oi, é a Lou. A Catherine falou comigo, em Eugene. Você ainda fala com os pais dela? Poderia avisar que ela está precisando de ajuda? Não acho que eles iam querer falar comigo.

Tuck respondeu quase na mesma hora, ainda que fosse o meio da noite. *Falo, sim. Obrigado pelo aviso. Vou falar com eles.* Alguns minutos depois, outra mensagem dele apareceu. *Você devia falar com a Ivy.*

Ele não deu mais explicações e ela não prometeu nada. Em parte porque ele não disse o motivo, e ela odiava imaginar o que estavam falando dela quando ela não estava. Em parte por estar com raiva de estar tão distante de Ivy que Tuck tinha que bancar o intermediário para as duas, quando era óbvio que era exatamente isso que ela estava fazendo com Catherine.

Lou pensou em ligar para Ivy, mas pensou na diferença de horário e se conteve. Ela colocou o telefone no modo avião e abandonou a internet. Ela estava congelando. Uma mulher mais velha com uma jaqueta de lã do outro lado do portão sorriu para ela, ou sorriu para o que quer que

estivesse acontecendo nos seus fones de ouvido, e Lou se lembrou da mãe, de como ela ficava no deque dos fundos nas noites de verão, contemplando as árvores.

Um alarme soou no sistema de som e depois um anúncio em francês, em alemão, em espanhol e em inglês, *Se você vir alguma coisa, diga alguma coisa*, depois em outras línguas que ela não reconhecia, tradução atrás de tradução. Seu portão de embarque tinha mudado, mas ela não se levantou na mesma hora para ir procurá-lo.

4

Em Paris, Lou e Harrison tiveram uma longa conversa sobre os dois tipos de pessoas que existiam: as que costumavam imaginar a própria morte violenta e as que não imaginavam. Ela e Harrison estavam na primeira categoria. Ela decidiu que também existiam dois tipos de modelos: as que imaginavam cair da passarela no colo de Anna Wintour, Rihanna ou LeBron James, e as que não imaginavam.

Aconteceu no desfile da Chanel, um pelo qual ela ansiava de verdade, em vez de apenas ficar completamente assustada, porque ia acontecer em um dos pátios do Louvre. Ela ia desfilar por último de novo, desta vez com um vestido de noiva, a cereja do bolo da coleção. Yukon estava em êxtase com a Chanel e com o que o desfile significava para a carreira de Lou, os trabalhos que ela conseguiria, o prestígio, tanto para Lou quanto para os outros. De repente, Lou era um trunfo para a agência, e não alguém que tinham que ensinar a se vestir.

Mas ela já tinha participado de três outros desfiles no mesmo dia, com horários de comparecimento a partir das cinco da manhã, e seu relógio biológico estava tão bagunçado que, apesar de estar tomando todo o cuidado do mundo para chegar no horário, ainda conseguiu chegar mais de uma hora atrasada. Ela limpava o rosto com um lenço removedor de maquiagem, correndo para a entrada, onde um homem grande com um fone de ouvido a guiou. Se até o segurança estava preocupado, ela sabia que estava bem encrencada.

Lou não tinha comido nada naquele dia e se sentia como na infância, quando eventualmente desmaiava em excursões se não tomava o café da manhã e sua turma tinha que caminhar em algum lugar. Sua visão ia escurecendo, melhorando e piorando como um sinal ruim. Desde que se tornara modelo, ela começou a tirar vantagem de como seu corpo funcionava, apesar da falta de sono ou de alimentação regular. Mari costumava mantê-la alimentada sempre que Lou se esquecia ou não tinha tempo para comer, mas ela passara a manhã toda com tontura, e não

conseguia achar as mesas do bufê em que as pessoas normalmente podiam se servir.

Quando ela chegou à área dos bastidores do Louvre, em uma sala de mármore lateral ao pátio, foi levada às pressas por uma equipe de maquiadores e cabeleireiros e um observador, que deveria verificar três vezes se o visual estava de acordo com o padrão da Chanel, como se alguém estivesse tentando fazer o contrário. Todos a arrastaram para uma cadeira e se moviam freneticamente em torno dela. A primeira modelo já estava desfilando. As pessoas gritavam com ela em francês, como se ela tivesse atropelado alguém. Uma estilista a agarrou e ela tirou a roupa, colocando o enorme vestido de noiva. Parecia um intestino branco. Os saltos não chegavam nem de perto a ser os mais altos que ela já usara. Eram plataformas, na verdade. A estilista a puxou e ela ficou de pé.

"Você vai conseguir", a mulher disse, com um sotaque francês pesado.

"*Merci*", disse Lou, por sobre o ombro, já dando uma corridinha até seu lugar na fila. Só o vestido já era enorme, mas foi quando alguém a parou para colocar um enfeite de cabeça que ela soube que poderia ter um problema. Era translúcido e comprido. Parecia um véu de noiva misturado com alguma coisa que uma princesa medieval usaria antes de cortarem sua cabeça.

A passarela era alta, disposta sobre o pátio de paralelepípedos, contornada de lanternas. Uma cena tão linda que parecia que ela estava olhando de sua vida para algo diferente. Talvez pudesse ser o seu sonho, no fim das contas.

Lou sorriu, logo antes de continuar. Ela tinha conseguido.

Mas o véu não fluía atrás dela, como ela tinha imaginado. Ele ficava preso. Era como tentar desfilar com uma cortina de chuveiro grudando nas pernas e nos braços expostos. Ela tentou respirar, tentou olhar bem para a frente enquanto caminhava. Anna Wintour não estava à vista, mas vários membros da família real estavam.

Aconteceu logo antes dos fotógrafos. Ela estava desfilando normalmente — desenvolta, bem até, talvez o melhor que ela já tivesse desfilado, o que não era o melhor do mundo, mas já era alguma coisa, considerando que ela tinha participado de quase quarenta desfiles. Mas então sua vista oscilou e ela estava caindo, tão rápido como se tivesse se soltado de um parapeito.

Às vezes, quando imaginava sua própria morte violenta, havia um momento em que ela a impedia. Havia um momento em que ela atacava o cara com a arma no cinema, ou chegava à placa vermelha de SAÍDA antes que o incêndio a alcançasse, ou girava o volante bem no último segundo antes do guarda-corpo. Não havia como se salvar nesse momento. Ela estendeu as mãos, que encontraram o vazio, e despencou da passarela.

Não ficava muito acima dos paralelepípedos, então ela caiu meio no colo de uma mulher com um terninho branco imaculado. Lou, no dia do seu casamento, caindo na noiva. Ela caiu desajeitada, por sobre as costas da mulher, como em um número de circo. Ela rolou para longe da mulher, que arquejou, agarrando o pulso de Lou como se ela fosse uma criança que se comportara mal. As outras modelos na frente dela continuaram desfilando, mas sua amiga Thayer tinha acabado de dar meia-volta para os bastidores e desceu da passarela.

"Você está bem?", perguntou Thayer. O cabelo dela estava preso em uma onda marrom escultural que descia por suas costas. Ela estava com um vestido prateado que batia no chão, com um xale e luvas com pérolas, que ela tirou e dispôs com cuidado na beirada da passarela antes de pegar Lou pela mão. Lou não sabia se estava sangrando, mas, pela preocupação no rosto de Thayer — as sobrancelhas icônicas erguidas —, as chances eram grandes. No quarto ano, Lou certa vez ficou sem ar depois de pular de um balanço e cair de costas, e a classe toda se juntou ao redor dela enquanto ela resfolegava como um acordeão sem ar. Embora ela soubesse que isso, no quadro de sua vida, era muito pior, o olhar no rosto de Thayer era exatamente como o da sua melhor amiga da época — como se ela estivesse feliz por Lou estar bem e muito grata por não ser ela a estar ali.

Thayer não parava de perguntar se ela estava bem e Lou ficava rindo e não conseguia parar. Sua risada era nervosa e dolorosa, e ela não conseguia se conter enquanto Thayer dizia que sentia muito, como se tivesse sido ela a cair de uma passarela em um pátio do Louvre durante um desfile na semana de moda de Paris, e não Lou.

Todo mundo em volta estava filmando. Lou sabia, enquanto todos apontavam os telefones para ela, que era disso que todos iriam se lembrar: que de alguma forma ela arruinara o desfile inteiro do estilista, que todas as outras modelos que esperaram por essa estreia a culpariam por ela ter

roubado a atenção, desalinhado todo mundo, viralizando por algo tão inadequado, tão ridículo.

Lou voltou a arrumar o enfeite de cabeça. A tira do sapato dela tinha rompido, uma possível razão para a queda, a princípio. Ela queria erguer o sapato, provar para todos que era tudo culpa de uma costura fraca, e não da falta de açúcar no sangue ou da sua falta de jeito. Mas Thayer a ajudou a se levantar, descalça agora. Lou desejou poder voltar lá em cima, terminar o desfile, mas não havia como ela fazer isso sem os sapatos. Ela não sabia o protocolo. Ninguém nunca disse a ela o que fazer se ela caísse. Estava tão fora de questão.

Thayer a ajudou nos bastidores. Ela carregou o véu de Lou e os seguranças as deixaram passar, como se tudo tivesse sido parte do desfile.

"Obrigada", disse Lou. "Isso é terrível."

Thayer assentiu. Ela sabia tanto quanto Lou como aquilo era terrível. "Você está sangrando?"

"Bosta", falou Lou. "É verdade." Ela tinha ralado o cotovelo e os joelhos nos paralelepípedos.

Uma estilista apareceu, arrancando o véu das mãos de Thayer.

"Desculpa", Lou disse para a estilista. Mas ninguém prestava atenção nela ou em Thayer. As pessoas falavam em fones, mas ninguém estava aceitando suas desculpas. Ela achou um canto tranquilo, onde se sentou em uma cadeira e deu uma olhada no cotovelo e nos joelhos. Ela se sentia uma criança que tinha sido eliminada em um jogo, mas sem os pais por perto para ver como ela estava, sem treinadores preocupados. Apenas ela e Thayer, que ainda estava parada ali.

"Teria sido melhor se você tivesse se machucado pra valer", disse Thayer, sorrindo. "Pelo menos, haveria piedade."

"Sim, por que eu não quebrei um braço pelo menos? Ou sangrei mais?"

"Quer dar o fora daqui, antes que as coisas piorem?"

"Como poderia piorar?"

"Bem, a gente virou o assunto do momento", disse Thayer, erguendo o telefone.

O ex-namorado de Thayer as encontrou em um bar em outro arrondissement, depois que as duas vestiram suas próprias roupas e fugiram do Louvre, como ladras de arte. Diego, o ex-namorado, estava no desfile para ver Thayer, mas não mencionou o tombo até Lou tocar no assunto. Ele disse que não tinha sido tão ruim. Ele foi tão gentil que Lou quase ficou com vontade de pedir desculpas por atrapalhar o que, de outra forma, teria sido uma experiência única. Ela achou legal ele ter ido. Parecia uma prova de que as pessoas podiam ser amigas dos ex. Talvez ela pudesse ser amiga de Ivy de novo um dia, ou pelo menos adultas que se conheciam.

Diego não era modelo. Era uma pessoa de aparência normal, com um sorriso luminoso e cabelos cacheados, que morava em Paris o ano todo. Ele era escritor, como Thayer, mas escrevia ensaios e artigos para o jornal da universidade, e não peças. Ele tinha o mesmo jeito de conversar que a mãe de Lou, como se fosse uma entrevista.

"Você gosta de ser modelo?", Diego lhe perguntou, depois de pagar a taça de vinho dela. "Você faz isso há muito tempo?"

"Eu gostava até uma hora atrás", disse Lou. "E essa é minha primeira temporada."

"Você acha que vai continuar no ano que vem?"

"Não depois de hoje." Ela estava só meio brincando. Na verdade, Lou não tinha pensado a sério nisso. Ela tinha caído de paraquedas nesse ponto de sua carreira de modelo. Era difícil se imaginar decidindo voltar para o avião, quanto mais pular de novo, mas também parecia que então ficaria mais fácil.

"O pessoal das Olimpíadas cai o tempo todo, não é?", disse Diego. "Por que as modelos não podem?"

Lou balançou a cabeça. "Não é a mesma coisa."

"Foi bem impressionante", disse Thayer.

Lou gostou de como ela disse: *impressionante*. Como se tivesse deixado tudo mais artístico, e não menos.

"Esse vinho é muito bom", disse Lou. Ela estava bebendo para não olhar o celular, estava apavorada. Ela pretendia ficar bêbada e depois pedir a Mari ou Harrison que procurassem o nome dela. Havia várias chamadas perdidas de Yukon, o que não podia ser bom. Ela nunca recebia aquelas ligações, só mensagens ou e-mail. "Tipo, o gosto é bom."

Thayer riu. "E geralmente não é?"

Não o vinho que parecia um picolé de uva derretido que Catherine levava nas idas para o acampamento. Lou tomou outra taça, e se sentiu molinha e bem, sentada ao lado de Thayer, os joelhos das duas se encostando. Thayer estava com um suéter preto largo e calça skinny, e Lou usava um moletom verde de capuz e calça jeans, mas ela não se sentia deslocada naquele bar subterrâneo em Paris, sobretudo porque Thayer parecia tão relaxada que Lou não estranhou que ambas se encaixavam perfeitamente.

A certa altura, Diego começou a flertar com outra mulher, de saia longa de renda do outro lado do salão, e Thayer foi se aproximando cada vez mais de Lou. Os sinais que antes tinham passado batidos por ela de repente ficaram muito evidentes. Thayer queria que ela a beijasse, então, quando saíram do bar para tomar um pouco de ar, Lou a beijou encostada em uma parede coberta de trepadeiras no beco. Uma parede coberta de hera,* lhe ocorreu. Era diferente de beijar Ivy, menos apavorante, mas era macio, quente e fácil. Ela sentiu uma pequena chama dentro dela, uma chama de que ela podia sentir o contorno. Thayer esfregou o polegar por dentro da bainha do moletom de Lou e Lou passou a mão no calor das costas de Thayer, debaixo do suéter, onde havia uma camisa fina e macia enfiada para dentro. Em algum lugar do outro lado do mundo, Ivy estava acordando de manhã para outro show, e talvez ela estivesse conhecendo fãs que adoravam sua música e queriam beijá-la, e talvez Lou precisasse parar de fingir que elas estavam juntas, que elas já tinham estado.

Lou e Thayer foram para o apartamento de Lou, acharam um quarto vazio e trancaram a porta antes que alguém voltasse. Lou sabia que não era legal, mas já tinham feito isso com ela em Nova York. Era arrebatador e estranho beijar alguém que ela não conhecia bem, mas por quem era extremamente atraída. Seu corpo zumbia enquanto Thayer tirava a própria camisa e abaixava a calça jeans, e depois ficou lá, olhando para Lou. Lou perguntou o que ela queria, e Thayer lhe disse. Lou não sabia o que fazer, mas era capaz de seguir instruções. Ela era capaz de colocar a boca ali e ali e ali, e de mover a língua assim e assim, e de fazer tudo o que Thayer lhe pedia, sobretudo se ela pedisse daquele jeito, e no fim das contas ela era capaz de fazer tudo bem, *muito* bem. O cheiro e o gosto de Thayer eram

deliciosos e Lou estava faminta, e assim que terminou, ela queria fazer de novo.

Harrison a levou para tomar café da manhã no dia seguinte. Ele disse que queria conversar com ela sobre uma coisa, e ela presumiu que ouviria um discurso motivacional, um bom e velho discurso motivacional para a garota que tinha destruído seu futuro vicejante com um único véu grudento e um estômago vazio. Ele foi a primeira pessoa a lhe mostrar a filmagem.

"Uau", disse Lou. O corpo dela não parecia tão desajeitado na filmagem quanto ela imaginava, mas sua cara queimava só de pensar em quando foi descendo, e também em quando foi descendo com a boca pelo corpo de Thayer, e em como agora ela só estava sentada lá, comendo um croissant, como se tudo estivesse tranquilo e normal.

"Você é uma lenda", disse Harrison, parecendo preocupado.

"Minha carreira acabou?"

"Você falou com a agência?"

"Estou com muito medo. Você procura meu nome pra mim?"

Harrison estendeu a mão e ela lhe passou o telefone. Ela fechou os olhos enquanto ele rolava a tela. Silêncio. Quando ela abriu os olhos de novo, ele encarava o telefone dela, boquiaberto.

"Você está reservada para *tudo*."

Lou se inclinou para olhar seu telefone, com o coração disparado. "O quê? Como é possível?"

"Eles notaram você."

"Quem são eles?"

"Quem quer que seja descolado", disse ele.

Ela ouviu as nove mensagens que Yukon havia deixado para ela, cada uma mais animada conforme os contatos aumentavam, conforme Lou começava a ser reservada para muitas coisas. Coisas grandes. Maiores do que a sessão de fotos de Pete Webbs. A última notícia era que havia uma sessão de fotos com um famoso fotógrafo de moda japonês em Tóquio para a qual Yukon queria que ela fosse assim que a Fashion Week de Paris terminasse. Todos os cinco desfiles restantes em Paris estavam garantidos,

exceto um, que havia desistido, alegando a publicidade distrativa. Mas fora isso, ela estava estourando, com reservas para sessões com meses de antecedência. Não fazia sentido algum.

Mais surpreendente do que as reservas era o quanto a internet tinha amado o vídeo. Não porque ela tinha tropeçado. Mas porque ela tinha rido. Comentário após comentário sobre a risada. A internet tinha adorado. Achavam que ela era uma pessoa diferente, alguém que reagia à dor com alegria.

O que aparentemente significava que eles não enxergavam o medo em seus olhos.

Além das risadas, eles também amaram Thayer. Thayer, a única pessoa que tinha ajudado. A internet amava ela e Thayer, e o relacionamento que transparecera ali. Havia uma dúzia de artigos sobre isso, chamando-as de os destaques dos desfiles de Paris, se não os destaques da temporada. Elas eram de verdade em um mundo artificial, ou assim diziam os artigos reflexivos.

Os repórteres tinham desenterrado tudo o que conseguiram sobre Lou: o atletismo no ensino médio, um concurso de redação que ela ganhara no colégio sobre o que consistia ser uma boa cidadã e as horas de voluntariado na Audubon Society. Ela soube mais a respeito de Thayer em uma reportagem em tópicos do que nas horas que as duas passaram juntas na vida real.

O garçom trouxe os cafés. Ela mandou uma mensagem para Thayer, *Posso te ver antes de ir embora?*

É o que o mundo quer, respondeu Thayer. *É melhor entrar de cabeça*.

Lou sorriu olhando para o telefone.

"O que foi?", perguntou Harrison.

Lou balançou a cabeça.

"Cale a boca. Thayer de Silva? Eu sabia."

"Você não sabe de nada."

"Eu sei como ela te olhava em Nova York. Eu sei como ela olhou para você quando você se estropiou da passarela da Chanel. Você gosta dela?"

"Eu não conheço ela tão bem."

"Às vezes, esse é o melhor jeito."

"Ah, é? E o Tuck?"

“Quem disse que eu conheço o Tuck? E quem disse que a gente ainda está se falando?”

“Vocês estão?”

Harrison balançou a cabeça.

“Por que não?”

“Porque eu sou um fodido”, disse Harrison. Ele ficou quieto, bebericando o café. Uma mulher com um chapéu que parecia uma bandeja passou. Ainda era Fashion Week por aqui. Os looks não paravam, mesmo nas pessoas na rua. O clima pareceu pesado de novo.

“Quando você vai voltar para Nova York?”, perguntou Lou.

“Na verdade, é por isso que eu queria falar com você. Vou voltar para casa.”

“O quê? Quando?”

“Depois dos desfiles.”

“Mas você adora ser modelo.”

“Eu gosto”, disse Harrison. “Mas ainda assim é um trabalho. Antes fazia sentido. Por um bom tempo. Agora já não faz. Meus irmãos precisam de mim, lá em Portland. Meu pai precisa. Ninguém dura mais de cinco anos, de qualquer jeito. Eu já estou no quarto.”

Ela pensou no apartamento de Harrison, em como parecia um lar onde ela poderia se refugiar quando a loucura do mês da moda terminasse. Ela deve ter ficado com expressão chateada, porque Harrison pegou sua mão e a segurou em cima da mesa.

“Você vai estar ocupada”, disse ele. “A gente não teria tempo de se ver, de qualquer maneira. Mas agora a gente vai. Sempre que você for para casa, eu vou te ver.”

Ela achou que fosse irromper em lágrimas. Seus olhos arderam e ela tentou engolir a decepção mesmo com a garganta seca. Ela queria que ele fizesse o que era melhor para ele, mas Harrison também era a conexão final com sua casa, o último um por cento da bateria antes de ela ficar presa em algum lugar, sozinha, sem saber o que fazer e sem ninguém vindo para ajudá-la.

“Além do mais”, disse Harrison. “Fui eu quem te ensinou a desfilar. Agora tenho que me recolher na vergonha.” Ele a cutucou e ela encostou a cabeça na mesa. Ele passou a mão no cabelo dela. “Você é a minha melhor obra, Lou. Mas também a mais decepcionante.”

* Trocadilho com o nome Ivy, que significa “hera” em inglês. (N. T.)

5

Ela tinha alguns dias antes de ir a Tóquio, e Thayer perguntou se ela queria fazer uma viagem de um dia para o litoral, perto da Normandia. O que Lou sabia sobre Thayer dos artigos on-line sobre as duas: Thayer tinha vinte anos. Esta era sua terceira temporada de moda, mas agora ela ganhava força no ramo, conseguindo desfiles maiores. Ela e o ex tinham um relacionamento bem registrado nas redes sociais, mas a internet deduziu o que Thayer tinha contado a ela na noite anterior: eles terminaram alguns meses antes, depois de um relacionamento aberto de dois anos, sobretudo à distância. Ela estava solteira.

O que Lou sabia de fora da internet: Thayer tinha um sorriso largo e uma risada aos soluços. Ela queria escrever peças e atuar nelas. Ela cresceu surfando no Pacífico, perto de Vancouver, e ela e Mari ficavam às vezes. Ela não tinha superado ainda o término com o ex, mas Lou também não, então elas conversaram a respeito. Era fácil conversar com Thayer. Foi fácil para a internet acreditar que elas tinham se apaixonado imediatamente no tombo tenebroso. Na verdade, era muito bom. Lou continuava sentindo que, toda vez que pegasse o telefone, haveria uma mensagem de Ivy. Ela com certeza tinha visto. Todo mundo tinha. Pessoas de todos os cantos de sua vida antiga mandavam mensagens e DMs para ela. Sua ex-treinadora de atletismo. Os amigos de seus pais. Pessoas com quem ela não falava desde o ensino fundamental, perguntando o que ela andava fazendo, como se fosse mero timing.

Nenhum pio de Catherine também. Lou não tinha notícias dela desde a chamada de FaceTime, quando ela estava bêbada em seu dormitório. Lou se perguntou o que Tuck teria dito aos pais dela, se é que tinha dito alguma coisa. Talvez ela mesma devesse ter ligado para eles. Talvez Catherine estivesse só fingindo dormir, e depois que Lou desligou o telefone, ela voltou para o carro e o enfiou em uma árvore e ninguém ligou para ela porque ninguém pensara em avisar Lou, ou não tinha como entrar em contato com ela, porque ela estava em Paris, tropeçando no Louvre.

Quando Thayer a buscou no meio da manhã, Lou achou que fosse explodir com as expectativas que colocavam sobre elas, que de uma hora para a outra eram reais, não apenas uma ilusão em um navegador da internet. Ela tinha se acostumado com as pessoas inspecionando seu corpo e comentado ao vivo e on-line, mas não a sua personalidade, não a sua vida amorosa. As pessoas nas redes sociais podiam dizer tudo o que quisessem sobre sua cintura e a posição de seus olhos, sua testa e suas orelhas, mas era desorientador ler sobre quem elas achavam que Lou teoricamente era, sem um entendimento claro de quem ela era de verdade.

Thayer não parecia absolutamente nervosa. Ela estacionou um pequeno carro alugado com uma prancha de surfe em cima na esquina do apartamento das modelos em que Lou estava. Estava de camisa vermelha. Seus cachos castanhos e compridos estavam presos em um coque.

"Quer aprender?", perguntou Thayer. "Eu trouxe uma roupa de mergulho a mais."

"Quero ficar vendo você." Ela não queria explicar sobre o tímpano, não queria contar que, mesmo que ela quisesse entrar na água fria no outono, o que ela sem dúvida não queria, não poderia fazer isso sem causar estragos duradouros.

Era a primeira vez que ela via o oceano, ou alguma coisa parecida com o oceano, em meses. Tecnicamente era o Canal da Mancha, mas ele desaguava no Atlântico, em alguma parte. O tempo estava escuro e ameaçando tempestades, mas havia pássaros voando. Ela costumava ir para o litoral com a família quase todo fim de semana no verão, e muitas vezes nas férias. A costa do Oregon era cheia de falésias e vazia. Essa praia era de pedrinhas, e não de areia, e tinha muita gente andando para lá e para cá. Estava quase frio demais para sentar, mas Thayer disse que o tempo ficava melhor em outubro, com a água quebrando nos recifes.

Lou a viu fechar o zíper da roupa de mergulho e ir em direção à água. Havia alguns outros surfistas, sombras com trajes pretos aparecendo nas ondas. Lou quis ter levado um boné. Seus ouvidos doíam por causa do frio. Ela via as pessoas passando, e era surreal estar cercada de famílias de novo, criancinhas. Todo mundo parecia muito baixo comparado com as

modelos com quem ela tinha convivido nos últimos meses. Uma criança pequena andava de um lado para o outro nas pedrinhas, com um pai pairando sobre ela e estendendo os braços para o caso de o bebê oscilar demais.

Thayer prendeu a corda de segurança no tornozelo e seguiu para a arrebentação sem hesitar minimamente, até que ela estava fundo o bastante para remar com os braços na prancha. Então ela não era o tipo de pessoa que imaginava a própria morte.

Mas quando Thayer mergulhou debaixo de uma onda, o coração de Lou começou a disparar. De repente, ela teve uma sensação péssima, como se a nuvem de uma tempestade tivesse aparecido, ainda que o dia já estivesse nublado. Elas estavam na Normandia, onde um de seus bisavós tinha lutado pelos americanos no Dia D. Ela já tinha ouvido sua mãe contar a história. Como ele estivera em uma das últimas levas de soldados, e por isso não fora morto, pôde voltar para o rancho de sua família no leste do Oregon e ter um monte de filhos. Mas a cabeça de Lou não estava na imagem do bisavô voltando, procriando, criando gado e filhos nas montanhas. Estava em homens armados invadindo uma praia. Estava em desviar de balas. Estava em como eles poderiam estar na água, se afogando.

Thayer emergiu e acenou para Lou. A garganta de Lou parecia que ia travar e ela não aguentava mais. Ela ficou de pé, correu até a beirada da água e balançou os braços. Thayer acenou de volta. Ela estava muito longe agora, em mar-aberto onde até Lou sabia que as pessoas podiam surfar. Nenhum dos outros surfistas estava sequer perto dela. Lou tentou ficar de olho em todos eles, mas era impossível. Um ia pegar uma onda e ainda haveria outros quatro ou cinco lá, além de Thayer, indo cada vez mais para longe.

Então Lou estava gritando. Ela parou de ligar. Ela não queria vê-la mergulhar de novo. Ela não queria ver o mar engoli-la. Por fim Thayer começou a remar de volta com os braços e, à medida que se aproximava, Lou não conseguia se acalmar. Ela só se sentia cada vez mais certeza de que as ondas brandas seriam as que a puxariam. Parecia que mil pessoas iam aparecer atacando no horizonte. Ela sabia que ainda estava gritando, mas sua garganta só conseguia emitir um som parecido com um assobio.

Thayer veio correndo e lhe perguntando alguma coisa, e Lou não sabia mais o que ela estava dizendo. Ela se deu conta de como seus joelhos estavam doloridos e, quando olhou para baixo, eles estavam roxos e azulados e ela não conseguia se lembrar de como eles tinham ficado daquele jeito, e era como se eles fossem ficar assim para sempre, como se ela estivesse tingida de um hematoma, como se fosse alguma coisa que um estilista tivesse feito com Lou quando ela estava distraída. Ela passou a mão neles e eles doeram ainda mais. Ela se deu conta de que Thayer estava dizendo seu nome, mais alto agora. Mas ela dizia como a sua mãe, *Louisa*, e ela não fazia ideia de como Thayer sabia que aquele era seu nome verdadeiro. Talvez Lou tivesse dito a ela. Talvez a internet tivesse. Talvez tivesse sido um palpite bem-sucedido. Thayer a abraçava com muita força e Lou sentiu o mesmo cheiro de sabão e pó da outra noite, e isso era algo sólido em que se agarrar, ainda que não fosse sólido, estava no tecido, no ar, Lou afundando o rosto no ombro molhado de Thayer, o sol de repente apareceu quente sobre elas, como se o tempo todo tivesse sido verão.

De volta a Paris, elas tomaram café preto e comeram sanduíches em um café perto do hotel de Thayer, e nenhuma delas mencionou o que tinha acontecido na praia. Elas comeram rápido, como se as duas quisessem que o dia acabasse. Depois, Thayer se ofereceu para deixar Lou em seu apartamento, mas Lou fez um gesto de que não precisava, dando um beijo em cada bochecha dela, como aprendera a fazer, mas devagar, como se talvez elas nunca mais fossem se ver. O que era inteiramente possível. O mês da moda tinha acabado. Os desfiles tinham se encerrado.

Thayer a segurou pelos ombros e a olhou por um bom tempo. “Tem certeza?” Mas era como se ela estivesse perguntando outra coisa.

“Vai ser bom andar”, disse Lou.

“Só não vá cair”, disse Thayer, e o constrangimento do dia finalmente se rompeu.

Lou achava de verdade que se sentiria melhor se ficasse sozinha, com tempo para processar, como naquele único dia na Itália. Mas estar sozinha no escuro e debaixo de chuva naquele momento não parecia

absolutamente com a sua tarde clara vagando por Roma, observando as pessoas e desenhando em seu diário. Só parecia sua casa.

Ela estava com saudade dos pais e já sentia saudades de Harrison, que nem tinha ido embora ainda, e sentia saudades de Ivy. A camisa de Lou cheirava a café e a fez lembrar de todas as tardes que ela e Ivy passaram juntas no canto escuro do café em Portland no inverno anterior, a chuva tamborilando nas janelas.

Lou virava a esquina em direção ao prédio alto caramelo quando notou um grupo de pessoas reunidas debaixo do toldo, perto da entrada. Conforme se aproximava, o grupo ia apontando em sua direção, e ela percebeu que estavam ali por causa dela. Eram sobretudo homens de meia-idade com capas de chuva e de tênis brancos, mas todos erguiam câmeras, gritavam, acenavam para ela, como se houvesse uma emergência na beira da estrada e ela pudesse ajudar.

"Lou!", gritavam eles. "Louuuu!" O nome dela foi tão esticado que soou como uma vaia da multidão.

As câmeras clicavam como uma máquina gigante. Ela tapou os flashes com o cotovelo; apesar de tanto treinar para não piscar, ela não conseguia parar contra a parede de luz. Ela nunca tinha ouvido tantos disparos ao mesmo tempo, um bando agitado, armado contra ela.

Paparazzi, Lou percebeu. Era bizarro demais que ela pudesse estar em qualquer posição na lista das pessoas no mundo todo que eles queriam emboscar. Ela não tinha estrelado nada. Não tinha ganhado nada. Ela só tinha tropeçado no lugar errado.

A multidão começou a aumentar quando estranhos vindo da rua erguiam os telefones com as telas voltadas para ela. Enquanto ela tentava chegar até a porta, percebeu que eles tentavam tirar selfies com ela, esticando o pescoço para registrar o próprio rosto ao lado do dela no enquadramento. A maioria deles provavelmente nem sabia quem ela era, pelo que ela era famosa, se ela sequer era famosa ou por que estavam tirando fotos dela. Só queriam participar do que estava acontecendo.

"Ah, não fique tão tímida, Lou", disse um homem, um americano. Ele olhou malicioso para ela por trás da câmera. Uma mulher colocou mais um telefone na cara dela e Lou viu sua própria expressão assustada, sua franja molhada com os olhos piscando rápido logo abaixo. Ela não sabia dizer

pare em francês, então ficava pedindo como dava: “Por favor, pare. Pare. Pare”.

Mas ninguém reagia ao seu pedido; era como se a voz dela não existisse, como se seu corpo se movesse sem ela. Lou tentava se aproximar da entrada do prédio, abrindo caminho entre o túnel úmido de mãos, telas de telefone e flashes de câmeras, e perdeu totalmente a noção de direção. Em outro dia, ela teria entrado em pânico. Mas já tinha esgotado o pânico dentro de si. A última sensação tinha saído na forma de um assobio na praia de pedrinhas. Ela não sabia para que lado ir, então ficou parada e deixou que tirassem fotos o quanto quisessem.

Ela poderia ter ficado lá para sempre, as pessoas se revezando ao seu redor, se um rosto conhecido não tivesse se esforçado para abrir caminho até o meio da multidão, gritando em francês, falando ríspido, até que as pessoas começassem a recuar. Keeley Dot, embaixadora do Alabama e connoiseuse de vibradores e agora oficialmente a pessoa mais escandalosa que Lou já conhecera, metendo medo em um quarteirão inteiro de Paris.

Keeley Dot agarrou a mão de Lou e a levou para dentro do prédio, tirando do caminho com os cotovelos os últimos poucos homens com câmeras e trancando a porta atrás delas com um último grito em francês por sobre o ombro.

As duas estavam encharcadas e arquejando. Keeley Dot disparou uma gargalhada subindo as escadas até seu andar. “Bem, esses caras são um bando de escrotos”, disse ela.

“Obrigada”, disse Lou depois de recuperar o fôlego. O ar no corredor estava viciado. “Eu não sabia que você falava francês.”

“Ah, eu não falo”, disse Keeley Dot. “Mas fiz dois anos no ensino médio.” Ela parou no alto do patamar, refletindo. “Tenho quase certeza de que disse para eles irem comer uma bicicleta. Mas com certeza era eu que estava no comando, *oui*?”

Manchas escuras turvavam sua vista, por causa de todos aqueles flashes frenéticos. Lou se lembrou de uma coisa que tinha aprendido na aula de biologia, que os cirurgiões usavam aventais e máscaras azuis para ajudar na fadiga ocular, porque o azul era complementar ao laranja. Ela se perguntou se isso significava que os órgãos eram mais alaranjados do que vermelhos. Ela preferia não saber.

Keeley Dot estava girando a chave na fechadura e falando de uma ocasião em que tinha ido mal em uma prova de francês porque passara a noite anterior roubando um carro e indo para New Orleans com seus amigos em vez de estudar o condicional, mas Lou tinha perdido o fio da meada da história, olhando escada abaixo, como se esperasse que seu próprio corpo estivesse ao pé dela.

Keeley Dot parou de falar, vendo Lou apertar tanto o corrimão que os nós dos dedos estavam brancos, seu rosto molhado. "Ah, meu bem, para quem você quer que eu ligue?"

Levou só alguns minutos para Thayer chegar, e Lou ficou feliz por Keeley Dot estar lá para contar o que havia acontecido, para que Lou não tivesse que explicar por que ela tinha congelado daquele jeito, ou como ela estava se sentindo agora. As três ficaram no apartamento o resto da noite, assistindo a filmes com um monte de outras modelos que Keeley Dot chamou nos quartos. Outras chegaram de *afters* e se juntaram a elas; algumas saíram com a bagagem no meio da noite, com pegar voos para outros lugares. Jia e Eline vieram depois de seus desfiles, mesmo estando hospedadas em um apartamento em outro bairro. Estava começando a parecer a noite de sua formatura do ensino médio, quando ela e suas amigas do atletismo ficaram acordadas a noite inteira no porão da casa de Catherine, pouco dispostas a desistir até o amanhecer, até que o ensino médio terminasse oficialmente — zonzas de alívio e tão cansadas que não conseguiam dormir. Keeley Dot contou para todas o que tinha acontecido com Lou, e elas concordaram que, ainda que sem dúvida fosse bom para a sua carreira toda aquela visibilidade (e era, Lou concordou, visibilidade), era uma droga.

"Aconteceu comigo depois dos desfiles de Milão", disse Keeley Dot. "Eu não caí da passarela nem nada, mas eles aparentemente estão muito interessados no que eu visto quando vou tomar café da manhã. E teria sido bom se eu estivesse sozinha — eram só uns três ou quatro, nada como o que você acabou de passar, Lou —, mas a minha *mãe* estava comigo. E vocês sabem o quanto Connie ama eu ser modelo, ama moda, ama o drama

nisso tudo, mas, juro por Deus, depois ela me disse que não tinha certeza se queria que eu fizesse mais isso, se fosse ser assim."

"Ela não bateu de frente com um deles?", perguntou Thayer.

"Claro que sim", disse Keeley Dot. "Um deles até tentou processá-la, mas Connie acabou com a raça dele no Twitter e ele desistiu do processo."

Algumas das outras modelos contaram suas histórias, a maioria sem qualquer relação com a fama de modelo — uma delas tinha sido babá de um ator famoso que estava se divorciando e foi emboscada com ele e os quatro filhos dele no zoológico de Los Angeles, em frente a área do porco-espinho; outra estava por acaso na esteira de bagagens quando uma banda de K-pop foi assediada por uma turba de fãs e a descreveu como a experiência mais aterrorizante de sua vida. Jia tinha uma amiga em Singapura que namorava em segredo um membro da família real da Malásia quando estavam no ensino médio, e foram perseguidos até a escada rolante de um shopping, e ficaram presos, com fotógrafos no alto e no pé da escada.

"Parecia que a gente estava em um videogame", disse Jia. "Mas as fotos nunca saíram. Alguém provavelmente deu muito dinheiro para abafar o caso."

Uma vez, Eline foi fotografada por paparazzi noruegueses quando saía com um colega da seleção nacional de futebol, mas disse que eles foram bizarramente educados. "Eles ficavam perguntando se tudo bem, e a gente, tipo, não? Não, obrigado?"

Em todas as ideias que ela já tivera sobre fotografia e por que era uma carreira incerta demais, Lou não tinha pensado muito no lado sinistro da coisa — como as imagens eram a própria moeda, o próprio poder. Se ela estudasse ecologia, pelo menos poderia ficar sozinha com binóculos em um lago, sem se preocupar com explorar as pessoas.

Depois de um tempo, Lou ficou com sono e distante, olhando a chuva pela janela. Thayer ficou com o braço em volta de Lou a noite toda, mas em nenhum momento tentou fazê-la participar da conversa de todas. Lou gostava de como era estar junto dela: quente, tranquilo e seguro, cercada por pessoas que entendiam exatamente no que ela tinha se metido, mas não queriam olhar para ela.

Quando Lou acordou de manhã, por um instante ela só conseguia ver Thayer nas ondas: um corpo num traje escuro, flutuando, e ela na praia. As câmeras ainda clicavam em seu cérebro. Ela tinha a impressão de que estava caindo para a frente. Tudo aquilo parecia significar alguma coisa, mas ela não sabia o que era.

Thayer já estava acordada, olhando o celular. Lou ficou mais calma vendo-a e, pela primeira vez, não quis tentar adivinhar o que aquilo significava.

"Não sei onde eu vou morar", disse Lou. Ela falou mais para si mesma do que para Thayer, quando se lembrou da conversa com Harrison. Ela precisava absorver essa informação.

"Você vai voltar para a sua casa?"

"Minha ideia era voltar para Nova York. Mas aconteceu que minha situação de moradia não deu certo."

"Eito e eu dividimos um apartamento em Greenpoint. Ele também é da Superb. Fica a meia hora de metrô até a agência."

Lou assentiu. "Parece ideal."

"Vem morar com a gente."

"É sério? Você não se importaria?"

Thayer olhou para ela como se nunca tivesse se importado com nada na vida.

A modelo no beliche de cima mostrou o dedo do meio para elas. "Calem a boca", disse alguém, num forte sotaque britânico. "Por favor."

"Eu não me importaria", sussurrou Thayer.

PARTE CINCO

1

No Halloween, usando uma máscara de alce, Lou fumava um baseado acomodada em uma escada de incêndio com Thayer, o colega de apartamento delas e duas drag queens usando biquínis com LED. Ela frequentemente tinha a impressão de que as pessoas do ramo ao seu redor estavam fantasiadas, quando na verdade não estavam, mas o Halloween estava se provando totalmente outro nível. Uma pessoa do lado de dentro estava fantasiada de MetroCard. Outra, de semáforo funcionando, com uma seta verde apontando para a esquerda. Todo mundo na festa conhecia um maquiador profissional, ou era maquiador profissional, e sabia costurar, ou tinha um melhor amigo, irmão ou colega de quarto que fazia fantasias para a Broadway, shows de drag ou óperas. Até o momento, Lou teve que dar um Google em três das quatro fantasias das pessoas com quem ela tinha conversado. Um cara vestido com um pano branco e off-white pareceu ofendido quando Thayer perguntou se ele era uma tela em branco, palpite que Lou achou bastante generoso. Ele disse que era uma pintura de Kazimir Malevich, e pareceu que Thayer ia dar um murro na cara dele, ainda que Lou não fizesse ideia de quem fosse. Thayer disse que seu objetivo para o Halloween era nunca usar uma fantasia tão autorreferencial que ela tivesse que ficar se explicando, mas, para a maioria das pessoas na festa, esse parecia ser o objetivo. Lou entendia; era legal encontrar uma pessoa que realmente entendia e curtia uma fantasia elaborada. E depois, em certo ano no primário ela tinha ido de ameba, e sua professora foi a única que entendeu, e foi constrangedor. Bem, o pai dela também, que ficou extasiado.

Quando naquela manhã Lou acordou na cama de Thayer, que agora tecnicamente era a cama *dela*, o apartamento estava silencioso, sem ninguém se apressando para o trabalho para variar. Ela foi descalça para a cozinha e fez café para elas, pensando em como era tranquilo, como era bom ficar finalmente sozinha depois do caos dos desfiles — porém, às onze da noite naquele mesmo dia, aqueles mesmos cômodos seriam

transformados em um espetáculo sexy e brilhante, quando o pessoal da festa chegaria, montados como em qualquer passarela.

O colega de apartamento delas, Eito, só tinha decidido dar a festa naquela manhã. Thayer insistiu para que se fantasiassem de alguma coisa feita à mão, então ela entrou no apartamento com duas sacolas de compras cheias de material e exigiu saber que animal Lou seria, se ela pudesse ser qualquer animal, o que parecia sério, como se ela estivesse perguntando sobre seu mapa astral. Elas passaram o resto do dia fazendo suas máscaras, trabalhando na mesa da cozinha, agora repleta de tubos de cola e de tinta acrílica e edições antigas do *New York Times*. Com as unhas grudentas de cola e tinta, comendo rolinho primavera enquanto as máscaras secavam na varanda, Lou pensou que aquela tinha sido a diversão mais normal que experimentara desde que tinha se mudado para Nova York.

A máscara de Thayer era de tucano. Ela amassou o longo bico de papel machê sem querer batendo na porta da geladeira. Agora ela o usava como chapéu. O alce de Lou parecia estar com sono, e tinha chifres de palito de picolé. O único alce que ela já tinha visto foi em uma viagem com a família para Yellowstone: ele estava em um prado, ela gritou para os pais encostarem e sua mãe quase bateu o carro num bando de bisões. A viagem toda ela queria ver um urso-pardo — de dentro do carro, com todas as janelas fechadas, é óbvio —, mas só quando viu o alce ela se deu conta de que aquilo era muito melhor. Era enorme. Alienígena, mas caricatural. Como se tivesse saído de um livro infantil de Bill Peet. O alce de Lou meio que parecia um poodle.

Na escada de incêndio, Eito contou que a palavra em japonês para *alce* significava *espátula de veado*. Lou desenhou uma espátula de veado em um guardanapo, com uma cara comprida e chifres como conchas para servir fatias de bolo.

Thayer olhava para o telefone, com a cabeça apoiada no ombro de Lou. Lou baixou o olhar e viu o nome de Diego no alto da tela.

"Alguém acabou de botar fogo no sofá", disse Eito, indiferente. Ele estava olhando pela janela atrás delas. Yukon, agente de ambos, chamava Eito de *maçãs do rosto notórias*. Seu cabelo preto comprido estava preso em um nó na base da nuca, e ele usava um par de asas de borboleta infantis com lantejoulas em cima de uma jaqueta de motoqueiro.

“Será que a gente... faz alguma coisa pra impedir?”, disse Lou.

Eito olhou através do vidro. “Agora parou.”

O MetroCard passou pela janela e levantou Eito, e eles começaram a dançar, segurando no corrimão.

Thayer ainda não tinha tirado os olhos do telefone.

“Como o Diego está?”, perguntou Lou. Ela não falou com desconfiança. Estava só curiosa. Thayer não parecia se importar com esse tipo de pergunta. Ela era mais confiante com o que gostava do que qualquer pessoa que Lou já tinha conhecido. Mesmo quando viram meia dúzia de paparazzi do lado de fora logo que Lou se mudou para a casa dela — ela se sentiu grata por não ter nenhuma cadeira de sexo quando as câmeras foram disparadas sobre sua pilha de pertences —, Thayer não pareceu se importar. Ela beijou Lou na frente de todos eles e a ajudou a carregar as malas para o quinto andar. Foi tão diferente de ter sido emboscada em Paris. Divertido, até.

“Carente.”

Lou tomou um bom gole da sua bebida. Era difícil conciliar carente com o cara que ela conhecera em Paris, com sua energia confiante de repórter. “Por que você foi embora de Paris?”

“Ele me pediu em casamento”, disse Thayer, abaixando a máscara de pássaro.

Lou não conhecia ninguém com idade suficiente para ser pedida em casamento. “E você disse não?”

“Eu disse ‘não agora’. Tipo, tente daqui a dez anos, amigo. Mas o Diego gosta de grandes gestos. Ele sempre faz coisas só pela história. Pela história dele.” Thayer pegou o baseado de Lou e o acendeu de novo, sorrindo. “Mas eu gosto mais da minha história. A gente ainda passa tempo junto. Às vezes, a gente fica. De qualquer forma, ele sempre vai ser alguém que eu quero por perto.”

Lou sabia que Thayer ficava com outras pessoas. Elas conversaram sobre isso na semana em que ela se mudou. Lou não tinha nenhum interesse ou tempo para fazer o mesmo, mas havia menos pressão com o assunto discutido. “Conversar com ele agora não te deixa triste?”

“O que é estar triste para você?”

Thayer sempre dizia coisas assim, tentando chegar ao cerne das questões, tentando desenterrar o que era automático para os outros. Na

semana anterior, quando Lou disse que estava tentando prestar mais atenção, Thayer perguntou o que ela queria dizer com isso, o que era de fato prestar atenção, e Lou não fazia ideia do que responder. Ela não estava acostumada a ter que investigar seus sentimentos, muito menos as raízes psicológicas, muito menos a etimologia deles. Mas ela não se importava.

"Desse jeito, meio que", disse Lou. "Como não conhecer ninguém no Halloween." Ela não sabia que o sentimento era assim até falar. Mais cedo naquela manhã, Thayer tinha lido para ela na cama uma cena de sua peça, de camiseta e calcinha, as cortinas brancas voando na janela aberta, e Lou sentiu como se estivesse vivendo a vida de outra pessoa, de uma adulta que ela conheceria um dia, que seria uma companhia incrível. Mas à medida que a festa seguia, aquele sentimento de maravilhamento tinha virado algo mais pesado. Esta era a vida dela, e não a de outra pessoa — a adulta, se ela ficasse aqui, seria ela.

"Você me conhece", disse Thayer.

Do jeito como Thayer olhou para ela, com a cabeça tombada para a esquerda, Lou sentiu que deveria ser tomada por alguma coisa, que Thayer estava acostumada a conseguir uma reação com essa expressão, com toda a sua ternura, transparência e confiança. Mas isso lembrava Lou de ver alguém no FaceTime, como se Thayer estivesse olhando para si mesma na janelinha do canto, e não para a câmera, não para Lou. Talvez não fosse essa a intenção. Talvez ela sempre só tivesse olhado assim para Lou. Mas Lou não tinha sua própria encarada para devolver. Ela não tinha costume disso. Não era fácil para ela. E quanto mais pensava a respeito, possivelmente mais ela fazia caras e bocas como se achasse que a varanda poderia despencar.

"Desculpe, tenho que fazer xixi", disse Lou, levantando-se. Ela pulou de volta a janela antes que Thayer dissesse qualquer coisa. O sofá estava cheio demais com um grupo de pessoas fantasiadas de Tartarugas Ninja, com cascos e tudo, para ser possível ver marcas de chamuscado, mas ela não se sentia mais calma.

Lou encontrou Sienna quando ia para o quarto de Thayer. Lou a convidara, sem achar que ela realmente apareceria. Sienna não estava de fantasia, o que fez Lou se sentir muito chapada de repente. Suas mãos pareciam pesadas.

“Tomando um arzinho, *cara*?”, disse Sienna.

“É”, disse Lou, mas o som quase não saiu. Ela engoliu em seco. Sua garganta estava seca.

“Você está precisando de alguma coisa?”

Lou não sabia do que ela precisava.

“Espere aqui.” Sienna passou por entre as pessoas fantasiadas em direção à cozinha. Ela voltou um minuto depois com um copo de água e levou Lou para o quarto de Thayer. Ela a sentou na cama e lhe entregou a água.

“Obrigada”, disse Lou.

Sienna fechou a porta e desceu com as costas encostadas nela, como se estivesse fazendo uma barricada, e soltou um longo suspiro. Seu cabelo preto estava preso em uma trança comprida sobre o ombro. Ela usava óculos de armação de metal por sobre as sobrancelhas escuras e vestia uma jaqueta de cetim que Lou reconheceu como de Mari. Ou talvez sempre tenha sido de Sienna.

O colchão de Thayer ficava no chão, coberto por uma manta mel que sua avó tinha tricotado para ela, e Lou achou que poderia cair no sono naquele momento, mesmo com todo o barulho do lado de fora do quarto. Seu corpo estava tão confuso com o jet lag constante que nunca sabia quando acordar ou dormir. O pôr do sol a surpreendia o tempo todo.

“É sua?”, perguntou Sienna, apontando para a Nikon de Lou na escrivaninha, um dos únicos objetos no quarto que pertencia a ela. Lou quase não levou nada de casa. Thayer morava nesse apartamento havia um ano, e era cuidado, mas habitado, com duas estantes de livros cheias, a maioria de peças de teatro e livros finos de poesia.

Lou pegou a câmera da mesa e ficou com ela nas mãos, como se aquele fosse o verdadeiro motivo por ela ter deixado Thayer na sacada. Ela gostava do peso da câmera.

“Você liga se eu der uma olhada?”, perguntou Sienna.

Ela não sabia se queria que Sienna olhasse, mas entregou mesmo assim. Parecia esquisito demais dizer não, como se ela estivesse escondendo alguma coisa. Seu cartão de memória estava cheio e ela não tinha subido nada, a não ser as fotos de Harrison nos Jardins de Boboli. Parecia que, se ela o apagasse, o vazio, a tela em branco, ia matá-la.

A expressão de Sienna era neutra enquanto ela ia passando, voltando no tempo, e Lou ficou constrangida por uma profissional estar vendo as fotos que ela tinha tirado de amigos e das colegas de equipe e de seus pais no quintal. Isso a fazia se sentir uma criança, atuando em alguma coisa.

"Gosto desta", disse Sienna, estendendo a câmera para Lou. O coração de Lou parou por um segundo quando ela se lembrou da foto de Morgan no alto da cachoeira. Mas era apenas uma de Ivy correndo, um rastro de luz, as torres vermelhas se estendendo no alto. A cerca e a grama estavam em perfeito foco. Ela não se deu conta de quanto tempo ficou olhando para ela, ampliando, tirando o zoom, antes de Sienna cutucá-la.

"O que você acha?", perguntou Sienna.

"É boa?"

"Importa o que eu acho?"

"Importa."

"Por quê?"

"Porque você sabe do que está falando."

"E você não?"

"Eu sei do que eu gosto, mas não sei o que é bom."

"E qual é a diferença?"

Lou pegou de novo a câmera, olhou a imagem por mais tempo. Ivy estava no canto extremo do enquadramento, como se fosse irromper dele. Isso fez Lou sentir o que sentira naquela noite. Um desejo infinito. "É uma boa fotografia. E eu gosto dela."

"Concordo", disse Sienna.

"Você precisa de ajuda?", perguntou Lou.

"O tempo todo", disse Sienna. Ela tirou os óculos e passou o dedo na ponte do nariz.

"Com as sessões de fotos, quis dizer."

"Ah." Sienna sorriu. "Claro."

Lou foi assistente de Sienna pela primeira vez no começo de dezembro. As folhas amarelas do gingko tinham caído no Central Park. O pai de Lou certa vez disse a ela que os gingkos tinham duzentos milhões de anos, o que, tecnicamente, fazia deles fósseis. Essa escala de tempo às vezes

apavorava Lou, do mesmo jeito que ela nem sempre gostava de olhar as estrelas à noite, sobretudo quando estava sozinha. Nesse caso, só a fez se sentir conectada a alguma coisa. Essas árvores e Lou tinham acabado no mesmo pequeno espaço, contrariando todas as probabilidades.

Nos últimos dois meses, ela tinha trabalhado como modelo para uma sessão de fotos por semana, pelo menos. Ela foi para a Califórnia para uma semana inteira de trabalho comercial. Uma equipe de fotos da Adidas a buscou para a sessão em uma van cinza sem identificação que estacionara no meio-fio do desembarque no LAX. Claramente ela tinha ficado muito confiante. Yukon havia enviado a ela o número da placa por mensagem, com os detalhes: *Ford Transit cinza, placa htb 236. O fotógrafo já trabalhou muito com nossas garotas, mas foi rude comigo numa festa da Givenchy, então dê um pouco de trabalho a ele.* Além disso, ela não tinha como saber que aquelas pessoas eram quem diziam ser. A van estava cheia de uma equipe de alemães bobos que não paravam de fazer comentários sobre como ela era baixa, a primeira vez que isso acontecia em sua vida.

"Você é tão pequenininha", disse um deles, "praticamente nem está aqui."

Depois, ela voltou para Paris, onde fez uma sessão para um editorial às margens do Sena, vestindo um macacão dourado com penas que não paravam de cair, e teve que beijar na boca um modelo com maquiagem azul vibrante nos olhos. Os dois não paravam de rir. Frustrado, o fotógrafo lhes passou outra pose, na qual Lou era um tipo de Ícaro mecânico e o modelo, uma ninfa do mar, quem sabe, e os dois estavam muito a fim um do outro. Alguns fotógrafos davam tantas direções que era como ser um manequim, o fotógrafo agarrando um braço e posicionando exatamente onde ele o queria, ajustando alguns centímetros e então voltando-o para a posição anterior. Outros queriam improvisação, atuação, variedade. Eles queriam que Lou pulasse e se movesse e depois voltasse a ficar parada. Outros a queriam estática, como em uma longa e lenta aula de ioga, ou como ela imaginava que fosse uma aula de ioga — ela nunca tinha tentado, apenas visto Thayer na sala de estar. Ela sabia que devia ter se juntado a ela, assim conseguiria fazer poses melhores e mais esquisitas se fosse mais flexível, mas preferia correr por um bom tempo em qualquer cidade em que estivesse, e depois ficava exausta demais para se alongar direito quando voltava. Na semana em que esteve em Tóquio, Lou participou de

seis sessões, três comerciais de cosméticos e três editoriais para revistas de moda japonesas. As sessões de fotos dos cosméticos tinham sido as mais fáceis, porque ela não precisava posar, apenas manter o rosto bem imóvel. Pagavam tão bem que Lou teria ficado no Japão por muito mais tempo, economizando, comendo sushis escolhidos em esteiras e fazendo sessões de fotos em Technicolor se Yukon já não tivesse reservado uma passagem para ela voltar a Nova York, onde sua carreira estava mais voltada para o futuro, tinha mais potencial. *Volte para a cidade*, dizia o e-mail de Yukon, com a passagem anexada. *Temos muito trabalho*.

Lou começou a gostar de olhar para seu rosto, cabelo e corpo mudando todos os dias em um espelho diferente. Os desfiles tinham sido tão rápidos que ela mal teve tempo de ver como estava. Mas nas sessões de fotos ela era uma personagem diferente, talvez, ou representava um *mood*, um sentimento, a personificação de uma estética que ganhava vida, só por um ou dois dias. Quando era ela mesma, nos períodos de folga, quando dormia e vagueava pela cidade, ela nem sempre reconhecia seu reflexo.

No parque, Sienna levou ela e o modelo para um ponto entre as árvores gingko e pediu a Lou que segurasse o refletor de luz branca do lado esquerdo do corpo dele. Ela estava relaxada e feliz, sabendo que não precisaria ir para a frente da câmera, mas que a aproveitaria desse ângulo.

O modelo tinha um rosto doce, se chamava Wyatt e tinha crescido em Idaho. O pai de Lou uma vez a levara para pescar perto da cidade de Wyatt, quando ela estava no colégio. Ela se lembrava da luz amanteigada e dos lindos lagos cristalinos e dos riachos verdes onde ela e o pai esperavam trutas que nunca pareciam de todo convencidas por suas iscas felpudas. Wyatt disse a elas que tinha se mudado para Nova York com o namorado havia dez anos, depois que os dois foram tirados do armário à força no colégio. O namorado dele era professor de história em um colégio no Bronx. Wyatt estava fazendo mestrado em engenharia na City College. Ele adorava. Adorava a cidade. Ia pedir o namorado em casamento logo. Ele esperava que o trabalho paralelo como modelo ajudasse nas despesas com o casamento.

Sienna conversou com ele sobre tudo isso com tanta naturalidade que mais parecia parte do trabalho de compor o enquadramento. Ela ia fazendo perguntas e ele ia se soltando diante delas, seus movimentos ficando mais enfáticos e expressivos, seus olhos concentrados de um jeito

diferente. Quando falava sobre o namorado, seus gestos ficavam fluidos e leves. Quando falava sobre os pais ou Idaho, ia ficando hesitante, *staccato*. Lou se perguntou se Sienna tinha feito a mesma coisa com ela naquele dia na cobertura, e o quanto ela sabia sobre Lou por conta de como seu corpo se movia.

Wyatt tinha sido notado por uma *scout* em um jogo do Mets. *Então era assim que funcionava?* Lou queria saber. As mulheres eram abordadas em shoppings e os homens, em eventos esportivos profissionais. O que isso lhe dizia sobre si mesma e o caminhão de paisagismo?

As fotos que elas estavam fazendo naquele dia eram só para montar o portfólio de Wyatt, então não havia muita pressão, o mesmo tipo de coisa que ela tinha feito com Anne em Portland. Mas dessa vez, em vez de decidir como posar, Lou decidia onde segurar os refletores de luz para destacar a mandíbula impressionante de Wyatt, trocava as lentes para Sienna de acordo com o que ela pedia, vigiava a bolsa com o melhor equipamento fotográfico que ela já tivera permissão para tocar. Sem dúvida ela tinha visto outros melhores em sessões recentes, quase salivando quando via os fotógrafos mexendo com eles de forma tão blasé. Ela nunca tinha falado com ninguém sobre essa sensação. Ivy falava com ela sobre guitarras o tempo todo, sem se dar conta de que estava entediando Lou, como se soubesse que ficar animada daquele jeito só fazia Lou gostar mais ainda dela, mas Lou nunca se permitira sentir de fato a necessidade de suas próprias obsessões tempo o bastante para conseguir falar sobre elas com alguém. Ela nunca presumiu que alguém ia querer ouvir. Mas Sienna falava com ela o tempo todo sobre o que estava fazendo com a câmera, a iluminação e os ângulos, como se estivesse dando a Lou uma master class casual. Ela disse que apresentaria Lou a outros fotógrafos que lhe dariam trabalho. Mas Lou só queria trabalhar com Sienna. Ela não queria trabalhar para um Pete Webbs, ou alguém pior.

"Algum plano para as férias?", perguntou Sienna aos dois. Sienna ia visitar os pais na Itália, mas não parecia muito animada ao contar isso.

Wyatt tinha começado a sessão de fotos desajeitado e nervoso, mas agora cantava uma música para elas de um show que ele e o namorado tinham acabado de assistir, muito desafinado, mas cheio de pura alegria. Lou sentiu uma pontada ao perceber que não queria sair de Nova York para ir para casa. Ela não queria ver Catherine, nada sóbria, seus pais, que

fariam todo tipo de perguntas sobre seu futuro, para as quais ela não tinha respostas, e nem Harrison, que estava vivendo em Portland a vida que poderia ter sido a dela também — estudando e talvez, muito talvez, namorando um membro da Fortunato — se ela tivesse ficado. Ela não pensava muito a respeito, porque às vezes, se ela olhasse muito de perto, queria tanto isso que não conseguia aguentar. Mas ela queria isto aqui também.

"Não sei", disse Lou. "Talvez eu fique aqui."

Thayer havia dito que poderiam passar o fim do ano juntas, se ela quisesse. A família dela era budista. Ela só pretendia ir para Vancouver no seu aniversário, na primavera.

Lou nem sabia se os pais dela passariam o Natal juntos, se iam querer passar. Antes de ir embora, ela tinha ouvido os dois discutindo sobre vender a casa. A mãe dela queria se mudar para algum lugar no lado leste, onde pudessem ir a mais lugares a pé, ficar mais para o centro. Seu pai queria ficar onde eles estavam, no mato, no limite das coisas. Ela não sabia de fato o que eles tinham decidido. Seus pais não falaram sobre isso nos telefonemas. E ela não perguntou. Seu irmão não tinha ido para casa nos últimos anos em nenhum dos feriados. Ela sabia que ele estava mantendo distância de propósito, mas eles não eram próximos o bastante para ela perguntar por quê.

Wyatt ficou quieto por um instante, olhando para baixo com uma expressão totalmente diferente no rosto, como se estivesse sozinho. "Meu namorado e eu vamos ver a família dele, em Twin Falls. Minha família simplesmente... não está aberta para isso."

"Você sente falta deles", disse Sienna, para os dois. Ou talvez fosse uma pergunta.

Wyatt se abaixou para amarrar o sapato nas folhas de gingko caídas. Lou estava pensando no seu pai, parado no leito daquele riacho em Idaho, indicando as diferentes espécies de árvores.

"Todos os dias", disse Wyatt.

2

Depois disso, Lou por fim prometeu aos pais que iria para casa no Natal. Eles iam alugar uma casa no litoral para o fim do ano. Seu irmão não iria, mas alguns amigos de seus pais, sim. Acrescentar amigos a essa tradição familiar era um sinal angustiante de que ou as coisas estavam melhores o bastante entre os pais, e eles podiam estar juntos perto de outras pessoas, ou piores, e eles precisavam de mais amortecedores do que apenas Lou. Mas a mãe de Lou disse que, se ela não fosse para casa no Natal, eles iriam a Nova York, e ela não queria isso.

"Convide quem você quiser", a mãe disse. Eles poderiam ficar lá uma semana. Todos eram bem-vindos para ir e vir quando quisessem. Lou chamou Harrison e Catherine para passar algumas noites, sem pensar se eles se dariam bem. Harrison parecia se dar bem com todo mundo. Catherine, com ninguém. Mas acabou que eles só podiam ir em dias diferentes. Catherine disse sim na mesma hora; ela estava de férias da faculdade. Harrison mandou uma mensagem para perguntar se podia levar Tuck na única noite em que conseguiria fugir. Ela não sabia que eles estavam em contato. Mas disse que sim, claro, sem pedir mais detalhes. Ele não tinha mencionado Tuck nenhuma vez desde que voltara.

Seus pais já estavam na casa de praia com os amigos havia algumas noites quando o avião de Lou pousou no PDX, onde tinham deixado um carro para ela em um estacionamento de longo prazo. Ela se aproximou do carro esperando que os pais pulassem de trás dele, surpresa com o quanto ela queria que eles estivessem lá para recebê-la, mesmo depois de ela ter insistido que estava tudo bem, que preferia apenas encontrá-los na praia. Mas ninguém pulou. Era só um estacionamento cheio de ecos, com as bagagens de outras famílias pulando nas lombadas.

Lou não dirigia desde o verão. Seu pé estava meio trêmulo acelerando na estrada, e ela continuou baforando nas mãos e colocando-as em lugares diferentes no volante, como se ele fosse escapar a qualquer momento, não importava quão forte ela o agarrasse. Ela não sabia se estava mais nervosa por estar presa entre dois caminhões dirigindo acima do limite de

velocidade ou porque logo veria os pais. E se eles tentassem convencê-la a voltar? E se tivesse uma parte dela que quisesse isso? Ou pelo menos que queria que eles tentassem?

Foi um alívio não pegar a saída para Aldenlight, nem que fosse para preservar a versão de lá que continuava em sua cabeça. Ela desceu pelas curvas escorregadias da Coast Range e parou assim que deu para ver o mar, só para ficar sozinha mais um tempo. Nova York não era feita para ficar sozinha, pelo menos não o mundo em que ela vivia. Ela e Thayer dividiam um quarto em seu apartamento de cinquenta e cinco metros quadrados. O parceiro do colega de apartamento delas, Eito, praticamente morava lá. Quase sempre tinha alguém nos cômodos. Uma porta fechada podia ser aberta por alguém a qualquer momento. Barulho vinha de todos os lados. Uma parede sendo furada. Alguém dançando no andar de cima. Alguém tocando uma tamborim no beco. Às vezes, ela ia à biblioteca só para ter seu próprio reservado, com a visão bloqueada pelos painéis de madeira. Mesmo lá, as pessoas ainda passavam andando, se demoravam nas prateleiras bem atrás dela.

Do acostamento da estrada, ela viu uma escada de madeira que descia até a areia. Voltar à praia parecia mudar a escala de sua visão; tudo ficava maior, mais amplo, mais claro, expandido. Estava tão tranquilo que seus passos guinchavam na areia seca. Não tinha ninguém atrás ou na frente dela.

Lou assistiu ao pôr do sol sozinha em uma duna, o capim da praia estalando em seus tornozelos, o cabelo caindo nos olhos, o último pedaço de dourado descendo no oceano antes de ela se lembrar de que estava lá para ver pessoas, pessoas que a amavam, e que ela provavelmente deveria ir vê-las agora.

A casa alugada tinha revestimento de placas de cedro e um pátio cheio de boias, remos e pés de madrones vermelhas. Ficava no alto de um penhasco coberto de sargaços, com vista para o mar. Ela subiu os degraus íngremes no escuro, com uma única mala no ombro, e as luzes com detector de movimento acenderam. Pelo jeito como seus pais abriram a porta para ela, antes mesmo de ela bater, era evidente que estavam vigiando pela janela

para ver quando ela chegaria, o que a fez se sentir culpada e vil, como se fosse uma cobra tentando rastejar para além deles em uma trilha. O pai estava com os olhos úmidos e a mãe sorria enquanto a puxavam para abraços um de cada vez. O modo como a apertaram, como se ela fosse tentar fugir a qualquer momento, não era como se ela estivesse longe por ter ido para a faculdade, ainda que devesse ter sido — tinha sido exatamente o mesmo tempo que seu irmão costumava desaparecer de casa, quando não estava estudando —, mas como se ela tivesse voltado de uma viagem de veleiro sozinha.

A casa tinha pé-direito alto e inclinado, era clara e aberta. Todas as lâmpadas estavam acesas e uma lareira crepitava no meio da sala. Era muito maior do que qualquer casa que seus pais já tinham alugado para o Natal. Em geral, eram só os quatro em um condomínio acabado com abajures náuticos. Esta estava mais para uma pousada do que uma casa. Ela se perguntou por que exatamente naquele ano tinham esbanjado: se era por causa dela, dos amigos ou deles mesmos. Ela se perguntou se eles estariam se sentindo solitários.

Catherine só chegaria no dia seguinte, então por enquanto estavam apenas Lou e um monte de adultos de verdade. As roupas de todos pareciam muito simples. Ela não sabia quando vira pela última vez uma pessoa usando um pulôver de microfleece. Toda a sua infância tinha sido um grande percurso de costas em uma piscina de microfleece. Ela amava todo aquele fleece deles, e amava as calças jeans terríveis, e depois se sentiu mal por saber que eram terríveis.

Os pais de Lou a deixaram tomar um pouco de vinho porque sabiam que ela estivera na Europa — pelo menos foi o que disseram, mas talvez só estivessem querendo que ela relaxasse —, e ela se sentou com todo mundo no deque. Os dois amigos do pai, fazendeiros despojados de Wisconsin, e o melhor amigo da mãe, David, e sua linda nova namorada, Sonya, estavam lá; os dois trabalhavam com ela no jornal. Ao longo da última década, a maioria dos amigos deles tinha sido transferido como parte de aquisições ou sido demitidos, mas sua mãe e David resistiam. A mãe tinha sutilmente falado mal da namorada de David pelo telefone, mas agora fingia gostar dela.

Sonya, ávida, perguntou a Lou como estava a faculdade, e então ela se deu conta de que os pais não tinham contado a ninguém sobre o que ela

estava fazendo de fato.

"Estou trabalhando em Nova York, na verdade", disse Lou.

"Eu sempre quis morar em Nova York", disse Sonya. Era algo que as pessoas diziam muito para ela agora, quando ela estava em qualquer lugar que não fosse Nova York. Sempre havia um "Mas..." que se seguia, tipo, "Mas é caro demais" ou "Mas tem gente demais" ou "Mas aí eu visitei". Lou nunca quis morar em Nova York. Desde os alces em Yellowstone, Lou queria morar no Alasca, onde havia orcas *e* alces, mas se ela fosse para o Alasca, jamais diria às pessoas que moravam lá que ela sonhava em morar lá, mas que tinha alguma coisa errada com o lugar.

"Ela está morando em Nova York e trabalhando como *modelo*", a mãe contou a todos, como se ainda fosse tão surpreendente para ela agora quanto no último verão.

Então os amigos de seus pais ficaram extremamente curiosos sobre como era ser modelo, e Lou não sabia explicar a eles. Era como tentar explicar uma grande viagem para alguém: como Lou se sentia transformada com ela, mas os detalhes não paravam de sair entediantes ou fora de contexto. Ela acabou contando a eles sobre a sessão de fotos com Pete Webbs, mas deixou de fora todas as partes horríveis. Ela contou como se estivesse vivendo a vida que sua mãe esperava quando disse a Lou para tomar notas. Como se fosse uma boa história.

Mas seu pai a cercou mais tarde à noite, quando ela estava quase indo para a cama, e a levou até as poltronas macias perto da lareira. Ele pediu a ela que se sentasse com ele um minuto. Por um instante, ela achou que ele fosse dizer que ele e sua mãe iam finalmente se separar, e da próxima vez que ela voltasse a Portland não haveria qualquer motivo para pegar a saída para a casa deles. Sua garganta fechou; era como se o oceano fosse subir de repente sem aviso e tragá-los no penhasco.

"Estou mal por causa do jet lag", disse Lou. "Posso ir para a cama? A gente pode conversar de manhã?"

"Fique aqui um minutinho", pediu ele. Ele foi à cozinha e buscou uma caneca de chá para ela e uma cerveja para ele. "Por favor."

Ela bebericou o chá. Era de camomila, com pedacinhos de flores amarelas boiando na superfície. Quando era criança, Lou fazia chá de dente-de-leão do quintal para ele o tempo todo, e ele sempre bebia tudo, e lhe ocorreu agora como a coisa devia ser turva e nojenta.

Seu pai bateu a cerveja na caneca dela. Sua barba grisalha estava mais curta e o cabelo, mais comprido, como sempre ficava no inverno, e ele estava com a mesma camisa de flanela verde que usava desde quando ela era criança, gasta nos cotovelos, com os óculos de leitura enfiados no bolso da frente. Ele pousou a cerveja e a olhou com o queixo descansando no punho, como se esperasse que ela falasse primeiro.

O fogo na lareira se extinguia. Ela queria contar a ele sobre Wyatt, de Idaho, que lhe lembrou de sua viagem de pescaria, e como a família dele não falava mais com ele, e como ela só se dera conta no avião indo para casa do quanto isso a deixara triste. Talvez suas emoções estivessem se aproximando cada vez mais dela, com menos defasagem horária, ou talvez estivessem só mais fortes do que costumavam ser, agora que não tinha ninguém por perto que a conhecesse muito bem para perguntar sobre elas. Mas Lou não sabia se seria capaz de falar tudo isso agora sem chorar. Ver o pai usando sua camisa velha e sua calça jeans grossa, esfregando a nuca como se não soubesse quem ela era ou o que lhe dizer, a fez sentir tamanha ternura por ele que Lou pensou que nunca fosse estar a altura disso, nunca poderia estar a altura de quem ele achava que ela era.

"Eu fui à biblioteca por você", disse Lou. "Esqueci de te contar."

"Você viu Paciência e Perseverança?"

"O quê?"

"Os leões. Na entrada."

Os olhos de Lou se encheram de lágrimas e ela tapou o rosto com a caneca. Ela não sabia por que o fato de seu pai saber os nomes de duas estátuas de leões a estava fazendo chorar, mas tinha feito. Ela nem tinha certeza se ele já tinha ido a Nova York.

"Lou, você está bem?"

Ela bebeu todo o chá em alguns goles quentes. "O que você quer dizer?", perguntou ela. Talvez ela estivesse enrolando, dando uma de Thayer, expandindo a questão até que ficasse mais filosófica do que emocional.

"O que eu quero dizer?", repetiu ele, pronunciando as palavras como se estivesse aprendendo a ler. Ele parecia à beira de alguma coisa. Frustração, ou medo, quem sabe, ou algo mais próximo da superfície, uma exaustão física, como se ela fosse uma trincheira que ele estivesse cavando. "Quero

dizer, as pessoas estão sendo boas com você? Você está sendo boa com as pessoas?"

Ela tinha sentido saudade de como seu pai concebia as coisas, como se aquelas fossem as categorias. Como se tudo fosse tão claro. Talvez as categorias ficassem mais claras à medida que avançávamos na idade adulta, e os detalhes mais confusos. Ela queria contar a ele a verdadeira história da sessão de fotos de Pete Webbs. Ela queria, como se isso tivesse ficado preso debaixo de seus pulmões o tempo todo e tudo o que ela tinha que fazer era tomar um pouco de ar.

"Na Itália, eu quebrei uma guitarra."

Ela contou a ele o resto da história no presente, como se estivesse acontecendo com os dois ao mesmo tempo, agora mesmo, Pete Webbs parado logo ali, dizendo para colocarem a boca no microfone. Ela nem percebeu que ainda pensava naquilo até aquele momento, como tinha sido estar do outro lado do palco na frente dele, como ninguém tinha falado nada e como ela sabia que não era nem de longe tão ruim quanto as coisas que tinham acontecido com outras pessoas no ramo, muito menos no mundo, mas a pior parte para ela era ele ser fotógrafo: ele podia agir assim e ainda ser o que ela queria ser.

Seu pai se inclinou, olhando direto para ela. "Lou, sinto muito que isso tenha acontecido. Não deveria ter acontecido."

"Você quer que eu pare de trabalhar como modelo?", perguntou ela.

"Eu quero que você me telefone mais."

"Você acha que eu sou boa com as pessoas?"

"Acho", disse ele, como se falasse por todo mundo, não apenas pela mãe dela no outro cômodo e pelo irmão em outro estado e pelos amigos no mundo todo, mas por todo mundo que tinha algum amor em si, como se respondendo à verdadeira pergunta que ela tinha feito. O mar rugiu pela janela. "Você tem coragem e perseverança."

"Não sei se isso é verdade", disse Lou.

"É verdade", disse o pai. "E você vai saber."

3

Uma parte dela esperava que Catherine estivesse como no FaceTime. Pequena, enrodilhada e bêbada, prestes a se colocar em perigo. Mas quando ela chegou na casa na tarde seguinte, Catherine parecia forte, como se tivesse ganhado cinco quilos de músculos. Sua cabeça estava raspada em meio centímetro de penugem platinada. Ela estava com um moletom de capuz dos Ducks e calças de corrida, e abraçou Lou com tanta força que Lou quase começou a chorar. Ela manteve o corpo tenso, tentando não deixar isso acontecer.

"Não seja tão mulherzinha", Catherine sussurrou no ouvido dela.

"Não diga mulherzinha quando quer dizer frouxa."

"Não seja um cu."

As duas foram juntas a pé até a praia, enquanto seus pais preparavam o jantar com os amigos. As gaivotas pairavam no alto. O corpo de Lou zumbia com o medo que ela ainda tinha de estar perto de Catherine, como se ela fosse criticar Lou por alguma coisa. Tentar não dizer a coisa errada deixava todas as suas perguntas e respostas mais lentas.

"Como foi o restante da pré-temporada?", perguntou Lou.

"Quer dizer que não tem *stalkeado* meus tempos de corrida? Porque tenho estado bem informada sobre a sua situação com a sua namorada modelo e o lindo amor de vocês."

Lou corou. "Me conte sobre a corrida."

"Ainda estou no time. Não fiquei mais com a corredora. Parei de beber." Ela disse isso em uma única sequência, como se tudo pertencesse ao mesmo saco, objetos com o mesmo tamanho e formato. O oceano se estendia diante delas, cinzento e tempestuoso, as ondas brancas quebrando.

Catherine escalou algumas pedras na arrebentação e Lou ficou hiperconsciente de vê-la caminhar sobre elas, ciente de optar por não ir atrás dela, como se tudo tivesse de repente ficado em HD e Catherine fosse uma pessoa real demais em uma tela. Uma onda a circundou, enchendo as

poças da maré, e Lou recuou, mas por um instante Catherine ficou ilhada lá, cercada em uma ilhota, até que a maré baixasse.

"Você pode voltar?", gritou Lou, pois lhe ocorreu que ela tinha convidado seus dois melhores amigos para um corpo gigante de água. "O jantar já deve estar pronto."

Catherine ficou parada por um segundo, olhando as ondas recuando, como se achasse que elas fossem espalhar-se ao redor dela de novo caso se movesse rápido demais.

"Cath?"

Por fim, ela pulou das pedras e colocou o braço em volta de Lou, como se estivesse prestes a dar um discurso motivacional. O corpo dela estava tremendo.

"Eu nunca ficava tão nervosa", disse Catherine. "Agora sou como você."

Mais tarde naquela noite, ela e Catherine deram conta das perguntas dos adultos, que estavam bêbados e felizes. Todos eles se amavam, e os pais de Lou pareciam se amar também, pelo menos naquele instante. O pai passara o braço em volta do respaldar da cadeira da mãe, e tocava o grisalho na têmpora dela distraidamente e, em dado momento, ele a beijou no alto da cabeça enquanto limpava a mesa. A mãe não parava de olhar para ele, sempre que ela dizia algo que achava divertido. Eles pareciam uma unidade de novo, de um jeito confuso; a última vez que Lou estivera em casa, eles conversavam apenas sobre a logística de consertar a casa, como se fossem colocá-la à venda assim que ela fosse para a faculdade.

A mãe dela entrevistava Catherine sobre o atletismo. Todos os adultos ficaram impressionados por ela competir pela Oregon. Havia uma aura no programa pela qual até os amigos de seu pai, que moravam em Madison, pareciam admirados. Era assim que as pessoas do ramo tinham reagido quando Lou lhes dissera que era representada pela Superb em Nova York. Como se tivesse uma influência com a qual ela mesma não tinha nada a ver, mas que podia reivindicar como sua própria criação. Seus pais não sabiam reagir dessa maneira à Superb. Ela podia estar em qualquer

agência, desfilando para qualquer estilista; seria tudo a mesma coisa para eles. Eles teriam achado que ela estava perdida do mesmo jeito.

"Você acha que consegue conciliar os estudos com a corrida?", sua mãe perguntou a Catherine.

"Claro", disse Catherine. "Está tudo certo com os estudos."

"Está vendo, Lou?", disse a mãe de Lou. "Você podia fazer as duas coisas. Por que não se matricula em Nova York?"

"Não é a mesma coisa", disse Lou.

"É um nível de elite de algo", disse a mãe. "Não entendo por que não poderia ser a mesma coisa. Por que você não pode fazer umas matérias em uma faculdade comunitária? Ganhar uns créditos para quando for para a Oregon no ano que vem."

"Porque eu viajo o tempo todo." E porque ela não sabia se queria ir para a Oregon no próximo ano.

Catherine a salvou, mas, ao fazer isso, a lançou em um tipo de perigo diferente.

"Viu como sua filha está agora? Sabia que ela está namorando uma supermodelo internacional?"

"Você está namorando?", o pai perguntou.

"Ela também é famosa", disse Catherine. "Thayer de Silva."

"Meu Deus do céu, Cath", disse Lou. "Dá pra parar?"

"O quê? Ela é supergata, pessoal."

Os pais dela tinham lido sobre o Louvre, mas não tinham lido sobre Thayer, ou ouvido falar dela, o que fazia sentido, já que não acompanhavam sites de fofoca ou moda, e aparentemente Catherine sim, ou fazia expressamente para *trollar* Lou. Catherine entregou seu telefone para os adultos verem os artigos sobre ela e Thayer, enquanto Lou escorregava em sua cadeira e se escondia debaixo da mesa, como costumava fazer quando era criança, para ficar um tempo sozinha enquanto os adultos cacarejavam no alto. Mas ela estava feliz pela informação ter sido disponibilizada, feliz por não ter que dar explicações quando todo mundo estava olhando para ela. Catherine tinha dito melhor, de qualquer maneira.

Mais tarde naquela noite, Sonya começou a falar sobre suas filhas pequenas, contando uma história longa demais sobre o recital de flauta,

quando ela olhou para Catherine e Lou e disse: “Vocês duas poderiam ser irmãs, com o cabelo desse jeito”.

O que fez o corpo inteiro de Lou enrijecer e guinchar. As camadas de estranheza eram impossíveis de desencavar, exigiriam toda uma equipe de arqueólogos gays. Ou psicólogos.

“Na verdade, minha irmã morreu”, Catherine disse a Sonya, que pareceu horrorizada e disse que sentia muito, muito mesmo. “E a gente é só gay mesmo, dona.”

Catherine entrelaçou os dedos nos de Lou em cima da mesa, para ressaltar, e Lou engasgou com a bebida. Ninguém disse mais nada enquanto Lou tossia água gelada em cima dos pratos vazios. Catherine deu um tapinha nas costas dela.

Seus pais estavam lavando taças de vinho mais tarde, depois que todos tinham ido para a cama, e Lou ficou observando da porta, a parceria fácil de um lado para o outro, o pai lavando e a mãe secando. Eles estavam rindo de alguma coisa. De repente, ela se sentiu completamente à parte deles de uma forma boa e inesperada. Como se eles pudessem ser simplesmente duas pessoas e cá estava ela, uma terceira pessoa que os amava. Ela tinha se desligado do ônibus espacial. Ela tinha seu próprio oxigênio. Eles respirando o deles não queria dizer que ela não pudesse respirar o dela.

Antes de Catherine ir embora para Portland de manhã, para estar com sua própria família, ela e Lou saíram para correr juntas logo que amanheceu, na antiga floresta tropical atrás da casa. Tudo cheirava a um frescor intenso, a madeira quebrada, a um frescor que existia antes das cidades, antes da invenção do concreto e da borracha. Lou vinha correndo, mas não naquele ritmo alucinante, então quem falava era Catherine enquanto Lou tentava identificar samambaias em sua cabeça, para não vomitar.

O treinador de Catherine tinha dito que, se ela treinasse com muito afinco, podia ter uma chance nos campeonatos da NCAA na primavera, mas o tom de Catherine mudou, foi ficando exasperado, como se ela estivesse subindo uma colina, mas elas não estavam. Elas estavam finalmente em uma descida, percorrendo uma pequena ravina. “Só para você saber, Lou,

estou sóbria para correr. Não porque alguém acha que eu deva estar. Não o meu treinador. Não os meus pais. Só eu mesma."

"Tudo bem", disse Lou, e ela estava com medo de que talvez Catherine fosse dar uma chamada nela de novo, que talvez confiar em Tuck tivesse sido uma má ideia. "Entendi."

Mas então Catherine olhou para o riacho como se fosse uma trilha infinita e sorriu. "Mas não é tão ruim assim", disse ela.

Lou tentou recuperar o fôlego. Seus músculos queimavam de um jeito bom. O sol transpunha a floresta, bem nos olhos delas.

Samambaia-avenca.

Samambaia-americana.

Samambaia-espada.

Depois que Catherine foi embora, a chegada de Tuck e Harrison pairou ameaçadoramente sobre o restante do tempo que Lou passou em casa, a expectativa de ter informações sobre Ivy, que se insinuavam para Lou de qualquer canto enquanto ela, seus pais e os amigos deles acendiam fogueiras na praia e comiam pratos elaborados. Até mesmo no dia de Natal, depois de terem aberto os presentes, quando seus pais perguntaram se ela estava mesmo namorando Thayer, a moça dos artigos, e Lou disse "Para falar a verdade, sim", e contou que elas estavam morando juntas, e eles quiseram saber tudo sobre ela, Lou ainda pensava em Ivy. Por que era tão fácil contar a eles sobre Thayer, quando durante anos, sempre que o assunto Ivy surgia, seu corpo parecia prestes a irromper em chamas que se espalhariam pela casa?

A força de como ela já desejara Ivy parecia desmedida em relação a Thayer, que a semana toda mandara mensagens de fotografias fofas para ela de Berlim, onde estava para uma sessão de fotos. No fim das contas, era possível gostar de uma pessoa e ela gostar de você de volta. Não havia necessidade de ser um vulcão que você passara anos estudando. Podia ser só uma colina, e você podia subir até o alto dela e olhar em volta, e mais tarde dizer para todo mundo como a vista era bonita.

Os rapazes chegaram depois do anoitecer. Lou os ouviu chegando pelo longo caminho de cascalho antes de ver o carro estacionar, e observou pela janela Harrison e Tuck saírem. Mas então a porta de trás se abriu, e Ivy desceu, de camiseta e calça jeans preta, sem casaco, mesmo fazendo quatro graus lá fora. Lou queria descer correndo os degraus o mais rápido que pudesse, e se lançar sobre ela como teria feito em Aldenlight Park antes de as duas começarem a ficar cheias de receios em relação ao corpo uma da outra. Mas Lou apenas ficou esperando, como uma pessoa normal, eles chegarem à porta. Suas mãos tremiam quando ela a destrancou. Ela estava nervosa e feliz, e nervosa com o quanto estava feliz.

Os garotos a abraçaram, e não tinha como não abraçar Ivy também sem se esquivar claramente. Ivy mal a abraçou de volta, seus braços expostos congelando, sua energia tão baixa que Lou soube na mesma hora que alguma coisa estava errada. Ela sem dúvida estava chapada. Seus olhos evitavam qualquer superfície por muito tempo, como se emitissem um brilho.

Harrison puxou Lou para um cômodo no andar de baixo assim que entraram e sussurrou um longo pedido de desculpas por ter levado Ivy, seguido por muitas informações que fizeram Lou sentir como se estivesse tateando em um quarto escuro atrás de um interruptor.

"Eu teria avisado antes, ou ao menos perguntado se ela poderia vir também. Mas o pai e a madrasta dela foram visitar a família da madrasta em Wyoming, e a Ivy ia ficar sozinha, tipo sozinha *sozinha*, porque ela não quis ir com eles, e Tuck estava muito mal com isso, e eu queria passar o Natal com ele, porque... bem, eu preciso te colocar a par de muita coisa que está acontecendo, tipo, talvez ele seja meu namorado agora. Talvez. De qualquer forma, sinto muito. Espero que não tenha problema. A gente pode ir embora, se tiver."

"Não", disse Lou. "Não tem." Ela ficou calma de repente, sabendo que Ivy estava na sala, que ela não iria embora, ou não poderia ir, e talvez ela estivesse mais segura por saber que tinha Thayer em algum outro lugar como um escudo entre as duas, como uma prova fácil de como ela estava bem agora sem ela, que ela era capaz de seguir em frente. Viu? Ela tinha seguido em frente. Estava. Tudo. Bem.

Bem mesmo.

"O que aconteceu com Tuck?", perguntou ela.

“Eles tinham dado uma pausa na turnê, para o fim de ano”, disse Harrison. Ele também parecia mais calmo agora. “E ele me mandou uma mensagem.”

“Só isso?”

Harrison deu de ombros. “Não fico tão triste quando estou com ele.”

Lou tentou decidir se aquela era uma boa coisa ou se era a única coisa possível. “O sexo é bom?”

Harrison riu. “Essa é uma parte importante para acabar com a tristeza, minha bibliotecariazinha.” Ele perguntou onde ela estava ficando agora que os desfiles tinham acabado e, quando ela contou, ele disse: “Desculpa, você está *morando* com a Thayer?”

“Estou sublocando dela.”

“Isso é um termo para sexo entre as lésbicas?”

O pai de Lou estava alimentando Tuck e Ivy com entusiasmo na cozinha quando ela e Harrison saíram do quarto, e ele olhou curioso para Lou, como se ela tivesse acabado de ficar com um cara estonteantemente lindo enquanto seus pais e a ex-crush e o talvez namorado do cara lindo estavam jantando juntos sem eles. Havia situações demais para administrar, então Lou não foi fundo em nenhuma delas. Ela ficava de olho em todos sem de fato falar. Ivy ainda não tinha conversado com ela.

A mãe de Lou e seu amigo David estavam juntos no sargaço, olhando para o oceano, e seu pai não parava de observar os dois pela janela. Lou não sabia onde estavam os outros.

Harrison, Tuck e Ivy foram caminhar na praia, e Lou ficou para tomar um banho e clarear as ideias. Quando ela voltou para o corredor, com os cabelos molhados e as ideias não mais claras, apenas mais quentes, seus pais conversavam no quarto ao lado do banheiro. Dava para ouvir pela porta.

“Você precisa deixar isso pra lá”, disse a mãe. Ela estava quase implorando a ele.

“Deixar o que pra lá?”, o pai respondeu. Era raro ele erguer a voz, e Lou sentiu em seu tom uma rispidez que nunca existiu, como um resíduo formado por outra coisa. Ela ficou lá sem conseguir se mexer, ouvindo.

“Ele não quis dizer nada com isso”, disse a mãe.

“Ah, claro que quis. Sem dúvida quis.”

Lou não sabia de quem eles estavam falando, mas era um tom que eles tinham usado para falar sobre David no passado. O coração de Lou disparou de um jeito que ela conhecia, como tinha acontecido em casa quando ela sabia que ouvi-los escondida seria terrível, mas precisava fazer isso de qualquer jeito.

“Então o que você quer que eu faça?”, disse a mãe. “De verdade. Estou perguntando.”

Eles ficaram quietos, e a mãe abriu a porta, piscando ao se deparar com ela no corredor escuro.

“Desculpe”, disse Lou.

“Vocês têm tudo de que precisam? Seu pai e eu vamos para a cama.”

Lou sustentou seu olhar, e a mãe não desviou o dela. “Tudo.”

Lou encontrou Harrison, Tuck e Ivy na praia. Ela trouxera um monte de jornal e lenha seca da casa, para acender uma fogueira. Lou teve certo trabalho para fazer o fogo pegar. Ivy ficou em silêncio. Harrison e Tuck mantinham toda a conversa. Eles estavam sentados em um tronco, abraçados. Tuck estava de jaqueta puffy azul e gorro; Harrison usava um casaco que parecia de lã de ovelha. Ivy estava sentada junto de Tuck, de braços expostos, abraçando os joelhos, e Lou estava do outro lado da fogueira, encolhida debaixo de duas colchas, olhando os três, o rosto deles alaranjado à luz do fogo, como se estivessem em um filme diferente do que ela estava.

Tuck começou a falar sobre uma banda, uma bem famosa, que tinha chamado a Fortunato para abrir para eles, apenas um show, mas depois talvez uma parte da turnê, se desse certo. Ele tentava descaradamente envolver Ivy na conversa, lhe perguntando como seria estar em turnê com eles, se era a pausa que eles estavam esperando ou só uma distração, mas ela não respondeu.

Tuck estava ficando frustrado, balançando o joelho direito para cima e para baixo, como se estivesse tocando um bumbo bem rápido. “Ive. Você disse que ia pensar a respeito.”

“Eu pensei a respeito”, disse Ivy. Sua voz estava rouca, como se ela não falasse havia dias, e não havia algumas horas. “Eu não quero.”

“Mas você nem está ouvindo o que estou dizendo.”

Ivy não respondeu.

“É uma grande oportunidade”, disse Tuck. “Eles não são tão idiotas assim.”

“São, sim”, rebateu Ivy. “Eles são tipo uma banda falsa de um filme. As músicas deles não querem dizer nada. Talvez no passado. Mas as letras são ruins. A musicalidade é preguiçosa. Você também não gosta deles.”

“O último álbum deles foi uma merda”, disse Harrison. Tuck o empurrou de brincadeira e Harrison riu.

“Achei sutil”, Tuck tentou argumentar, mas desistiu depois disso.

Eles ficaram observando o fogo por um tempo. Lou começou a contar sobre a sessão de fotos de que tinha participado em Tóquio, para quem sabe deixar o clima mais leve. “Basicamente eu estava usando um vestido de macarrão de piscina. Eles me fizeram nadar numa daquelas piscinas de ginástica, sabe? Cheia de quadrados de espuma? Não era uma piscina de bolinhas, mas era mais ou menos a mesma ideia.” Ela contou a última parte olhando para Ivy, que não sorriu.

“É deprimente isso me deixar com saudades?”, perguntou Harrison. “Minha vida é, tipo, acordar, fazer café da manhã para os meus irmãos, ir para a aula, ler a noite inteira, dormir, e no outro dia, tudo de novo. Me dá saudade de como a moda é absurda. Eito me contou sobre a festa de Halloween orgiástica de vocês. O namorado dele ficou com o cara da campanha do Valentino, aquele por quem eu sempre tive uma queda, no banheiro de vocês.”

O fogo crepitou. Um pouco de cinza voou e pousou na manga de Lou. Ela encostou o dedo no pequeno buraco chamuscado no tecido.

“Você está com saudade das orgias?”, Tuck perguntou a ele.

“Não foi isso que eu disse”, defendeu-se Harrison. “Quer dizer, com certeza, quem não ficaria? Mas eu só queria saber se a Lou e a Thayer estão aproveitando a loucura do jeito que eu...”

“A gente foi para a cama antes que começasse”, interveio Lou. Ela tentou lançar um olhar para Harrison, indicando que não tocasse no assunto de Thayer, mas Ivy se levantou de repente e limpou a areia da

calça jeans. A princípio, parecia que ela estava indo rumo às dunas, voltando para casa, mas depois deu uma guinada na direção das ondas.

"Desculpe", disse Harrison para Lou. "Eu não achei que ela..."

"Não, está tudo bem." Ela se levantou.

Ivy tinha deixado a jaqueta aos pés de Tuck; Lou a apanhou e saiu atrás dela, seus olhos se acostumando com o escuro. Ivy não estava andando muito rápido, mas parecia saber para onde estava indo. Lou a alcançou e ficou ao lado dela, tropeçando na areia irregular. Lou ofereceu a jaqueta, e Ivy não a pegou, então a colocou sobre os ombros dela.

Ivy parou de repente, tirou as botas e as meias e as deixou na areia seca. Lou fez a mesma coisa, ainda que não tivesse entrado na água, nem mesmo numa banheira cheia, desde que Morgan se afogara.

As luzes dos barcos na água estavam muito longe. Ela seguiu Ivy até a areia úmida e compactada, depois até a beirada da arrebentação. Quando alcançaram a água, o frio foi um choque, que depois se transformou em dor. Elas estavam com água até os tornozelos, o vento aumentava, até que Lou percebeu que Ivy não iria parar.

"O que você está fazendo?", gritou Lou, agarrando Ivy pelo cotovelo. Ela sentiu uma raiva repentina que só tinha direcionado para seus pais. Uma frustração por ninguém estar cuidando dos próprios problemas, só dando voltas ao redor deles ou se deixando ser cercado por eles.

Ivy se virou de repente, como se tivesse acabado de se dar conta de que Lou estava ali com ela. Seu cabelo batia forte em todo o rosto, e ela tentou jogá-lo para trás com uma das mãos, como se tentasse enxugar alguma coisa.

"Não sei", disse ela, quase inaudível. Os pés de Lou estavam totalmente dormentes, mas ela conseguia sentir as ondas batendo suavemente nas pernas.

Lou a guiou de volta para a areia seca e Ivy se deixou levar. Eles ficaram sentadas na beira das dunas por um bom tempo sem falar nada, e Ivy passou a respirar como se chorasse ou arfasse. Lou não sentia as mãos, os pés ou o rosto, mas ela colocou o braço em volta de Ivy e esperou passar, até que Ivy por fim perguntou se elas podiam voltar.

Todas as luzes estavam apagadas na casa. Lou tinha mandado uma mensagem para Harrison dizendo que elas estavam bem, e os rapazes não estavam por lá quando elas entraram. Ela tinha um milhão de perguntas

sobre ele e Tuck, mas estava preocupada demais com Ivy para pensar nisso agora.

Lou a levou até o banheiro do andar principal, ligou o chuveiro no mais quente possível e deixou Ivy lá dentro, fechando a porta atrás de si. Vinte minutos se passaram. O mar rugia atrás do vidro. Lou tirou as roupas molhadas e vestiu uma calça de moletom e uma camiseta, depois se enrolou em um cobertor no futon, que ainda não tinha sido aberto para virar uma cama. Ivy voltou à sala de estar, de cabelo molhado, rosto corado, com vapor saindo atrás dela.

Ivy apagou a luz e se sentou junto dela no futon, de modo que as duas ficaram viradas para a janela.

"Estou muito cansada", disse Ivy, com a voz vacilante. "Hoje é aniversário da minha mãe e não quero conversar, tá bom?"

Lou abriu o cobertor e, sem dizer mais nada, Ivy se aninhou junto dela, como elas costumavam fazer no quarto de Ivy. Seus braços ainda estavam frios, mas as costas estavam quentes do banho e ela cheirava a sabonete. As duas caíram no sono assim, apenas por inércia. Lou não sonhou e só despertou tarde na manhã seguinte, e, quando acordou, não tinha ninguém em casa.

A mãe de Lou deixara um bilhete dizendo que os adultos tinham ido à cidade tomar café da manhã. Harrison mandara uma mensagem umas oito horas dizendo que tinham ido cedo para Portland, ele tinha que levar um dos irmãos mais novos para uma competição de natação. Era como se toda a noite anterior não tivesse acontecido. Não havia prova dela em lugar algum. A cafeteira estava ligada. A cozinha estava impecável.

Ela foi andando até a praia, exatamente para o lugar onde ela e Ivy tinham estado na noite anterior. As pegadas delas tinham sido apagadas, substituídas por pedaços de bolachas-do-mar e longas tiras de algas. Uma fila de pelicanos, que em geral já tinham ido embora havia muito tempo no inverno, investiu em direção às ondas em uma linha comprida e organizada. Lou se agachou, enfiando as mãos na areia molhada até que ficassem dormentes.

4

Na noite em que Lou voltou para Nova York, ativistas climáticos estavam reunidos no parque próximo ao apartamento, se preparando para uma marcha, com pessoas se revezando em um megafone. Depois de uma hora assistindo a eles se juntarem e passarem por sua janela, ouvindo através da parede seu colega Eito tocar baixo, ela por fim foi para a rua assim que anoiteceu, e foi engolida por uma multidão segurando cartazes de papelão e cartazes pintados, e seguiu seu movimento lento por quilômetros ao longo do East River. Era o tipo de movimento entre estranhos de que ela gostava, no qual podia ser parte de uma onda, a observadora, e não o ponto focal. Não era preciso atuar. Apenas estar lá.

Thayer ainda levaria alguns dias para voltar de Berlim. Lou saía sozinha todas as noites com a câmera, registrando as marchas e postando as fotografias tratadas no Instagram. Ela adorava estar perto de pessoas que se importavam com o que ela se importava, sem ter que conhecer ninguém. Ela se sentia como uma bela hipócrita cheia de culpa, pegando aviões para todo lado toda hora, e depois participando de uma ação coletiva por justiça climática, mas quando ela disse isso para o pai ao telefone, ele falou longamente sobre como as petroleiras inventaram o conceito de pegada de carbono individual e como o mundo teria que sair disso por meio de leis, independentemente de quantas escolhas individuais "conscientes" cada um fizesse. Lou tinha ligado com a intenção de perguntar o que estava acontecendo entre ele e sua mãe — o que tinha acontecido na casa de praia e se ele estava bem —, mas não sabia como falar disso sem admitir que tinha ouvido a conversa às escondidas.

Depois do famigerado desfile de Paris, o trabalho não tinha minguado, mas agora estava mais devagar. Yukon disse que sempre era assim no inverno, até os desfiles recomeçarem em fevereiro. Ela não estava pronta para voltar à loucura dos desfiles, mas sentia falta de ver as amigas. Mari estava em Roma, tentando consertar as coisas com a namorada, que acabara de arranjar um emprego em uma orquestra. Jia estava fazendo trabalho comercial em Londres e ainda mandava playlists Lou por

mensagem. Eline tinha desistido depois da última temporada e voltado para a Noruega para estudar fisioterapia. Keeley Dot era a cara da Dior e estava morando em Paris.

Nova York ficou menos solitária quando Thayer voltou. Algumas noites, Thayer lia um livro na cama e Lou tratava fotos no laptop na escrivaninha, e a vida das duas juntas era gostosa. Calma. Simples. Elas não se viam com frequência durante a semana porque as agendas variavam muito, mas aos domingos elas iam juntas comprar café e bagels em um lugar perto do parque e comer em um banco, vendo as pessoas passarem, ou iam comer dim sum fumegantes com os amigos de Thayer, atores em discórdia clamando por bolinhos, ou iam ao Met à tarde, apenas as duas, avançando e parando sistematicamente em cada ala, em uma ordem que Thayer tinha planejado logo que ela se mudara para Nova York. No aniversário de dezenove anos de Lou, elas voltaram ao Museu de História Natural, só para ver de novo o meteorito no Salão do Universo. Esses passeios em momentos de folga eram quase o que ela imaginara que viveria em Nova York com Ivy. Não era como ela fantasiava, mas Lou estava começando a entender que nada nunca era de fato. Às vezes, era possível chegar perto daquilo que se desejava, e era o bastante. Isso era a idade adulta. Foi um alívio isso se confirmar, pois tornava tudo o que ela achava que perdera mais fácil de perder, como alguém esfumando os contornos de um desenho até eles já quase não existirem; até que se tornassem o fundo, pronto para alguma coisa nova e distinta, e simples de esboçar por cima.

"Quero conhecer seus amigos", disse Thayer em um desses domingos quando voltavam para o apartamento, depois de uma matinê a que tinham ido com dois amigos de Thayer. Estava ainda mais claro e frio a céu aberto, depois do calor escuro do teatro.

"Você já conheceu meus amigos", disse Lou. Ela mencionou modelos que as duas conheciam. "*Você* é minha amiga."

"Estou falando dos velhos tempos."

"Esses são os novos tempos?"

"Você é americana. É você que me diz."

Lou passava muito tempo com pessoas de outros países que lastimavam os Estados Unidos, por seu desamparo e sua incapacidade de se salvar. Mas o que Lou estava fazendo quanto a isso? Trabalhando em

campanhas publicitárias? Promovendo o capitalismo? Vivendo com a cabeça envolta em uma nuvem de fixador de cabelo?

"Você vai me obrigar a imigrar para o Canadá?", disse Lou.

Thayer riu e pôs as mãos em concha nas de Lou, como se Lou fosse uma criança com quem estivesse brincando. "Um dia. Se você for muito boazinha."

Thayer deixou o comentário sobre os amigos passar, mas Lou sabia que estava mantendo uma distância segura entre elas, e Thayer sentia isso. Ela nunca falava sobre os amigos de casa, ou de seus pais. Thayer falava tanto sobre sua vida em Vancouver e Paris que Lou era capaz de dizer a qualquer pessoa o nome de todos os primos dela e suas esposas, dos colegas de oficina da universidade, o nome do cachorro da família, dos dois cachorros antes dele, e até mesmo das outras pessoas com quem ela já tinha ido para a cama: um poeta com quem ela saía às vezes, que tinha encontrado em Berlim e por quem estava sempre meio apaixonada; uma universitária de Paris com quem ela e Diego estiveram envolvidos. Era como se Thayer estivesse construindo uma ponte em direção a Lou de um lado do litoral, e Lou não tivesse construído nada, então a ponte de Thayer apenas pairava no vazio, sempre inacabada.

Thayer estava soltando ideias sobre Lou ir com ela para Vancouver em seu aniversário, e Lou não sabia por que ainda estava relutante, ainda que estivesse lisonjeada, pois, das pessoas com quem Thayer saía, Lou era a que ela mais queria consigo para uma ocasião como aquela, com toda a sua família. Elas estavam passando um inverno muito bom juntas, mas Lou se surpreendeu com quão aliviada ficara quando os desfiles começaram novamente em Nova York e elas passaram a ter menos tempo juntas.

Nesta temporada, Lou foi a seus próprios castings, depois assistiu Sienna fotografando modelos em outros castings. Sua agenda estava ainda mais enlouquecedora do que a do outono. Ela já não se atrasava tanto, mas agora não sabia a que dar prioridade: trabalhar para Sienna ou ser modelo. Os desfiles pagavam dez vezes mais, às vezes vinte, mas ela preferia ficar com Sienna, assistindo, montando e desmontando equipamentos de fotografia, ouvindo Sienna lidar com os clientes. Agora, quando os

diretores de casting faziam comentários sobre como suas orelhas eram estranhas, ou seus quadris eram largos demais, ou suas sobrancelhas eram retas demais, ela ficava irritada, e não com medo. Ela estava mais segura com seu corpo, e se não a quisessem como ela era, tudo bem. Ninguém nunca parou com as ameaças a ela e às outras modelos de que um milhão de outras garotas estavam prontas para tomar seus lugares, mas, em vez de se sentir intimidada, isso a tentava cada vez mais, como se fosse tornar a escolha mais fácil. Sempre que estava em um casting como modelo, ansiava por estar ali com Sienna, como assistente, e sempre que estava com Sienna, via as fotos que suas amigas postavam no Instagram dos castings que ela estava perdendo, de modo que ela estava sempre correndo pela cidade, tomada por um medo de não conseguir acompanhar tudo, não importava seu destino.

Mesmo com toda a correria, a saída de apuros no último minuto, as mentiras para Yukon sobre ir a castings que ela acabava não conseguindo ir, ela foi reservada para o dobro de desfiles em Nova York do que tinha sido em setembro. Em muitos deles, ela tinha desfilado na última temporada. Desta vez, era como um reencontro. Os estilistas a abraçavam em vez de mandá-la direto fazer o cabelo e a maquiagem sem nem olhar para ela. As garotas mais novas geralmente tinham que chegar mais cedo, e agora, quando Lou chegava adiantada, diziam que ela podia esperar, fazer um lanche, relaxar.

Um de seus maquiadores favoritos, Xavier, foi com ela e Thayer comer uma pizza do lado de fora do desfile de Michael Kors. Ela se lembrava bem de Xavier por ele ter sido o único maquiador que perguntara se ela se importava de colocar cílios postiços e, quando ela disse que sim, se importava, ele respeitou sua preferência. Não tinha como evitar as calcinhas fio dental, mas a oportunidade de escapar de cola fria nas pálpebras era algo pelo que ela sempre seria grata.

Eles se sentaram debaixo do sol de inverno do lado de fora do galpão, em umas cadeiras dobráveis que tinham colocado para as pausas para fumar, só de sutiã e calça jeans. Foi o único desfile que Thayer e Lou fizeram juntas, e isso tinha saído na imprensa, Yukon tinha enviado a ela o link da notícia, especulações sobre como estava o relacionamento das duas, como as coisas estavam avançando agora que moravam juntas. Elas

tinham sido fotografadas em alguns de seus passeios, e todas as vezes Lou se sentia violada e exposta de tal forma que era a prova de alguma coisa.

"Quais são as novidades, Xa?" disse Thayer.

Xavier dobrou sua fatia, e gotas de óleo pingaram no prato de papel. "Em geral as pessoas me perguntam isso, e eu respondo: 'Ah, as coisas estão bem, sabe, estou bem, estão aparecendo coisas importantes', mesmo que eu esteja deprimido pra caramba, porque eu sou aquele filho do meio capricorniano que odeia causar. Mas, para ser sincero? Meu marido acabou de me dizer que quer o divórcio. Então tem sido divertido. Isso é novo."

Lou fazia grande esforço para comer sem estragar o batom que Xavier tinha passado alguns minutos antes, mas claramente ele não ligava. Xavier também estava todo maquiado e comia sem se importar.

"Você está brincando. O Ollie?", disse Thayer.

"Sem brincadeira. No último fim de semana, ele volta para casa. Diz que não está apaixonado por mim", contou Xavier. "Diz *exatamente* desse jeito. Tipo, 'vou me mudar. E, ah, eu não estou mais apaixonado por você, talvez eu nunca tenha sido apaixonado por você'. Como se fosse a porra de uma porção de batatas fritas. Nem mesmo uma entrada."

"Ele devia ter mentido", disse Lou.

"Ele devia ter mentido!", exclamou Xavier. Ele pegou outra fatia de pizza, dobrou-a no meio e comeu em quatro mordidas. "E vocês? Estão na merda por causa de alguém?"

Thayer e Lou trocaram um olhar, e Xavier bufou. "Não, eu sei. Estou só brincando. Eu sei. Todo mundo sabe. E é muito fofo. Pelo menos até alguém voltar para casa e destruir a vida que vocês construíram juntas. E por quê? Por tédio?"

Era isso o que Lou sempre imaginara que sua mãe faria. Entrar pela porta da frente depois do trabalho e anunciar que ia embora. Às vezes, parecia que ela estava olhando para além deles, para algum outro futuro ou passado que não os incluía. Lou nunca quis ser assim em sua vida, mas, nos últimos tempos, morando com Thayer, ela se sentia culpada por estar fazendo o mesmo.

Um estilista colocou a cabeça para fora da porta do galpão. Emmett. Ele era do Tennessee e Lou queria colocar o jeito que ele falava dentro de um potinho. Ela tinha acabado de passar trinta minutos com ele lá dentro, enquanto ele se perguntava se meias verde-azuladas ou meias um pouco

menos azul-petróleo eram o melhor para o look dela. Ele disse que um dos pares de meias o fazia pensar no céu de sua cidade ao entardecer e o outro o fazia pensar no céu de sua cidade antes do amanhecer.

"Ah, pelo inferno gay, o que vocês estão fazendo aqui fora?", gritou Emmett. "Se a chamada não fosse em dez minutos, eu demitiria todos vocês. Vão se vestir. Sinceramente, Thayer, você já devia saber." Emmett arquejou, e Lou pensou por um segundo que ele tinha visto uma pessoa muito famosa no beco e fosse desmaiar. Mas ele estava olhando para os pés de Lou. "Lou, querida, mudei de ideia sobre as meias. Vamos com as do amanhecer, não com o fim do dia. Sem dúvida amanhecer. Repita para mim."

"Amanhecer", disse Lou. "Entendi."

Emmett a ficou encarando até ela perceber que ele estava pedindo literalmente, e talvez ficasse lá o dia inteiro até que ela repetisse.

"Sem dúvida amanhecer", repetiu Lou.

"Isso mesmo, querida. Sem dúvida. É sempre mais escuro antes de amanhecer." Ele cantarolou a última parte, sustentando tanto a nota e com tal vibrato que os outros começaram a aplaudir.

Mais tarde naquela semana, Lou teve uma sessão de fotos para editorial com roupas de um dos desfiles com um cara finlandês na casa dos trinta que se chamava Mikko, que tinha dito no casting que gostava de Lou porque ela não era muito amigável, como algumas das outras americanas. Ela não sabia se deveria tomar aquilo como elogio, porque já tinha sido criticada por isso antes. Tinham dito que ela não era sorridente o bastante nos castings, ainda que esperassem que ela fosse austera em sessões de fotos ou nos próprios desfiles. Mas Mikko parecia realmente sincero.

A sessão de fotos em si foi boa. Mikko era respeitoso e tinha ideias interessantes para poses. Ele não era mandão ou amigável demais. Mas quando acabou, depois que todo mundo tinha recolhido suas coisas, ele pediu a ela que arranjasse algo para comer com ele. Ela mencionara que gostava de fotografia e achou que ele ia lhe dar conselhos, ou ser um bom contato. Ela vinha pensando mais sobre o que Sienna dissera, sobre ir atrás

de mais pessoas com quem trabalhar, expandir seu círculo para conseguir mais do tipo de trabalho que ela queria. Ampliar suas opções.

Ela e Mikko foram andando comprar sanduíches e se sentaram junto de uma fonte no Upper West Side. Eles conversaram sobre as câmeras dele e uma recente viagem que tinha feito a Portland, onde moravam a irmã e os sobrinhos dele. Ele tinha feito mais uma tatuagem lá, de um tubarão-tigre que Lou realmente achava que tinha um traço lindo. Foi só quando eles iam embora, Mikko atrás de um táxi para voltar ao hotel e Lou para o apartamento dela, que ele a beijou. Ela ficou tão pasma que não recuou imediatamente, e ele a pegou pela cintura e a beijou com mais intensidade, sua barba arranhando, seus dedos agarrando seu corpo, até que ela o parou, empurrando seu peito, corando, e deu uma desculpa sobre pegar o trem.

"Posso te ver de novo?", perguntou ele, como se não tivesse ideia de que acabara de fazer algo que ela não queria.

Lou deixou ele adicionar o número no telefone dela, porque não sabia mais o que dizer a ele, parado ali, e bloqueou o número assim que ele sumiu de vista, com as mãos suando. Isso a lembrou de quando uma equipe descoloriu seu cabelo sem pedir, alguns meses antes, no último dia de uma sessão de fotos para editorial. Eles disseram que iam apenas dar uma tonalizada, uma destacada, como se a cor natural de seu cabelo precisasse de destaque, mas em vez disso o descoloriram totalmente antes que Lou se desse conta do que estava acontecendo. Demorou horas, e ela sentia o couro cabeludo queimando tanto que parecia estar dormente. Quando ela chegou em casa, Thayer a ajudou a pintar o cabelo de castanho na pia do banheiro, mas a textura estava toda esquisita agora. Quebradiço e ralo quando antes era naturalmente ondulado.

Quando chegou ao apartamento, contou a Thayer o que tinha acontecido com Mikko, e elas pediram comida para viagem e assistiram a filmes lésbicos em que ninguém acabava com um homem ou morria no final. Não existiam muitos. Na metade do segundo filme, Thayer contou a ela que, durante uma prova, algumas semanas antes, um estilista enfiou a mão debaixo da saia dela sem pedir, e ela deu uma joelhada no queixo dele. O estilista tinha ameaçado prestar queixa.

"Você quer saber o que meu agente me disse quando eu contei?", perguntou Thayer. "'Se ninguém desse em cima das modelos, a gente não

ganharia muito dinheiro.'"

Quando Lou acordou no meio da noite, com nojo, se lembrando da respiração de Mikko enquanto ele vinha para cima dela, ela abraçou Thayer com todos os seus membros, pressionou a bochecha contra o centro de suas costas nuas e se concentrou no zumbido do ventilador debaixo da janela até cair no sono.

5

Naquela primavera, Lou estava em uma campanha publicitária pela primeira vez. Foi uma semana depois que ela voltara para Nova York de sua segunda temporada de desfiles europeus. Ela e Thayer seguiam pela Quinta Avenida a caminho de um casting editorial quando de repente Thayer se virou para a vitrine da loja da Reebok, como se fosse beijar a modelo do anúncio na bochecha. Lou levou alguns instantes para entender que era *ela*, de tênis branco resplandecente, dando um chute para o alto. Ela esperava ficar orgulhosa ou pelo menos satisfeita, mas só quis correr para a loja e arrancá-lo.

"Você quer que eu tire uma foto sua ao lado dele?", disse Thayer.

"Não precisa", disse Lou. "Estou bem."

Thayer não entendeu. "Você devia estar orgulhosa!", ela continuou no casting mais tarde. "Você estava incrível."

Mas não era essa a questão. Até então, tinha sido fácil esquecer que ser modelo era inerentemente ligado à publicidade, aos negócios. Os desfiles pareciam tanto com arte que o comércio na outra ponta nem sempre parecia tão óbvio.

Todas as sessões de fotos de que ela tinha participado naquele outono e inverno estavam sendo publicadas e postadas. Algumas das revistas ou dos anúncios estavam saindo em diferentes países ou cidades, e Yukon as mandaria para ela mais tarde. Alguns, ela nunca veria. O rosto dela estava no mundo sem ela, como um animal de estimação perdido em pôsteres.

No dia seguinte, sua mãe mandou uma mensagem com uma foto de Lou em uma campanha da H&M que vira em uma revista que folheava em uma sala de espera. No anúncio, Lou vestia roupas masculinas, estava com o cabelo penteado para trás e a boca aberta. Parecia prestes a dar em cima de alguém em um casamento, sem sucesso.

Esta aqui é a minha filha?, escreveu sua mãe.

Uma delas, respondeu Lou.

Lou aceitou ir a Vancouver no aniversário de Thayer. A família dela daria uma grande festa no sábado, e ela queria que Lou conhecesse seus amigos, seus pais e suas irmãs. Foi esquisito se sentar com ela no avião enquanto os lanches e as bebidas eram servidos, como se elas estivessem juntas de verdade, Thayer cochilando em seu ombro. Ela se deu conta de que estava animada, com o peso do corpo de Thayer contra o dela. Talvez fosse daquilo que ela precisava: estar mergulhada na vida de outra pessoa, saber que ela também fazia parte dela.

Os pais de Thayer foram calorosos e efusivos, os dois eram professores de ciências políticas na Universidade de British Columbia, e suas irmãs e os maridos cumprimentaram Lou com um abraço. A casa ficava em um bairro com muitas árvores antigas ladeando a rua central. Na festa de aniversário havia muitas pessoas que conheciam Thayer, que a amavam, que queriam saber tudo sobre as aventuras delas, e elas perguntavam a Lou sobre as dela também. Era assim que todos diziam: *Suas aventuras!* Era tão surreal ser enfiada em toda essa vida, a família de Thayer cercando-a de amor, e cercando Lou também. Era uma bagunça aconchegante de pessoas a alimentando e acolhendo sem duvidar de que ela era alguém que gostariam de conhecer, sem duvidar de que ela estaria por perto por muito tempo.

Pela primeira vez desde os protestos, Lou postou no Instagram alguma coisa que não era uma de suas fotos de modelo. Era uma fotografia de Thayer, cercada pela família, soprando vinte e uma velas em seu bolo. Seus olhos estavam fechados, mas ela sorria. Lou colocou um coração e uma coroa como legenda e marcou Thayer. Como o perfil de Lou era público, por insistência de Yukon, os comentários começaram a chegar, os olhos de coração, os admiradores e os trolls. Estava mais fácil para Lou ignorar tudo. Ela queria documentar isso. Ela queria a foto em algum lugar em que pudesse olhar sempre que precisasse.

Mais tarde, elas deram uma volta no bairro, depois que escureceu e antes que todos fossem embora. Thayer deu a mão para Lou e a levou pela porta dos fundos, para longe da multidão e do calor. Estava fresco do lado de fora, e enevoado, e cheirava a Portland, a pinheiros e solo úmido e algo mais frio, mais setentrional, quase beirando à geada.

"Você está gostando do seu aniversário?", perguntou Lou.

"*Você* está gostando do meu aniversário?"

Lou sorriu. “Estou adorando o seu aniversário.”

“Parece a vida real, não é?”, disse Thayer, como se estivesse pedindo uma afirmação.

O telefone de Lou tocou bem cedo na manhã seguinte. O céu estava ficando azul pela janela do quarto de Thayer, conforme a manhã se aproximava. Quando ela por fim tirou o telefone do bolso da jaqueta, a tela brilhava cinco horas da manhã. Era Tuck ligando. A primeira coisa que passou por sua cabeça foi que tinha acontecido alguma coisa com Harrison.

“Lou, oi.”

“Hum, oi.”

Dava para ouvir vento e buzinas constantes ao fundo.

“Você falou com a Ivy?” A voz de Tuck estava rouca.

“Como assim?”, respondeu Lou. Ela foi para o corredor, fechando a porta do quarto de Thayer atrás de si. Ela tentou manter a voz baixa. A família toda de Thayer estava dormindo.

“Ela... Eu não sei, não sei para onde ela foi.”

O peito de Lou martelava e ela começou a piscar, como se estivesse olhando para faróis. Ele soava assustado, como naquele dia na cachoeira, e ela ouviu a voz dele ecoando das pedras em direção à água: *Onde ela foi parar? Pra onde ela foi, porra?*

“O que aconteceu?”

“Nós brigamos ontem à noite e ela foi embora. No centro de Seattle, no meio da noite. O telefone dá direto na caixa postal. Achei que talvez você tivesse... pensei que talvez você tivesse falado com ela.”

“Não”, disse Lou. “Nós não conversamos.”

Tuck estava calado do outro lado. “O.k. Bom, me avise se souber de alguma coisa.”

“Aviso. Sinto muito, Tuck.”

De volta ao quarto, Thayer estava dormindo, tranquila e aquecida. Lou se deitou de novo, tentando acalmar o coração. Ela encarou as persianas de madeira, se movimentando com a brisa da janela aberta como um sino,

mas ela só conseguia pensar em Ivy nas dunas da última vez que Lou estivera em casa.

O telefone tocou de novo, e ela saiu da cama e foi para o banheiro. Acendeu a luz e o ventilador, e viu seu rosto brilhante assustado no espelho.

"Tive notícias dela", disse Tuck. "Ela está segura. Ela foi para a casa do tio, a algumas horas daqui. Temos outro show aqui na quarta-feira, mas não sei se ela vai voltar, nem sei se vai fazer o restante da turnê."

"Obrigada por me avisar", disse Lou.

"Não quero falar nada da Ivy, só sei que ela realmente gosta de você. Ela está precisando de um amigo. Um amigo que não seja a outra metade da banda."

Quando Lou voltou para o quarto, Thayer abriu os olhos e encostou preguiçosamente os dedos na bochecha de Lou.

"Tudo bem?", sussurrou Thayer.

"Tudo", disse Lou. Ela diminuiu a luz do telefone e mandou uma mensagem para Ivy, *Oi. Você está bem? Tuck me ligou.*

Alguns segundos depois, veio uma resposta. *Tô.*

Estou na costa Oeste, escreveu Lou.

Eu sei, respondeu Ivy.

Mais tarde naquela manhã, Thayer preparou o café da manhã para elas e perguntou quem tinha ligado tão cedo. Era o dia de seu aniversário de verdade, mas ninguém mais na casa tinha acordado ainda. Dava a impressão de um domingo que podia durar para sempre.

"Um amigo de casa, Tuck", disse Lou. Ela fez uma pausa, então decidiu continuar. Não adiantava mentir. "Ele estava preocupado com a Ivy."

"Ela está bem?"

"Não sei. Acho que quero ir ver ela."

Thayer apenas assentiu. Lou tinha contado sobre a noite no litoral, depois que as duas voltaram para Nova York, como ela estava preocupada com Ivy desde então, mas não achava que tinha o direito de perguntar o que estava acontecendo. "Parece a coisa certa a fazer."

"Tem certeza?"

“Minha família vai ficar feliz de ficar um tempo a sós comigo,” disse Thayer.

Lou não sabia dizer se havia ironia naquilo, tipo, seria melhor se Lou não estivesse lá, no fim das contas, se fosse para atender a ligações no meio da noite sobre outras mulheres. O que seria um incômodo bastante justificado. No entanto, Thayer parecia absolutamente neutra bebendo seu café e virando um crepe, e não havia como voltar atrás agora.

6

Lou pegou o trem. Ela não andava no Amtrak desde criança. Era tão diferente se sentar só um pouco acima do chão, olhando para fora, observando o interior verde passar, o sol brilhando no alto dos campos de trigo, cedendo à alegria, ao medo e à sensação de fugir que crescia nela, em vez da atenção de estar ao volante. Talvez tenha sido por isso que ela de fato esqueceu que estava indo a algum lugar, que a viagem terminava em Ivy, até que os freios guincharam e o trem parou em Silverhorse, uma cidadezinha de Washington Puget Sound, da qual Lou nunca tinha ouvido falar. Sua única bagagem era a JanSport, que Yukon chamava provocativamente de saco, como em *Já passou da hora de você trocar esse saco por algo mais elegante — pelo menos alguma coisa de couro. Pode falar para eu parar de reclamar.*

Ivy esperava na plataforma, com o cabelo comprido e bagunçado dentro de um gorro, usando um casaco grandalhão, jeans e coturno. Lou não sabia como esperava que ela estivesse, se queria que ela parecesse tão chateada e desgastada quanto no litoral, para justificar o pânico no meio da madrugada, ou a viagem em si, mas ela parecia bem. Parecia ela mesma.

Dava para ver a respiração de Ivy emergindo em pequenas rajadas, mesmo quase sendo primavera. O céu escurecia por uma tempestade que se aproximava. Tudo parecia estar acontecendo em câmera lenta. Ivy a abraçando, todo o peso dela na jaqueta de lona estruturada, sua bochecha macia, o trem se afastando, um homem com a mão para fora da janela, acenando para a família na plataforma.

Lou a seguiu até uma caminhonete prata no estacionamento. Ivy enfiou a mão pela janela do lado do motorista e a destrancou manualmente, como se já tivesse feito isso um milhão de vezes.

"Como estava Vancouver?", perguntou Ivy, se sentando no banco do motorista. Lou foi para o banco do carona e tentou olhar para a frente, e não para o perfil do rosto de Ivy.

"Eu fui para uma sessão de fotos." Não era tecnicamente mentira. Ela tinha sido agendada por alguns dias depois da festa de Thayer, uma sessão

de fotos para a Herschel.

"E para o aniversário da sua namorada."

Então ela definitivamente tinha visto o post. "Ela não é exatamente minha namorada."

"Ah."

As duas não disseram nada durante o restante do trajeto, enquanto Ivy seguia por um longo caminho pelo campo, por uma estrada arborizada que abraçava a vasta orla de Puget Sound, que poderia ser o oceano, poderia ser o extremo do mundo, com as árvores agarradas às suas falésias.

Elas chegaram a uma casa pequena revestida de pedra com vista para a água nos fundos. Ficava em um campo de capim alto na base da mata densa.

"Meu tio foi fazer um mochilão esta manhã", disse Ivy. "Ele volta domingo. Então somos só nós duas."

Havia um caminho íngreme para chegar à água, e Ivy desceu correndo por ele. Ela pisava confiante com suas botas, e Lou a seguiu meio deslizando, se agarrando às raízes para não rolar, sujando as solas dos mocassins marrons que Yukon lhe dera.

Um cais desgastado se estendia na água, e Ivy se acomodou de pernas cruzadas na ponta. Lou ficou de pé. Ela sabia que havia orcas em Puget Sound, algumas o ano todo, e ficou com a câmera erguida, examinando a água. Ela queria ter binóculos. Ou uma lente com zoom de longo alcance.

"Parece que você é uma *scout* do *Planeta Terra*", disse Ivy.

Lou tinha feito Ivy assistir a muitos episódios de *Planeta Terra*. "Estou atrás da modelo baleia perfeita. Ela vai ser enorme e ninguém vai se importar."

"As pessoas ligam para o seu peso?", perguntou Ivy.

"Não", ela mentiu. Além dos comentários de Yukon sobre ela ter de diminuir um centímetro ou dois da cintura, como se isso não significasse limar seus ossos de fato, vários estilistas comentaram como seria útil se ela fosse mais magra. Esta era a palavra: *útil*. Não agressiva, mas sugestiva. Os desfiles de Paris tinham proibido tamanho zero e modelos na puberdade, mas só eles. "Não de fato. Faz parte do trabalho."

“Mas não deveria ser.”

“Eu sei, Ivy. Eu concordo.” Ela continuou olhando pelo visor. Tudo o que ela via era água escura. “Não tem partes de mexer com música que você gostaria que não fizessem parte do trabalho?”

“Todas.”

Lou olhou para ela e tirou uma fotografia. Ela estava segurando as solas das botas enlameadas. “É por isso que você está aqui?”

“Algumas noites atrás, a gente estava dormindo na casa de um cara que Tuck conheceu em outro show, e o piso era de ardósia, não havia móveis no lugar todo e estava literalmente congelante. Eu era como um vermezinho minúsculo de gelo no meu saco de dormir, e pensei, tipo, será que eu vou morrer congelada aqui? No chão da casa de um estranho? Mas o que eu ia fazer? Quando todo mundo acordou, a gente ainda tinha que esperar a outra banda acordar também, para que todo mundo fosse tomar café da manhã, e é sempre assim. E depois: consenso de grupo para irmos comer em algum lugar com comida nojenta, e então dirigir sete horas. Chegar finalmente ao lugar do show, e fazer a passagem de som. Depois esperar por lá, porque não tem nada para fazer e não conhecemos ninguém na cidade. Depois tocar. E fazer tudo de novo. A música é uma partezinha de tudo. Não consegui escrever uma única música desde que estamos na estrada. Nunca fico sozinha tempo suficiente para conseguir pensar.”

Lou pousou a câmera e se sentou ao lado dela. A água era ampla e azul. Não era o oceano, mas tinha o mesmo cheiro.

“Talvez eu não tenha nascido para isso.” Lou nunca tinha ouvido a voz de Ivy tão fraca.

“O que você quer dizer?”

“Não sei se quero a responsabilidade de ser a líder. Tuck tem estado tão deprimido, primeiro por causa da Morgan, depois por causa de como ele estava confuso sobre tudo com Harrison, mas as coisas estão melhorando agora, desde que ele resolveu que talvez seja melhor arriscar ser feliz do que acabar com tudo antes de ter começado, mas este ano todo eu não soube ajudá-lo, o que me fez sentir incapaz em tudo, até nas coisas em que eu sempre achei que era boa, como na guitarra, ou cuidar de mim mesma, ou sei lá; parece que tudo foi pelos ares. A gente brigou ontem à noite por nada, literalmente nada, ele só me olhou de um jeito, e foi como

se eu não aguentasse o quanto ele precisa de mim, precisa de mim para tomar decisões, precisa de mim para dirigir a van, arranjar o jantar para a gente, reservar os lugares para tocar, escrever músicas novas, não nos deixar parar. E eu sentia que *precisava* disso, para continuar em frente, e se eu conseguisse fazer isso, todo o resto seria consertado, porque eu conseguiria pegar o jeito, mas talvez tenha sido a pior coisa que eu pudesse estar fazendo. Na maior parte das vezes, as pessoas que a gente conhece são muito boas e adoram as minhas músicas, e eu amo tocar para elas. Mas não paro de sentir que talvez eu tenha tomado a decisão errada. Eu devia ter ido estudar em Nova York. Eu devia ter ido com você. Eu devia ter escolhido um lugar e ficado lá. Eu não paro de tomar as decisões erradas."

Lou balançou a cabeça. "Está brincando? Cite uma decisão errada que você tomou."

"Cara, sei lá, ter pulado das pedras naquele dia?"

Lou ficou confusa e sentiu o coração disparar. Ela sempre se culpou por ter sugerido a trilha, pois essa foi a única razão pela qual eles estavam lá, para começo de conversa. Ela não fazia ideia de que Ivy podia estar sentindo a mesma coisa.

"E por que você pulou?" Ela imediatamente se arrependeu de ter dito isso. Havia mil respostas razoáveis. *Porque estava quente. Porque era lindo. Porque é o tipo de coisa que as pessoas fazem todos os dias e não morrem.*

"Eu estava me exibindo. Foi tão estúpido, merda. Você não falou nada, depois que toquei a música, e eu fiquei chateada, e não ligava de verdade com o que fosse acontecer comigo, se você não sentisse a mesma coisa."

A cabeça de Lou estava zunindo. Ela pressionou as palmas das mãos nos olhos e viu formas vermelhas brilhantes.

"Eu tinha uns pensamentos terríveis", disse Lou, sem olhar para cima, sua câmera pesada pendurada no pescoço. "Tipo, eu estava tão grata por não ter sido você. Como se tivesse que ter acontecido com uma pessoa. Como se tivesse que ser com alguém. Você é a última pessoa no planeta que eu queria que fosse. Ainda é."

O corpo de Ivy estava quente ao lado do dela. Ela cheirava a sabonete e algo mais, alguma coisa que sempre estava lá, cedro serrado para formar um gume perfeito. Lou passou a mão no cabelo dela, enrolando uma longa mecha no dedo. Era macio, e ela queria colocá-lo na boca. Seus olhos se encontraram, mas então Ivy desviou os dela, olhando para a água. Ela

respirou fundo, depois segurou a cabeça de Lou com as duas mãos e a virou, posicionando-a à esquerda, do lado da costa, onde havia uma faixa ampla de sol, e por um segundo Lou não sabia para o que deveria estar olhando, a não ser a luz amarelada.

Mas lá estavam eles, jorros esguichando na água. Estavam tão longe que pareciam pequenos tufos brancos. Pequenos gêiseres. Uma, duas, três orcas. Ela as observou, boquiaberta, e então ergueu a câmera, com as mãos trêmulas, e deu zoom, o obturador disparando. Parecia algo fugaz que ela tinha segurado com as próprias mãos, uma coisa tão frágil que se desintegraria assim que ela desviasse os olhos.

O interior da casa do tio de Ivy era pequeno, mas bem-cuidado. Ivy fez um café para elas e as duas se aconchegaram juntas no sofá. As coisas dela estavam empilhadas ao pé do sofá, dois estojos de guitarra e um amplificador, uma mochila e jaquetas.

"Ele mora aqui sozinho?", perguntou Lou.

Ivy assentiu. "Ele se mudou para cá depois que a minha mãe morreu. Ela deixou a casa para mim, mas ele precisava de um lugar para morar depois do divórcio. Então não a vendemos."

"Você cresceu aqui?"

"De onde você achou que a gente era?"

Ivy se levantou e seguiu pelo corredor escuro. Ela parou, fazendo um gesto para que Lou a seguisse. Quando ela acendeu a luz, Lou demorou um segundo para entender que estava olhando para um quarto de criança. Ou alguém que passava da infância para a adolescência. Adesivos da Fender na cabeceira da cama e a mesma colagem de cantores do quarto de Ivy em Portland grampeada, uma réplica quase exata, e uma cômoda com uma estrela do mar pintada. Havia um golfinho de pelúcia na cama. Golfinhos nadando na borda do papel de parede. Golfinhos. Por toda parte.

Ah, meu Deus, Lou murmurou para si mesma. Ela quase começou a rir, mas a atmosfera entre elas ainda estava tensa demais para que ela fizesse isso. Depois de Ivy provocá-la tanto sobre garotas que gostavam de golfinhos, nunca ocorreu a Lou que aquilo era decorrente de ela se reconhecer, e não por estar julgando.

Ivy pegou seu violão, que estava em cima da cama, como se precisasse de alguma coisa para fazer com as mãos. Ela segurou o violão por um segundo como se não o conhecesse, então se sentou na beirada da janela. Quando começou a dedilhar, Lou se sentou ao lado dela, olhando as nuvens sobre a água desaparecendo no escuro. A música era nova ou velha demais para que Lou a conhecesse.

"Pode cantar", disse Lou. "Por favor."

Ivy se recostou no vidro e por fim olhou para ela. Quando começou a tocar a seguinte, era exatamente como no disco. As respirações entre os versos eram as mesmas. Lou tinha decorado. Os versos e as respirações.

Vejo em seus olhos
Quando ajusta a câmera em uma vista
Você me diz "por favor, pare quieta,
Estou tentando tirar uma foto sua"

E então você corre pelo mato baixo
com medo como um caribu

Devo seguir nessa trilha
Ou isso está nos separando?
Lou Lou Lou

Tem mais coisa para saber
Ou fui largada no desconhecido
Com medo de seguir em frente
Com medo do que posso estar mostrando

Com a montanha nas suas costas
Eu sei que você também vê

É maior do que a gente imaginava
Por favor, vem, vem
Lou Lou Lou

Ela cantou duas vezes, dizendo o nome de Lou com tanta suavidade que zumbia contra o vidro, mas quase não emitia som algum.

“Como você sabia?”, perguntou Lou, quando ela terminou. “Sabia... como se sentia.”

Ivy não disse nada por um bom tempo. Tanto tempo que Lou achou que ela não fosse lhe dar uma resposta verdadeira. Mas então ela disse: “Lembra quando vimos aquela chuva de meteoros?”.

Tinha sido a última semana do último ano das duas. Lou mostrou a ela o lugar no telhado onde ela costumava se esconder quando era criança, bem do lado de fora da janela do quarto, onde não daria para vê-las nem de dentro nem de fora de casa. Elas pegaram um cobertor e uns travesseiros e ficaram olhando o céu por horas.

“Era o aniversário de morte da minha mãe.”

Havia alguns veleiros na água. Lou conseguia ver uma pequena figura em um dos conveses se movendo.

“E foi a primeira vez em quatro anos que eu não quis passar aquela data sozinha”, disse Ivy. “Eu queria passar com você.”

“Me conta o que aconteceu? Não precisa, se não quiser, eu só... eu quero saber, se você quiser.”

“Você nunca pesquisou?”

Nunca ocorrera a Lou que ela pudesse fazer isso. Ela nem sabia o nome da mãe de Ivy.

“Ela se afogou.”

De alguma forma, esse conhecimento já estava depositado nela, mas agora se desfraldou simples, como se estivesse lá o tempo todo. Depois que Morgan morreu, Ivy tinha fugido de tudo o que Lou dissera sobre como era horrível, como era inacreditável. Porque tinha sido a pior coisa que já acontecera com Lou. Mas não a pior coisa que já acontecera com Ivy.

Os pais de Ivy se divorciaram quando ela tinha sete anos e depois ela ficou morando com a mãe nesta casa durante o ano letivo e com o pai no verão. Sua mãe era pesquisadora e cientista, se mudara de Montana, onde tinha crescido, para Washington para estudar a vida marinha e a biologia costeira. Ela estudou na Western Washington, em Bellingham, onde conheceu o pai de Ivy, e depois conseguiu um emprego aqui, em uma estação de campo a alguns quilômetros de distância. Foi quando seus pais

se divorciaram. A maior parte da família do pai de Ivy morava na reserva de Warm Springs, perto de Mount Hood, e ele queria ficar mais perto dos pais, da família, de uma cidade maior. Ele conseguiu um emprego no hospital-escola em Portland e se casou de novo. Ivy escolheu ficar com a mãe. Ela sempre contava para Ivy histórias alegres sobre seu laboratório ou o trabalho de campo, mesmo que estivesse estudando sobre como os humanos estavam acabando com as coisas. As histórias dela eram sobre as coisas surpreendentes e encantadoras que vira. O zelador de um acampamento de verão que morava sozinho em uma ilha em Puget Sound o inverno todo, fabricando violões e canoas com as próprias mãos. Os leões-marinhos que soavam como a risada grasnada de sua avó. Mas Ivy ficava sozinha a maior parte do tempo, com o cachorro delas e às vezes com uma babá. Sua tia e seu tio moraram com elas um tempo, cuidaram dela, encheram a casa, e de repente Ivy estava no colégio. Então elas voltaram para Montana quando os avós de Ivy ficaram velhos demais para morar sozinhos.

"Essa é uma das razões por que eu achava que ia gostar mais de estar em turnê", disse Ivy. "Eu achava que gostava de estar junto de gente o tempo todo. Achei que seria mais como os shows, onde todo mundo está junto em uma sala, mas não precisa interagir se não quiser. Ninguém está contando com você para coisa alguma, a não ser a música."

A mãe dela andava de caiaque todas as manhãs. Um domingo, ela foi fazer a rota que costumava fazer. Ivy foi para a aula de piano, na casa de um vizinho mais adiante na rua. Quando chegou em casa mais tarde, a mãe ainda não tinha voltado. O cachorro não parava de latir.

"Parecia que, se eu fosse para a escola no dia seguinte e fingisse que as coisas estavam bem, tudo ficaria bem. Ela voltaria. Mas então meu pai veio à cidade deixar alguma coisa, e ele queria falar com minha mãe sobre algo, e eu disse a ele que não sabia onde ela estava, e foi então que me dei conta de que algo estava realmente errado. E porque eu não estava lá quando aconteceu... Com a Morgan, era como, a gente viu, sabe? A gente *viu*. Era tão real que não tinha como questionar. Fazia sentido. Mas não havia tempestade quando a minha mãe saiu. Nada. Eles nunca acharam o caiaque. Ela só tinha quarenta anos, mas tinha um testamento. As instruções eram muito específicas para mim. Meu tio é o único que consegue admitir que talvez tenha sido de propósito."

Lou olhou para a água, imaginando um caiaque vazio boiando. Era terrível ser atingida pela dor de Ivy assim. Era terrível não poder fazer nada por ela. O mundo parecia muito grande e muito difícil. Lou desejou que elas tivessem mais um ou dois dias juntas antes de ter que voltar para Nova York. Parecia que ela nunca ficaria sozinha com Ivy por tempo suficiente, mesmo que elas ficassem sozinhas todos os dias pelo resto da vida. Na mesa de cabeceira ao lado delas, havia uma fotografia de uma mulher talvez na casa dos trinta anos e de Ivy pequena de pé ao lado dela, com seus olhos e cabelos escuros, segurando um objeto. Lou teve que se inclinar e apertar os olhos para descobrir o que era. O golfinho de pelúcia. Elas estavam no cais, o mesmo que Lou via pela janela, mas a madeira parecia nova, e havia um velho labrador aos pés delas.

"Posso te mostrar uma coisa?", perguntou Lou. Ela passou as fotos na câmera até chegar àquela, e desta vez ela não a pulou. Ela sabia qual era só pela luz daquele dia. Mas então ela pensou melhor. Quem mostra a uma pessoa a foto de alguém prestes a se afogar logo depois de ela ter contado sobre o afogamento da mãe? Qual era o problema dela? Por que essa era a única coisa que ela tinha para oferecer?

"Está tudo bem", disse Ivy. "Pode me mostrar."

Então ela lhe entregou a câmera e Ivy parecia bem. Não brava, pelo menos. Como se tivesse entendido que era o melhor que Lou poderia fazer.

"Ela parece tão determinada", disse Ivy.

"Eu estava com muito medo para conseguir avisá-la."

"Ela não teria ouvido. Ela não me ouviu e eu estava bem do lado. Não tinha nada que a gente pudesse ter feito, nada, Lou."

Ela sabia que Ivy queria dizer que elas não poderiam fazer nada agora. Não quanto a Morgan, ou à mãe dela, ou a qualquer outra coisa que estivesse no caminho delas e que elas não pudessem prever. E, por um minuto, parecia algo com o qual ela poderia viver, ou com o qual aprender a viver.

"Você acha que eu deveria voltar a estudar?", perguntou Lou.

"Você quer voltar?"

"Às vezes, eu quero estudar ecologia, como pretendia, para sentir que estou fazendo alguma coisa para ajudar, em vez de apenas estragar mais ainda as coisas."

“Você está contribuindo com alguma coisa.”

“Como?”

“Moda é sobre beleza, não é? Seja qual for a beleza. E não acho que ela seja inerentemente ruim. Acho que ajudar as pessoas a enxergar a beleza quer dizer que elas querem salvar as coisas que de outro modo elas nem enxergariam. Só estou dizendo que você não precisa ser uma cientista ou uma ativista o tempo todo para fazer algo bom.”

“Você vai achar que sou covarde se eu não voltar?”, perguntou Lou.

Ivy balançou a cabeça. Seus olhos estavam muito escuros e abertos. Ela colocou a câmera entre as duas. “Você acharia o mesmo se eu não terminasse a turnê?”

Lou a beijou e, desta vez, não havia como parar, interromper ou pensar duas vezes. A boca de Ivy estava tão macia e quente, e sua mão subiu para o pescoço de Lou, puxando-a para mais perto, e era exatamente como em Nova York, aquela sensação de estar correndo ladeira abaixo, ficando cada vez mais rápido. Elas estavam tão sozinhas, os pássaros eram a única coisa que ecoava pela janela. Não havia como não sentir a pele de Ivy em seus dedos, ou ouvir o som mais sutil que Lou já ouvira sair da boca de Ivy quando Lou desceu as mãos por sua barriga macia até o cós da calcinha preta de algodão. A quietude que ela continha era impressionante comparada ao ruído que ela era capaz de fazer no palco.

“Tudo bem eu fazer isso?”, perguntou Lou.

“Tudo.”

“Tudo bem?”

“Tudo.”

Elas passaram para a cama, e então Lou estava debaixo dela, empurrando um dedo dentro dela, depois dois. Ivy se pressionou junto dela, de olhos fechados, e Lou não conseguia parar de beijar aquela pele tão macia, insuportavelmente macia, pressionando seu corpo o mais junto que podia do da amiga, barriga com barriga com essa garota, essa garota nua.

Ivy enfiou a mão entre os corpos das duas, beijando o pescoço de Lou, lambendo sua orelha, sussurrando alguma coisa, e Lou estremeceu e recuou para trás, enrolando as pernas ao redor de Ivy, encostando na curva de seu pescoço, puxando seu cabelo. Lou as girou para que ficasse por cima e enfiou a boca entre as pernas de Ivy.

“Ah, merda”, disse Ivy.

Lou continuou.

“Ah, merda.”

Elas passaram a noite toda no escuro, acordando, começando e parando, dormindo, chegando devagarinho para transar, aquele pressionar e puxar, e ficaram deitadas ali de novo, o braço de alguém agarrando o corpo de alguém. As pontas dos dedos de Ivy no pescoço de Lou, na barriga, nas pernas. A boca de Lou na orelha, no cabelo, na boca de Ivy.

Sempre que Lou abria os olhos ou recuava o suficiente para ver onde estava, ficava surpresa, de novo e de novo, como se estivesse segurando o feixe de luz errante de uma lanterna, ou mais como a escuridão que cercava a mão que a segurava. Alguma coisa que você não pode capturar quando está parado. Ivy, a luz; Lou, a escuridão em torno, em cima, ao lado dela, dentro dela. Como um rosto no escuro que some se você olhar bastante tempo para ele, mas, nesse caso, torna-se mais ele mesmo. Mostrando: *Aqui está você, aqui está você, aqui estou eu, aqui.*

PARTE SEIS

1

Na manhã seguinte, Lou conseguia distinguir o alto das árvores e o espaço negativo entre seus galhos, familiar e cinzento. Ela não tinha dormido nada, até nas últimas horas, quando elas finalmente desaceleraram — não era fisicamente possível dormir de fato quando seu corpo zunia assim, cansado a ponto de dar vertigem, relutante em perder qualquer coisa. Ela por fim se permitiu dar uma olhada no telefone, esperando que tivesse perdido o trem de volta para Vancouver. Mas ele saía em duas horas. Havia tempo de sobra para não o perder.

Lou rolou para fora da cama, separando a calça jeans, o sutiã e a camisa de flanela dos lençóis, sem conseguir tirar os olhos de Ivy no colchão. A visão de Ivy nua deixava a cabeça de Lou aérea e diáfana, então Lou voltou para a cama e enfiou o rosto no pescoço macio dela. Se ela fosse desmaiar de desejo, já teria acontecido em algum momento nas últimas doze horas. Ela lambeu a clavícula de Ivy, algo que ela nunca tinha se dado conta de que queria fazer, mas descobriu que queria. Muito. E ela fez de novo.

"Não vá", pediu Ivy com o rosto no cabelo dela, e foi quando a ansiedade de Lou irrompeu, fiel e inquieta. Ela tinha que ir.

"Eu não quero ir." Lou se levantou e começou a se vestir, e um dos botões da camisa enroscou em seu cabelo, e ela se contraiu, tentando desenroscar, mas quanto mais ela tentava, pior ficava. "Você sabia que as pessoas no ramo dizem *horda* de modelos? Como se fosse uma matilha de cachorros? Ou um grupo de golfinhos?"

Ela tinha ouvido isso pela primeira vez nos desfiles de Nova York, quando um diretor de casting disse a Lou que, como sua agência não estava com a horda de modelos de costume, ela tinha uma chance remota para o desfile, mas eles tinham gostado do seu visual. Era para ser um elogio, mas Lou estava tão encanada por ele ter usado o termo tão casualmente, como se elas fossem cavalos de corrida e ninguém estivesse tentando disfarçar, que ela nunca o esqueceu.

"Quantos outros coletivos você conhece?", perguntou Ivy. "De verdade?"

“Uma alcateia de hienas. Um grupo de lontras. Um bando de abutres.”

“O quê?! Você decorou isso para a escola ou algo assim? Foi como o hino nacional?”

“Uma revoada de garças. Um parlamento de corujas. Um armento de búfalos.”

“Eu acho que você está inventando agora.”

Ela não estava inventando. Estava só começando. Ela ainda estava presa em sua camisa. Ela poderia continuar a lista o dia todo, e então não teria que ir embora. Seus coletivos favoritos para animais eram os mais inusitados. Quem já viu um grupo de corujas juntas?

“Um mosquedo de moscas.”

Ivy levantou-se, segurou-a, desabotoou a camisa, desenroscou os dois botões do cabelo com cuidado. Depois baixou a camisa, abotoou-a novamente, ajeitou o colarinho e arrumou o cabelo de Lou. E a olhou nos olhos. E a beijou. “Mais um.”

“Uma malhada de javalis.”

A viagem de trem passou rápido. Ivy segurava a mão dela, olhando pela janela. Lou não queria que aquilo acabasse — ela queria já ser uma fotógrafa de natureza entusiasta de quarenta anos cuja esposa musicista gostosa mantinha alimentada e em segurança em uma cabana junto da água, porque, já que era uma fantasia, por que não deixá-la ser uma fantasia completa.

“Fica comigo”, disse Ivy no ouvido dela, enquanto anunciavam a parada em Seattle, os freios guinchando. Tuck já esperava na estação. “Faz um intervalo na coisa de ser modelo. Venha ser minha tiete da turnê.”

“Você está me pedindo que eu faça o que a levou a parar de falar comigo.”

Ivy riu. “Quem sabe eu seja egoísta.”

“Não se pode simplesmente fazer um intervalo. Eles se esquecem de você.”

“Venha ao show de hoje à noite, pelo menos. Um último viva para a Fortunato. Quem sabe para sempre.”

Lou não podia dizer não para isso.

Na minivan, Lou mandou uma mensagem para Thayer dizendo que não voltaria para Vancouver, depois mandou um e-mail para Yukon dizendo que tinha acontecido uma emergência, que ela precisava cancelar o trabalho com a Herschel e que estaria de volta a Nova York em alguns dias para sua próxima sessão de fotos. Ela sabia, enquanto tomava as duas decisões, que haveria consequências mais adiante. Só que, pela primeira vez, ela não ligou.

Thayer respondeu na mesma hora: *Tá, te vejo quando voltar de Paris, então. Como está a Ivy?*

Lou encarou a nuca de Ivy no banco da frente. *Ela está bem*, ela escreveu, mas não conseguiu dar sequência — *aliás, fui para a cama com ela no seu aniversário e acho que estive apaixonada por ela esse tempo todo*. Em vez disso, ela escreveu: *Só tentando dar um jeito na vida. Te vejo semana que vem!*

Naquela noite, o show foi em um lugar de apresentações de verdade, grande, em Capitol Hill. Harrison não iria porque tinha aula, então era só ela, sozinha no meio da multidão. Quando a Fortunato entrou, Lou estava bem perto do palco com sua câmera. Apenas estar junto de um palco já a deixava aliviada por não ter que se apresentar; ela por fim poderia relaxar durante a noite, tirar fotos, sem ninguém a encarando. Ela tinha esquecido como amava a sujeira dos shows, os corpos suados, o chão grudento e as pessoas em volta dela, que tinham escolhido as roupas que iam usar. Tudo nas sessões de fotos e nos desfiles tinha que parecer sempre perfeito demais, pensado demais, clean e exato e preciso demais, e tudo o que ela queria era assistir a um show em um lugar cheio de gente pulando e suando umas em cima das outras, e o que ela queria *mesmo* era uma garota cantando tão alto num microfone que suas cuspidelas brilhavam com os holofotes e a multidão cuspia de volta, e ninguém era bonito e ninguém ligava. A Ivy no palco era a velha Ivy, a que detinha o poder e o domínio do lugar com o jeito que olhava para as vigas e para a multidão, como se conhecesse cada pessoa, e tivesse escrito essa música para elas.

Havia algo no jeito como Ivy levantava o braço da guitarra em certas notas, como se estivesse tentando arrancar algo mais profundo que um som, que acabava com ela. Simplesmente acabava com ela.

Ivy se dirigiu à plateia. “Eu escrevi a próxima música para uma garota.” Ela olhou para a guitarra, afinou mais uma corda, depois voltou a olhar para a plateia, e então bem para Lou. “Estou meio que apaixonada por ela.”

A multidão gritou, estranhos se deleitando com algo com que Lou nunca conseguiu se deleitar, e foi a primeira vez em toda a sua vida que ela desejou que alguém tirasse uma foto dela sem ela saber, para que pudesse se lembrar de como estava bem naquele instante, quando ela se perdeu de vez na noite, no instante que estava diante dela, no que finalmente a devorava por inteiro.

Thayer tinha ido direto de Vancouver a Paris, então, quando Lou voltou para Nova York, ficou no apartamento sem ela. De repente, era como se Lou estivesse invadindo um espaço que nunca lhe pertencera. Nada do que estava pendurado nas paredes era dela, nenhuma das roupas no armário, nenhuma das coisas. Os objetos de Lou estavam restritos a algumas prateleiras e em suas malas. Ela até então não tinha se dado conta de que mantinha sua vida lá compartimentada, separada. Ela poderia muito bem estar morando em um apartamento de modelos.

Mas ela não tinha outro lugar para ir, então ficou. No fim da semana, Thayer voltaria da *part deux* de seu aniversário em Paris. Lou estava voltando a pé de um casting na noite em que Thayer chegaria a Nova York e ligou para Catherine por impulso, querendo conversar com alguém, mas, quando Catherine atendeu, de repente ela ficou com vergonha de pedir conselhos. Ela nunca pedia conselhos para Catherine. Era sempre Catherine se confidenciando com ela. Ou as duas evitando completamente um assunto.

"Como vai indo o treino?", perguntou Lou.

Catherine ficou tanto tempo quieta que Lou achou que talvez seus fones de ouvido não estivessem funcionando. "Na verdade, não estou treinando no momento. Caí de joelhos de um jeito estranho outro dia no treino. Estou fazendo fisioterapia para melhorar. Mas quem sabe."

"Isso é péssimo, mesmo." Lou queria perguntar se ela estava bebendo, mas não queria que Catherine achasse que a estava investigando. "Você está bem?"

"Eu entrei para uma fraternidade", Catherine disse indiferente. "Jurei Sig Chi. Eles estão me mantendo sã. Me mantendo ocupada. Estamos bebendo muito de cabeça para baixo de barris."

"Só não vá se apaixonar por nenhum deles", Lou brincou de volta.

"Em primeiro lugar, que nojo. Mas, falando nisso", disse Catherine. E fez uma longa pausa. "Eu sei que você gostava de mim antes, e tem sido um assunto constrangedor entre a gente desde então", o tom de Catherine era seco e meio provocativo, como ela costumava ser, e Lou sorriu, "mas só queria que você soubesse que estou namorando uma garota."

Lou sentiu uma pontada de ciúmes muito aguda, algo tão latente que ela nem entendeu o que era a princípio. Ela passava agora por dois rapazes sentados nos degraus de entrada de um prédio, passando uma bola de basquete com o peito para lá e para cá. Um deles se atrapalhou com um passe e a bola quicou em um degrau na direção de Lou. Ela a agarrou antes que rolasse para a rua e a jogou de volta para eles. Talvez ela estivesse só com ciúmes de como aquilo fora dito com clareza, saindo da boca de Catherine. *Ah, estou namorando uma garota*. Lou queria que as coisas fossem assim também, sem rodeios, para ela. Ela tinha metade de duas coisas. Ela tinha Ivy. Ela tinha Thayer. Mas nenhuma definição para o que as duas eram para ela.

"Você não está brava, está?", perguntou Catherine.

"O quê? Não." Ela passou a um entusiasmo excessivo e, à medida que as perguntas saíam de sua boca, ela sabia que Catherine também sentia como ela estava esquisita, mas felizmente não fez comentários sobre sua hesitação, só contou que sua namorada praticava salto com vara na sua equipe e se chamava Raquel. Raquel estava no segundo ano de filosofia, e ela estava acabando com Catherine.

"Ela é muito intensa em relação ao esporte", disse Catherine. "E aos estudos. Na verdade, ela é muito intensa em tudo. Então somos uma combinação imperfeita. Mas ela conhecia a Morgan. Elas tinham morado no mesmo dormitório no primeiro ano e fizeram uma matéria de inglês introdutório juntas. Ao que parece, Morgan certa vez disse coisas bem inteligentes sobre um poema, e Raquel lembra que o professor ficou impressionado. Quem diria?"

"Dava para ver."

"E você e a supermodelo?"

"Bem", disse Lou. De repente, as coisas ficaram muito constrangedoras. Ela não conseguia colocar a chave na porta. Havia um homem à espreita na esquina, e ela ficava olhando para ele por sobre o

ombro, ciente de que não tinha mais ninguém na rua. Ela estava encurralada no alto da escada, mas estimou que poderia pular o corrimão e em meio aos arbustos se precisasse, e então se esgueirar pela lateral da casa, gritando nas janelas abertas.

"Lou, se concentre. Você está mandando mensagem?"

A chave por fim funcionou, ela abriu a porta pesada e a trancou atrás de si. Lou se sentou no tapete da sala. A porta do quarto de Eito estava aberta, então ele não estava em casa, e ela ficou aliviada. Ela poderia dizer o que queria de verdade. "Para ser sincera, a Ivy e eu..."

"*Ah, meu Deus do céu*", Catherine gritou. "Vocês finalmente deram um jeito nessa merda?"

Catherine começou a rir. Uma risada genuinamente satisfeita. De um jeito que Lou talvez nunca tivesse ouvido de Catherine, tão despudorada e aberta. Um som no qual Lou queria mergulhar longamente.

"Eu preciso mesmo de conselhos seus", disse Lou.

Catherine era uma boa ouvinte, mas não disse o que Lou deveria fazer. Ela disse que Lou tinha que decidir o que queria.

"O que *você* quer", afirmou Catherine, "não é o que você acha que os outros querem para você."

Quando Thayer voltou naquela noite, deu dois beijos nas bochechas de Lou, como se elas tivessem se encontrado em uma festa, depois seguiu direto para o banheiro e ligou o chuveiro. Elas tinham trocado algumas mensagens enquanto ela estava em Paris, só que não falaram mais nada sobre Ivy. Lou quis dizer alguma coisa no instante em que Thayer entrou pela porta, porque, quanto mais ela esperava, mais parecia que desistiria de dizer qualquer coisa. Mas o chuveiro ficou ligado uma meia hora, e depois o secador de cabelo por um bom tempo — tanto tempo que Eito, voltando de uma sessão de fotos coberto de glitter, bateu à porta, exigindo que Thayer desocupasse logo, porque ele tinha que fazer xixi e não queria ter que ir fazer no beco, porque da última vez que tinha feito isso, a vizinha ligara a mangueira da pia da cozinha nele e ameaçara coisa pior, e ele não queria ser acusado de agressor sexual só porque as pessoas com quem morava não se tocavam do tempo que ficavam no banheiro.

Quando Thayer finalmente abriu a porta, Eito passou pisando firme por ela. Lou estava morrendo de fome. Ela tinha se resignado e estava tentando perder uns dois centímetros para os desfiles, o que significava correr mais e comer menos, e ainda parecia não estar funcionando. Seus quadris continuavam com teimosos oitenta e oito centímetros. Sempre que Yukon tirava suas medias na agência, perguntava se ela estava comendo macarons escondida, e Lou sabia que era brincadeira, ainda que não parecesse brincadeira. Sua inquietação parecia se intensificar com a fome, e ela perambulava agora como uma esquisitona na cozinha enquanto Thayer preparava um lanche, e ela não perguntou se podia comer também porque não parecia justo pedir qualquer coisa a Thayer momentos antes de terminar com ela. Se é que ela chegaria lá.

"Como foi?", perguntou Lou.

"Sempre fico triste quando vou embora. Queria voltar a morar lá um dia."

"Quando?"

"Ah, não sei. Daqui a cinco anos? Quando eu terminar essa peça e ninguém mais quiser me dar trabalho? Não se preocupe, estou gostando de estar aqui com você agora."

Lou olhou para ela. "Na verdade, eu preciso falar com você. Sobre isso."

Thayer olhou para a janela, como se estivesse com medo de que Lou fosse rastejar para fora através dela. "Tá..."

"Quando encontrei a Ivy, as coisas ficaram claras, mais claras, na verdade. Coisas que venho tentando resolver há muito tempo."

"Vocês ficaram?"

Lou fez uma pausa. Não era assim que ela queria começar, mas era eficaz. E verdade. "Ficamos."

Thayer deu de ombros. "Eu fiquei com o Diego em Paris. Tipo, o tempo todo que eu estive lá. E com outra pessoa também."

O rosto de Lou queimou. Ela ficou com ciúmes, apesar de não querer e do que pretendia com aquela conversa. "Tudo bem."

"Não estou dizendo isso para revidar, só estou dizendo que não ligo. Você pode ficar com outras pessoas. Eu sei que você não ficou. Mas não quero que você ache que isso é unilateral."

"Mas eu tenho sido bem devagar. Com a gente."

“Mas eu gosto. Você é atenciosa. Deliberada. Quero dizer, às vezes isso irrita pra caramba. Às vezes sinto que você está aqui, às vezes é como se você descesse por um buraco na parede e estivesse em algum lugar que eu nunca vou conseguir acessar. É muito frustrante mesmo ter você presente por um ou dois dias, às vezes até uma semana, e depois você se entoca na sua cabeça de novo, vai embora, se fecha. Tipo, está tudo bem. Mas também incomoda. Mas eu imaginei que era só coisa da ansiedade. Eu ficava assim quando era criança.”

Lou assentiu. Ela mordeu o nó do dedo. “Você tem tido muita paciência comigo.”

Thayer se sentou à mesa, de frente para ela. Lou queria desviar o olhar, mas ela não desviou.

“Eu estou apaixonada por ela”, disse Lou.

Thayer parecia frustrada. Ela apertava uma mão na outra, do mesmo jeito que fazia quando tentava resolver uma cena de sua peça. “E daí? Eu sou meio apaixonada pelo Diego desde que a gente se conheceu. Acho que tenho sido bem clara sobre isso. Mas eu consigo estar apaixonada por você também.”

Quando Lou era pequena, parecia que seus pais tinham uma grande versão de alguma coisa — de amor, ou alguma coisa maior —, e então, quando ela ficou mais velha, e eles também, aquilo foi diminuindo gradativamente até que nem parecia mais estar ali, como se não fosse nem capaz de preencher um espaço. Sempre que Lou estava na companhia de Ivy, o lugar ficava tão cheio que ela nem conseguia enxergar em volta. Ela não queria uma versão menor ou com menos intensidade. Ela queria que fosse enorme, infinito, ou ao menos infinito até onde qualquer um podia prever. Ela queria que fosse um vulcão, que ela estudaria a vida toda.

“Eu não consigo”, disse Lou.

De repente, Thayer riu, e a risada foi aumentando e aumentando, até se transformar meio que em um choro, como se saísse dela alguma coisa impossível de conter, como se ela tivesse acabado de cair da passarela do Louvre, como se ela fosse o tipo de pessoa que reage à dor com alegria. “Então, o que você está fazendo aqui, Lou?”

2

Uma enxurrada de artigos sobre a separação das duas apareceu na internet no dia seguinte. Lou desligou seu alerta de notícias. Ela não sabia como a imprensa tinha descoberto, mas todos os mesmos sites que tinham postado sobre o amor fofo das duas na Fashion Week agora lamentavam o fim. Talvez Eito tivesse vazado. Talvez alguém só tivesse pegado Lou saindo com as malas da casa de Thayer e voltando para o apartamento das modelos com a fechadura emperrada e a mulher galgo. Ela estava de novo no beliche de baixo, cercada por todas as garotas novas. Uma nova horda.

Sienna ligou para Lou para falar de um trabalho como assistente, e acabou que era a sessão de fotos das novatas de sua agência, um evento anual. Neste ano, aconteceu na sede da Superb em Midtown, e não em um apartamento. Ela e Sienna armaram os equipamentos na sala de conferências que também servia de estúdio. Lou desenrolou o pano de fundo e acendeu as luzes. Ela tinha aprendido a adorar as partes mecânicas da fotografia, montar e desmontar, sempre com um monte de fios de extensão. Era como um trabalho de preparação mental pelo qual ela não passara quando fora tragada por outras partes do ramo da moda. Era como um bom planejamento.

O maquiador era seu amigo, Xavier, e contou tudo sobre o novo namorado, o primeiro depois do divórcio prestes a acontecer, um geminiano com lua em touro (Lou balançou a cabeça entusiasmada, ainda que não soubesse o que aquilo queria dizer) que trabalhava em reformas do sistema penal e apresentou Xavier para sua família toda de Long Island no quarto encontro.

As garotas foram aparecendo uma a uma. Havia sete delas. Sienna queria fotografá-las clean, com o mínimo de maquiagem possível, perto da janela, diante de um pano de fundo claro. A principal tarefa de Lou era segurar os refletores de luz onde Sienna queria, o que ela estava prevendo cada vez melhor.

Enquanto Sienna fotografava, Lou observava as outras modelos rindo e conversando. Dava para dizer imediatamente qual era Mari e qual era Lou.

Mari conduzia a conversa, e quando ela ficava diante da câmera, era tão magnética que as fotos que Sienna tirava saíam tão boas que elas só levaram alguns minutos. Lou era uma garota tão aflita que toda vez que Sienna pedia a ela que fizesse uma nova pose, ela só conseguia desafrouxar os dedos.

Certa manhã, alguns dias depois, Lou estava sentada diante do ar-condicionado na sala de estar do apartamento das modelos, bebendo seu café e vendo uma foto que Ivy tinha mandado de Puget Sound, quando Mari e Thayer irromperam pela porta da frente, vestindo macacões pêssego iguais.

"A gente está indo para uma aventura", Mari anunciou para Lou.

"Aonde?"

"Por fim chegou a hora. Hoje você vai aprender a surfar."

"Eu tenho um trabalho hoje", disse Lou. Eram sete horas da manhã de uma terça-feira. Ela ia fazer uma sessão de fotos de beleza, que era o tipo de trabalho de que ela menos gostava. Exigia muitos closes no rosto e passadas de rímel nos olhos.

"Ligue e fale que está doente", disse Mari. Thayer estava meio atrás dela, como se Lou fosse um animalzinho que ela temesse assustar.

"É bastante dinheiro." Ela tinha se esquecido de como o apartamento das modelos era exorbitante. Era como ficar em um hotel em Nova York, mas sem qualquer privacidade e com estranhas roubando seu xampu e seu sabonete, gota a gota. Mas ela não tinha conseguido encontrar outro lugar para alugar tão em cima da hora, então ficaria ali por enquanto.

"Não estou nem aí."

"Yukon me mata."

"O dia está *perfeito*." Mari beijou o topo da sua cabeça. "A Sienna concordou generosamente em levar a gente para Nova Jersey na van japonesa superdescolada da ex dela. A gente está indo. Você também vai. Já alugamos uma prancha e uma roupa de mergulho por telefone. Se prepare."

"Gente", disse Lou, sua ansiedade caindo de cara no chão. "Eu não posso mesmo."

“Você pode, sim”, disse Mari, agarrando as mãos dela e a arrancando do sofá.

Lou não queria mais encontrar Thayer para deixá-la triste, se elas fossem conviver no mesmo círculo. Ela não queria que Thayer sentisse que precisava se esconder, e ela também não queria sentir que tinha que se esconder. “Vou pela praia e pela companhia. Mas eu não vou surfar.”

Thayer lançou a ela um olhar solidário, mas Mari só riu. Foi somente quando ela estava na última fileira de assentos da van esportiva creme com um suporte no teto, se sentindo meio enjoada por causa da direção brusca de Sienna, que ela se deu conta de que estava perto de fazer um ano que Morgan se afogara. A colagem do mergulho de Morgan por fim tinha ido para uma caixinha em algum momento daquele inverno, mas agora o calor a arrancara de sua memória, tão depressa como se fossem roupas que ela achou que nunca usaria de novo. Morgan na beira da cachoeira. O musgo escorregadio sob seus pés, o jeito que a água brilhava ali. Detalhes que Lou nem teria sido capaz de enxergar de onde ela estava sentada, mas que mesmo assim se impuseram em sua lembrança dos acontecimentos.

“Como andam as coisas?”, Lou perguntou a Thayer, que estava de cinto de segurança ao lado dela.

“Eito está com saudades de você”, disse Thayer. “Ele acha que, por fim, identificou a responsável pelo aumento da conta de água, já que você não estava lá a maior parte do mês.”

“Não é um valor fixo?”

Thayer sorriu. “Claro que é.”

Elas passaram pela saída para Asbury Park, que ela conhecia por causa da mãe ouvindo quase exclusivamente discos de Bruce Springsteen sem parar durante sua infância, e ela ficou muito animada, só que mais ninguém sabia do que ela estava falando. Ela tirou uma foto para a mãe, que lhe mandou uma série de GIFs de Bruce Springsteen dançando, e ela ficou feliz por ter decidido ir com elas, mesmo que fosse só para sair da cidade. Na loja de pranchas, um cara falou com desprezo com Mari e Thayer do jeito que Lou costumava ser desprezada em lojas de bicicletas, mas elas claramente sabiam exatamente do que falavam e deram um jeito de conseguir um desconto só por ele ser um mala.

Na praia, já estava úmido e eram apenas onze horas. Thayer e Sienna foram na mesma prancha para o mar, e Mari e Lou ficaram na praia,

assistindo. Mari tinha levado um almoço reforçado para elas, mas Lou estava nervosa demais para comer. Ela bebeu de sua garrada cheia de adesivos e tentou observar outros surfistas que não Thayer e Sienna, por mais que a certa altura ela não conseguisse mais distinguir, à medida que eles se misturavam e se afastavam.

Mari enfiou um saco de batatas chips entre as pernas de Lou.

"Você está magra demais", disse Mari.

"Estou tentando perder dois centímetros antes dos desfiles."

Mari jogou um punhado de salgadinhos na cabeça dela. "Coma comigo. Terminei tudo com a Rosana."

"Não!", disse Lou. Ela estava surpreendentemente decepcionada com a notícia, ainda que não conhecesse Rosana tão bem. Ela tinha passado a adorar a saga do relacionamento das duas, de qualquer modo. O que Rosana queria de Mari era a mesma coisa que Lou um dia quis de Ivy, ou talvez o que Ivy quis dela, sempre perguntando a Lou sobre a arte a que ela não estava se dedicando: que elas desejassem viver o mesmo tipo de vida, juntas. "Mas eu achei que você queria que ela sempre estivesse em sua órbita."

Lou tinha se prendido a isso, em todo o seu anseio por Ivy. A ideia de que alguém sempre poderia estar lá se você precisasse, mesmo que suas vidas fossem incrivelmente diferentes.

"Órbitas mudam", disse Mari.

"Isso não vai contra a física do universo?"

"Na verdade, não. É uma das leis do universo. Mudanças elípticas. Intenso."

"Pensei que você tivesse estudado música. E não física."

Mari se levantou. "Vai para a porra da prancha."

Ela posicionou a prancha na areia e indicou que Lou subisse nela. Lou fingiu que surfava em uma onda, e estava tudo bem até ela olhar para a água e então se sentir como na praia francesa com Thayer, como se alguém estivesse invadindo o lugar onde ela estava, forças que ela não entendia vindo para atacá-la.

Mari mostrou a ela como se levantar na prancha quando estivesse deitada. Lou deixou ela fechar o zíper da roupa de mergulho, para pelo menos parecer melhor no papel.

“A gente não vai nem tentar isso hoje”, disse Mari. “Só vou segurar a prancha enquanto você se agarra a ela, como um minilagarto.”

“Não sei se consigo fazer isso.”

“A gente está aqui agora. Você aprendeu a andar de salto alto. Você aguentou a humilhação de arruinar o desfile da Chanel e saiu disso como uma estrela. Puxa, você é uma pessoa forte e uma modelo ferrenha. Você pode boiar em uma prancha enquanto eu te guio como uma criança em uma aula de natação.”

Foi um bom discurso motivacional. Lou seguiu Mari para o mar. Ela sabia que a água estava fria, mas a roupa de mergulho não a deixava senti-la de todo. Estava gostosa e salgada no seu rosto. Mari avançou na água com ela, segurando sua mão e a prancha.

“Eu sei nadar”, disse Lou. “Pode soltar minha mão.”

“Então suba na prancha.”

Lou deixou as ondas quebrarem em seu corpo, seguindo a pé até a água bater no peito, então escorregou para cima da prancha, segurando firme dos dois lados. Mari guiava a prancha sobre as ondas, pulando-as. Mais longe, Thayer e Sienna torciam por ela. Ela sabia que poderia ser varrida a qualquer momento, que uma contracorrente podia pegá-la, que a própria Mari podia ser arrastada, mas começou a remar com as mãos. Ela engoliu um pouco de água e tossiu para fora, pois queimava o fundo da garganta.

O sol estava quente em suas costas e bochechas, e ela passava por sobre o alto das ondas que não eram exatamente ondas, esperando pela certa. Mas a certa parecia nunca vir. Elas eram ou muito fracas ou muito fortes, e ela continuou boiando. Por fim, Mari gritou para ela escolher, se empenhar, e ela o fez, se virando em direção à costa, remando com os braços na água até que uma onda a pegou e ergueu a parte de trás da prancha, empurrando-a para adiante, uma força debaixo dela que Lou não podia controlar. Ela agarrou as laterais da prancha, mas manteve a cabeça acima da água e os olhos abertos, até chegar à beira da praia.

Lou ficou ali deitada um tempo, olhando os grãos de areia à sua frente, pegando-a com os dedos como costumava fazer quando era criança, a mão fazendo o papel de uma ampulheta.

Mari se aproximou, respingando água salgada e areia nela. “Como uma filhotinha de tartaruga marinha”, anunciou ela, “indo para o lado errado.”

Elas comeram o grande piquenique que estava no *cooler*, separado em minúsculos potinhos coloridos com tipos diferentes de saladas de frutas e um com o rótulo "pepino", que continha só um punhado de Cheetos, enquanto Mari e Thayer conversavam sobre a nova temporada, quando os castings começariam, para que marcas elas seriam agendadas de novo, para quais elas queriam muito desfilar pela primeira vez. Sienna olhava para as ondas. Seu cabelo estava bagunçado e colado. Ela usava partes de biquínis diferentes, sandálias Birkenstocks e óculos escuros masculinos que escorregavam no nariz. Era o menos arrumada que Lou já a tinha visto. Ela sorria distraída para um garotinho brincando na areia com o molde de plástico de uma estrela-do-mar.

"Você vai fazer os desfiles de primavera?", ela perguntou para Lou.

"Não sei." Era a primeira vez que alguém lhe perguntava isso. Todos presumiam que ela faria. Ela estava no trem. O trem estava a toda. Por que ela não faria? Não se tratava mais de dinheiro; por fim, ela poderia escolher e selecionar, e não simplesmente aceitar tudo o que caía no seu colo para ganhar a vida. Seria fácil abandonar o rastro de sua antiga vida e se concentrar totalmente nesta, ainda que todo mundo dissesse que não durava muito. Não queriam dizer algo tão óbvio quanto *seu corpo ou juventude não vão durar*, mas sim que o ramo iria derrubá-lo. Você não vai aguentar. Ou você não vai querer isso.

Lou observou o garotinho jogar longe a estrela-do-mar de plástico. Ele mesmo foi buscar. Depois jogou-a de novo, sem areia dentro.

"Posso te perguntar uma coisa, *cara*?", disse Sienna, olhando bem para ela.

"Mas é claro."

"A moda não é a sua, dá para ver. As modelos veem. Fotografia, com certeza dá para dizer que você ama. Mas, além disso, qual é a sua? O que você fotografaria, se pudesse fotografar qualquer coisa no mundo?"

Lou fez uma pausa e olhou para a costa. Ela pensou em Ivy no cais em Washington, no esguicho no estreito. "Baleias?"

Sienna riu, mais forte e por mais tempo do que Lou achava que seria justificável. Às vezes, ela se esquecia de dizer às pessoas quem ela era e, quando elas descobriam, achavam que Lou estava de brincadeira.

Sienna a deixou em casa por último. Desde que passaram por Asbury Park na volta, "It's Hard to Be a Saint in the City" não saía da cabeça de Lou. Quando encostaram o carro, um menino vizinho fazia piruetas debaixo do poste, como um santo sob a luz fraca. Sienna colocou o carro em ponto morto junto do meio-fio, mas não saiu na mesma hora.

"Quer ir tomar um café?", perguntou Sienna. "Eu tenho que devolver esta van, e tem uma pessoa que acho que você gostaria de conhecer, considerando a conversa que a gente teve."

"Vamos", disse Lou.

A van era da ex de Sienna, Alice, uma mulher de meia-idade com tranças bagunçadas e um rosto bondoso. Ela parecia uma das muitas tias de Lou. Sua mãe era a mais nova de quatro, e todas as suas tias falavam com as mãos e tinham cabelo de vários tons entre grisalho e acaju, desgrenhado na altura dos ombros, e sempre estavam falando com Lou sobre o potencial dela, como se houvesse um reservatório que ela precisava usar antes que secasse.

Alice contou que morava em Portland, no Maine, mas estava viajando de carro para fazer um trabalho em Florida Keys. Ela era fotógrafa de natureza e trabalhava por contratos para o Serviço Geológico dos Estados Unidos, protegendo os recursos naturais. Assim que Lou começou a lhe perguntar sobre os pássaros que ela fotografaria nos Keys, que equipamento ela levaria, quanto tempo suas viagens de campo duravam, ela se deu conta de que Alice era como ela. Era como Harrison conversava com os estilistas, ou sua mãe falava com outros jornalistas: como se as duas finalmente estivessem falando a mesma língua.

"A Lou tem um olho bom", Sienna disse para Alice, como se fosse o maior elogio que ela pudesse fazer. Ninguém nunca tinha dito isso sobre ela. Certa vez, o professor de arte que ela adorava no ensino médio a descreveu como *tímida com o pincel, mas ávida por algum sentido*, e ela nunca conseguiu decidir se aquilo era ou não um elogio.

Alice perguntou quantos anos ela tinha e Lou disse que tinha dezenove. Alice comentou que ela era bem nova, e Sienna a defendeu. Lou se perguntou se Alice achava que elas estavam indo para a cama juntas. Ela não sabia se Sienna tinha fama disso, dada a situação com Mari. Ela não queria que Alice pensasse isso, mas se pensasse, provavelmente não teria dado a Lou seu número e dito a ela para telefonar quando tivesse voltado

da Flórida na próxima semana, se quisesse conversar mais, se estivesse interessada em trabalhar como assistente em algumas sessões de fotos nos Estados Unidos ou no Canadá.

Sienna foi andando com Lou pelos poucos quarteirões até o apartamento das modelos e lhe deu um abraço para se despedir.

"Liga para a Alice, *cara*", disse ela.

Quando Catherine foi classificada para o campeonato nacional da NCAA no fim da semana, ligou para Lou para contar, mas não a convidou para ir vê-la correr. A princípio, Lou ficou apenas aliviada de saber que Catherine tinha se recuperado da lesão, que isso não a tinha feito cair numa espiral. Mas então lhe ocorreu que ela podia ir. Que ela tinha que ir. Ela pegaria um avião para onde quer que fosse o campeonato só para ver Catherine correr por quinze minutos.

Isso foi antes de ela ver onde era.

Hayward Field. Eugene, Oregon.

Seu primeiro impulso foi desistir do plano. Ninguém sabia que ela tinha se programado para ir, então ninguém sentiria falta dela se não fosse. Ivy tinha terminado a turnê e voltado para Washington para ficar com o tio e tentar escrever umas músicas, e Lou não queria interromper só para que alguém lhe desse um norte em sua ansiedade. Ela tentou achar por si mesma seu norte — sim, a ideia de voltar sozinha para o campus da Universidade do Oregon fazia Lou passar mal, mas Catherine *morava* lá. Lou conseguiria fazer isso um único dia.

Ela pegou o avião para Portland numa sexta-feira à noite e dormiu na cama da sua infância. Levou todas as suas coisas consigo, suas duas malas e sua JanSport. Ainda era tudo o que ela possuía.

Na manhã seguinte, ela ajudou a mãe a capinar as ervas daninhas da horta nos fundos da casa dos pais. O jardim sempre foi um projeto prioridade de seu pai, mas sua mãe parecia engajada agora, de um jeito que ela nunca fora quando Lou morava em casa. As mãos de Lou suavam dentro das luvas, mas ela estava descalça e de calça jeans, e tinha esquecido como era se sentar no chão assim, cercada por agulhas de

pinheiro marrons e macias, com as mãos na terra. Elas estavam à beira da sombra das árvores, no único trecho de sol que realmente batia no quintal.

"Você acha que eu devo continuar fazendo isso?", perguntou Lou. "Sendo modelo?"

Sua mãe parou um instante e limpou um pouco de terra da testa. Ela parecia estar considerando sua resposta com cuidado. "Para mim, parece o tipo de coisa que se pode fazer e parar quando quiser. Muitas coisas, que não são exatamente certas, podem ser assim. Relacionamentos. Empregos. Lugares em que você mora. Dá para tolerar coisas que não são certas para você por um bom tempo. Algumas pessoas fazem isso para sempre. Não precisa ser dramático", sua mãe acrescentou. "Se você for parar."

"O que você quer dizer?", perguntou Lou.

"Você pode simplesmente decidir ir parando aos poucos."

Lou se sentou, olhando para a mãe. Ela cavou a terra, debaixo do tomateiro, para arrancar uma erva daninha com raízes grossas. Os tomates pesavam no pé. Estavam maduros. As alcachofras tinham crescido bastante, florescendo mais alta que elas.

"Você e o papai vão se divorciar?", perguntou Lou. Ela vinha tentando não perguntar isso o ano todo, sem querer saber a resposta. Talvez os últimos anos com a mãe tivessem sido uma versão daquela manhã em Nova York com ela, a garota com a câmera perambulando, tentando tirar a verdade delas. Por alguma razão, com o sol avançando sobre as árvores, ela por fim sentiu que poderia chegar à verdade, que estava pronta para isso.

Mas sua mãe não pareceu ofendida, como Lou esperava, ou na defensiva. Ela não perguntou por que Lou pensaria algo assim, como se as duas soubessem os detalhes que estariam em sua resposta, a atmosfera pesada todas as manhãs em casa na época em que Lou estava no ensino médio, ou até o olhar que elas tinham trocado no corredor da casa de praia. Ela apenas perguntou: "Você acha que a gente deveria?".

"Eu não sei nada sobre amor", disse Lou.

"Mas é claro que sabe", sua mãe disse. "Tanto quanto qualquer pessoa."

3

Naquela noite, Lou telefonou para Alice, perguntando se ela tinha algum trabalho como assistente para que ela pudesse se candidatar. Alice disse para ela mandar seu portfólio e, por um instante, Lou se perguntou se ela se referia ao portfólio de modelo, que estava nas malas que ela ainda não tinha desfeito da viagem de avião. Mas é claro que Alice se referia às suas próprias fotos, portfólio que ela não tinha. Ela passou a noite inteira revirando o disco rígido, com o coração martelando de empolgação, até encontrar os arquivos certos para tratar e compilar, e talvez houvesse gente demais e paisagens de menos, mas eram todas de pessoas como ela pelo menos. Ivy nas torres de rádio. Catherine no ar pulando na cama elástica, com as duas vizinhas crianças. Sua mãe arrancando erva daninha no jardim. Seu pai descendo uma duna. Thayer sentada num meio-fio cheio de musgo em Vancouver. Harrison olhando por sobre o ombro os Jardins de Boboli. Mari num desfile em Roma. A Fortunato no palco. Morgan no campus da Universidade do Oregon debaixo dos bordos.

A competição do campeonato da NCAA foi no sábado em Hayward Field, não muito longe daqueles bordos. O dia estava nublado, chovia e parava de chover. Ela estava com tanto medo de se atrasar que chegou ao campus duas horas antes da corrida de Catherine. Ela ficou sentada em uma vaga de estacionamento por uns minutos antes de dar a volta e ir com o carro da mãe até o início da trilha para a cachoeira. Foi tão automático que ela não se deu conta do lugar para onde estava indo até chegar a determinado trecho da estrada.

Vencer a trilha levou muito menos tempo do que ela esperava. Era pouco mais de um quilômetro. Estava úmido, por causa da chuva de primavera, e tinha cerração. Havia algumas pessoas mais velhas fazendo a trilha, com bastões, atrás de outras trilhas que se bifurcavam a partir da principal. Era como se ela estivesse invadindo, ao voltar para lá, como se estragar a pior memória que ela tinha fosse contra as regras, como se fosse arrancar dela alguma coisa maior, sob cuja sombra ela tinha que se sentar.

A cachoeira era mais forte do que ela se lembrava. A névoa que se levantava dela não parecia diferente da que vinha do céu. Havia um caminho ao redor do lago que ela não tinha visto antes, cavado na lateral da rocha erodida, e ela seguiu por ali, se agarrando à parede de pedra com os dedos, como se estivesse escalando. O lago estava limpo, mas coberto por pequenas gotinhas que pingavam. Quando ela chegou à plataforma debaixo da cachoeira, apontou a câmera para o alto. Ela queria caminhar sob este momento, como se desse para voltar no tempo, para abrir os olhos e estar lá de volta. Ouvir Ivy e Morgan rindo lá no alto, ver a si mesma, Catherine e Tuck na borda, um pouco antes que alguma coisa mudasse. Não que Lou quisesse desfazer alguma coisa; ela entendeu que não podia. Ela só queria estar presente ali, olhar ao redor sem pavor algum.

A princípio, ela não sentiu nada. Mas depois veio a frustração por não sentir nada. Ela achou que tinha superado aquele vazio. Ela queria que aquilo tivesse ficado para trás. Lou jogou uma pedra na água e ela fez barulho quando caiu. Ela jogou outra e quase se desequilibrou.

Alguém estava gritando com ela do outro lado. Ela pensou, por um breve instante, que fosse ela no passado. Mas era uma mulher com uma capa de chuva vermelha e um cachorrão junto dela. Ela balançava os braços para Lou, e Lou recuou com cuidado, de repente aliviada por alguém a estar vigiando, se certificando de que ela voltaria em segurança, enquanto ela se permitia olhar para o fundo escuro do lago.

"Uma garota morreu lá no ano passado", disse a mulher quando Lou voltava para a trilha. "Por favor, tenha cuidado."

"Vou voltar agora", disse Lou. "Prometo."

A mulher a ficou observando sair, então ficou atrás dela quase o caminho todo até voltar para o carro, com o cachorro ofegante junto dela. Sempre que Lou olhava por sobre o ombro, a mulher estava lá, vigiando-a. Ela se perguntou quantas pessoas a mulher tinha seguido desse mesmo jeito, vigilante, sem confiar que não conseguiriam sair sem ela.

Lou tinha corrido em Hayward Field no ensino médio, nos dois últimos anos, ambas as vezes encharcada na linha de chegada por causa da chuva

de primavera, terminando em algum ponto no meio do bando. No último ano das duas, Catherine tinha desenhado um bigode inspirado em Steve Prefontaine com delineador marrom para correr. Todo mundo tinha tirado sarro do bigode, mas não parecia ser uma piada para Catherine. Ela tinha perdido feio aquela corrida, porque passara a noite anterior toda virando shots com os garotos, cujas corridas já tinham terminado. No fim da temporada, o técnico de atletismo deu camisetas para todas elas, para comemorar elas terem chegado ao estadual. Dizia: *Stop Pre*.

Nas arquibancadas de Hayward Field, ela avistou os pais de Catherine quase de imediato. Eles estavam sentados algumas fileiras mais adiante, usando moletons iguais dos Ducks, parecendo mais envelhecidos, mais grisalhos do que no memorial. Eles estavam junto da garota de cabelos escuros que Lou reconheceu do Instagram como sendo Raquel, a namorada de Catherine, não que Catherine fosse o tipo de pessoa que postava qualquer anúncio de novo relacionamento. Raquel também não, mas Lou investigou o bastante em suas fotos marcadas para descobrir quem ela era. Raquel conversava com os pais de Catherine, apontando várias coisas na pista. O pai de Catherine riu de alguma coisa que ela disse, e o corpo de Lou se encheu de um prazer ecoante, que cresceu mais ainda quando ela viu Catherine na pista.

Catherine vestia regata verde e shorts. Ela estava se alongando, com seus braços fortes e o cabelo loiro. Ela parecia bem preparada se inclinando nos alongamentos, dando pulos. Lou pensou em ir se sentar com os pais dela e Raquel, mas preferiu ficar sozinha, para aproveitar o momento longe deles. Ela não queria distrair Catherine.

As outras competidoras se dirigiram para as suas marcas, e Catherine olhou para as arquibancadas antes de ir, e acenou para os pais. Ela viu Lou logo depois, fazendo contato visual, e foi então que Lou se levantou, mandou um beijo para ela e apontou para a camiseta que estava vestindo.

Stop Pre.

Ela pensou ter visto Catherine sorrir ao se virar para assumir sua marca na pista.

Lou sabia quase exatamente o tempo de Catherine nos três mil metros, pelos anos que passara tentando se aproximar dele, mas nunca tinha visto ela competir nos cinco mil metros. A corrida tinha doze voltas e meia e, no

meio da segunda, Catherine liderava, lado a lado com outras duas competidoras.

Lou estava cerrando os dentes, tão concentrada no corpo em movimento de Catherine que seus olhos começaram a lacrimejar. No fim da sétima volta, Catherine começou a ficar para trás. Parecia cansada. Quando outra garota assumiu claramente a liderança, algo mudou, como se Catherine tivesse percebido que, seja lá o que ela estivesse fazendo, não estava dando certo, não se ela quisesse ganhar, e sua postura mudou, suas passadas ficaram mais amplas, mais claras, mais velozes, como se ela tivesse virado uma esquina dentro de si. Ela avançou sobre a corredora da frente, até estar próxima da liderança de novo.

Foi na última volta que ela assumiu a liderança. Ela estava mais rápida do que Lou já tinha visto; então era assim que acontecia quando Catherine tentava. Todo mundo ficou de pé, absolutamente em silêncio, mas quando ela dobrou a última volta, tomando velocidade, seus pais começaram a gritar seu nome, e Raquel e Lou também, e então toda a multidão os seguiu, como se a pura força de suas vozes pudesse empurrá-la para a linha de chegada.

Quando acabou, Catherine ficou em primeiro lugar e estava chorando. Ela desabou na pista, suas colegas de equipe a cercaram, jogando toalhas e água nela. Quando ela olhou para a multidão, que ainda gritava seu nome, mandou um beijo de volta para Lou.

Lou desceu até onde os pais de Catherine estavam e eles a abraçaram, apertando-a com tanta força que ela mal conseguia respirar.

“Posso pedir uma coisa?”, Lou disse a eles.

4

Lou encontrou Catherine na casa dos pais em Portland alguns dias depois. Elas se sentaram juntas no deque. A cama elástica não estava mais lá, fora substituída por um suporte com roseiras, todas em flor. Catherine tinha acabado de ir correr e estava esparramada em uma cadeira Adirondack de óculos escuros e meias sujas.

"Você não consegue parar de correr por um tempo?", perguntou Lou. As tábuas do deque estavam quentes por causa do sol, mas ainda estava fresco do lado de fora. Lou estava de calça de veludo cotelê marrom, camiseta vermelha e tênis. E cueca boxer. Tinha sido o maior tempo que ela passara sem usar fio dental em nove meses, e ela estava muito feliz.

"É melhor não parar", disse Catherine. "Ou talvez eu nunca mais queira voltar. Provavelmente ia me dedicar de verdade a fazer crochê ou alguma coisa do tipo."

Era assim que Lou se sentia com a coisa de ser modelo. Como se todo o embalo tivesse ido embora, para outro lugar, para o processo eletrizante de escolher as fotos do seu portfólio para Alice. Ela não tinha feito reserva de passagem de volta para Nova York e Yukon não a tinha procurado, devia estar se concentrando nas novatas. Como Lou não estava indo aos castings, não seria reservada para nenhuma sessão de fotos. Talvez a mãe dela estivesse certa e ela pudesse simplesmente ir baixando o volume até não conseguir mais ouvir, ou até que não pudessem mais ouvi-la.

"Crochê?", disse Lou.

"A Raquel faz", disse Catherine, séria. "Ajuda ela a se concentrar antes das corridas."

Crochê era o tipo de coisa de que Catherine teria zombado até não aguentar mais quando elas estavam no ensino médio. Tinha uma garota que costumava tricotar na sala de álgebra, e Catherine a provocava puxando a linha, mas agora ocorreu a Lou que talvez Catherine só tivesse uma queda por ela.

O pai de Catherine levava uma caixa de cada vez e as colocava diante de Lou. "Cuide bem delas", disse ele, apertando os olhos para as caixas e

depois para Lou. Eram quatro no total, todas etiquetadas com uma caligrafia elegante. Talvez fosse de Morgan. Talvez de outra pessoa.

"Vou trazê-las de volta logo", disse Lou.

"Você vai nos mandar as fotos?", perguntou Catherine. Seu pai esfregou a mão na cabeça dela, olhando para o quintal na direção da montanha, que estava adiante.

"Se elas ficarem boas", disse Lou.

"Vão ficar", disse Catherine.

Silverhorse, Washington, ficava a quatro horas, e Lou pegou o carro da mãe emprestado e dirigiu rumo ao norte na manhã seguinte. Ela tinha aberto as caixas na noite anterior, que eram mais leves do que ela esperava, e deixado tudo no vapor em seu antigo banheiro no andar de cima. Ela tinha visto bastante estilistas fazendo isso para realizar um trabalho minimamente aceitável. Então pendurou tudo e dispôs sobre o banco traseiro do carro de sua mãe, como se estivesse indo para um casamento. A estrada era uma via rápida. Havia verde por toda parte, ainda mais do que na primavera, e as nuvens corriam rápidas.

Lou circulou nos arredores da cidade até encontrar o lugar certo. Ela o identificou assim que botou os olhos nele, em uma estrada junto da floresta: o modo como o verde-azulado do musgo e a camada sobre o solo combinavam com os botões de algumas das blusas, e a casca copiosa dos cedros realçava os vermelhos queimados dos tecidos. As cores estavam certas. Mas a luz...

Foi a luz que a fez parar o carro.

Ela cruzou o mato, saindo para uma clareira na floresta, e olhou ao redor. Parte da floresta tinha sido derrubada e novas árvores plantadas, só com um ano, segundo a placa junto da estrada. O sol brilhava através do novo desenvolvimento, tílias com agulhas macias. Seu pai certa vez lhe disse que aquilo eram florestas secundárias. Ele achava muito bonito que, apesar da interferência humana, da extração de madeira, de qualquer tipo, que pudesse derrubar uma floresta, ela ainda pudesse voltar a crescer completamente. Ela precisava de ajuda, mas costumava voltar.

Voltar a colocar o vestido foi surreal. Ela se trocou no banco da frente do carro, com ele todo recuado. Não havia ninguém por perto. Ela se sentiu menos exposta do que quando trocava de roupa com uma centena de pessoas ao seu redor. O cartão-postal do artista na Itália, o artista diante do precipício, ainda estava no envelope de papel pardo no bolso com zíper da mochila no banco do carona, e Lou sacou-o, olhou para ele por um tempo, querendo abraçar a sensação oposta: a sensação de pés no chão, da gravidade puxando para baixo, de alguém exatamente onde estava. Não em movimento. Só existir.

Quando ela tirou uma foto de si mesma como teste na clareira com o timer, não se sentiu do avesso usando o vestido. Ela não se sentiu como si mesma, exatamente, parada usando um vestido de baile na floresta, mas se sentiu poderosa. Não era o vestido, mas decidir quem a veria nele e como. As fotos eram para Catherine e seus pais. Mas também para ela mesma.

Parecia que o último ano tinha sido de certa forma um treino para isso e, por outro lado, parecia que ela estava fazendo algo pela primeira vez. Ela sabia como queria estar, sabia o que ia ficar bom, mas nunca tinha tirado fotos de si mesma desse jeito. Não eram autorretratos de fato porque a princípio ela só queria que realçassem a coleção, como se ela estivesse fazendo uma sessão de fotos de catálogo. Mas em algum lugar no meio do percurso se tornou um editorial de Lou em si. Ela fotografou tudo usando o timer, ou seja, ela tinha que imaginar como sairiam e se estavam sequer em foco. Ela se posicionou no meio do enquadramento. Voltou até a câmera e tirou outra foto. Foi demorado. Morgan tinha trabalhado bastante. Mais de quarenta peças, que Lou estilizou em looks diferentes, experimentando várias combinações de blusas, calças e saias. Cada peça servia como se tivesse sido feita para ela, o que era a beleza dos tamanhos de amostra. Provavelmente seria a última vez que elas serviriam nela assim, se ela não voltasse para Nova York. Ela estava com fome demais.

Quando por fim terminou, Lou ligou para Ivy. Era como se tivesse desfilado o ano todo e agora pudesse finalmente se sentar e dar uma olhada ao redor. Ela não queria falar, não queria decidir nada; só queria ver Ivy, ficar um pouquinho com ela.

Elas se encontraram na costa do estreito, em uma praia de pedras. A luz estava cerrada e fraca, tudo impregnado de cinza superficial, como se elas tivessem passado a noite toda em um voo noturno e saído para um novo dia em um lugar diferente e distante. Elas se sentaram no tronco de uma árvore caída, suas raízes se estendendo de lado.

"Como foi?", perguntou Ivy.

Lou se sentiu dominada, não como se as coisas estivessem escapando por entre seus dedos, mas como se seus bolsos estivessem cheios de objetos que ela queria por perto para sempre. "Bem", disse ela. "Como anda a composição?"

Ivy olhou para ela de canto do olho e sorriu, a boca mais erguida de um lado. "Devagar."

"Mas está vindo?"

"É, acho que está. Melhor do que antes."

Quase não havia maré, e apenas poucas pessoas, silhuetas escuras na praia, pessoas em caiaques na água, remando lentamente. Lou ficava alerta no horizonte atrás de baleias, a câmera ainda pendurada no pescoço, mas ela pensava sobretudo na sessão de fotos, em como as fotografias tinham ficado. Ela não postaria em lugar nenhum, só as mandaria para Catherine e os pais dela, era tudo. Nem tinha certeza se ela mesma as veria, se conseguiria agora. Quem sabe um dia.

"Eu vinha aqui com a minha mãe", disse Ivy, e Lou segurou sua mão.

Havia uma mulher passando por elas, com dois cachorros grandes sem guias que iam e vinham ao redor dela como se não acreditassem na própria sorte, com as bocas abertas para as nuvens. Eles galoparam em direção à água e a mulher começou a rir enquanto eles sumiam do pescoço para baixo. Ela olhou para Lou e Ivy, as outras testemunhas, e deu um breve aceno.

"Com licença", disse Lou, se levantando. "Você poderia tirar uma foto nossa?"

A mulher sorriu e pegou a câmera. Deu alguns passos para trás, olhou para elas pelo visor e começou a fazer uma contagem regressiva enquanto Lou voltava para onde estava junto de Ivy.

Os cachorros nadaram para mais longe, balançando a cabeça. A cerração estava se dissipando.

Lou puxou Ivy para mais perto da árvore caída, e foi como se todo o jet lag emocional a tivesse alcançado de uma vez, ou talvez o atraso só quisesse dizer que ela sentia mais, agora que tudo o que ela queria estava tão claro, agora que ela podia olhar diretamente para aquilo, por mais brilhante que fosse, e não piscar. Ela queria tanto parar o tempo, e queria acelerá-lo, queria ser melhor, ser boa, continuar exatamente como ela era, estar com a pessoa ao lado dela, com ela e *com* ela, amá-la desse jeito, mesmo que fosse somente durante uma tarde.

Quando a luz começou a atravessar as nuvens sobre a água, o sentimento nela era enorme e físico, tão amplo quanto a água, tão repleto, se espalhando pelas melhores partes dela; e Lou queria se lembrar dele para sempre, de cada segundo do modo como ela se sentia, aqui, bem aqui, por fim aqui, enquanto esperava o obturador se fechar.

Agradecimentos

Agradeço do fundo do coração ao meu agente, Dan Conaway, por absolutamente tudo. Não existem palavras, sabe? Obrigada a Taylor Templeton, por tornar esta história melhor, um telefonema por vez, e por acreditar em mim e em Lou desde o início. Obrigada a todo mundo da Writers House, sobretudo Genevieve Gagne-Hawes, pelas edições e zelo em um tempo crucial, Lauren Carsley, Andrea Vedder e Chaim Lipskar. A Peter Carlin, por colocá-lo para andar.

Agradeço à minha editora, Anna Kaufman, por enxergar este romance como ele poderia ser, por entender todas as minhas piadas profundas e por ser um sonho que virou realidade. Minha eterna gratidão a você. Enorme obrigada à incrível equipe da Vintage, sobretudo Zuleima Ugalde, Edward Allen, Erica Ferguson, Maggie Carr, Sarah Bowen, Nicholas Alguire, Julie Ertl, Annie Locke e Perry De La Vega. Obrigada a Jami Attenberg, Deirdre McNamer, Kimberly King Parsons, Rufi Thorpe e Jess Walter pela excelência e generosidade.

Sou profundamente grata a todos os meus amigos e familiares que leram e releram para mim as versões com amor e atenção, e a todos que me aconselharam ou ajudaram ao longo do processo, especialmente Alyssa Kennamer, Sarah Dozor, Michelle Seibert, Evelyn Langley, Emily Oliver, Jeff Whitney, Eric Ohman, Brett Puryear, Alicia Mountain, Emma Quaytman, Hali Engelman, Chris Benz, Lisbet Portman, Sarah Kahn, Bryan Di Salvatore, Cathy Cain, Jan Kurtz, Robert Stubblefield, Debra Magpie Earling, Monica Berlin, Chade Simpson, Nick Regiacorte, Sherwood Kiraly, Caitlin Delohery, Elisabeth Geier, Laura Lampton Scott, Emilly Prado, Andrew Simon, Hilary Shirk e David Gates. Obrigada à minha família MFA de Montana, pela inspiração, partilha e cada Flip & Dip. Obrigada a Roland Jackson, Kate Barrett, KJ Kern, Courtney Bird, Sierra Bellows, Brendan Fitzgerald e Hannah Withers, pelo trabalho e animação. Agradeço a Dee, por me mostrar como ser escritora, professora e ser humano.

Obrigada ao Knox College Creative Writing e ao corpo docente da Green Oaks. Em memória de Robin Metz, que me falou que eu era uma romancista e ajudou a tornar isso realidade.

Aos meus amigos, pela beleza que vocês trazem ao mundo. À KB, por cada poema, por cada telefonema e por criar a alegria queer que queremos ver no mundo. À Tijana, por responder a cada texto que descrevia lesões e por sua fé e amor. A Shawn, por me levar a sério quando eu era criança e só queria falar sobre livros. A Jesse, Joan e Marc, pelo apoio persistente e por cada caminhada linda. Para Isaak, pelos passeios de carro chuvosos no Skyline. A Nack e Claire, por pelo menos duas décadas de verdadeira amizade. A Allister, pela amizade inabalável e pelas provocações poéticas. Cathy, obrigada por sempre me enxergar. Michelle, obrigada por seu cérebro genial e por me deixar usufruir dele. Sarah, estou indo até você agora. Obrigada a AK, por ser meu leitor de maior confiança por quanto tempo precisasse e por sempre torcer por Lou e Ivy. A Hannah, a Scooter do meu Goolz, um arco-íris duplo, tipo de amiga e pessoa de desfile de carros clássicos; obrigada por estar nessa comigo.

À minha família, pelo amor incondicional. Aos Jones, por me acolherem com tanta afeição. Aos meus irmãos e meus pais, acima de tudo. Jack e Mandy Ohman, por sua fé constante. Jan Dunham e Doug Waugh, por tudo que ofereceram. Ao meu pai, por sua criatividade e fé na minha. À minha mãe, por ser minha guia e meu coração em tudo.

À minha esposa, Jess Jones. Aficcionada da guitarra, letrista da Fortunato, avistadora de baleias, primeira leitora, a maior de todas as pessoas.

Este romance é dedicado à minha avó Susan, que enxergava o melhor nas pessoas e me ajudou a enxergar isso também. O amor dela tornou tudo possível.



© Raya Jade Photography

Jules Ohman tem um mestrado em belas artes pela Universidade de Montana e cofundou a Free Verse, organização sem fins lucrativos que busca levar arte e literatura para jovens e adultos em centros de cuidados psiquiátricos. Seus textos foram publicados em diversos veículos, como *Electric Literature*, *Lit Hub* e *Camas Magazine*, entre outros. Atualmente, mora em Portland, Oregon, com a esposa.

julesohman

© Jules Ohman, 2022
© Buzz Editora, 2025

Título original *Body Grammar*

Publisher Anderson Cavalcante
Executiva Céfara Moraes
Editores Diana Szylit e Nestor Turano Jr.
Editoras assistentes Érika Tamashiro e Laura Camanho
Assistente editorial Beatriz Furtado
Preparação Elisabete Franczak
Revisão Amanda Oliveira e Lui Navarro
Direção de arte Gabriela Castro
Designer Letícia de Cássia
Ilustração de capa Sharisy Pezzi
Comercial Vanessa Almeida, Taciane Ferreira, Taíres Pereira e Aline Cruz
Comunicação e marketing Leonardo Cavarzam, Isabelle Pelozzo e Rafaella Rhein
Eventos Marisa Marianno e Rayana Alana
Operações Vera Dantas, Flávio Bombardi, William Araújo, Rafael Valentin e Zeni Martins dos Santos
Livro digital: XR Libris

Nesta edição, respeitou-se o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Jules, Ohman
A gramática do corpo / Jules Ohman
Tradução: Erika Nogueira Vieira
1ª ed. São Paulo: Buzz Editora, 2025
ePub.

Título original: *Body Grammar*
ISBN 978-65-5393-475-7

1. Amadurecimento 2. Ficção norte-americana 3. LGBT – Siglas I. Título.

25-269684

CDD 813

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção: Literatura norte-americana 813

Aline Graziele Benitez, Bibliotecária, CRB 1/3129

Todos os direitos reservados à:
Buzz Editora Ltda.
Av. Paulista, 726, Mezanino
CEP 01310-100, São Paulo, SP
[55 11] 4171 2317
www.buzzeditora.com



A arte de empreender do zero

Torres, Elias
9786553934832
192

Compre agora e leia (Publicidade)

UM BOM PROFISSIONAL ENTREGA O QUE LHE É PEDIDO.

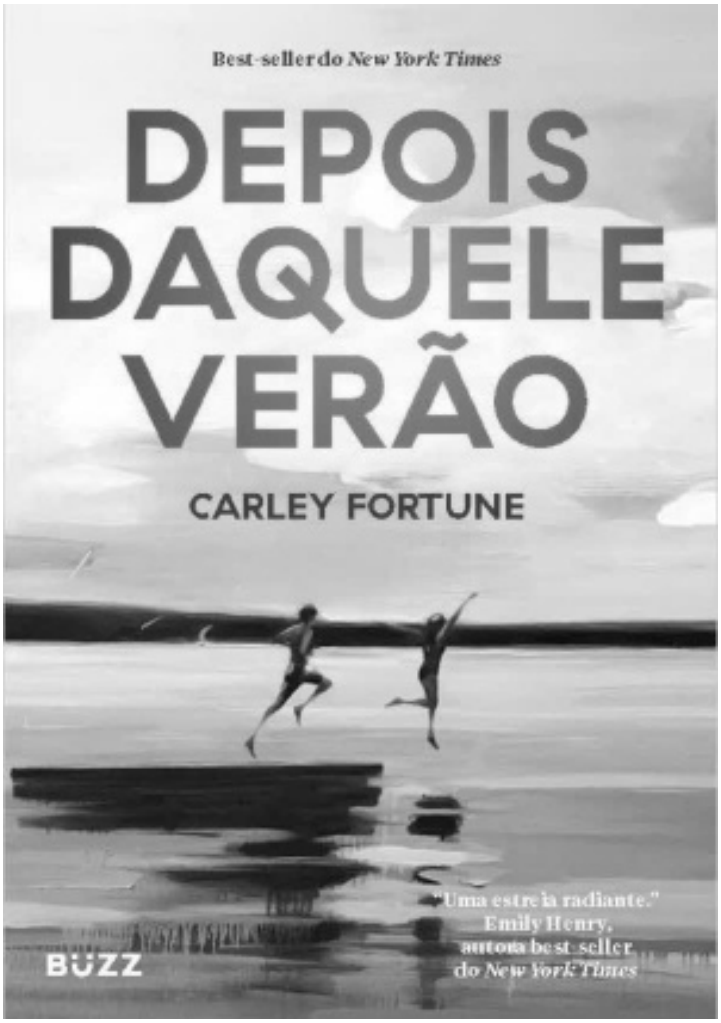
UM PROFISSIONAL EXCEPCIONAL ENXERGA OPORTUNIDADES DE TRANSFORMAR, FIDELIZAR E CRESCER.

Este livro não é sobre cortar cabelo. É sobre cortar a distância entre onde você está e onde quer chegar. Se você sente que pode ir além, mas ainda não encontrou clareza ou direção, aqui está seu próximo passo.

Nascido em Minas Gerais, Seu Elias saiu do zero e vem conquistando todo o Brasil, onde construiu um império e tem formado milhares de pessoas — sempre com estratégia, excelência e uma filosofia simples, porém poderosa de fazer o básico bem-feito. Sem fórmulas milagrosas ou frases de efeito, o autor revela bastidores reais de crescimento, liderança, empreendedorismo, vendas e muito mais. Tudo testado em campo e validado no mercado.

Seu Elias reuniu nesta obra toda experiência que você precisa para sair de onde está e definitivamente viver o seu extraordinário.

Compre agora e leia (Publicidade)



Depois daquele verão

Fortune, Carley
9786553931305
288

Compre agora e leia (Publicidade)

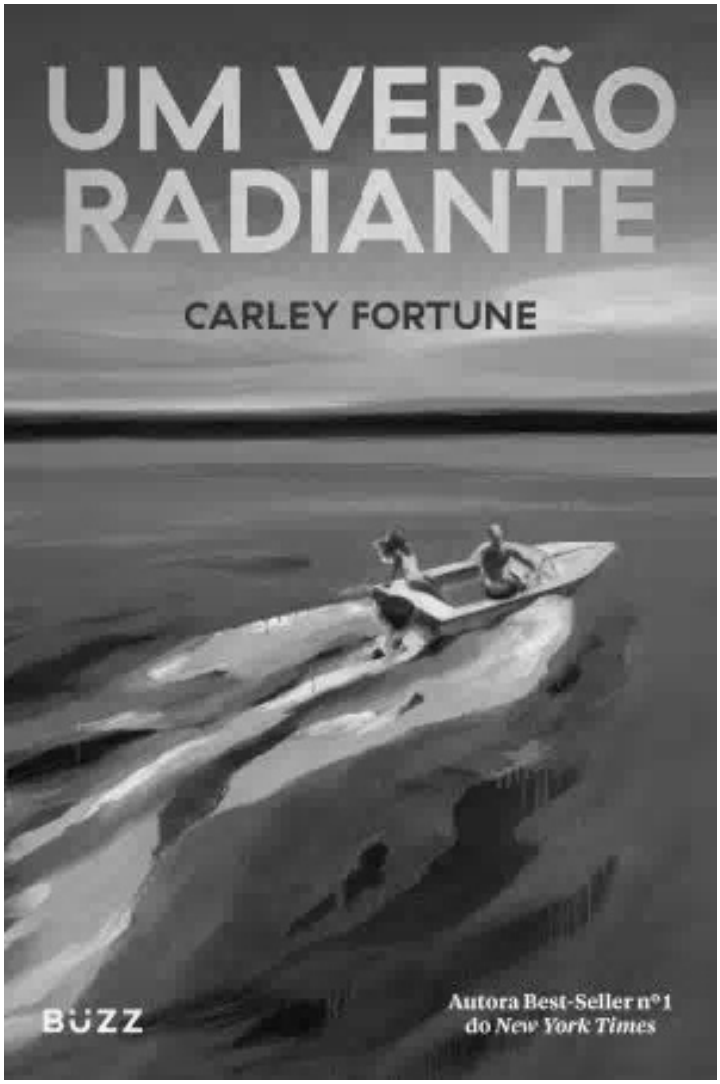
Best-seller do New York Times.
Eleito pelo BuzzFeed um dos melhores livros de 2022.

Dizem que você nunca mais pode voltar para casa, e para Persephone Fraser, desde que cometeu o maior erro de sua vida, isso é uma grande verdade. Bem-sucedida e independente, Percy já não passa os verões à beira do lago, agora ela fi ca em um apartamento elegante, saindo com seus amigos e mantendo todos a uma distância segura de seu coração. Mas um dia Percy recebe um telefonema que a leva de volta a Barry's Bay – e para perto de Sam Florek, seu melhor amigo e primeiro amor, de quem ela nunca pensou que teria que se afastar. Ao voltar para o lago para o funeral da mãe de Sam, a conexão entre Sam e Percy é inegável, como sempre fora. Mas até que Percy possa confrontar as decisões que tomou e os anos que passou se punindo, Sam e Percy nunca poderão saber se o amor que sentem um pelo outro pode ser maior e mais forte que qualquer erro do passado. Depois daquele verão é uma história sobre amor, amizade e, acima de tudo, sobre amadurecer e ser capaz de fazer as pazes com o destino. Um romance sensível e surpreendente que fará você pensar em suas escolhas e desencontros…

"O romance de estreia de Fortune é todo nostalgia e emoção. A história de Percy e Sam é cativante e repleta de nuances, fazendo com que a história passe mais rápido do que os meses do verão. [...] Percy e Sam podem fi car em seu coração muito além da última página."
USA Today

"Uma história sobre segundas chances."
Jodi Picoult, autora best-seller do New York Times

Compre agora e leia (Publicidade)



Um verão radiante

Fortune, Carley
9786553934085
366

Compre agora e leia (Publicidade)

Eleito um dos livros mais aguardados de 2025 por TODAY · E! News · Buzzfeed · Us Weekly · The New York Post · SheReads · e mais!

Uma fotografia especial.
Um verão para se reencontrar.
Um paquerador incorrigível para se apaixonar.

Eu nunca previ um Charlie Florek na minha vida.

Coisas boas acontecem no lago. É o que Nan, a avó de Alice, sempre diz, e é verdade. A Alice de dezessete anos mal poderia imagina que um verão em Barry's Bay determinaria seu futuro — foi lá que ela tirou a foto de três adolescentes em uma lancha amarela, a imagem que a fez se apaixonar por fotografia e mudou sua vida.

Como fotógrafa, ela vive por trás de uma lente e se sente mais confortável fazendo outras pessoas brilharem. Porém, ultimamente, tem desejado algo mais. Quando Nan cai e quebra o quadril, Alice sente o coração apertar. Então, planeja uma viagem especial para as duas: um verão mágico em Barry's Bay. Mas, assim que chegam, a paz delas é interrompida pelo ruído de uma familiar lancha amarela… e o homem que a conduz.

Charlie Florek tinha apenas dezenove anos quando Alice o fotografou de longe. Agora, aos trinta e cinco anos, é um conquistador charmoso que consegue fazer Nan rir de novo e Alice desejar voltar a ter dezessete anos, quando a vida era mais simples, quando tirar fotos era apenas uma diversão. Os dias ensolarados e as noites quentes no lago com Charlie são um bálsamo para a alma de Alice, mas quando se depara com o olhar penetrante e verde dele começa a se preocupar com o próprio coração.

Alice sempre foi boa em ver as pessoas como elas são, mas ela nunca conheceu alguém que a enxergasse tão profundamente.

Compre agora e leia (Publicidade)



Este verão vai ser diferente

Fortune, Carley
9786553933538
312

Compre agora e leia (Publicidade)

Neste verão, eles vão cumprir a promessa.
Neste verão, eles não vão ceder à tentação.
Este verão vai ser diferente.

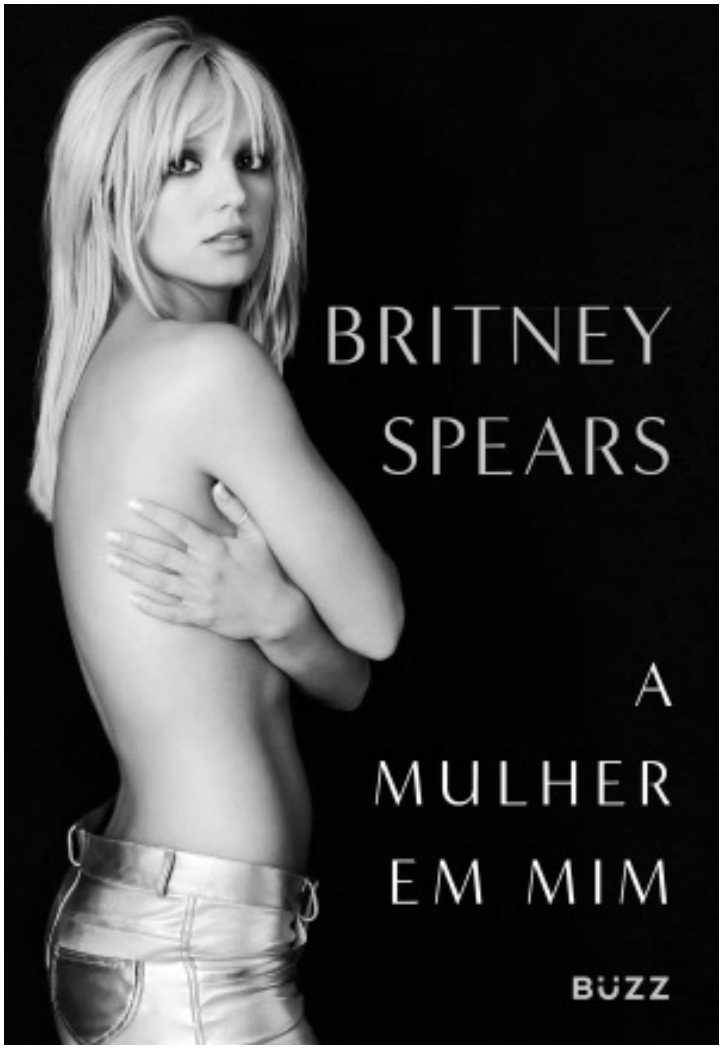
A ideia de Lucy era passar um fim de semana com sua melhor amiga, Bridget, na paradisíaca Ilha do Príncipe Eduardo. Só que Bridget perde o voo e atrasa todos os planos. Então Lucy conhece Felix, o charmoso bartender local, que lhe proporciona excelentes momentos. O único problema: Lucy não sabia que ele era o irmão mais novo de Bridget. A química entre os dois é gigante, mas a lista de motivos para se manterem afastados é maior ainda, e eles prometem que aquela noite eletrizante jamais se repetirá. O que é mais fácil falar do que fazer…

Ano após ano, Lucy escapa para a Ilha do Príncipe Eduardo para respirar o ar costeiro, comer ostras frescas e beber vinho verde com a amiga. E, a cada visita, Lucy promete a si mesma que não vai acabar na cama de Felix. De novo.

Quando Bridget foge para a ilha uma semana antes de seu casamento, Lucy a segue com a missão de ajudá-la em sua crise e não se deixar atrair pelo único homem ao qual ela jamais conseguiu resistir. Mas há algo novo em Felix, e Lucy começa a se perguntar quão seguro seu coração está…

"Prepare-se para chorar, desmaiar, sofrer e torcer. Esplêndido."

Compre agora e leia (Publicidade)



A mulher em mim

Spears, Britney
9786553932807
280

Compre agora e leia (Publicidade)

A mulher em mim é uma história corajosa e surpreendentemente comovente sobre liberdade, fama, maternidade, sobrevivência, fé e esperança. Em junho de 2021, o mundo inteiro ouvia Britney Spears falar, publicamente, em uma corte perante uma juíza. O impacto ao

compartilhar a sua voz — a sua verdade — foi inegável e mudou o curso tanto de sua vida como a de inúmeras outras pessoas. *A mulher em mim* revela pela primeira vez a incrível jornada e a força interior de uma das maiores artistas da história da música pop. Extraordinariamente escrita de forma sincera, direta e humorada, a inovadora autobiografia de Britney Spears esclarece o poder duradouro da música e do amor — e a importância de uma mulher contar a sua própria história, em seus próprios termos, finalmente.

Compre agora e leia (Publicidade)